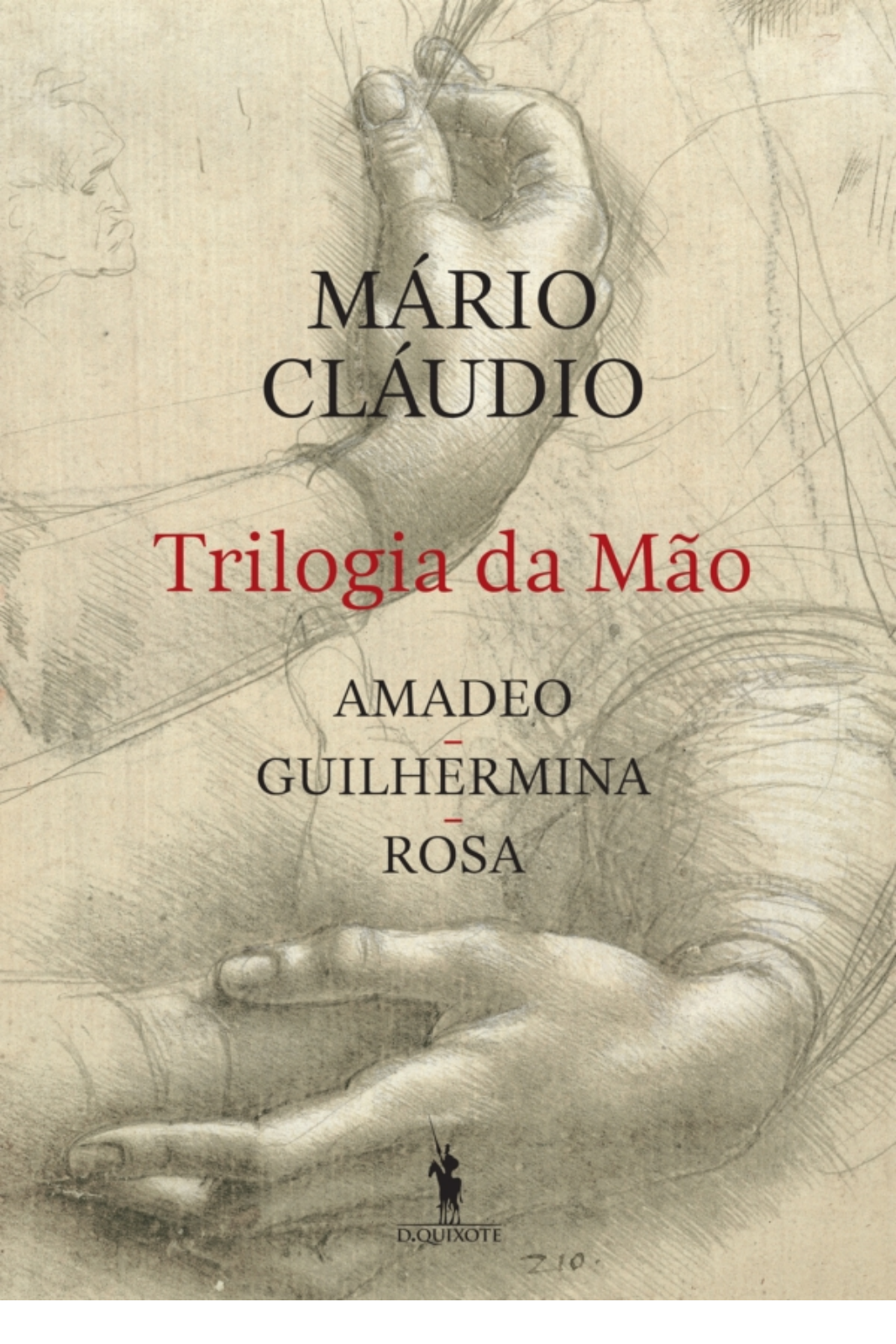


The background of the cover is a textured, aged paper with faint pencil sketches. A large, detailed sketch of a hand is positioned in the upper center, with fingers slightly curled. To the left, there is a smaller, less defined sketch of a human face in profile. In the lower half, another sketch of a hand is visible, appearing more relaxed or open. The overall aesthetic is artistic and hand-drawn.

MÁRIO
CLÁUDIO

Trilogia da Mão

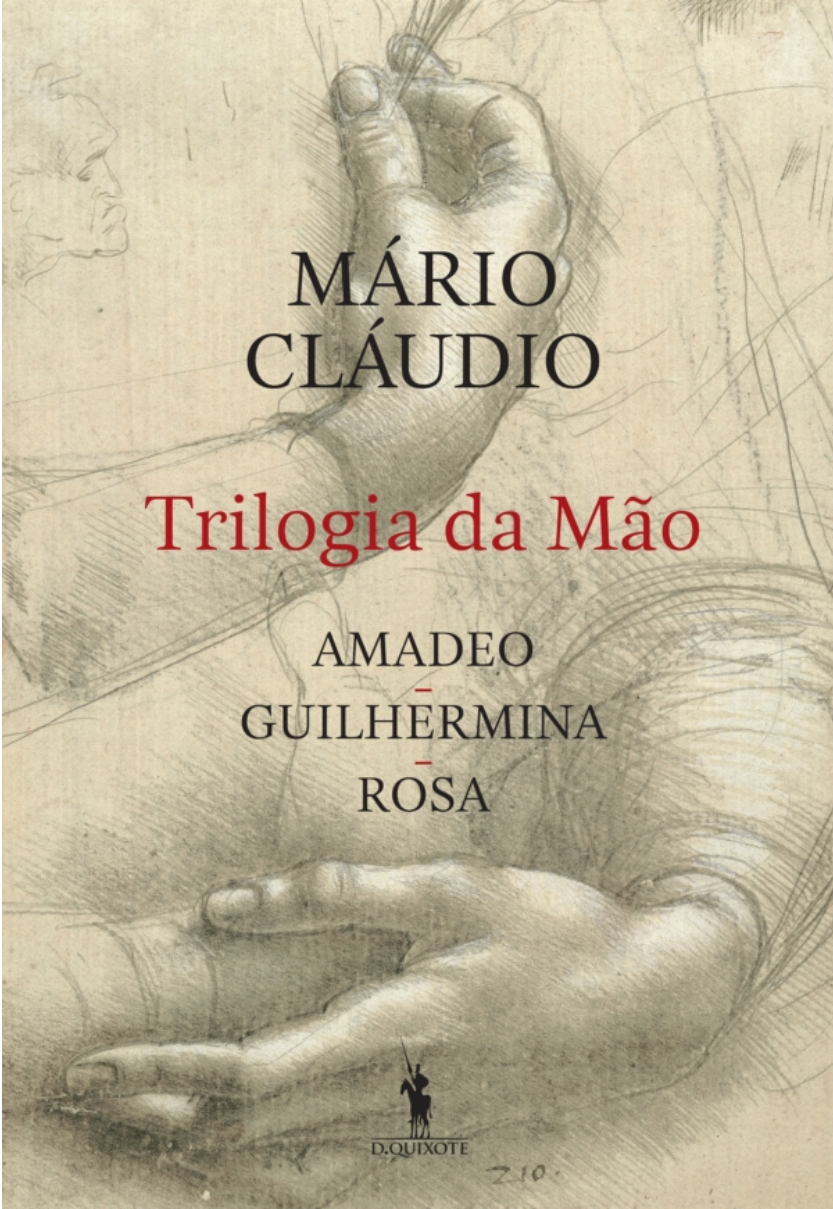
AMADEO
—
GUILHERMINA
—
RÔSA



210.

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

A detailed pencil sketch on aged paper. The central focus is two hands: one at the top, fingers slightly curled, and another at the bottom, palm facing up. To the left, a profile of a face is sketched. The background is filled with loose, expressive pencil lines. The text is overlaid on this sketch.

MÁRIO
CLÁUDIO

Trilogia da Mão

AMADEO
—
GUILHERMINA
—
ROSA



210.

Ficha Técnica

Título: *Trilogia da Mão: Amadeo, Guilhermina, Rosa*

Autor: Mário Cláudio

Edição: Maria do Rosário Pedreira

Capa: Rui Garrido

Fotografia da capa: © Royal Collection Trust 2016 / Bridgeman Images / AIC

ISBN: 9789722059756

Publicações Dom Quixote

uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 1993, Mário Cláudio e Publicações Dom Quixote

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.leya.com

www.leya.pt

O autor escreve de acordo com a antiga ortografia.

Amadeo

A José Domingos da Cruz Santos

A Casa é uma teoria volumétrica por entre a vegetação, maior do que todo o Mundo, impossível de arrumar. Por torres e telhados se levanta, paredes de cal alternando com panos de muralha, e um bestiário a habita, nela cirandando ou em torno lhe correndo, heráldicos bichos esguios, indistintos da paisagem. Na construção, que não obedece aos caracteres do meio, um pouco ao revés de certa convicção de sangue da família, a vida se concentra na cozinha que ele virá a pintar. É uma quadra enorme e enegrecida, trespassada de aromas que compõem uma história culinária remontando muito além do clã, ao horizonte de raças de loiro baço, olhos de verde sequíssimo, deuses que nas faldas do Marão apenas reclamam exíguos sacrifícios de bagas de arbusto, pequenos mamíferos amedrontados. Amadeo percorre a Casa a grande velocidade, na espécie de tontura que lhe dá a infância, ingénuo do destino a conferir ao fogo que a brincadeira não sabe extinguir. Os pratos de barro colorido trepidam nas paredes de estuque grossíssimo, os cobres luzem no brilho sufocado das coisas com muita serventia, dobra-se o cheiro dos toros de pinheiro ardido sobre o da manteiga esbranquiçada que nas horas vagas se bate. A cozinha de Manhufe guarda seu segredo para o futuro. Nela as mulheres se embrulham pelando batatas, transportando do patíbulo ao alguidar a galinha morta de patas lívidas, que deixa pingar pelo chão estrelinhas de sangue. Gué, o jornaleiro trengo, arrocha num escano à beira do lume, assa perfunctoriamente uma sardinha, devora-a deposta sobre um naco de boroa. Empurram-no, provocam-no, obrigam-no a recontar a história da aposta, que cumprira, de engolir um ratinho vivo. E as raparigas excitam-no coçando o bojo da perna, bocejando a caminho da cama. Fica-se ainda Gué junto ao lar, esfarelando o pão, sorrindo numa larga cicatriz que revela as gengivas cobertas de migalhas. Quando se abate a noite para além da Casa, bouças e pinheirais e soutos se tomam de vibração, em todos os sentidos cruzados por lucilações, voos de falenas destrambelhadas, passos furtivos de princesas moiras que vêm beber, ou molhar o cabelo, em nascentes em cujo fundo uma cobra se enrosca. Ficam na escuridão a vertente das telhas com suas pontas irregulares, a dentadura das ameias da torre, alguma água-furtada de criados onde ainda dura a luz. Na infância permanece a Casa, demarcada por ramadas e milheirais, eucaliptos que acenam por detrás dela, mobilíssima de repartidas janelas abrindo e fechando em guilhotina. Não há caminho, não haverá jamais, que a ela não vá ter.

Santa Eufrásia de Goivos, Quarta-feira, 7 de Maio de 1980. Papi dá início à manhã de trabalho. Coloca sobre a «banca», substantivo que sempre me irritou, os instrumentos de «ofício», dois lápis muito afiados, o pote da tinta, os aparos escrupulosamente limpos, pois a outra aparelhagem se recusa, a bibliografia que espera utilizar, ensaios, dicionários, artigos de jornal, uma esponjinha vermelha e redonda e

embebida em seu recipiente de vidro, a que nunca o vi dar qualquer uso. Tem os dedos naturalmente ágeis e enxutos, as páginas jamais se lhe encrespam recusando obedecer-lhe, respeitam-no por instinto. Quando se senta, afastando as abas do casaco de linho, a que teima em chamar «quinzena», vai já alta a manhã. Deixa tombar a cortina de cassa para que a luz, amenizada embora pela travessia da copa dos castanheiros do pátio, não venha despenhar-se cruamente sobre a paisagem da escrita, destacando os objectos nessa irritação impossível de domar. Com os indicadores desenha um arco pelas sobranceiras, sumariando mentalmente o que de ontem veio na escrituração a que procede da vida do pintor Amadeo de Souza-Cardoso, projectando não sem impaciência nem cansaço este dia de quarta-feira. Lucinda que, completado o difícil ritual de trasfegar cafés às labaredas, espreitou já pelas fechaduras todas de todas as portas cerradas, vem agora, lesta mas sem ruído, empurrando a barriga por detrás do avental de riscado, espiar as acções de Papi através da frincha da porta da sala, de onde se abrange o ângulo de um armário com três santos barrocos, São Brás, Santa Bárbara, Santa Ifigénia, o resto do percurso da passadeira, o lugar de trabalho ao fundo, com as sombras verdes agitadas sobre o tampo da mesa. Preparo eu o meu dia, passar a limpo a lista dos abades da freguesia, de mil setecentos e quarenta e nove a mil oitocentos e sessenta e seis, reler os apontamentos colhidos ontem, estudar de que forma as chuvas entraram na capela e os restauros a empreender. Lembro-me, à última hora, de que Álvaro faz hoje anos. Dantes almoçávamos juntos, trazia-lhe de presente um livro achado num alfarrabista, que insistia em não abrir perante mim, etc., etc. Desde que despertei, a ária da «Zaide» martelando-me o juízo, «Ruhe sanft, mein holdes Leben».

Mas não é só uma casa a infância, a ela por muito que se arrime com seu universo de folguedos sobre que recaem as primeiras sombras da noite, de frutos roubados ao celeiro que demoram no peitoril de uma janela encharcados da claridade vertical dos estios. As portas, é bem certo, dão para vários pesadelos que brancas figuras atravessam arrastando pela cabeleira alguns seres massacrados, enquanto dois corvos se equilibram sobre as grades do berço. As nuvens volumosas vêm bater na vidraça com seus carros de combate que são iguais no desenho às constelações, as rãs de um charco ao pé da loja infinitamente coaxam esperando o dia. Partilhava Amadeo destes mistérios, iniciado que fora, mesmo antes de nascer, na confraria cujas insígnias se faziam do adejar da crina dos cavalos de pau, do estrepitoso sobressalto que acometia os pequenos vagões tirados por um barbante. Para além era a aldeia, toda concentrada numa força que em foguetes haveria de explodir imprimindo rosas e cruzeiros nos lenços de muitas cores, percorrida por um Diabo e uma Diaba que escavavam púcaros pelos cantos, comiam à dentada os girassóis, se debruçavam na boca dos poços donde os dedos se retiravam carregados de limos. Não era pouco o quanto de Manhufe subia à tona nesses dedos, terra que se revelava onde as tintas se compunham e decompunham, se apegava às rigorosas unhas da criança com a mesma fácil e rápida pertinácia dos vidrados da argila, dos vernizes ligeiríssimos que são expressão da ternura. Nesse trabalho, o ser liberto pela primeira vez interrogava o próprio nome, «Amadeo» ascendendo como um balão de gomos no céu azul e quieto da sesta dos caseiros. A água corria depois como uma resposta, a difundir-se pela moleza dos campos arados há pouco, em seu ímpeto compelindo breves folhas, plumas de rola, fragmentos de

palha cintilante. Um odor de estrume, de rocha moída e molhada, pairava muito lento sobre o rosto do menino que, encostado ao tronco de um plátano, fazia girar a sopro um vira-vento de papel de lustro. E no centro da vida a Casa se plantava, com todas as ventarias escancaradas para a rosa-dos-ventos, de salas preenchidas por mesas quadrangulares donde as enormes toalhas jamais se retiravam, de oratórios de vinhático em cujo interior uma lamparina eterna sustentava uma chama azul e amarela, minuscilmente pulsando.

Santa Eufrásia de Goivos, Sexta-feira, 16 de Maio de 1980. Considera-se um biógrafo. Reúne documentos recentes, ouve quem ouviu do homem, acrescenta a tudo isso estâncias da própria existência. Este meu Tio Papi pretende justificar-se. A vida apenas se lhe torna inteligível na vida de outrem, e é isso quase tudo quanto o move. Falando do pintor Amadeo, é de si que fala, por ele viaja até à infância, emerge à superfície das águas trazendo entre os dentes um pequeno tesouro cintilante. Mas é-lhe pouco exacto o itinerário, arrogante também. Vejo-o quando passo no corredor e esqueceu a porta entreaberta, de camisa impecavelmente alva, às vezes ao pescoço o foulard de seda natural, infantil ex-líbris, a pena suspensa sobre o papel, o braço esquerdo apoiado no cotovelo e sustentando o cigarro entre o polegar e o médio. Recebo uma longa carta de Álvaro, a primeira em semanas, espalhando-se pelo romance que lê, um plano para as férias, uma hipótese de trabalho envolvendo certa violoncelista portuguesa. Gabriel, o filho mais pequeno do caseiro, veio hoje ao terreiro debruçar-se sobre o livro que eu lia, incapaz de dormir após o almoço.

Irmão de nove irmãos, uma resposta se lhe pedia ou assim o julgava. Assaltava-o essa espécie de pânico generalizado de não se poder saber, que campeia nas famílias numerosas. A Casa, grande como era, estreitava-se mais e mais no crescimento de cada qual. Uma saída para os caminhos do Mundo, libertando-o todavia num espaço, deixava-o pejado das questões de quem ficava e não ousava olhar de frente a aproximação da data das decisões. Era necessário imaginar diariamente os dias para que a respiração se viabilizasse, e Amadeo, com os outros, não podia limitar-se a assistir. Pediam-lhe a intervenção, a inabalável tomada de sentido, o risco até da própria futilidade. Daí que aprendesse a suportar tranquilo as provocações, a contrapor-lhe um repto difícil de sustentar. Não se tratava de uma forma de possessão, nem sequer raríssima, como era essa de que se falava a propósito do poeta de São João de Gatão. O atavismo das comissões esotéricas não se restringe a fenómenos de exclusiva irracionalidade, pelo que falar em nome de outros, da tribo que nos preexiste e nos habita sem tréguas, exige uma discência demorada e serena, uma intenção do trabalho que diverge da escura servidão. Amadeo percebia-o, lançava sobre o pano verde as fichas todas de que podia dispor. E ninguém pasmava. As colheitas estavam concluídas, os frios iniciais iam mordendo a bainha das folhas sobejantes. Era de facto misteriosa a dinâmica da família, carta selada no limiar da história.

De súbito, a quinta ficava cheia de gente. Vinham muito cedo, em grupo, esses homens pequenos, entroncados e de boina sobre os cabelos escorridos de castanho descorado, um olhar às vezes fiúza no fundo do rosto onde a barba medrava impune.

Eram os tanoeiros. Uma trepidação, a que não ficava alheio o ritmo das leivas, das estações e das jornas, iniciava-se então. Nela participavam, com ferramentas que agiam mais como extensão dos músculos que como coisas separadas e mortas. E o terreiro revestia-se de fitas de madeira, com os arcos de ferro dos barris encostados às paredes, ou rodando até se imobilizarem num rodopio tilintante que gradualmente ia perdendo lança ao aproximar-se do solo. Era uma época outra essa, em que não havia descanso, o ar andava congestionado de pó e de um suor que não resultava dos esforços agrários. Donde viera a multidão, o que pretendia? Procediam como os santeiros, mas sem meditação, como o Tio Francisco, compenetrado desse dever de dar um corpo ao lenho, afeiçoando uma cadeira, uma charrua de brincar, uma caixa para a costura das mulheres da Casa. Nele a atenção parecia muito mais escura, a natureza não o reclamava com a mesma óbvia precisão com que solicitava esses que no trabalho quase só investiam a contrapartida da féria. Os tanoeiros gritavam coisas ininteligíveis de uns para os outros, como se fosse desnecessário indagar da vocação dos materiais que lhes passavam pelas mãos. Bebiam, à hora do meio-dia, esquecidos de quanto até aí haviam feito, despreocupados do sentido de sua arte, à vida chegados como ninguém, muito melhor do que o Tio Francisco, que desesperava se um detalhe lhe saía tosco ou um arrebique se quebrava à força de o afiar. Amadeo quedava-se no fascínio por estes homens espessos, bem mais sólidos que os vindimadores que a todo o momento se volatilizavam, perenemente sofrendo de uma funda amargura que o brilho parado das pupilas sempre acabava por reflectir. Não eram seres que pudesse procurar, pois que eles próprios não tinham descoberta. Aceitava-os no encantamento em que vivia por sabê-los assim, sem com eles ousar o entusiasmo. Os vindimadores, ao contrário, bem poderiam facilmente raptá-lo, levá-lo por montes e vales, a visitar em silêncio os covis dos lobos, as cavernas das bruxas, as fontes onde as raparigas cuspiam um fio de oiro infinito. Defronte dos tanoeiros, era a atenção sem êxtase, a tarde sem euforia nem tristeza, as horas que se impunha percorrer e melhor seria fazê-lo com paciência e cuidado.

Estão aqui as primeiras obras, que uma tradição doméstica alega terem nascido quando Amadeo contava apenas nove anos. São dois Pierrots, irmãos dos de Leal da Câmara, um deles abraçado a enorme lata de biscoitos, o outro equilibrado numa banqueta, a tentar martelar no teclado de um piano. Enganar-se-á quem, biógrafo romântico, quiser surpreender neles um fado. Dos dois Pierrots, apostos a óleo aos batentes da cantoneira da sala de jantar de Manhufe, não há que retirar lições para o futuro da criança. Crescerá com alguma zombeteira, como a tais personagens sempre cabe, sem noites de luar e sem inocência alguma. Que Pierrot haveria de se converter, como Amadeo, às razões de uma carneira onde tudo se planeou? E sobre o feno, à luz aberta do sol de Agosto, que poderá dormir o nosso biografado, nunca por nunca ao plenilúnio de Janeiro, junto à coluna de mármore, debaixo de uma azálea em flor.

Muito outros, já se disse, eram esses que chegavam para as vindimas. Avançavam em turmas esparsas, de passo mais fresco, numa tontaria de variadas cores, machos e fêmeas na clara consciência de obedecer à lei. No sangue buscavam a razão de estar, e eis que estar era tudo quanto possuíam, sem margem que lhes escasseasse ou céu

longínquo onde se lhes prendesse a vista. Inventavam a coragem no pormenor do vestido, na volta de um assobio, na inflexão da linha de uma cantiga. E que ninguém dissesse que nasciam do chão, como rompiam os tanoeiros. Do ar é que nasciam, e a ele voltavam escorrendo vinho, quando o dia se fechava até amanhã. Apenas a terra os autorizava a que fossem, se tivessem inteiros à beira de seus frutos, a boca repleta de palavras prontas, o coração que grade nenhuma assombrava. Entravam os vindimadores para a sua conquista, os dedos agilíssimos nos cachos, os pés aptos ao esmagar da polpa, a paisagem que devagar se embaciava. O pequeno Amadeo descia cuidadoso as escadas de pedra, menos timorato que suspenso de tocar esse planeta que se lhe abria, de gente espalhada aguardando as ordens do feitor, sentada em cabazes ou na beira dos tanques, retirando os panos em que se embrulhava, abrindo sobre o peito as camisas de mangas arregaçadas. Um vento célere fazia bulir as vides, o sumo dos bagos como que se detinha na impaciência de se libertar. Mirava-os de frente, por entre eles se esgueirava sem que lhe notassem a presença. Às vezes, tropeçava em inesperados objectos, um baú de lata, uma pandeireta, uma rodilha desentrançada. Ficava-se a admirá-los quando se empoleiravam nas escadas, de chapéu à banda, saia apertada entre as coxas, cortando bacelos com uma navalha que era uma arma preciosa e terrível, as iniciais no cabo de madeira gravadas por outra navalha que era outra arma preciosa e terrível. Tombavam os cachos nos cestos com um baque, e os que no fundo por outros eram sufocados deixavam desde logo um suco generoso e um rasto de grainhas. E prosseguia a vindima na profunda fadiga, na extensa letargia que se comunicava às colinas em volta, e as vides ficavam nuas. No lagar as uvas se despejavam, alguém lhes afazia a posição para a morte de que uma alma ligeira e vivíssima se levantaria. Quem eram esses que as trituravam, sombras confundidas com as feiticeiras de cabelos lisos e prateados, que no rio se banhavam em grandes contorções, ante a pávida inquietação dos peixes e o breve sobressalto das ramas limítrofes? A adaga finíssima da lua, apara de uma unha acabada de cortar, no negro de piche do firmamento se estampava. E as feiticeiras não sossegavam, dedilhando suas harpas invisíveis, exibindo o musgo do púbis, fazendo balançar os seios agudos, de órbitas abertas como as máscaras. Com elas respiravam as montanhas do fundo.

Santa Eufrásia de Goivos, Domingo, 18 de Maio de 1980. Esta cansa em que seguimos ambos, tio e sobrinho, outorgando um propósito a uma existência que alguns suspeitarão devotada à ociosidade, algumas vezes me surge como um credo religioso. As reproduções de Amadeo perfilam-se ao longo dos lambris, colocadas por uma ordem suposta de cronologia, como se a descoberta desta fosse uma revelação e por ela se desvendasse o sentido do homem. Papi fala das questões de datação como de um enigma de que a sobrevivência dependesse, nas charadas se enreda a que conduzem os elementos desconstruídos dos testemunhos documentais ou dos depoimentos pessoais de que dispõe, a eles vai mesclando súbitas intuições com que de longe a longe irrompe pela sala, batendo com a mão na testa. Para quem se enfada neste quotidiano de eremitas, difícilíssimo é manter o distanciamento do humor crítico. Chegam cartas de museus, ofertas de postais e slides, uma curiosidade biográfica. Lucinda circula pelo mosaico desta fantasia, com maior reverência pelos amos do que pelos ininteligíveis ofícios em que os vê empregues, executando suas directas

incumbências ao rés da terra ou do estômago, com a certeza de que só por elas se ganha o direito de viver. Ele, Papi, queixa-se da desordem que se diria ter subvertido os papéis, promete-se tardes de domingo consagradas à humildade da classificação e da seriação, da aposição de notas e do arquivo. Mas o vento que lhe sopra contra o rosto não vem de norte nem de sul, nem de leste nem de oeste, chama-se Amadeo, nasce da funda cisterna que lhe mora no peito. Assiste-se a este homem que conta o percurso de outro homem, como se por nós falasse dele próprio e de cada um de nós. Ao fim da tarde, com as gelosias do casarão escancaradas e as bambinelas flutuando na aragem da Primavera quente, uma poeirada vai lentamente assentando sobre as coisas imóveis. É urgente que um pintor nasça, português e morto há décadas, para que continue a rodar o zodíaco.

Santa Eufrásia de Goivos, Segunda-feira, 19 de Maio de 1980. Só a meio do dia deparo com nova carta de Álvaro, que Papi, habitual portador do correio após ter escolhido o seu, deixou abandonada, solitária, em cima da mesa do átrio. E Álvaro interminavelmente disqueteia sobre a doença a que chama «afinal, a simples moléstia de andar por aqui», com seu cortejo de sintomas que vão das tonturas às palpitações, do nó-na-garganta às pernas-de-borracha, da dispneia aos espasmos gástricos. Sinto que muito se agarra a isto, sempre acabado de chegar da adolescência, sereno no aspecto, com o eterno livro debaixo do braço, uma rapariga que sobretudo lhe serve para que o vento lhe cubra o rosto, dele, com os cabelos, geralmente longos, dela. Este rapaz, que tem vivido um pouco na expectativa de comigo partilhar o espólio de um saque impossível, afadiga-se, ele também, em estudos e pesquisas, viagens de reconhecimento, que ninguém realmente compreende. Com frequência me interroga sobre os progressos de Papi na senda de Amadeo, como se das respostas que lhe dou pudesse colher a força que os músculos lhe vêm negando. E basta de Álvaro, por hoje, com o cheiro a assado que me chega, através das frestas, da cozinha escura de Lucinda.

O Tio Francisco ficou num lápis de António Carneiro. É um cavalheiro timbrado pela altanaria da estirpe, habituado a vislumbrar no trato com os animais, caçador e aficionado que é, a mais nítida imagem da condição humana. E ainda muito belo, como seria não pouco corrente nos da Casa de Manhufe, mas dessa consciência da perfeição do rosto jugulada pela convicção de que o respeito de um padrão estético se não compadece com a virilidade. Quem assim se levanta das sépias do retrato teria, mais do que outros varões desta casta, de dar contas de suas ausências, derivado para boémias entre machos lisboetas não de todo despreocupados da inteligência e das artes, como esse Simão da Veiga, mestre do toureiro a cavalo e anotador de gado bravo, dele fazendo, ao contrário de Picasso, uma coisa no temor de ser um demónio ou um deus. É na pessoa do sobrinho Amadeo que Francisco buscará alguma justificação, muito provavelmente pai sem filhos, capaz de acamaradar com o Rei de quem é grande privado, ou com rameiras para cujo convívio o arrastam a sociedade dos amigos e a mitologia da predação. Um dia vai a Paris, vive intensamente as ruas, acaba posando, sobre a garupa de um ginete, para a estátua de Velásquez. Em Amadeo incutirá, não tanto como pedagogo como por desejo de se mirar ao espelho, o afecto das formas e

das cores, a reverência entre temerosa e divertida perante a capital do Mundo. Neste clã, visivelmente fadado para a produção de um artista de fôlego, nem sequer é Tio Francisco o único dado às artes. Haverá quem, por exemplo, resolva poupar as palavras de uma carta de amor, preferindo bordar-lhe ao canto um estorninho a pena e aquarela. De todos será Francisco, porém, aquele que se não envergonhará de tais cultos, sem ter a cada passo de alardear filistinismo ou espírito positivo mas temente a Deus, como também faz parte da tradicional educação desta gente. A Casa de Manhufe alberga quem larga para as estradas do Planeta, nela se surpreende, em certos veios da madeira, no ofegar da humidade sob o granito dos degraus, esta rede de destinos que se encontram, se cumprem, desaparecem.

Há uma prima da infância, Sílvia, que corre longe daqui. Colheitas, luas cheias, ventanias não era fora que aconteciam, mas dentro dela. Andava pelos aposentos, roçando os móveis, enroupada num xaile branco, o cabelo repuxado num novelo perfeito. Os dedos afuselados, mas seguros, faziam passar vagarosos os santinhos que guardava numa caixa de bombons. E cismava diante dos cromos furta-cores polvilhados de halos e querubins, com personagens destacadas contra um céu tempestuoso. Quando os outros saíam para a quinta, mesmo em dias de calor superlativo, ficava-se improvisando minúsculos altares onde expunha tocos de velas, livros santos, um ramo seco de alecrim. Ajoelhava recitando ladainhas, repetindo-se crónicas seráficas, a desse São Gonçalo, melhor do que as outras, de como dividia tudo com os pobres, e peregrinava pelas terras da Palestina, e lhe aparecera Nossa Senhora numa igreja, e construíra a ermida de Amarante e a ponte da vila, e os peixes lhe saltavam para as mãos, e fazia jorrar a água e o vinho de um rochedo. E pendiam dos vasos para o soalho as grandes flores de pano com que decorava seus tronos, ponteadas as pétalas de excrementos de mosca. O Verão ia alto, os doentes febris abafavam sob o peso de um lençol, rebentando o peito ao expectorarem. Sílvia sonhava entrar num casebre, uma toalha de linho muito fina nas mãos, a enxugar-lhes o suor, a impor-lhes o sono. Um pouco de tudo isto se ria Amadeo, galopando de supetão a vibrar um chicote que logo largava, crescendo para ela com os indicadores espetados na cabeça como cornos. Estremeciam os castiçais, os solitários, as estampas, como se um furacão de sacrilégio houvesse de súbito possuído a Casa. Afastava-se a pequena Sílvia com um choro mudo, largando atrás de si um rasto de incenso e almíscar. «E uma santa», diziam, e o Verão prosseguia a sua marcha.

Santa Eufrásia de Goivos, Quarta-feira, 11 de Junho de 1980. Sobreviventes de uma era extinta, aqui estamos os dois, neste lugar e nesta morada, sem qualquer cenário socioeconómico, desprezo do neo-realista eventual que connosco topasse. Chama-se Cocainum Muriaticum. Papi transita agora a uma segunda fase de sensações, as gengivas e a abóbada vão ficando rugosas e quentes, e se ousar beber um golo de água gelada saber-lhe-á a calor na língua e a frio no esófago. Mas eis que em certos momentos o paladar é de agradável frescura, tanto na boca como nas entranhas. Pressinto que os objectos se lhe distorcem nos olhos, transpira um pouco, repousa. Pela sempre mesma porta por fechar, vejo-o agora estirado no divã, um braço descaído a tocar o tapete, a outra mão deposta sobre o peito. Uma incrível confusão, contra o que é de regra, domina as superfícies de trabalho, ofícios, fotocópias, sobrescritos,

fichas. E Amadeo esconde-se pela Casa, negado por alguns que o sabem, de lábios em perpétuo selados pela morte.

Os caixotes de bom vinho da Casa de Manhufe, os da marca registada de José Emygdio de Souza-Cardoso, empilhavam-se por dias e dias na gare da estação de Vila Meã, com algum respeito observados pelos ocasionais passageiros, cúmplices dessa sorte peregrinante que apeteciam temendo. O mínimo comboio os levava até ao Porto. Nas docas de Leixões outros tantos dias se demoravam, sombreados pelo mover dos guindastes, até que desciam a um porão, balançavam por duas semanas, aportavam às fímbrias do Brasil. E vendo embalar os pipos, desveladamente enfados em seus invólucros de pau, cismava Amadeo nessa costa distante e vermelha, coroada de penas coloridas. As bestas do mato, de pêlo fulvo ou pintalgado, numa clareira entre as ervas altas se reuniam. E o resto era um céu invisível de guinchos e grasnidos, flores de corola palpitante, frutos que se esmagavam numa chapola de fibra madura. Um judeu de afiada barbicha negra, pernas bambas e arqueadas, coco enterrado na cabeça, atravessava tudo como se fosse o dono das florestas.

A paisagem era uma teia intrincada de verdes, trigais bordejados de latadas, regatos, cúmulos de brancura. Passava por baixo e por cima do homem, num rio perene de seivas e ligamentos e grãos, e sobre ela o sono se implantava. Corriam mamíferos e répteis e insectos, e as aves cruzavam espaços, fervilhavam nas moitas. Como se ordenava este caos? Deus-Criador descia algumas vezes ao espírito dos seres, organizava a vida num mural de significação, expulsando os espíritos imundos que viajam nas virações funestas. Sabia-o Amadeo como ninguém, quase o sabia Sílvia, a Santa. E tudo se imobilizava num cristal facetado e limpidíssimo, onde sem medo se contemplava o curso das horas. Manhufe emergia com a Casa grande lá dentro, centro do universo em torno do qual os astros giravam, e outros além deles, e mártires e arcanjos e serafins e pombas. E era uma longa música nos ouvidos do garoto, fatigado de carreiras e invenções, deitado na relva, a espiar por entre a seda negra das pestanas a vertiginosa dança das luzes. Julgava que lhe pediam uma finalidade, a mão lançada ao que o circundava, o coração disposto à complexa operação da síntese e da transferência da verdade que continha. Era preciso que se erguesse, galgasse a Terra de lés a lés, desvendasse a palavra que ninguém dissera, porventura escutada nos ecos de um bastião de jade, à beira de um lago sobre cujo reflexo se derramava o pólen das papoilas. Inquietava-se na descoberta do roteiro que lhe davam, e já não havia pessoa nem coisa que lhe bastasse ao amor. O corpo, também, crescia com ele. As leis ditavam-nas esses outros, o taumaturgo que levantara a estreita ponte sobre o Tâmega, o poeta que se abrigava em seu solar fazendo ressoar na alma as trevas do Marão, os patriarcas que vinham às grades do portão da Casa pedir pão e caldo pelas almas do Purgatório. Impunham-lhe um fardo de persistência e doçura, de vivo se reinventar nas coisas que lhe saíam de dentro, se interpor entre a natureza e as suas criaturas, explicando-lhes mistérios para ele sempre indecifráveis, lendo no Globo uma legenda infinita de multiplicada mensagem.

Logo que dava em bufar do lado de nascente, os demónios se soltavam. Irrompiam acenando abanicos de muita cor, sacudindo os alicerces da Casa. Uma espécie de penumbra, duríssima e fria, descia então sobre ela, penetrava nas entranhas dos jovens,

que recolham a seus quartos, se estiravam sobre as colchas, arfando num suor adstringente a orvalhar-lhes as fontes. Uma regra essencial e antiga, de sementeiras e recolhas em tempo certo, bragaís de roupa lisíssima e perfumada, era então revolvida. O fogo do lar apagava-se em cinzas que um bafo exterior disseminava, os gatos fugiam a encrespar-se nos cantos, derramando ao fazê-lo os pires de leite. E Amadeo se reconhecia no centro mais perfeito do vendaval. Em suas falanges se enredavam os fios de que o sobressalto dependia, e a inteira Casa de irmãos e de pais, de tios e de primos, de criados e de cães, em torno dele rodopiava num espanto que só o âmago da noite era capaz de deter. Regressavam os demónios a suas covas do monte, rastejando por sob tapadas de silvas, de um salto vencendo riachos, atrás de si deixando um rasto de enxofre e de fumo, pálido e incerto, terrível de se sentir.

Santa Eufrásia de Goivos, Quinta-feira, 19 de Junho de 1980. O artista Amadeo entre nós se planta, na construção que o tempo vai estoirando, com toda a certeza que lhe advém de ter vida vivida, cronologia que nada pode abalar. Há anos que falamos dele, até nos saturarmos de assim o trazermos no convívio de quem lhe não pertence, atribuindo-lhe uma astúcia nossa. Às vezes, uma corrente de ar lança-nos à cara uma mancheia de algodão, que é o sinal que a história traz para marcar sua presença. Aqui fabricou a Avó seu vasto enxoval, o Pai partiu para aulas e retornou a férias, acumularam-se romances e contas, pautas de música e cartões-de-visita. Às janelas do rés-do-chão assoma o rosto de Gabriel, gárgula, criança poluída por um destino de vingança que lhe atribuímos, de saldar a miséria centenária dos camponeses que não abalam. Quando o odor a eucalipto nos visita, antes que as luzes se acendam, acomodamos o corpo às almofadas, confusos de tanto que não sabemos.

Mas quem dirá, quem dirá do tempo de Coimbra? Adolescente, cumprida a escola primária, surpreende-a Amadeo na preparação republicana, o que confere à Universidade sucessivos pretextos para uma boémia na clássica míngua de a si própria se alimentar. Na tábola fendida das tascas, dispunham-se copos de maduro e pratinhos de petiscos, que sempre acabavam abandonados com o pequeno lago de gordura coalhado ao fundo, e em torno se arrastavam as questiúnculas à luz mortíça do querosene. Os bordéis continham uma população imutável por muitos anos, de meninas que se afanavam em penteados recíprocos, perpetravam ao longo da noite homéricas façanhas de resistência e bravata, o que enfim lhes garantia uma vária modalidade de graduação académica. Mas nada disto era de molde a fascinar o bicho bisonho, reservando a fala para longos solilóquios em seu quarto assotado por capricho que não por carência, pois a quase fidalguia dos manes lhe constituía bastante proibição e bastante desculpa nas diversas entregas. Só a cidade lhe restava, com seus cubos por entre os quais, diurna ou nocturníssima, a luz vinha despenhar-se, mas dessa e da forma de a teorizar só muito mais tarde assimilaria a lição, a converteria no catecismo imprescindível à explicação de si mesmo. Eis que certa madrugada, porém, regressado a casa do furtivo de uma surtida fora de horas, uma mulher em farrapos lhe saltou ao caminho, saída da treva de uma lixeira ao dobrar da couraça. E, lançando-lhe ao rosto as franjas de seu xaile negro, lhe gritou «crescerás, crescerás», corvo que houvesse alçado voo das ruínas de Santa Clara-a-Velha, de seus prismas intermináveis de água estagnada onde as colunas imergem e a cuja superfície tremulam as libélulas.

E foi só quanto de Coimbra lhe ficou para o caminho.

Aprendia a ser-se. De um toque de dedos derrubava o chapéu para a nuca, quedava-se inclinado sobre um quadril, ou então descia solidamente a escadaria de granito, estacava de pernas afastadas, farejando afrontas e risos, pronto a replicar. Deste modo se estabelecia numa certeza conjecturai, se reunia forças para se ter íntegro e violento em seu inexaurível desejo de vida. E a paz vinha de se acreditar, num cenário em que era ainda indecisa a autenticidade dos trabalhos inventados. A poeirada dessa quinta recôndita enchia-lhe por vezes os olhos, os arvoredos esbatiam-se num verde grosseiro e afogado. Mas não desertava do posto, timoneiro de si próprio como se confessava amiúde, acreditando nas mãos enfiadas até às profundas das algibeiras, guardião de confidências, abridor de sortes. Os rafeiros vinham devagar até ele, rondavam-lhe a figura, deitavam-se-lhe aos pés. Um carro de bois insistia ronco em sua marcha, arrastando a paciência na estrada por detrás da Casa.

Até o fim de seus dias, será este sujeito assinalado pelo espírito da caça, tatuado pelas estratégias de que ele se compõem na dificultosa vereda da arte e do amor. Essa energia inebriada que passa do homem aos cães, e àquele volta, impregnará cada mínimo acto do quotidiano do amarantino, tão pronto a lançar-se numa corrida que os galgos comandam como a refrear-lhes o passo e a esconder-se por detrás de um maciço de estevas. A sua sageza de animal civilizado é ainda a dessas espécies que procuram a lura para congeminar suas novas artimanhas, dela se escapam com uma decisão precisa e um objectivo que estão seguríssimas de lograr. Em toda a infatigável jornada de linhas e cores e volumes, está o embuste do caçador aberto, que jamais ousa infringir regras de sua consciência, se deixa estontear pela fumaça do cartucho queimado, para logo e de fria cabeça repregar a arma para o disparo. As mulheres desfilam no horizonte de sua mira, como outras tantas hipóteses de conhecimento de si mesmo, suprema provocação para o aleatório do jogo. E não é desprezível a tragédia que vai em tudo isto, como se a caça do caçador só pudesse concluir-se pela caçada definitiva, que é a que realiza esse monstro sem contorno, mas de hálito álgido e fétido, a que ninguém sonha jamais atribuir um nome.

Unamuno fala do que seria, à observação de um estrangeiro, a Espinho da época, com uma faina piscatória ainda constituindo guloseima antropológica, de barcas sem quilha e fundo chato, redes puxadas por juntas de taurinas que uma canga garridíssima coroa. A um salteador de temas, e Amadeo nem sempre resistirá à tentação, a praia oferecia motivos inspiradores, deparados por um veio de nacionalismo que a guerra não muito distante iria exasperar. Em carta a alguém, dá conta da sua lida, real ou ironicamente imaginada, de pintar pescadores. Mas, a mais do Café Chinês, com seu décor de grandes orientais que os bailados russos hiperbolizariam, havia o passeio polvilhado por levas sucessivas de famílias, assim como que fazendo debutar as filhas acabadas de aflorar da primeira mocidade, com seus vestidos de bordado inglês, seus sapatos de pelica branca e meias de croché, colocando-se a três quartos para o retrato, de ombro soerguido e cloche sobre as pálpebras. Eram os rebentos dos ourives e dos despachantes, da Rua das Flores e da Rua de São João, dos proprietários minhotos, que

miravam com desdém declarado os frequentadores da Póvoa de Varzim, «ceboleiros» chamados, estendendo merendais pelo areal onde arrebanhavam da parte da tarde. À face deste friso interminável virá Amadeo, casado já, flunar insolentemente de colar de pérolas ao pescoço, catrapiscando uma jovem loiríssima e calada, num limiar de romance de que a morte o salvará e à mulher legítima. Espinho ser-lhe-ia tempo de medir tensões com os semelhantes, português e atento, mas ainda assim representante de um labor que essa atmosfera não tocaria. Era-lhe vital representar desse modo o ritmo da existência, cuspir algum caroço dela na cara de quem se lhe atravessasse à frente.

Santa Eufrásia de Goivos, Sexta-feira, 20 de Junho de 1980. Mantenho com Papi uma longa conversa, o provável destino das terras, a notícia da morte, hoje nos jornais, de um velho camarada dele. Há uma vespa que não nos deixa, em tudo embate zumbindo de raiva. Penso em Santa Eufrásia, de como a alma a abrange depressa, de como poderá ser isso alicerce da felicidade. Nalgumas cidades nos perdemos, e sabê-lo fazer é difícil e perigoso. Noutras nos encontramos incólumes, como em Perugia, dividida pelo Duomo, com essa alameda donde se avista Assis, a planície de permeio com seus etruscos pretéritos repousando na morte, nutridos e sorridentes. Álvaro, o que me responde do outro lado da vida, narra miudamente sucessos vários, em cartas escritas de forma transversal, a tinta negra e aguada. É como se premeditadamente adiássemos o confronto, o ajuste de contas, para que o diálogo se eternize no que ainda conserva de matinal.

A praia começava a povoar-se a partir das onze. As pessoas lançadas à água a horas recolhidas, dos braços hercúleos de um banheiro bronco, haviam já consumido seu tempo de ir a casa consertar um novo fato, ajeitar na cabeça outro chapéu branco. Voltavam com as crianças de rótulas larguíssimas, pelo caminho as iniciando em algumas maneiras. Quando a zona de banhos se invadia pelas coristas italianas do music-hall, em seus ousados maillots de um violeta espavorido, pressurosamente chamavam a prole, obrigando-a às cercanias da barraca onde, entre soslaios, se ficava ocupada no jogo do prego ou num afagar das areias. Os chefes de família, regressados do Porto ao fim do dia, passeavam lentos pela beira das ondas, de casaco de caqui desfraldado, assestando a espaços o binóculo sobre um vapor fumegante. Dizia-se do mar, que durante o Inverno derrubara molhes e alguns casebres de pescadores à linha, que avançava de ano para ano. E uma promessa de apocalipse arrepiava então as tribos, de tenda para tenda trocando frioleiras e receitas de forno, prometendo-se ao concluir da época, entre quase uma lágrima, correspondências de fidelidade que jamais se inauguravam. Aos domingos, os das aldeias mais próximas, de Grijó e Gulpilhares, de Arcozelo e Perosinho, ocupavam a área deixada pelos sistemáticos, espojavam-se a esmo, pisavam as algas de calças arregaçadas, banhavam-se enfim, numa girândola de gritos e de impropérios, saindo de combinações e cuecas coladas a seus volumes. No dia seguinte, surgia uma extensão juncada de papéis de embrulho, ossos de frango, cascas de melancia. Corria o Verão de mil novecentos e quatro. Amadeo, com outros desprezantes dessa tómbola permanente, acolhia-se aos ocultos do Café Chinês, desfiava com Manuel Laranjeira, sofredor de achaques vários e de «tédio doloroso», uma palestra de entusiasmo e respeito. O pensador contorcia-se na cadeira, que não

raro ameaçava quebrar, numa incessante demanda do afecto infinito ou do lance redentor para o xadrez do espírito. E não se perdoavam um ao outro.

Santa Eufrásia de Goivos, Segunda-feira, 23 de Junho de 1980. Ontem, após o jantar melancólico, Lucinda, ou bêbada ou ensonada, entornando o molho das travessas, esquecendo-se de servir os outros líquidos, Papi falou. Queixou-se com azedume, mas não sem divertimento, desses que parecem negar-lhe o direito de contar coisas do pintor. Designou-os assim, dois ou três peralvilhos dos quais um e meio de dimensão apenas municipal, o proverbial jornalista da «ronda das exposições», algum miúdo burocrata palavroso e novo-rico da informação cultural mungida do vient-de-paraitre, dependurado em seu apartamento das pracetas sociais-democratas. Riu-se, enfim, afirmando nada o entreter tanto, por esta quadra popular que atravessamos, quanto essa proibição que nunca se formula, que sempre vem agir como estímulo a aquecê-lo. Levantou-se declarando, com a prosápia que há muito lhe não ouvia, que retomava as suas funções. Percorri detidamente o atalho a norte, ultrapassando a zona da bouça, quase me abeirando da pedreira. Era por um céu escuríssimo e constelado, com dois cães que ladravam a compasso, um «xô» berrado à manada que tardiamente recolhia à corte.

Este tipo de lábios grossos, volumoso nariz, sobrancelhas reunidas na base da cana, Manuel Laranjeira, dir-se-ia um russo. Pusilânime e torturado, inclina a cabeça sobre a palma da mão, para ao menos pressentir a chiadeira de um samovar. Talvez a existência lhe não seja tão pesada como faz crer. Mas em que investir a angústia, por essa orla marítima que o cimento armado vai subjugando, com as ruas admiradas dos números que lhes põem? Em Espinho, neste ano da Graça de mil novecentos e quatro, principia ele a professar a convicção de que a biologia é a bíblia dos homens. Dez anos mais velho que o discípulo Amadeo, é um mestrado que lhe impõe, frequentemente culpado de ambiguidade. Dá e recusa no mesmo instante, persistindo em se ver na fisionomia do outro, que elege garantida testemunha do futuro. Amadeo, jovem venerador mas desobrigado, nem sequer o tolera muito. Exibe perante ele, desde logo, um postulado saudável, escondendo a miséria subterrânea e perfidíssima que espreita mesmo o brilho do sol por detrás do cortinado das horas. «Cria, caro amigo, que os verdadeiros desgraçados são os que não têm heroísmo de o ser alegremente», ensinar-lhe-á o mestre. Não desiste. E prossegue mascarando a intenção que lhe alumia o ser, a rosnar contra quem quer que se sente na mesa do lado, brasileiros todos eles e de reles apelido.

Santa Eufrásia de Goivos, Domingo, 13 de Junho de 1980. Foi ainda um dia cruzado pelos filhos do caseiro. Surdem pelos pátios, de cabeleira quase lívida, arrastando uma boneca de trapos. Sentam-se nos degraus, numa aura de oiro, querubins de longínqua tábua sienesa, que em silêncio compusessem a partitura de uma charamela. Ficam-me para o resto da jornada, rematando a sanefa de um altar, arredando as nuvens com os braços nus, vogando. Pressinto que planeiam seu juízo, a desferir em nome de avós e bisavós e trisavós, contra os caducos moradores da casa. Papi volta à carga, com Amadeo a escapar-se-lhe por entrelinhas, a resguardar-se por

detrás das décadas, sorrindo, sorrindo sempre. Irrita-se o biógrafo, convoca-o para seu círculo, interroga-o, quase o compele a aceitar como autenticidade refinadas mentiras. Afasta-se, então, em direcção ao quarto. Bem sei o ritual. Dissolve cinco centígramas em solução aquosa a um por cento, o que dá um efeito viscoso, opalescente, fortemente aromático. Ao primeiro travo, amarguíssimo, é uma gama interminável de sabores. Alguns minutos depois, levita, liberta-se.

Todos os dias, à mesma hora, Laranjeira se sentava à mesa do Café Chinês, apoiando sobre o tampo a bengala sem castão, como se com ela ameaçasse o papão que lhe era o século. Dizia-se a morrer em vida, rindo-se, apesar disso, como remédio de se sobrepor ao sofrimento. Quando não optava por insinuar um mal parente deste, Amadeo apiedava-se, enumerava delícias, recorrendo mesmo ao insulto como hipótese de salvamento do suicida prometido. O fumo pairava quando o crepúsculo se abatia, raso ao tecto baixo da sala soturníssima, e era tudo uma náusea sem corpo. O ar de Portugal corrompia. Quando não, enojava. As chorinas litorais grassavam pelas areias, perfurando de suas gordas folhas facetadas as vísceras de quem as estudasse. Uma gaivota grassava, vinda de introduzir o bico na boca de um recém-nascido destinado ao génio. A Amadeo este homem surgia, exibicionista de quase impotente, estorcendo-se no interior de si mesmo. Crispava-se num desarranjo de marrafas e bigodes, por entre uma de suas pausas de infundável vazio. Prometia acompanhar o rapaz a Paris, para que o ser se lhe aprumasse ao lado de quem o desejava eréctil e alerta. Hamlet que se caracterizava, na vergonha do Dom Quixote que se sentia, reincidia em seus versos, virava costas ao Mundo, tossia. E era já uma bruma de chumbo a desabar sobre Espinho, sumariando a desesperança dos pobres desapossados pelo mar. «No meu espírito», concluía, «está-se formando uma névoa gris, fria, álgida, húmida.» Pagava o café, saía.

Em certa caricatura, Amadeo conduz um tandem, em cujo assento posterior viaja um Manuel Laranjeira contrafeito e torto. O rosto do caricaturista autocaricaturado possui uma dureza trigueira, de áspera barba, que faz lembrar alguns espécimes de lazzaroni, exploradores da virtude e negociantes de falsas antiguidades. Mas o que aí se quer dizer é de como a obstinação dos fortes, votados à fama, se sobre põe à abulia dos eternos congeminadores. O moço que, a enérgicas pedaladas, vai tirando o filósofo que durante um período lhe servira de pedagogo e de conselheiro moral, já dele patentemente não carece. Numa tertúlia de amigos de confiança, poderá até chacoteá-lo um pouco, sem dispensar uma afeição e uma fidelidade de base, mas em definitivo suspeitando das lições do outro. Assim Amadeo se vai emancipando, e a proeminência do queixo com que abre fileiras não o situa a coberto dessa expressão impulsiva e característica dos rufiões amigos de insultar, à porta de um casino e por uma noite de Outubro, qualquer ricaço que tenha rebentado à roleta.

Este ano de Lisboa é devastado por sessões operárias, tumultos, grandes sentimentos colectivos que se revolvem sem de imediato lobrigarem escoamento. A monarquia capitula ante o próprio afã de coarctar o advento republicano. Luta a Companhia dos Tabacos com a Companhia dos Fósforos, o Estado intervém, agridem-

se os deputados à palavra e ao gesto. *O Victoria and Albert* rumam à barra do Tejo, com seus grumetes silenciosos e alvadios, seus menus em caracteres a relevo de ouro, um rei fumando charuto e uma rainha de alto a baixo coberta de rendas cingidas. *O Hamburg* entra com os canhões silenciados, transportando um imperador rigoroso nos costumes e na etiqueta. O *Léon Gambetta*, enfim, traz ao Terreiro do Paço um presidente risonho, contemporizador e magnânimo, desencadeando à passagem um bouquet de vivas que os esbirros não conseguem amordaçar.

A astenia de Laranjeira é a exemplarização de um mal colectivo, de que Lisboa fornece o acabado modelo. Terra de «biltres trivialidades que para aí fervilham», assim a rotulará o meditador de Espinho. A ela vem dar Amadeo, em mil novecentos e cinco, não pouco influenciado pelo Tio-mentor, para frequentar a Escola de Belas-Artes, no Curso de Arquitectura. Nenhuma outra melhor prescrição se imaginará, acima da mesquinhez da vida provinciana, para lhe revigorar o ego juvenil insuflado já a pontos de o fazer algumas vezes raiar a petulância. No fundo da consciência nacional, Dom Carlos persegue as lebres, a Senhora Dona Amélia deixa-se retratar num turbilhão de cetim branco como chantilly ou açúcar glacé, alteando, qual tulipa impossível, o rosto oval onde perpassa a desconfiança de um buço. À porta das tabernas e dos alcoices, os mariolas cofiam as patilhas, atiram dichotes, apostam com uma palmada na soleira. Nestes cafés que se aprontam para uma trajectória das letras, os mesmos frequentadores manipulam paulatinamente a rabeta, casquinam uma gargalhada de secura, sorvem a rápidos tragos a bebida muito negra, que a seu gosto ganha honrarias de veneno ou de poção conspirativa. À saída do velho Convento de São Francisco, onde as classes se arrastam como um enredo de linhas de que jamais se divisa escapatória, Amadeo tem aquele largo triangular e rústico, com uma velhota igual propondo milho aos pombos, as árvores-de-judas que em meados de Março rebentam num fausto de precárias flores azulíssimas. Defronte é a vista do Castelo e da Sé, as ruas por onde uma histórica população leva de roldão um arcebispo traidor, o deixa até ao dia seguinte entregue à fome dos cães vadios. E Lisboa se lhe afigura uma carcaça podre, diariamente se revestindo de lixo. A caricatura lhe será, então, dieta para escorar o talento, desta forma lhe prometendo acesso a um porvir de mais altos cometimentos. Há os que partem e retornam, tendo Paris como farol donde chegam as novas do Planeta. Cumprir-se nessa cidade, com os boulevards descerrados às efemérides e ao sonho, parecerá aos insatisfeitos o único risco a correr, o único sobejante da apatia a que o berço os condenou. Daí que se torne instante abalar.

Santa Eufrásia de Goivos, Sexta-feira, 18 de Julho de 1980. Papi palmilha o quarto de cá para lá até altas horas, abrindo gavetas, rasgando papéis, derrubando cadeiras. Que persegue este homem? O seu passado ou o de um outro, um texto, um astro que se não fixa? As cigarras misturam o canto ao borbulhar da água da boca do golfinho de pedra. Leio cem vezes a página, sem nela me ater.

A carta que, ainda adolescente, escreve à Mãe é o tempero óptimo da nostalgia desprotegida e da bravura que se vai percebendo. Nela insere Amadeo o distanciamento do mundano, que julga inconfundível sinal do cínico aculturado. Nesse

Novembro de mil novecentos e seis, em que vai, já a pátria se lhe pinta das cores do grande carroussel onde, aventureiro de si, conjectura ir lançar-se. Mas a Mãe segue com ele, guia seguro na conquista da terra, nascente a que se reverte ao termo de todas as expedições. «Lisboa, quinta-feira. Minha Maman: Chego agora de Linda-Pastora sob a luz offuscante dum sol que não quer acreditar que o inverno está próximo. O Sr. João veio para Lisboa commigo, com um humor tão amavel que até me tratou por “tu” no último aperto de mão. Soffria com o calor. Trazia umas botas amarellas, resequidas pela poeira dum estio, e suáva os adúbos dum almoço, espapado de fartura. Na quinta da Mirabella encontrei apenas a D. Maria e Rachel e umas brasileiras que decoravam a toalha branca do almoço como troncos de cacao á roda dum lago de leite. Cheguei ao findar da refeição. Tomei duas chavenas de chá e saí quasi logo. A Rachel dava lições com um tal senhor Pavão. Foi-me apresentado, estendeu-me um braço muito esguio, abriu o bico n’um sorriso, piou – e foi-se. A D. Maria Duarte ficou satisfeita com a minha visita. É minha amiga esta senhora. Despedimo-nos n’um abraço onde ia, silenciosa, a nossa expressão de melancolia. Eu e o meu camarada embarcamos amanha. O tempo está limpo e sereno e o vapor já nos espera ali no Tejo. Tenho uma grande dôr de os deixar, a si, ao santo do Papá e a todos. Além disso, eu sou um espirito dramatico e a minha alma representa sempre uma tragedia em que eu sou o unico espectador. Contudo, no meio deste luto, eu vou rindo – rindo diabolicamente. Isto não quer dizer que me julgue infeliz – não. Se qualquer quizesse trocar a sua felicidade pela minha desgraça eu não trocava. Os meus destinos só estão bem commigo, ou por elles triumpho ou por elles sou esmagado. Adeus minha Mãe, esperam-me para comprar bilhete – adeus. Mil coisas do coração do seu filho Amadeo.»

Santa Eufrásia de Goivos, Quarta-feira, 30 de Julho de 1980. Acordo a meio da sesta, inconsciente do tempo, as folhas do *Jean Santeuil* amarrotadas sob o corpo encharcado de sono. Abro as gelosias para o crudelíssimo fulgor da tarde, e é tudo branco como cera, e a vista se me cega. Os filhos do caseiro, com Gabriel a chefiá-los sempre, trazem de rojos através da eira o cadáver de um cão negro e enorme, inchado de calor. Fico hesitando entre o que vejo e o que sonhei, regresso à cama, adormeço de novo. Desperto, enfim, descansado e esquecido do episódio que só agora lembro diante deste diário, pelas pancadas que Lucinda vibra na porta, chamando o «menino» para o chá.

A caminho de Paris, com Francisco Smith, perscrutando da coberta ondulante o deslizar da chuva pelas vidraças, Amadeo visaria mais à frente que à retaguarda. Alguns passageiros abrigavam-se em suas peliças, encolhidos pelos cantos do navio. Outros fumavam cigarros sobre cigarros nos estreitos corredores, com uma neblina que tudo embebia a lentamente os apagar da realidade. França anunciava-se-lhes, antes de possuída, campina onde a luz se irisava, se compartimentava, se aprofundava, razoável na economia de seus sólidos. O vapor ia arfando, e uma teoria esboçada, ou simplesmente repetida, transformava-se na substância de um delírio, e já não era possível recordá-la nas essências maiores. Donde se vinha? Lisboa, tão perto, Manhufe que ficava num plano quase inacessível da memória, condimentavam-lhe os passos e a distância, na escassa experiência em que jurara confiar. Chamava-se Amadeo, ia.

Mas chegar a Paris como teria sido? O nó da gravata retocado, a vontade de deixar o comboio prosseguir. Os bolseiros exportados acomodavam-se nos compartimentos, envergando um gabinarado propositadamente escolhido, lendo o último romance da N.R.F. com alguma altanaria. A isso mesclavam, numa inocência que ora inspirava o furor ora a ternura, o imperativo da vindicta doirada, o poder esbofetear o Lopes Brasileiro, espezinhar o toutiço dos basbaques do Passeio das Cardosas, escarrar nessas trupes que ao domingo abancavam comendo sável no Areinho. Para quem indistinguisse a crónica pessoal dessa faixa de território entre pinheiros e espuma, a viagem era ainda recusa de «morrer a vida». Não era Amadeo dessa raça de oficiais do sentimento dolorido, sequer da dos que no riso acham a coragem e a mostram à postura dos vencidos. À mágoa não precisaria de se impor, pois consigo mesmo se deparava sempre à tona, o riso trocando pelo desafio e pelas derrotas insofismáveis. Esse ainda garoto, enquadrando a vida na amenidade de um lar autoritário mas a que a abastança consentia a indispensável margem à permissividade, como conquistador entrava na grande capital.

Para onde se dirige agora, impecavelmente escovado, apesar da noitada de comboio, do frio que obrigara os restantes passageiros a enrodilhar-se sobre si? Recém-desembarcado, ele toma a domesticação de Paris como primeiro alvo de seu deambular. Já sabe a metrópole, já a castiga, afeiçoando ordenadamente as luvas cinzentas a cada um dos dedos, levantando as bagagens sem esforço nem sujeição. No dealbar deste dia de Outono, as ruas são roxas e purpurinas, os passeios estão vagos, de longe a longe calcorreados por um lulu solitário que trota cheio de sentido matinal. Desemboca no Quai d'Orsay, apanha um fiacre, vai trepidando ao longo da avenida molhada que os operários começam a encher. Junto aos balcões de zinco, os cocheiros de chapéu alto ingurgitam as doses inaugurais de pastis. O Sena vê-se perto, entre dois prédios escuros. Há carroças de hortalças estacionadas, uma aura flutua sobre o zimbório dos Inválidos. Dentro em pouco, circularão alguns automóveis, carruagens sem cavalos estrepitosamente soando as buzinas. Os estudantes bolcheviques aguardam a ocasião de escutar Vladimir Illitch, que lhes fala num café da Avenue d'Orléans, ao Léon de Belfort, numa sala de primeiro andar. Bebem granadina com água de Setz, imobilizam-se atentos a esse homem correcto e de colarinho engomado, que ergue a geométrica cabeça arrastando um pouco os erres.

Santa Eufrásia de Goivos, Domingo, 3 de Agosto de 1980. Entra Papi em mangas de camisa, com uma pasta debaixo do braço. Anuncia-me que as obras de restauro da Quinta Velha exumaram uma estátua da época dos frades, junto às bordas do lago. Intima-me a que o siga. Acompanho-o, ofegante que vai, mais surpreendido com ele do que com a notícia que traz. Lá está, de facto, entre quatro ou cinco jornalheiros que riem e se interpelam em grande algazarra. É uma imagem de Pomona, de cerca de metro e meio de altura, a base quebrada. Apresenta um cesto de fruta nos braços, um diadema na cabeça, as pregas da túnica adossadas ao plexo solar. Alteia um pouco o perfil, indecisa entre ser santa ou divindade pagã, esfarelada e negra, com ínfimas radículas de erva oscilando ao ar. E eis que Papi manda distribuir uma rodada pelos

homens e, como quem se comove, faz descansar a mão sobre o meu ombro.

Quem arribava padecia um pouco. O velho rio deslizava sem detença, fazendo palpitar um pressentimento que urgia confirmar. Perante a excessiva oferta de vias, Amadeo suportava alguma indecisão, na disponibilidade total das devoções da alma. Deambulava pelas artérias da Rive Gauche, afastado ainda do que seria um achado de espaços de dentro e de fora. Os passeantes encantavam-no, enviavam-lhe sinais de que carecia, provocavam-lhe o ataque, acolhiam-lhe os voos da afabilidade. A diligência de caricaturista, que encetara em Portugal, aperfeiçoava-a agora, por ela tomando o pulso à existência. Desenhava a tinta os figurantes da imutável farsa, seres sem dono, num palco vazio jogando seu fado de improbabilidades. Havia os que não largavam pegada que não fosse um contorno que a memória retinha, de braço dado com outros que abandonavam os escombros de uma obra. Todos se gastavam na voragem da gesticulação e da apatia, emoldurando dias e dias de ridículo e de enfado, algumas vezes na fronteira do choro. Aqui jamais falava a linguagem da ironia. O papel recolhia-os em sua implacabilidade, que sempre sugere as maiores compaixões. Era uma urbe imensa e povoada, grisalha pelo tempo em que a ela se aportava. O gosto de viver estava na promiscuidade com essa canalha, tantas vezes insuspeitosa da intensidade que a absorvia. Nela investia Amadeo, e na sua retenção, os parágrafos de um código e os dogmas de uma profissão de fé. Sabia impossível cessar de a estudar, adivinhando que só pela gente se ascende à contemplação das coisas. Em seu coração, descobriria ser essa a modalidade única de comunhão com os irmãos que temos. E a multidão enxameava à sua volta, concedia-lhe a réstia de lume que torna habitável a cidade dos desconhecidos, educava-o na pertinência a um povo que é o ponto de partida para as vitórias duradouras. Eram o boleeiro do trem, o habitual da opera, o frequentador do bistrot.

Santa Eufrásia de Goivos, Sexta-feira, 15 de Agosto de 1980. Os poucos trabalhadores que nos restam aproveitaram a véspera do feriado para vir pedir aumento. Compareceram de cabeça mais levantada do que quando eu era criança, apoiados em razões atendíveis, sem queixume, com frontalidade. Papi recusou-se a recebê-los, barricado em seus livros, suas resmas de almanaque, suas notas rabiscadas. Declarou ser por respeito que não queria falar a essa gente, como se o duelo das classes lhe exigisse a incondicional capitulação. Mas bem sei que foram outros os motivos da escusa, a pusilanimidade do culpado, a impotência para aceder à plataforma linguística imprescindível. Só isso explica que se defenda com um biografado caracterizado por todos os sinais contrários, da ousadia à loucura, do génio especulativo à assunção de seus riscos. Com esses trabalhadores chegados no poente de Verão, é como se sucessivas dobras de terra se espriassem na casa velha, ficassem em largos plainos translúcidos onde a luz declina, anunciando a noite da redenção dos dramas.

Era a época das estações gigantescas, com suas escadas rolantes, seus átrios e guichets, suas salas de espera onde se tentava dormir com a cabeça apoiada na mala. Dessa Paris, que é um quebra-cabeças de persistência e de folia, de fracasso e de

tormenta, com veredas de acaso que dela fazem a polis arquetípica, é como grande manancial que verá o casarão de Manhufe, a ele sempre voltando o rosto. O poliedro de telhados e janelas, quartos e corredores onde fica dormente uma sina individual, escancara-se-lhe de longe a todos os quadrantes, pertinz vira-vento de papel de lustro que nos sonhos mais desencontrados sempre o visitará. E é o Pai a raiz dessa presença na quinta e da quinta nele, origem da funda religião que se continua, sacerdote de ritos que nunca se celebram. «Paris – 1907. Meu querido Papá: Lá vae mais uma carta que mais uma vez rasga o nosso habitual longo silencio. Sim, porque, afinal, a nossa correspondencia é interrompida por longos acessos de mudez. Com franqueza: – falta-nos o assumpto epistolar. Eu por mim, meu Pae, confesso que raramente sinto necessidade de lhe escrever. Conheço de sóbra os seus desejos sobre mim, converso consigo todos os dias, nos actos da minha vida consulto-me a mim e a si a um tempo, e esta palestra diaria da minha consciencia com o que me parece ser a sua consciencia, do meu coração com o que difunde o seu coração – rouba-me todo o assumpto de interesse que poderia fazer centenas de cartas. E pergunto a mim mesmo: – para quê escrever a meu pae? – acabo de conversar intimamente com elle; elle está sempre em Manhufe n’uma palestra pegada commigo; não, vou escrever à Maman, porque para ella as cartas são indispensaveis. Ora aqui está o assumpto unico que encontrei para esta carta. Abraço-o de todo o coração, Amadeo. P. S. Para o Ernesto os maiores desejos de melhoras.»

Santa Eufrásia de Goivos, Sexta-feira, 29 de Agosto de 1980. Recebo carta de Álvaro, não datada, com o carimbo mal imposto que não resolve a dúvida nem permite decifrar o lugar de expedição. Lastima-se de várias dificuldades, de poucas alegrias, nesse tom plangente e passadista que quase sempre me repugna. Retoma o tema que já me sugerira, de que suspeita estar Papi usando esta casa para nela insinuar a de Manhufe, afazendo as quadras de uma às de outra, supondo aqui odores e desfechos importados, localizando no nosso domicílio personagens e memórias que lhe não pertencem. Confessa afigurar-se-lhe a estratégia uma forma vaga de proxenetismo. Contribui para a mania hagiográfica com uma entrada, que transcreve, do *Dicionário dos Santos*. «Santo Amadeo, eremita. Data desconhecida; dia festivo, 20 de Agosto. Santo Amadeo é o legendário fundador do Santuário de Nossa Senhora de Rocamadour, em França. Após a descoberta, nesta localidade, em 1162, de um velho sarcófago contendo um corpo inidentificado, a lenda sofreu desenvolvimentos surpreendentes. Amadeo é representado como servo da Virgem Maria, teria casado com Santa Verónica, tornando-se missionário na Gália; mais tarde foi identificado com Zaqueu (S. Lucas, 2-9). É muito provável que Amadeo seja uma entidade totalmente imaginária; a ideia de que um certo São Amador fora, de facto, bispo de Auxerre (m. 418) carece de fundamento.»

O atelier de Boulevard Montparnasse ficaria primordial contacto com a cidade. Através dessa turba de intenções que confluíam, por entre a multiplicidade de faces impacientes de se pertencerem sem salvação, algumas vezes surdia um olhar rasgado e sereno. Era o anjo do extermínio. E logo o tempo parava, esfarrapando-se em nevoeiro, congelando num mostrador onde algarismo nenhum se inscrevera. Fluía e refluía a

mesma turbamulta, fazendo ressoar no pavimento as passadas desmedidas, inconscientemente trocando a imperceptível mensagem. E o anjo, ou só o assombro que levava, numa auréola de pânico se ia imobilizando. De sua cabeleira as folhas pendiam como gládios, os membros lhe eram inúteis para a missão que o dirigia. Os grandes maníacos do amor das criaturas, consumidas as formas correntes de o declinar, no exagero o consumavam, mergulhando as mãos nos cadáveres abertos sobre a mesa anatómica, aspirando o fartum dos excrementos, nessa pasta esgravando um fluido sem nome.

Era um núcleo a que sempre se tornava a esplanada de La Rotonde. Sentavam-se os vagabundos de cadeira em cadeira, oferecendo seus préstimos e seu protesto, ingênuos ainda da parafernália cinematográfica que deles faria histéricos fantoches esfiapados. Tratava-se de uma freguesia mista, com duas ou três grisetes sobreviventes num abraço sáfico, críticos sem coluna cativa, pensionistas ingleses de marrafa na testa e óculos redondos à Harold Lloyd. Os criados, empapados de brilhantina, com as bandas acetinadas do paletó picadas de borrifos, debruçavam-se sobre grupos que liam os jornais, plantando sifões entre a baforada dos cachimbos e o aroma do rouge excessivo. Havia também quem se enfiasse de cotovelo na mesa e queixo na mão, quem vagueasse pelas coxias sobraçando um colossal dossier de cartolina. No boulevard decorriam os carros de capota de lona, com um velhote dentro de um deles tirando largas chapeladas. E os trâmueis gingavam com soldados e proletários, expondo longos cartazes no tejadilho, que esclareciam «Gare Montparnasse-Bastille» e reclamavam uma marca de rebuçados contra a tosse. Aqui se reuniam, de madrugada a madrugada, os que buscavam uma palavra por dizer, uma outra perspectiva, um nu final e consolador. Quem se acercava da barafunda, algo calmante afinal, desse cais apinhado que era La Rotonde, de repente se via no centro dos acontecimentos, como se dali guerras e armistícios se proclamassem, se pudesse gritar do canto junto ao balcão que o elixir da longa vida fora enfim inventado. Amadeo desdenhava a quermesse. Usava-a como tablado para a exibição de seus talentos de jovem galo, cravando as pupilas numa burguesa disfarçada, dela logo se desprendendo mal a via interessada. Coloquiava com um e com outro, sem deixar de atentar no tráfego, em todos inculcando a fé em que se reconhecia de ser homem com uma certa intencionalidade, disciplinados dos impulsos próprios e alheios, mais apto a dar que a receber, sem generosidades mas com essa subespécie da varonia que escusa a doçura e dispensa o agradecimento. «Amadeo de Souza-Cardoso», via os caracteres estampados no ângulo de uma gravura, marcando a autoria da criação e o direito à identidade, para pouco contando a afirmação de ter sido ele o artesão de tais linhas. Assim desejava que o vissem, ao frequentar La Rotonde, uma entidade por si, indiferente ao sucesso, os outros todavia compelindo ao reconhecimento e à vénia.

Da caricatura se sobe ao retrato através da consolidação das próprias crenças. A mecânica que exige o repúdio da redundância só na maturação de toda a personalidade poderá ensaiar-se, jamais nessa indigência de fundamentos e de intuitos donde nunca irrompe uma carreira. Amadeo transita de uma experiência a outra com a consciência cabal da decisão que toma. Esses primeiros retratos, de Dom Manuel Segundo e de

Ferraz de Andrade, testemunham o definitivo vingar de uma ideologia e o manifesto de um estilo. O rei permanece postado numa imobilidade seiscentista e emplumada de fundo de corredor, com o facies infantil ainda, na sequência do tique das caricaturas, a contrastar com a exuberância do traje. Aquieta-se como a memória de certa época em que os dados da nacionalidade, por assim dizer, se teriam especificado. Adivinham-se-lhe atrás alguns cavalos encabritados no Cais do Tabaco, com os montadores em instável equilíbrio, de sombrero na mão livre das rédeas. É muito outra a presença de Ferraz de Andrade, um sensual que se impusera a precisão das lentes do arquitecto. Poderá ter chegado da Europa Central, com uma intentona falhada no rasto e a mala cheia de cartas comprometedoras, ou ser simplesmente um português que emigrou e aprendeu a conhecer as colheitas de Borgonha. São todavia dois retratos, estes que se conservam no Museu de Amarante, que não cobram significância na companhia um do outro. Percebe-se que o mesmo sentimento de certeza os produziu, mas neles se capta a ausência de comuns objectivos, o fracasso da solidariedade nas motivações.

O obstáculo maior, nessas academias congestionadas de jovens que se buscavam, comprimindo os lábios na determinação do risco mais rigoroso ou distendendo-os na confecção do mais vibrante dos tons, estava em adaptar o próprio rumo aos que já vinham ministrados ou sugeridos. Assim no estúdio do catalão Anglada Camarasa, a que Amadeo vai desaguar, com um corpo discente que se garante um estatuto pelo uso de uma boina quatrocentesca de veludo antracite, tombada sobre a orelha. Repisavam-se cenas de interior difuso, de cafés-concerto que de repente assumiam um valor sumptuário de grande serralho, com um halo de luminosidade em torno do gás dos candelabros. Outras vezes, apenas se copiavam paisagens vastas e como que esmaltadas em suas plaquetas de transparência, despertando uma ânsia de mergulho ou de embriaguez que nenhum líquido satisfazia. Era um erotismo que ora se transmitia ora se evaporava numa tradução de duvidoso resultado, enquanto Camarasa vinha passear de cavalete em cavalete, aqui apontando um empaste abusado, sinalizando além uma torpeza de desenho. E a tarde de Montparnasse ingressava pelos grandes vidros quadrangulares, asfixiando as telas numa cinza dispersa e fininha, como se a pintura equivallesse ao absoluto da impossibilidade.

Em mil novecentos e oito aluga uma nova tebaida, no 14 da Cité Falguière. Pouco depois, mudará para o 27 da Rue de Fleurus e, mais tarde e sucessivamente, para o 3 da Rue du Colonel Combes, o 20 da Rue Ernest Cresson, o 38 bis da Rue Boulard. De todos será, porém, a Cité Falguière o paradigma. Quem por dentro a conheceu, ou antes de nós a visitou, descreveu-a como povoação de ateliers, do resto do Mundo escondida por alguns plátanos. Era um amontoado de varandas de grades de ferro, estuques que a humidade devorava. Duas ou três chaminés compridíssimas mais disseminavam do que retinham o calor. As vidraças revestiam-se de fuligem e do pó dos blocos que se esculpiam. Madame Tépas, gorda e vacilante entre ser mãe ou megera, vinha cobrar o aluguer dos quartos, que eram trinta francos por mês. Por todo o lado se viam detritos, material plástico, plantas daninhas. Embalava-se uma cadência de vida colectiva, em que o amor se fazia menos com o parceiro de cama do que com o grupo em sua inteireza. E este alastramento da sensualidade atravessava os moradores

de uma corrente intangível e vibrátil, confiando-lhes a chave da adivinha que é a notícia de que o grande barco navega com todos a bordo. O Inverno pesava sobre a fictícia fortaleza do pintor, a neve fazendo-o saltar do divã, espiar os telhados carregados de branco, reentrar na chama recôndita que no corpo se guardava. As noites eram sempre eriçadas de gemidos e prantos, um copo que se escacava, uma risada dorida. Os tarecos fugiam esbaforidos e sibilando, não muito longe daí um homem aperfeiçoava a técnica do suicídio adiado. A escolha que Amadeo realizava, trucidado entre vertigem e programa, reclamava a mobilização das mais remotas energias. Sabia-se um exemplo de vitória, vertical, com a brevíssima gravata flutuando ao vento. Assim declarava o nome que tinha, destacando perfeitamente as sílabas, o traço de união entre Souza e Cardoso os concatenando num monólito que nenhum cinzel fracturaria. Na desordem da Cité Falguière irritava quem dele se aproximasse, meticoloso até o grotesco, organizando-se até a doença. Viam-no enfileirando os trabalhos, espanejando os coxins, esticando a fímbria do tapete. A muitos estava vedada a entrada, praticando-se um cerimonial de vencer o espaço que só raros decoravam com a celeridade requerida. Como assegurar-se assim a popularidade?

Santa Eufrásia de Goivos, Segunda-feira, 1 de Setembro de 1980. Vagarosas vão as obras da capela. Desviado para a sua biografia, com essa indiferença com que parece encarar tudo quanto o não seja, Papi deixou-me a empresa nas mãos. Começo a pensar seriamente na incumbência, agora que consegui limpar a curtíssima nave granítica do entulho que a entupia. O chão de tábuas foi removido, substituído por duas dezenas de lajes que quase nos custaram a ruína do orçamento anual. Restaurado o telhado, que os morcegos de resto em breve devolverão ao caos precedente, fica-me por terminar, e porventura até sempre, o plano de Papi para a cobertura a fresco da cabeceira do altar. Lembro-me de pela primeira vez o ter ouvido confiar o seu projecto a um trio de amigos visitantes, certa manhã de Verão em que lhes mostrava, na volta de um passeio fatigante, o interior da capela. Do lado da Epístola representar-se-ia o arcanjo São Miguel, onomástico do Avô, sustentando a espada sobre a coriácea cabeça de um mafarrico de dentuça arreganhada. O lado do Evangelho seria o posto de Santa Eufrásia, orago da freguesia e da quinta, aquela de cuja boca, segundo Prudentius, uma pomba branca se escapava, e cujo corpo um nevão puríssimo sepultara. A capela continua fechada, só na Páscoa se franqueando ao compasso, o fresco mudará todos os dias de configuração e de colorido na fantasia de Papi. Isto mesmo disse hoje a Álvaro, em carta mais longa do que o costume, pretexto para que me devolvesse os livros que há três anos lhe emprestei. Que tempo, pergunto-me, levará a responder? Não muito, espero, que só esse os deuses nos concedem para em tudo pensarmos.

Santa Eufrásia de Goivos, Quarta-feira, 10 de Setembro de 1980. Que projectos elaboro, sempre menino, iludido numa queda hipotética para a pesquisa historiográfica, sonhador de irrealizáveis monografias, amante da procissão da Senhora das Dores? Nesta aldeia donde todos emigraram, fica-se recolhido em tardes infinitas, escoltado por cachorros que se nos enroscam aos pés, voltando as páginas negligentes de um livro que nunca se lê. Melhor faz Papi, empenhado em sua escrita, em que não acredita mas a que se agarra para salvar a pele. Os ganapos do caseiro aterrorizam os dias com

seus brinquedos lúgubres, berregam de cara enfarruscada e olhos chispando luz. Hoje abeirei-me da «banca» do tio, decifro-lhe as notas. São elas «ver jornais portuenses de 1916», «as modalidades da assinatura», «de como colocava Lúcia sobre o cavalo», «Samuel Halpert e Brooklyn Bridge». Vem agora visitá-lo o rapaz moreno, de unhas longas, que lhe fornece o pó sagrado. Cruzou-se comigo na escada, de fato creme e gravata verde e lilás, sem se dar a conhecer. Sei assim que, por algum motivo, se quebrou o elo com esses recoveiros, cobradores das camionetas ou factores do correio, que a Papi asseguram a continuidade da quimera.

Santa Eufrásia de Goivos, Sexta-feira, 12 de Setembro de 1980. O dia decorreu num torpor de névoas que invadiram a casa, se prenderam aos reposteiros, velaram alguns quadros, morreram no soalho. Que faz ele, todo o tempo no gabinete, faltando ao chá, enterrando-se no livro interminável? Às portas do crepúsculo definitivo, um raio viola o corredor. Descortino Gabriel na extremidade, caminhando lentíssimo, os pés descalços de lama, a áurea cabeça de querubim como que escoltada por um zumbido de abelhas. Passa por mim, de grandes olhos rasgados a cravarem-se-me nos alicerces da alma, sem se voltar se dissipando na escada que dá para o jardim. Mas o gelo fica, as trevas se adensam, ignoro onde me deitar para que o sono me ajude.

Na trama de relações que constituem a história, que o espírito dos seres homologa ou veta mas de que jamais se livra em sua solidão sem paz, somos nós que nos buscamos ou o encontro objectivo que se dá? De que adejar de antenas ou tremor de cílios se faz o fadário de cada um? Onde topámos com alguns dos que nos acompanham agora a peregrinação? Onde os reacharemos, quando se afastarem cansados da partida? Essas naves sobrecarregadas de destinos diversos, agrupados em contingentes afins, que é no que consistem os bairros de Paris nos princípios do século, ora encaham nos bancos da morte ora zarpam rumo a um futuro de alguma eternidade. É muito vária a equipagem, dolorida de frios e devastada de álcoois. Nomeá-la seria perscrutar daqui, deste cais privilegiado onde se lhe inscrevem a despedida e a rota, o inquietante movimento dos astros. Havia, por exemplo, Moïse Kisling. Era um judeu polaco, de extracção burguesa, a que o português de Manhufe só tarde seria apresentado. Vestia como um mecânico, e uma vez declarara «as exposições revelam que os normalmente piores são os artistas novos». A rebeldia nesta frase sumariada, já não contra os bonzos ultrapassados mas contra a outra máscara igualmente terrível do academismo que é a modernidade, não poderia falhar o alvo, enternecendo um pintor, como Amadeo, que nunca se sentara sobre a própria obra. De outros toques com a escola de Paris, que não se via e se partilhava por diversos desvãos da cidade visível, cada qual com suas modas e cartilhas, numa alternância de sucessivas hegemonias, falará o silêncio e a ficção. Sabia-se que Foujita vencia os pátios de quimono e brincos, e existia em geral uma pequena milionária americana alimentando-se a torradas com caviar e fornicando sem tréguas. Algumas mulheres ocupavam seus lugares nas terrasses, exaustivamente nuas sob os agasalhos de pele, indignando-se contra o capricho do último que as utilizara para o desenho à vista. As lâmpadas de Montparnasse, numa velada de armas, duravam e duravam perpetuamente acesas.

Poucas vezes se perderá Amadeo pelas conversas de rua. O seu tempo é o do assalto e da tomada de ideias e de fêmeas, da destilação de resultados, da completa mudez. A ganância da fama não lhe anulará a reflexão e, quando profetiza que haverão de disputar-lhe os trabalhos a preço de oiro, não o faz pela cegueira da ambição defraudada. É muito menos um vaticínio que o resultado de uma equação para que já dispunha dos termos necessários e suficientes. Pressente-se-lhe nas cartas um pensamento que preexiste à acção, o que é muito raro nos artistas. Na pintura, também, será a mesma a natureza. Digere quanto vê, rabisca ao canto do calendário ilações e memoranda, predispõe-se à aprendizagem sem mestres ungidos, vertiginosa ginástica de se ser e se perder. Não são assim os inspirados, arrebatados por uma águia que nem os arrasa nem os salva. Assim são, porém, os desbravadores de continentes, alguns atletas sem ideologia política, muitos dos artesãos que gravaram siglas na cantaria das catedrais. Ele não perpassa, fica. E na determinação de ficar palpita uma preocupação de burguês abastado, que ordena, a cinquenta anos de vista, a plantação de um carvalho ou a vedação de uma jeira, para quando for aberta a auto-estrada. Ainda nisso radicará a monomania da poupança, sintetizada nos pincéis cuidadosamente perfilados em seu canjirão de Bisalhães, na mina do lápis que se aguça nem mais nem menos que o preciso, nos restos virgens de Whatman que para contas se aproveitam ou para o rascunho de um bilhete.

Santa Eufrásia de Goivos, Domingo, 28 de Setembro de 1980. Procuro atrair Papi a um diálogo sobre prementes despesas de conservação. Consigo retê-lo por minutos, mas logo se escapa, não sei se ao assunto se ao que já não tolera manter só para si. Conta-me o que conhece de como vive em Paris a viúva do pintor, em seu estreito apartamento atafalhado de móveis, com as obras do homem embrulhadas no «Figaro» e encostadas ao longo da faixa. Relata-me o quotidiano da senhora, atormentada pelo nome de seu morto, temente a estranhos sobretudo se portugueses, sequestrada por um porteiro espanhol e um círculo de amigas de dúbia fidelidade. De ano a ano uma ligeireza a toma, empoa-se, desce ao Café de la Paix para a merenda litúrgica, o que é ainda processo de balizar o tempo. Paris acorda e adormece em seus parques de verde-baço, seus firmamentos de suavíssimo lilás, sem que nada suceda a essa mulher. Em torno desenrolam-se alguns duelos, amontoam-se ofícios em papel timbrado, tecem-se mentiras, abrem-se ratoeiras. O mês de Novembro progride, sem muito frio, com a fumaça das castanhas assadas e os primeiros filmes válidos da temporada. Estamos a milénios da vera crónica de Amadeo de Souza-Cardoso, recriamos o que nunca foi ou para sempre se esconde. Chama-se Lúcia, esqueceu muita coisa, de pouco valerá entreter mistérios que não desvendaremos.

Falemos, pois, dos portugueses de Paris, desembarcados à toa mas rapidamente actualizados, arvorando uma supercidadania de franceses hipersensíveis. Em lugar disso, optavam os mais engenhosos pelo choque do exotismo de origem, e nem Amadeo, com a quase nobreza que concede um direito ao cosmopolitismo, resistia ao repto. Surgia na esplanada do Select, mais ativo do que nunca, envergando uma capa de honras, carreando um álbum de croquis, deslocando-se em ritmo quase processional. Poucos lhe tributavam a atenção que pretendia atrair, mas os que a tal se

prestavam escolhiam um interesse desvelado que o lisonjeava mas que parecia temer. Fatigado da encenação, acomodava-se no atelier ordenadíssimo, sentava-se na chaise-longue vestindo sempre a capa de honras, passando em revista os esboços do álbum; cõscio de uma qualidade superior. Não o amavam, por isso, os compatriotas, relapsos em lhe admitirem a excelência de classe, prontos a confundi-la com certa francesia de fresca data. Nem sequer os nativos o encaravam com franqueza, reticentes quanto ao que julgavam um tipismo sem criatividade, subscrito por um todo austero com que era difícil simpatizar. Paris mais e mais se lhe distanciava das coutadas de Manhufe, se corrompia numa cidade enorme onde à sinceridade repugnava matricular-se. Havia a sua arte, é certo, que dela apenas se esperava a cura, mas era pouco para quem ardia no cio de si mesmo, aspirava a deixar no vale de lágrimas não apenas o padrão do que realizara, mas esse outro, inerigível, da essência que era. Sobrava-lhe o império, expediente de que se socorria no amestrar do medo, trazendo-o a serviços para que era fraca a vontade. Daí que também se lhe volvesse fatal o vício das expedições cinegéticas do amor. Eram as presas como essas corças, essas lebres, esses patos que representava, esgueirando-se ou voando muito para além do alcance da carabina, próximos todavia e sempre capturáveis. Pagava bem o esforço apostar no jogo, participar nele como galgo ou garanhão, notificar-se para a audiência de julgamento que dele viriam a realizar. E as raparigas eram muitas, andavam sem dono pelos boulevards, fazendo reflectir a permanente no vidro das vitrinas, devorando à gargalhada mancheias de amendoim torrado. Nem sequer urgia soltarem-no de suas obrigações, no meio desses bandos com muito mais curiosidade do que fome de homem. Era possível abalançar-se até elas, mantendo no entretanto o asseio do estúdio, o horário do trabalho, a minuciosa e pontual correspondência com parentes e amigos. E no amor se esmerava, com a mesma e sobranceira discrição com que se entregava à lavagem das trinchas.

Ao nomear a «colónia portuguesa», não podia reprimir um esgar. Essa comunidade, doentiamente trucidada pela ânsia de se apagar, era de algo como de elementos de sua guarda pretoriana que se formava. Perante Amadeo, que queria em verdade dizer cada um desses lusíadas, ainda quando a genialidade ou uma furtiva glóriola os bafejava? Diogo de Macedo, que particulariza tê-lo apenas abordado por entre «cerimónias de compatriotas no exílio», acha-o pedante. E Mário de Sá-Carneiro insulta-o de blagueur e snob. Os outros, ou alguns dentre eles, tomam-no por um contente, um videiro, um depreciador de tutti quanti. Nestes se há-de inserir por certo Francisco Smith, indigente do louvor do camarada de partida, sempre inclinado a ceder para evitar a confrontação. Mas, ainda frente a outros, se sagrará Amadeo estátua de poucas falas que se não deixará derrubar. Eduardo Viana, em Paris desembarcado com Manuel Jardim e Manuel Bentes, quando Amadeo já por lá andava, lobrigará no de Manhufe o aliado ideal pela força e pela ferocidade, o que sempre reverte a favor de projectos comuns. E eis que haverão de ascender a esse manuseamento dos mesmos quadros, manobra já não só denunciante de convivência, sintomática de promiscuidades que a índole de ambos frontalmente repelirá. Bentes, «o Maldito», como dele diziam, caberá num retrato a carvão, de rosto cinzelado por essa luminosidade meridional que é a recuperação do sol pelas trevas, dedilhando a guitarra portuguesa. José Pacheko,

que com Amadeo viria a coabitar a tebaida, insinuará na vida dos lusitanos da Cité um focinho de toupeira audaz, fremente de iniciativa e de proselitismo empreendedor. E Armando Basto? Arrastará o espectro de Columbano, com Carlos Franco, António de Azevedo, Alberto Cardoso, José Bragança, outros.

Destes povoados parisienses, que tinham muito de ghetto ou de estufa ou de reserva de espécies ameaçadas, ficou-nos o registo bem-humorado, não o portulano das estações da angústia. Com as guerras feitas e historiadas, deles se falará em uma outra dimensão, sem esquecer que a época, desde logo, com suas loucuras amáveis, se diria denegar os sentimentos macambúzios. Amedeo Modigliani vinha curvar-se ante o Balzac de Rodin, mirado à distância pela cambada da Rotonde e por Libion, seu patrão. Aquele mundo de comportamentos pessoalíssimos alcandorava-se em monstruosa fantasmagoria, e era um pesadelo que houvesse acometido os quarteirões quando as coisas deixavam de ter sentido. Pascin matava-se numa viela traseira, sordidamente se descontrolando ao lancetar-se à lâmina. Rivera alardeava sua colecção de preservativos, com Soutine à ilharga combinando com uma prostituta uma entrevista sempre protelada. Mas, nesse universo de silhuetas de arame, sustentadas de um suspiro ou de um gesto, era a beleza que contava como capital único. Souza-Cardoso percebia-o,

Modigliani ainda melhor. Daí que só a morte lhes sobrasse em realização, indagada num caso, deparada no outro, como se nada estivesse desde o princípio contado, pesado e medido qual no banquete de Nabucodonosor. Onde, pois, desembocariam as ruelas de Montparnasse, pelo gás aclaradas ou, Primavera nascida, por um ramallete de violetas? Nos homens desembocariam, em sua noite cerrada, após desvarios, abusos, descaminhos da corda trilhada até à vitória. E, uma vez interrompido o pulsar dos corações, logo Paris se expandiria, translúcida e despida, em seus frontões e pilastras, suas arcadas e praças, toda retalhada de ligeiríssimas nuvens.

Era o belo italiano de Livorno fabricado desse instinto pletórico da mulher que, inextinguível nas radículas e na floração, não renega outros estilos de afago. Os companheiros, por isso, constituíam-lhe inalienável campo de exercícios, a amizade se inscrevendo na linha número um de sua contabilidade afectiva. Sujeito a alternativas de tudo ou nada, não seria Modigliani capaz de agir de diversa maneira, ou de sentir, o que vale o mesmo para os demónios de que estava possuído. O fato de bombazina puída, apurado até o desalinho, o peito que dizem marmóreo mas se adivinha entenebrecido, às amigas da noite o faziam vulnerável, aos camaradas de todas as horas.

Metodicamente labutava, sem paixão nem pressa, com a exasperação tão-só de quem não reconhece na pujança do próprio corpo efeméride a festejar. Configurava a acção como intérmimo teorema, progressão de pedra sobre pedra, vendo-se em tal da fibra dos grandes construtores. Nada desses prodígios de acaso, dessa entrega a ninfas e harpias que caracteriza a lenda dos malvados. O seu era o ofício dos misantropos que disso se não lastimam, dos que no deserto descortinam a legítima circunstância de seu respirar. Recordava-se de pertencer a uma pátria onde, de tudo quanto pode levantar

um homem, é a persistência aquilo que menos se perdoa. E, com essa fúria de se posicionar adverso ao Mundo, na persistência professava, a ela, muito mais do que aos artigos que pudesse obter, sacrificando os alimentos terrestres. Haviam-no contemplado os deuses com um par de olhos minérios e abissais, outro de mãos a que as mulheres gostavam de abandonar os seios. Mas nem só nisso jogava e se jogava, ciente de que os anos a vir lhe pagariam, com indefectível generosidade, os dividendos respectivos.

É a vantagem em fazer conjugar a reverência aos manes com a insubmissão e a inventiva que o leva a descrever-se em cartas à Mãe, a decompor-se ao próprio julgamento, filho do passado e do futuro, pai enfim de si mesmo: «Paris – 908. Minha querida Mãe: o dia em que tenho notícias suas é um dia de íntima festa para mim – conversei com a minha Maman, aquela que sofre comigo as dores, que partilha as felicidades, que se interessa por tudo que me diz respeito, a que mais me ama por todas as coisas, acima de todas as coisas. Eu não andei mal do espírito, contrariamente, atravessei uma fase sublime. Enfim, são coisas de artistas, que agora não vou explicar. É certo que sinto saudades, dos meus, da primavera do meu país, do próximo dia de páscoa com o compasso encantador, etc. Mas tudo isso, na frase do tio Chico, “até dá poesia à Vida”. A saudade não é uma dor, é uma magoa, uma melancolia. Hoje também recebi uma carta do tio Chico; espero-o ansiosamente, como se espera um companheiro raro com quem se reparte a nossa vida d’arte. Sim, porque a arte é a única forma de vida superior, só para certos espíritos, inacessível à burguesia. A Maman sabe o que é a burguesia? Sabe, sim. É a geral sociedade, essa que vive animalmente, isto é, aquela em que os sentimentos animais é tudo e os espirituais nada. É uma sociedade de alma animal. Há também bons burguezes, porque a alma animal também pode ser altamente virtuosa, mas nunca superior. Ora o tio Chico é uma alma superior. Voilà tout.»

Santa Eufrásia de Goivos, Terça-feira, 30 de Setembro de 1980. Comentemos a época que vai. Dá a janela, à esquerda, para a luz outonal de finura. Vêem-se as ramas de tanta árvore, do amarelo e do roxo e do vermelho-vinho dos carvalhos ao pálido ouro dos plátanos. Nas imediações da casa tomam-se as vides ferrugentas, com folhas que tombam carbonizadas na terra húmida que vai endurecendo. E as espigas que não foram colhidas pendem desistentes entre o restolho baço. Aqui dentro é outra cadência, tábuas que estalam, ratos correndo pelo forro onde as aranhas suspenderam véus sobre véus de teias tecidas, pranchas do sótão revestidas de castanhas brilhantes e lisas. Lucinda gira pé ante pé, espreita por frestas e fechaduras, bebe às escondas copinhos de aguardente. Irrita-se Papi com este Amadeo que não assume forma, fá-lo como quem desespera dos incómodos de uma úlcera. Gasta manhãs e manhãs com folhas volantes de tamanho A4, que vai sujando a marcador negro, em letra nutrida e esbodegada. E, ao fim desse período que se atribui, chama por mim, arruma o material, volta a cadeira na minha direcção, enfia os óculos de aros de tartaruga no bolso de peito do casaco de tweed, retém-me em cavaqueiras de tudo, de nada.

Já nessa época, nas cantinas das estações peninsulares, sobretudo se era Verão, as

moscas aterravam nos queques paleontológicos, apesar de resguardados pelo mosquito de vidraças besuntadas. As malas atulhavam-se pelas salas de espera, grassavam pelo ladrilho os invólucros amarfanhados. Era indispensável atravessar o bodum das sentinas esventradas, a urdidura das linhas onde as vigas estalavam ao sol, a bruteza dos montículos de cascalho chispante, até se deparar com um compartimento mais ou menos fresco. Mas assim já não era em Dezembro, tempo de visitar o país de origem. Regressado de Manhufe, das férias do Natal de mil novecentos e nove, Amadeo efectuará o seu baptismo da pintura. E aqui se bifurcam os itinerários dos comparsas homónimos. Modigliani, que só no Estio seguinte reentrará de Livorno para onde partirá no mesmo Natal de mil novecentos e nove, empreenderá a fase mais embriagante de sua expedição lunar: O acanhado atelier da Cité Falguière tremulará todas as noites iluminado por dezenas de velas, pelas paredes estampando a silhueta das esculturas terrosas. A própria concierge lhas haverá de vender, na operação apurando um proveito digno bastante, em seu entendimento, para escusar a devoção maternal pelos hóspedes mais complexos. Assaltará o grande meridional, a partir de então e sempre de cintura espartilhada num lenço cigano, as pedreiras dos edifícios em construção, à cata desse calcário poroso que deixa um toque lembrado na ponta da língua. E as cabeças esculpidas haverão de passar, instantaneamente, da sábia tranquilidade amável das Korés à inexpressão de atonia e susto e concentrada dor das Cariátides. Os ídolos implacáveis quedar-se-ão, na inamovível determinação de sua fereza pesadona e auto-suficiente, com um povo inteiro fervilhando na base, dedicando a oferenda ou executando a dança. Adormecerão e acordarão os da Cité Falguière ao som do cinzel, e não tardará que os monólitos extravasem para o pátio, ali fiquem entre as ervas, formando uma irmandade olímpica que Modigliani abraçará quando borracho, entre risos e soluços, apostrofando todos na ânsia da chama que tudo alumia.

Em seu estúdio permanece o português, mantendo sobre as actividades que desenvolve um sigilo de negociante, pondo à prova uma ideia que só aprovada adoptará. Refrescado nas reminiscências da visita recente, vislumbra a Casa de Manhufe agigantada na vegetação aguda, uma feira excêntrica, criaturas ágeis riscando a terra. Há então casais corridos por arvoredos, manchas de verde que descansam para que se estendam de alto a baixo as mortalhas da calíça. E a folhagem se destaca num vapor muito denso, mas não é de impressão que se trata, do concreto apenas do conceito dela. Acrescentam-se corgos de frescura por onde se passa rebentado de lidas, e é uma espessa tonalidade formando um depósito no fundo do ouvido. Em tal cegueira de direcções, tudo é possível. E sobre si mesmas se fecham as cores, incansáveis ventarolas.

Santa Eufrásia de Goivos, Quarta-feira, 1 de Outubro de 1980. Dirão os tentados pelo lazer que muito culpado deverá julgar-se este sobrinho, debruçado sobre um tio escriba, engelhado nas pregas de um diálogo sem saída, aristocrata na penúria, falhado erudito, diletante sem conta no banco. Os calendários desplumam-se sobre a quinta noroestina, a população transpõe fronteiras, todos os anos um novo rombo deixa coar as chuvas. Por vezes, sem apetite de leituras, tomo o atalho da cerca. E assim foi ontem, com esse tule que já se não sabe se é de fumos ou nevoeiros. Deixara a casa

para trás, mostrego ou caravela na paisagem inerte, quase mergulhada na escuridão. E, ao atingir a clareira, eis que pressinto o ar imóvel, uma estrela gelada no céu ainda claro. E logo vejo, esparsos, como que de joelhos, para além do silvado onde me oculto, vultos sobre si enovelados e quietos, reunidos em torno da ara de granito. São os filhos do caseiro, e à frente deles Gabriel, depondo um ramo de tojo aos pés do bloco de pedra sobre que se entroniza, imenso e ressequido, o cadáver de um sapo mumificado por calores e nevões, soberano sem coroa a quem rendessem preto. Demoro-me entre pânico e doçura, com a Lua Cheia subindo apesar das névoas. É a morte, eterna e única eternidade, que vem assentar-se por entre as crianças, ungindo-as sacerdotes de seu culto, infantes-ministros ignorantes daquilo que celebram.

Em mil novecentos e onze, Amadeo de Souza-Cardoso cede o seu estúdio à primeira exposição, que é de escultura, de Amedeo Modigliani. Os aposentos da Rue du Colonel Combes funcionam assim como albergaria que o cavaleiro presumivelmente paternal, mais novo afinal de três anos, põe ao dispor do vagabundo mitológico. Isto, se não denuncia as simpatias do português pelo trabalho escultórico, patenteia um intuito patrocínante a que vai mesclada a exibição do próprio exemplo. As duas naturezas latinas não haviam nascido para o choque, à primeira evidência inevitável, por entre elas se distribuir em partes iguais a proa e a contundência. Mas na circunstância de serem ambos rebentos privilegiados de uma linhagem, beneficiários incontestados da beleza do físico, apoiariam a plataforma da parlamentação. Se o público feminino das academias, repartido entre filhas-família, midinettes e gatas tresmalhadas, lhes tornava notória a admiração pelas proporções, fixando-se mais sobre o ingresso de ambos ou cada um deles que sobre os particulares do modelo nu, era porque neles existiam coincidências que não apenas a do onomástico. Amedeo Modigliani expõe suas divindades impávidas no atelier do amigo, as salas ficam desertas de visitantes, de tudo tão-somente sobejando um indício curioso para os biógrafos a haver. Mas os dois se ligam ainda por isso que é a insaciedade da canseira despendida, a partir dela firmando um ajuste de armistício e combate com vista a futuras campanhas gloriosas. Para Modigliani, obter-se-ão estas ainda em vida, que mais não seja na consecução de uma lenda. Para Souza-Cardoso, nem na morte e aqui, que só na apoteose da inquebrantável determinação.

Dos vários modelos de reconciliação, a frequência da cozinha de uma casa será por certo o mais antigo e o mais conseguido. Reconhecerá isto Amadeo quando pinta a «Cozinha da Casa de Manhufe», nesse calor de evocados convívios, solilóquios a que o lume crepitante faz companhia, presentificando gerações que vêm aconchegar o corpo dos viventes, dando ao diário fluir um gosto de coisa perfeita que se nos insere na pele. O ocre terno do reboco, que o castanho húmido das madeiras povoa de uma confiança temperada de seriedade, a negra crosta dos potes de três pés, onde se confeccionam riquíssimas substâncias ora gomosas ora enxutas, ora papudas ora rechinantes de gordura que a si mesma rapidamente se come, tudo faz parte dessa geografia vital. A cancela ficou aberta para as escadas de fora, e bem assim se ergueu a ventara, pois que estamos no São Miguel e na cozinha se abafa. Até quem cabeceia no trasfogueiro, ascende o cheiro do mosto e o hausto do saibro dos caminhos, em cujas

margens as amoras se toldam de um sudário pulverulento. A cozinha de Manhufe é lugar de trempes e covilhetes de banha, espetos e alguidares onde o sangue suíno paulatinamente coagula sob a elástica película, as carnes salgadas se desfazem da enxúndia gelatinosa que implora o corte do vinho. O sol, então, acalenta ou doira. Estamos no ano de mil novecentos e treze, a cozinha é do homem e o homem dela, que mais falta para que a obra se cumpra?

Santa Eufrásia de Goivos, Sexta-feira, 10 de Outubro de 1980. Assisto Papi nos preparativos da ida a Paris. Sobre a mesa acumula alguns itens menores, horários e credenciais, endereços e guias, listas de livros a consultar. Percebo que lhe desagrada a curiosidade que revelo, ronda-me de longe, fungando, assoando-se com ruído para que lhe sinta a presença. Continuo a brincadeira com renovada energia, forço a atenção, afecto uma disposição alegre e leviana que sei molestá-lo a sério. Desiste, por fim.

A epiderme das faces, mas sobretudo a dos lábios, participava dessa amenidade de pétala de cera que apenas se dá em certos climas. Lúcia era uma rapariga muito bela, sem rebuço o diziam, por tal se entendendo não o respeito de um cânone mas uma posição entre as criaturas. Que poderia, de resto, compreender na idade que tinha? O Mundo, o Demónio e a Carne desfilavam-lhe à vista, nesse cruzamento dos Boulevards Montparnasse e Raspail, e fazia-se tempo de eleger o seu trono. Não faltaria, aliás, quem lho propusesse, por vários indícios e a troco de preços diversos. A loja da Mãe, uma pequena creperie, não lhe exaurindo a compleição só na aparência delicada, algum cuidado todavia lhe pediria. Os peraltas flanantes, tocando ao vê-la a aba do chapéu ou, quando temperamentais, puxando rente à garganta a gola dos capotes, eram-lhe ainda trecho do espectáculo geral. Só Amadeo de há muito ela divisara e, se lhe atraía a atenção, fora só para tê-lo até ao fim. Desconheceria, pobre sereia, que sabendo-se alvo de um interesse obcecado, jurara o pintor conquistá-la a um interlocutor que a inculcara intransponível. Eram as noites da Coupole, vizinha da loja maternal, um rodopio interminável, com as luzes batendo nos fustes triangulares que uma imaginação divertida decorara com uma chusma de excêntricos coloridos e espantosos, ridículos de obesidade e esquisitice. As conchas de ostra alagavam os passeios, não raro os bombeiros irrompiam entre sirenes e basbaques, com seus capacetes doirados onde os plátanos da avenida se espelhavam, acorrendo a um rebate falso. Evadia-se a corja completa, às tantas da manhã, para a relva do Jardim do Luxemburgo, a dois passos dali, e Lúcia tinha já consignada a entrevista com as Parcas.

Barca, Quarta-feira, 22 de Outubro de 1980. Aqui estou, nesta outra casa clara por fora e escura por dentro, tentando apanhar, a conselho e requerimento de Papi, um empréstimo mais da Prima Velha, oficialmente destinado à recuperação da capela, de facto designado para outros sonhos mansos, arquitecturas do vício já nem sequer secreto. Com as chuvas que caíram, os animais recolhidos, a lenha a estalejar, os interiores atingiram uma certa imponderabilidade. Os criados eclipsaram-se, só de longe nos chega uma voz exaltada ou um tinir de louças. Com que ideias nos despacham estes parentes, sornas e rebentados de comezainas, aqui atracados há sete

gerações? E como nos encaram os vizinhos da quinta, cultivando seus cedros exóticos, embarcando num plano de aviários, desconsolados em seu vazio de finalidade? Vêm-se às vezes na vila, confraternizando com amigos citadinos, ou na missa, ainda, colocando o óbolo que lhes valha o obséquio já só honorário do pároco. Papi, quando o deixei, falava da datação dos trabalhos, insistindo no benefício que para o criador de um herói sempre advém de poder impor uma estrutura ao desalinho. «Que será a cronologia, meu caro», perguntava, «senão reconhecimento do tempo privado?». E na interrogação esfíngica me voltava as costas, sorrindo.

Lúcia era também uma estrangeira, assimilada no entanto à euforia do Boulevard Montparnasse, onde os próprios pardais crepitavam nas noites de sábado, noctívagos do ar crespo do Outono avançado, que aos transeuntes arrancava minúsculas lágrimas de bonomia. Da loja de sua mãe, onde se vendiam dessas delicadezas que preenchem a ociosidade muito mais do que o palato, escrutinava ela o latejar da rua, com o desejo incontrollável de nele se precipitar. A Mãe era uma italiana afeita já ao bairro, convicta da impossibilidade de preservar a pureza da rapariga, tão diferente dessas beatas de seu país natal, que sempre acabavam por murchar num pequeno fardo de ossos revestido de pele e de gaze, protegido por uma lâmina cristalina que serve de frontal a um altar. Parecia Lúcia vocacionada para uma paixão missionária, que é justamente a das enamoradas que sacrificam uma carreira à apoteose do macho venerado. Esta jovem de dupla nacionalidade, pelo menos na articulação da coquetterie com um gosto que se não deixa inquinar pela moda, irá adoptar a arte como condição invejável e honesta. Afastada dos círculos fechados, que tão rápido se fundam como se reconvertem, manterá teimosamente o ter estado inscrita neles, nem sequer se inibindo ante a violentação da verdade, conquanto defender o prestígio do marido defunto pressuponha domar-lhe os passos da vida. Mas, no tempo de que curamos, ou seja, naquele em que Amadeo a vê pela primeira vez, será ela uma fragilidade com uma pitada de histeria, inacessível por ter concluído ser esse o mais libidinoso e gratificante estilo de se entregar. De há muito que notava o olhar larguíssimo e penugento, que já se descreveu mas agora se precisa negro e molhado, de hulha ao fundo de galeria ou de veludo de pompa fúnebre sobre o qual se derramasse um vaso de magnólias. É duvidoso que de há muito tivesse ele reparado nela, algo saturado do apetite feminino, indiferente aos juncos quebradiços que lhe não excitavam a febre de dominar. Tê-la-ia visto sem considerar mais nada, nessa tenda à beira da Coupole, sem sequer se divertir com a presa rodeada de um certo clarão de intangibilidade, no que porventura estaria a promessa de uma caçada electrizante. Derrubada, logo entre ambos se estabeleceria esse pacto dos que, pela beleza ou pela inteligência, vogam acima dos comentários de seus iguais e das insolências de seus inferiores. Datam daqui as bodas. O resto será para ele um lençol amarrotado, compromisso mais ou menos honrado para que a sobrevivência se viabilize.

É ainda a preocupação de arrumo no atelier, que não só a delimitação do palco de seu trabalho, o que conduz Amadeo a internar Lúcia no estúdio do amigo Francisco Smith. Assim se logram os entretenimentos sem balbúrdia nem batalha, se saboreiam os frutos sem macular os tapetes com suas cascas e sucos. A oficina conserva-se

imaculada da curiosidade e dos caprichos dessa garota, de sua risota com certeza ainda involuntária, do estouvamento natural de seus dedos por adestrar. Mas há outro factor na base da decisão, a oportunidade de incluir o amigo nas relações do par, que só assim se neutralizam as tensões insuportáveis, se injecta no amor o elixir da imortalidade começada para além do abraço dos amantes. Lúcia é, em completa ingenuidade, o bosque a que se vai recobrar forças e fazer a aguada das pugnas existenciais, donde se volta a largar olvidado, refrescado e sereno. E Francisco Smith aí está, panorama de fundo onde se reclina a turbulência dos sentidos inexplicados, carta de alforria que assegura o direito ao gozo da liberdade. Há-de sentir-se intimidada essa mulher, numa esfera onde tudo tem explicação, interior de largos espaços de verniz branco, diálogos em que se poupa o uso de adjectivos. Mostrar-lhe-ão que o silêncio é de oiro, excepto quando uma doidice vadia e luminosa se apodera de certos seres, caso em que é preciso ampará-los no acolher dos espíritos de que se acham possessos. Assim era na vila de Amarante e seus arredores, com uma economia gizada para a utilização qualitativa do talento e da frugalidade. O Diabo e a Diaba, negros de piche, escapavam-se sazonalmente de suas grutas oleosas que os tições acendiam de um bronze avermelhado. Saracoteavam-se pelas ruas, a todos se pedindo que os seguissem em cortejo, para que pudessem voltar enfim a suas furnas secretas, os trabalhos e os dias se retomassem com acerto.

De entre os poucos perante quem Amadeo convocará a bravura bastante a solicitar um favor susceptível de intoxicar o quotidiano, desmanchando a harmonia de uma camaradagem, só Francisco Smith reunirá os requisitos imprescindíveis. É um tímido, para quem a manifestação da lealdade se salda mais vezes em fraqueza que em voluntariedade da sua parte. Daí que o ter emprestado o atelier, para albergar a amiguinha do colega, o haja presumivelmente inquietado, desencadeando sucessivos e surdos ajustamentos consigo mesmo, abalando a paz de um convívio que sempre considerara a coberto de tais tempestades. Mas é, ainda aqui, a astúcia do amarantino que intervém, habilidoso no assentar o cunhal certo no momento certo, avaliando escrupulosamente as perdas e os danos, só depois se abalançando ao convénio. Nesse triângulo, em que um Cupido guardião de amores alheios dá o tom, um homem como Smith, claramente destituído da disposição chocarreira e furtiva dos mediadores de tais coisas, realiza um polígono somado por Amadeo à geometria do Universo. E configura ainda uma ciência, inaugurada por alguém que tudo planeava no contexto da verificação da ocorrência das leis.

Barca, Sábado, 25 de Outubro de 1980. Derrubaram o grande pinheiro mediterrânico, em torno do qual a Avó vinha ao terreiro rezar o terço das Trindades. Não houve machadada capaz de lhe destruir o pé, que por aí ficou como patíbulo ou oratório, perpetuando uma era da família. Dir-se-ia que Papi se interessa mais, ultimamente, por me relatar os andaimos de seu livro que os sucessos da vida de Amadeo. Ainda há pouco mencionava o velho professor de Salamanca, retirado agora em Compostela, que lhe remete dados sobre o catalão Anglada Camarasa, anexos a um curto rol de bibliografia. Refere ainda contactos com o Art Instituto of Chicago, que por quinze dólares se prontifica a fornecer-lhe reproduções a preto e branco das três

peças do pintor por lá existentes, «Marien: Pont l'Abbé», «O Salto do Coelho» e «A Fortaleza».

Santa Eufrásia de Goivos, Segunda-feira, 27 de Outubro de 1980. Colecciono dados para a descrição da porta sul da capela. No meio da desorientação reinante na análise do tímpano, de que modo agrupar ideias novas? Um vento fortíssimo veio hoje salpicar as vidraças de uma chuva rala. Através delas distingo duas pombas abrigadas numa cornija sob o beiral, o candeeiro aceso na sala onde Papi trabalha. Cada vez mais o desconheço, tomando lugar à sua frente à hora das refeições, servindo-o de vinho, passando-lhe o pão e o sal, escutando-lhe a infinita confiança. Lembro-me de, muito criança, entrar com a Mãe no consultório onde Papi por então ainda exercia clínica, com seu Bechstein de teclado à vista, suas tanagras, seus livros encadernados a marroquim. Os burgueses, soube-o depois, troçavam quando aparecia ao fim da tarde, na pérgula junto à meia-laranja, passeando dois galgos, de «Mercure de France» debaixo do braço. Ainda hoje, se bem que esquecido, lhe atribuem alguma lenda, sublinhada por certo piscar de olhos que desculpa a infracção. Num Outono assim, Álvaro, Clara e eu, deixámos o carro na estrada, descemos até ao mar por entre um nevoeiro de algas e areias. Subimos ao café depois, bebemos chocolate quente. E foi como se o fio do pensamento, em cada um de nós procedendo em direcções contraditórias, de repente se concatenasse, indetível, uno.

Anualmente, a partir de mil novecentos e nove, Sergei Diaghilev e a sua trupe apeavam-se em Paris, fazendo deflagrar um humor gentilíssimo entre os desavindos, nem todos habilitados a pagar o bilhete de ingresso ao Théâtre du Chatelet. Eram de suprema frescura as cores que os eslavos traziam, tagarelando pela Rue de Rivoli, reanimando a dietética do amor que se julgara extinta pela reforma das derradeiras dançarinas de can-can, improvisando numa ceia do restaurante da esquina o sucesso do «Spectre de la Rose» ou de «L'Après-Midi d'un Faune». De toda a tournée ficava uma saudade a que se encostava o coração, feita do aroma persistente do talco, do fervilhar brando do champagne, do paladar arranhante das laranjas geladas que se desfaziam em gomos enormes, anémonas que se desfolhassem sobre o vermelho dos tamboretos de camarim. Uma metodologia de estudo grupal, onde a iniciativa de cada um se despistava no contínuo serviço da companhia, repugnaria a Amadeo que, com indisfarçada inveja a que se casava um fastio de recepções e beberetes, veria esses plásticos da dança como títeres na mão do fantástico empresário. Nijinsky era um mito algo fruste, romântico príncipe da loucura de Deus, desembarcado num planeta onde os adoradores da máquina robusteciam seu hino. E nele espetaria Amadeo um certo desdém, nesses termos despedindo o que duvidava não passasse do folclore de uma elite de excelsos da vida feérica que, circunvagando o olhar pela sala de espectáculos e constatando a ausência de quem tinham por rigorosamente de sua igualha, se limitavam a lastimar em tom audível «il n'y a personne». Essa gala de cortinas garridas, gestos que pela primeira vez se consagravam, letargias e gritos, tinha a seu ver uma carga de genitalidade que a esvaziava de toda a luxúria. O excesso de plumas e lantejoulas, um tal desenho de caixa de bombons que depreendia dos figurinos de Léon Bakst, deixavam-no sempre à distância. Os bailados russos diziam adeus à

cidade, todos falavam daquilo que fora como que o aniversário natalício de uma criança mimada, e logo os mais sérios retornavam a seu absinto e a seu mutismo. A este, sobretudo, se recolhia o manhufense, a seus projectos escalonados, à enunciação euclidiana de seus objectos e cromatismos.

Santa Eufrásia de Goivos, Sábado, 8 de Novembro de 1980. Papi desanda finalmente em direcção a Paris, por entre alguns endereços de última hora, duas ou três difusas recomendações. Pergunto-lhe se Novembro será mês para quejandas empresas, e quase não replica, marcando uma passagem do horário como se a viagem fosse aos cumes do Cáucaso, pressurosamente recontando algumas notas de franco. Ajudo-o no transporte da bagagem, fixando-lhe à pressa etiquetas com o nome e a residência que eu próprio preenchi. Fico acenando do alto da escada, com os filhos do caseiro farejando sorratamente através dos arbustos, parado o carro de caixote que vinham puxando por um barbante. Fecho-me na sala, ateio o fogo, dormito sobre as páginas do *Jean Santeuil* interrompido.

A triangulação em que vai metido Amadeo, com o inefável Francisco Smith interpretando um papel de chichisbêu para que provavelmente se não via talhado, de novo vem conturbar o quadriculado imposto à vida. Por maior cautela que pusesse na ordenação das visitas e no divórcio entre o trabalho e os sentidos, sempre com pessoas ia embater, com sua caótica qualidade tecida de surpresa. Não que Lúcia acusasse a mínima pecha no conformar-se àquela espécie de conventualidade modernista. Feita para a submissão ao seu eleito, com a parca transparência resultante da ignorância dos grandes signos, dar-se-ia sem receio, e até com entusiasmo, derivando da consciência de dependência a energia para se ir aos poucos edificando mulher. Entre compaixão pela moça e tácita apologia dos direitos másculos oscilaria, já o vimos, Francisco Smith. A brisa corria a direito pelas grandes avenidas, eram os ensaios da Primavera. Os que chegavam às esplanadas incontinentemente se desproviavam dos abafos, que só um tique de muitas semanas os obrigara a trazer. Sobre o tampo das mesas redondas, iam-se depositando essas cervejas espumantes que retêm ao ar livre um sabor indistinto das folhas que rompem. A guerra pressentida era só por enquanto enervamento e estímulo, nela se acreditando como na pedra filosofal, a gula de existir se confundindo com um empenho confessado no advento da catástrofe.

A vigilante solicitude que de Paris lança à família alastra à região que a envolve, costumes cerzidos num manto de nostalgia logo jugulada pela vontade. É a rotina das calendas portuguesas, com as fainas agrícolas a que os pais e os irmãos presidem, as carnavalescas vindas ao Porto do clã justificadas pelos festejos do Clube Fenianos, o êxodo estival para Espinho, princípio e fim de tudo, da biografia e do ensaio e do romance de Amadeo. «Minha querida Helena: Venho apressadamente responder à tua carta. Nada me agradou a notícia de que estava por aí tudo adoentado; a influenza em pessoas novas não passa d'uma doença que precisa de cuidados, mas sem gravidade; ora, em pessoas já duma certa idade torna-se bastante séria. Sim, a influenza é uma porta aberta para outras doenças, das quaes a peor é a tuberculose. Estou a odiar esse Carnaval; lá que elle faça diabruras, vá; mas que adoeça as pessoas, isso nunca. Pelo

que vejo, vae-se ao Carnaval do Porto e traz-se, como recordação, dores de cabeça, gripes e outras atrocidades; irra, é preciso acabar com os fenianos! Ainda não tive a visita da tua correspondente, mas podes mandar-me a sua direcção com um pequeno pretexto de visita, que eu irei a casa della. Então tendes *visita-alegre* para a Paschoa; diverti-vos a valer, quem leva o Mundo a sério não passa dum idiota. De que serve a tristeza, de que servem preconceitos? é uma tolice; nada lucramos, tudo perdemos. Deve-se ser alegre, mas duma alegria sã, sem medo, que desafie até. A respeito do “Sarrasin” ainda não encontrei e pouco procurei. Não calculas as maçadas que continuamente me chegam de Portugal. A não ser as cartas da família, todas as outras são de pedidos absurdos; cuidam que a gente vem a França para fazer encomendas. E mais: pedem coisas sobre coisas e de dinheiro – estás a ver! Isto não é por causa da encomenda do Aurelio, que nada tem de maçador – mandar-lha-ei por estes dias. O Eurico Pousada escreveu-me, dizendo que vos tinha pedido as cartas de Flaubert, creio que estão no Ribeiro, podeis enviar-lhas. A Mamã e o Papá vão bem? o papá recebeu uma lendaria encomenda? Adeus, estou com pressa. Abraça todos por mim. Para ti muitos beijos do teu do coração Amadeo.»

Jean Santeuil toca em Pont-l’Abbé, ou é Marcel Proust quem toca, a páginas trezentas e setenta e quatro da edição da *Pléiade*, em direcção a uma tempestade marítima. Vão atados por cordas, para que o vento os não vire, o narrador e seus dois companheiros, rumo às planícies a perder de vista que antecedem Penmarch e se situam a nível inferior ao mar. Daí que a borrasca lhes traga, ao encontro da marcha, grandes flocos de espuma amarelada, com seixos e farrapos de sargaço. Outra é a atmosfera reposta por Amadeo, e de uma narrativa se trata, durante a estada que efectua na Normandia em mil novecentos e onze. É uma costa tão bárbara que implica os baluartes defensivos, agrestes e sempre alerta, feitos para serem palmilhados por uma mulher de toucado que de longe vem perscrutar o retorno de um vassalo partido para as Cruzadas. Os barcos adornam acostados aos paredões, confundem-se no casario dos pescadores, alguns baloiçam no movimento das ondas que por estas paragens são sempre irrequietas. Há porém avenidas rasgadas para os poucos veraneantes que preferem este litoral, com seu horizonte de dunas altas, ao do sul, bem mais cediço e inconsequente. É no entanto de Amadeo de Souza-Cardoso que se ocupa este livro, de sua obra e da evolução que vai sofrendo, de como lida com riscos e massas até chegar aonde por momentos se julga ter chegado, lugar todavia a que nunca se chega. E nada nos custa a crer se visse completo ao terminar o seu óleo, como se houvesse deposto os últimos toques de pincel sobre a vida, tão complexa e tão cheia de vozes. E aquele trecho naval de Pont-l’Abbé para sempre deixará de ser o que fora, num género de catecismo se transmutando, agora que o nosso pintor ali houvera desaguado.

«O pai e a mãe de Julião habitavam um castelo no meio dos bosques, na encosta de uma colina. As quatro torres, nos ângulos, tinham telhados pontiagudos recobertos de escamas de chumbo, e a base dos muros apoiava-se nos blocos da rocha, que desciam abruptamente até ao fundo dos fossos. As pedras do pátio eram limpas como o lajedo de uma igreja. Compridas goteiras, representando dragões com a goela para baixo,

vomitavam a água das chuvas na cisterna; e na beira das janelas, em todos os andares, num vaso de barro pintado, desabrochava um basilico ou um heliotrópio.» Assim principia a *Lenda de São Julião, o Hospitaleiro*, de Gustave Flaubert. E não pode subsistir dúvida de que a crónica do santo gótico, despenhado numa vertigem de abate e predação, encetada como se vê em molde tão emblemático, haveria de siderar a fantasia nunca errante de Amadeo. Além disso, teria o condão de lhe acenar com uma terapêutica redentora, operando a catarse reclamada pelo arfar de um carácter dividido entre edificação e ruína. Julião é a gula do sangue vagaroso dos bichos, o pavor da orgia e da desmesura do ser, o recolhimento final à flama íntima. Na domesticação que realiza de seus instintos é que se identifica irmão das criaturas, liquidando a perversão de senhorio e os erros do diálogo que pratica. Quando Amadeo se decide a ilustrar o álbum da história de São Julião, já em seu espírito se lhe tinha aliado nos desígnios. O eremita exorcisma a tentação da posse para melhor se possuir, como o pintor que escalasse as fases de seu trabalho nos contínuos expedientes da captura da graça. Mas é imperioso que uma maldição venha interpor-se entre o ímpeto do corpo e a conversão à harmonia, o que só terminalmente alcançará.

Santa Eufrásia de Goivos, Terça-feira, 11 de Novembro de 1980. Paris, ao que Papi escreve, é-lhe nova revelação. Dir-se-ia achá-la um revivalismo do pior pitoresco, à Henri Murger. Dantes afirmava-se inimigo da cidade, apoucando-a em seus róseos de pastelaria, escusando-a tão-só enquanto apeadeiro da jornada para Londres. Desta feita exagera, os poentes, o mês de Novembro, o palor dulcíssimo «como a pele de certos pêssegos», mármore, buxos, a mornidão das crêperies nas ruas apinhadas de folhas e de gente. Álvaro telefona. Fala-me de um avô moribundo, de mais um cão vira-latas a que deu guarida. Mas voltemos a Papi. A Cité Falguière, explica ele, é ainda um cul-de-sac. Em lugar do velho catorze, com seus patins e barracões, existe agora um prédio banal de sete andares. Vêem-se restos de cenário de arrabalde, um único atelier sobejante, casas supinamente familiares, Citroëns estacionados.

Santa Eufrásia de Goivos, Sexta-feira, 14 de Novembro de 1980. Manda-me outra longa carta Papi, queixoso, menos decepcionado do que afectando sê-lo. Previne-me de que *Amadeo* cada vez mais ameaça ser romance, com os elementos que lhe subtraem os feudatários do artista, a viúva prometendo pulverizar-se entre os vagos pavilhões de um hospital ilocalizável. No modesto quarto de hotel, montando pacientemente o puzzle com as peças com que pode contar, impotente para se aventurar no definitivo destino do livro que redige, Papi inventa-se frustrado, envelhecido. Ilude-se informando de que os bistrot de Montparnasse, ontem de uma roda de compinchas, com preços reduzidíssimos porque corriam de boca em boca, une portion a sessenta sous e une demi-portion a vinte sous, capitularam perante o american-bar, os antros onde o exotismo não ultrapassou a indumentária dos criados de mesa.

Será então fiel dos domingos de Robert e Sonia Delaunay, deles retendo a peritagem de diferenciar as multímodas impressões individuais. Perante o seu silêncio, marcham os que se conduzem como se tudo fosse apenas passar a tarde, dizer que sim,

cozinhar o trocadilho. O mundanismo dos intelectuais, desamparados em sua arrasante avidez de um inverosímil carinho, pouca curiosidade lhe despertará. Português e minhoto, ostensivamente desinvestido da expectativa da glória, que no olhar imprime o brilho quase maníaco e nos lábios o ricto onde a perfídia se dilui na derrota, assimilará as tácticas. A receita para atrair a simpatia de um marchant, a displicente passividade de se colocar ante o convite para uma colectiva, a ciência de emprestar o lenço ou de deslaçar as fitas do embrulho de um presente, em tudo reflectindo a mais óbvia e todavia conspícua assinatura de qualidade, só isso o mobilizará. Receberão ao domingo os Delaunay, em seu número três da Rue dès Grands-Augustins, quiçá como quem espera superar tensões e contrastes do matrimónio. No ano de mil novecentos e treze, sem o mínimo prenúncio do que virá dismantelar a sociedade dos pioneiros, com Apollinaire de tal forma abarcando num amplexo seu futuro e o daqueles que o acolitam que é tudo quase risível de obscenidade, Paris ainda não arde. «Preferir a pureza», dirá o autor dos *Caligrammes*, «é baptizar o instinto, é humanizar a arte e divinizar a personalidade». Mas, logo, será incapaz de deter a premonição do que virá empanar-lhe a cabeça numa ligadura fatal. «A beleza, esse monstro, não é eterna», concluirá. O simultaneísmo dos esposos Delaunay, acaso consistindo menos na ocorrência de uma realidade do que na avançada de um nome, apenas estimulará em Amadeo o instinto da revelação pessoal. A intervenção no grupo, que nas naturezas mais delgadas se faz questão de subsistência, de bem pouco lhe servirá. Nunca os objectivos comuns haverão de lhe aclarar o percurso, o adoptá-los terá sempre algo da hipocrisia admissível entre quem nem a si mesmo se confessa de duplicidade. O facto é que estamos em Paris, em mil novecentos e treze. Sonia pinta o «Bal Bullier», com os pares evanescentes, perdidos e achados nos revérberos de um caleidoscópio. Uma remota embriaguez assalta esses bailarinos de chapéu enterrado, intensos na descrença do que vai acontecer. Depois será a hecatombe, com os mesmos desesperançados escorregando numa voragem de fumo e holofotes. Por enquanto, as mulheres congestionam as salas, de tailleur violeta e verde, a pequeníssima jaqueta deixando espreitar a blusa dividida em zonas de tons vivos, que vão do rosa-velho e do cor de tango ao azul Nattier e ao escarlata. Amadeo recheará os domingos com o número três da Rue des Grands-Augustins, fruidor treinado para aquilo a que vai assistir. Em verdade, acabará por desempenhar o papel dessas colunas sólidas e tranquilas, que há anos nos conhecem do foyer de um teatro, junto das quais confiamos o segredo ou recolhemos alvíssaras do amigo que se não vê há muito.

Há em «os Cavaleiros», de mil novecentos e treze, uma incoercível gana de continuar, vencendo o máximo de terreno. Ninguém calculará que rota trilham os viandantes, afogueados dessa dinâmica que reduz a meras promessas de vigor as suas figuras, disso retirando sua única essência. Será um rapto que ilustram, na vertigem encarnada e laranja? Ou os desastres da guerra, que apenas ao tropel que a enforma vai beber a coragem dos contendores? Os Cavaleiros galopam nos arabescos da poeira, fazendo voltejar em torno malmequeres e bolas de luminosidade, unívocos com os animais e sua indescritível orgânica. A quem os avistar contemplarão de nada mais que a reminiscência de sua doida caminhada, como de resto convém aos que andam pela Terra, desempenhando-se embora do encargo que lhes fora cometido. O tempo vai à

sua feição, pois que também não possui forma nem sinónimo, numa visão se resolve ou no medo de por ela se ser assombrado. E seguem os Cavaleiros de Amadeo em sua corrida de mil novecentos e treze, nódulos soltos do contexto do rimance que vieram narrar. Até se consumarem haverão de passar, já não homens mas manequins, já não vultos mas relâmpagos, já não cavalgada mas eco de dizermos deles, cegos de velocidade, repentinos.

Santa Eufrásia de Goivos, Sexta-feira, 12 de Dezembro de 1980. La Rotonde, esclarece ainda Papi, converteu-se numa área semicircular, de reposteiros e sofás de veludilho, chão onde a alcatifa alterna com a tijoleira, cadeiras de palhinha sintética, um todo de colonial americano. Bem certo que o pastis se serve ainda, com uma dúzia de azeitonas. Mas os candeeiros têm quebra-luzes de chintze novo, um grupo de falsos estudantes salamanquinos vem aquecer o deserto com suas trovas falsas. «Os noctívagos», acrescenta, «são os inimigos número um da biografia. Inventam um tempo e julgam-se lá». Penso no homem gasto que é meu Tio, sem pátria nem fama, pronto a várias transgressões.

Certas acções, para muitos incompatíveis com o estereótipo do génio, quando não com este mesmo, perfilhava-as Amadeo na entrega ao perigo de não ser o que outras vezes se julgava. Procedia à embalagem das obras como quem ainda as não finalizara, apesar de as ter já enquadradas no caixilho amorosamente pintado a branco, carpinteirado na madeira dos caixotes em que a família lhe enviava vinhos e frutas cristalizadas. Na manualidade ia não pouco de seu orgulho de serventuário de si mesmo, de campesino que na azáfama agrária respirara a lição de como se edifica a personalidade. Ainda o pundonor varonil se não acharia divorciado da tarefa, no envolvimento da potência e do engenho, virtudes que tinha por apanágio de um homem filosofal. O talento, só por si, jamais o tentara como motivo de efusão, o instrumentalizá-lo se lhe afigurando óptima sugestão para seu uso. O afã que punha na satisfação de certas urgências da prática, a convicção de que sobre elas a inteligência e a razão pontificavam, ambas as coisas o recortavam, aos olhos dos circunstantes, como perfil de tipo de uma só peça, o que amiúde se confunde com a mais estulta variante da gabarolice e acarreta alguns inimigos. Mas os pertinazes de sua laia, pouco dados ao verdadeiro compadecimento, e muito menos ao carpir interiorizado ou exteriorizado de seus dramas, perceberiam nessa hostilidade sintoma ainda do fulgor de seu estro. Aquilo que Diogo de Macedo, ao detectar-lhe a petulância, confundira com uma tática defensiva nem mais nem menos seria do que testemunho da observância de um credo que integrara sem a menor lacuna. Poderíamos concluir, a este respeito, afirmando que o pintor estava sempre disposto a crer em quanto trouxesse o vestígio de si mesmo, excepto nisso a que os artistas torrenciais, que no desenvolvimento de seu ofício tendem a ver eficaz mezinha de libertação das angústias, rotulam para seu próprio consumo de «intuição genial».

Santa Eufrásia de Goivos, Quinta-feira, 18 de Dezembro de 1980. Eis que o Inverno se instala com seu carro brutal de rodas emperradas, sua farândola de espantalhos rotos. Volta Papi de Paris, atordoado, verberando o troço português do

Sud, ronceiro e polar, com a luz mirrada da carruagem-cama anulando veleidades de leitura. Diverte-se por horas e horas na contemplação de um berlinde incolor, que desencantou sabe Deus onde. Faço-lhe o relatório dos sucessos da casa, a tosse convulsa de Gabriel, um cano estoirado sob o ladrilho da copa. Notícias nenhuma de Álvaro, por estes dias, levado num vendaval de actividade. Transmito a Papi essa passagem da última epístola recebida, «há dois erros que um homem nunca deve cometer, ingressar num partido e sair dele».

A grande exposição denominava-se The Armory Show, e abriu a dezassete de Fevereiro de mil novecentos e treze no Armory of New York's Sixty-Ninth Regiment, na Twenty-Fifth Street. Entre as mil entradas catalogadas, contavam-se oito precedidas do nome de Amadeo de Souza-Cardoso. Fora o caso que três americanos, Walter Pach, Arthur B. Davies e Walt Kuhn, haviam batido a Europa, filando quanto pudesse fecundar o continente novo. Colónia e Paris e Londres estiveram-lhes no roteiro e, logo, no rotativismo de relacionamentos em que Gertrude Stein, por exemplo, era ao mesmo tempo amiga de Pach e vizinha de Amadeo, seria apanhado o homem de Portugal. Não muito longe das galerias que a colecção ocupava, alguns imigrantes, desestivados nos hangares de Ellis Island, de desesperança se atiravam ao Hudson que lhes proibia a cidade a crescer sem tino. Convidado para a inauguração da mostra, Theodore Roosevelt, enaltecendo o progresso, declarava repudiar «os extremistas europeus que se expuseram aqui». Nem por isso se suspendia a itinerância planeada, e após Nova Iorque era Chicago, onde os estudantes do Art Institute enforcavam em efígie Matisse e Brancusi, no mesmo auto-de-fé queimando imitações dos quadros do primeiro. A seguir, seria a vez de Boston. Mas, dos cento e setenta e quatro trabalhos vendidos, oito eram de Amadeo, entre os cento e vinte e três estrangeiros e os cinquenta e um americanos. Por lá ficariam, como tanto desterrado, atribuídos no inventário a pintor de origem «supostamente portuguesa».

Santa Eufrásia de Goivos, Sábado, 20 de Dezembro de 1980. Algo irascível, desabafa Papi contra os fátuos suseranos da história plástica e da plástico-crítica nacionais, ofendidos ante a perspectiva de *Amadeo*, equipando-se para lhe morderem as canelas quando chegar a altura. «Ínfimos Lothes ou Berensons de lusitana água chilra», os cognomina, exclamando «falo de um homem. Deixem-me por instantes na sua companhia».

A guerra desabrocha com o prognóstico de que não duraria mais do que um ou dois meses, depósito de alegria repousando no fundo de sucessos que parecem não implicar directamente as pessoas. Quando começam a encerrar as lojas e a população de Paris vem para as ruas comentar as notícias inacreditáveis, alguns futuros se fixam, outros se abismam numa aflitiva interrogação sobre si próprios, para o que nem sempre a resposta virá a descortinar-se. Criam-se os primeiros contingentes de voluntários, em que se recruta muito da fauna do Boulevard Montparnasse. Se a razão ideológica ou política não constitui certa agulha de direcção, outras causas se hão-de eleger à última hora para concitar o princípio norteador ou libertar o espírito da vacilação em que o monstruoso blindado da morte o pode vir colher. Quando tal se dá, acha-se Amadeo a braços com duas questões difíceis, a guerra e Lúcia, em relação a quem ignora de que modo alijar responsabilidades. E o estonteamento, que a primeira lhe

provoca, não basta para apagar o embaraço em que a segunda o traz. Os taube, enfim, projectarão sua sombra numa multidão movida por mecanismo de que em absoluto incompreende as leis. Partem os soldados como para um desfile de domingo, apesar dos uniformes anacrónicos e sujos, entre baionetas floridas e balões de papel.

Quando a declaração das hostilidades os surpreende, em trânsito por Barcelona, havia o português acabado de conhecer Antonio Gaudí y Cornet, arquitecto. Ficaria a conversação entre ambos envenenada pela apreensão em demarcar a área de cada qual, aquilo que estremava o moço de vinte e seis anos, que Paris refrescara, do catalão de sessenta e dois, que só do impulso vindo de uma alucinação voraz derivava a tensão frutificante. O universo singularmente tão pouco meridional, de curvas que resumiam mistérios biológicos, de herbários e jardins de bichos, redundava em apenas mais uma redescoberta das mãos, de seus inventos e seus erros. A inteligência, em que Amadeo se queria praticante, a seu ver desempenharia aqui secundário papel de serviçal da loucura. Quando chega, Gaudí trabalha ainda na Igreja da Sagrada Família, alheio ao tempo a que se diz não pertencer, por isso indiferente ao cumprimento da obra, em exclusivo fiel do espaço e da Virgem Maria. Não tardará muito que, apaixonado de sua fé, venha para o passeio público mendigar a esmola que consinta a prossecução do edifício. E mais um desses jongleurs da divindade, entregues ao vasto afago e à imensa crueza, que pontuam o tropismo da multidão de crentes a quem não assiste a chispa de o provarem. Em seu horror à simetria haveria muito, talvez, de uma fascinação ante a trajectória do voo dos anjos, o que será igual à proclamação da política do delírio. Mas Gaudí é também naufrago da luz policroma, ama a refração dos minerais e a sua faculdade de encaminhar até à cegueira. Eis por onde um laço haveria de se estreitar, que pouco valerá insistir no combate entre especulação e dinâmica do subconsciente, com Amadeo de Souza-Cardoso, duriense e celta, de bem poucos subserviente à recolha da lição.

Um frenesim massificado retalhará muita gente que de tal se dá conta, e nos dá conta, em depoimentos exaltantes onde o sentimento sincero se diria inextricável do exibicionismo da época. «Como a guerra é encantadora – é um pouco literária, mas de qualquer modo...», recapitulará Amadeo, já de seu refúgio em Manhufe, aos amigos Delaunay em Vila do Conde. E aduzirá: «Que deva ser emocionante, não tenho qualquer dúvida. Confesso-vos que lamento achar-me tão longe. Gostaria de a sentir de mais perto, de a viver mais profundamente.» Mas que guerra será esta? A que no interior se fere, mais ordeira do que todas, provocadora de impulsos, reveladora de sendas. E o beligerante realiza que assim é. De uma partida venatória se move a este hino tecido ao grande conflito, como expediente para arredar a rotina a que se vê forçado. Mas, por saturados de novidade que lhe sejam os dias, a monotonia é que os enriquece, vindo a despoletar os ébrios achados. A guerra terá o condão de tudo revolver, incendiando telas ainda antes de nascerem. Que de melhor poderá ambicionar o criador que pensa? Ele intui ou deduz que no âmago do que concerta dorme o ovo minúsculo da destruição e do caos, crê que daí o projecto emergirá para a génese do Universo. Que venha, pois, se lhe esgotem papel e tintas, em espaço nenhum se tomará possível encarcerar a vida.

Evadem-se os portugueses de Paris, gorado o plano de Xavier de Carvalho de formar um piquete de voluntários nossos. E o representante luso, João Chagas, homizia-se em Bordéus, esquecendo os compatriotas na capital francesa à mercê do inimigo. Só um argumento se mostra suficientemente forte para convidar Amadeo à desistência das efemérides ao alcance da mão. Se a corrente que o galvaniza não encontra na legitimidade da guerra vigoroso esteio que o ampare, se mesmo em contrário milita a obrigação em que se julga constituído ante a jovem companheira, nada disso tem peso para o dissuadir. De igual modo que para Fernand Léger, ter-lhe-á advindo a guerra como decisivo factor, potencial geradora de luzes, espelho único para o conhecimento de si mesmo. Mas eis que os ingredientes do ser se confundem nas condições do fazer, e só pode acobardar-se de tal o esforçado rapaz de Manhufe. Como harmonizar, de facto, os planos da existência e a subversão deles, a escola da paciência e o advento da ansiedade? Na organização deste homem, o sentir de pouco vale aos desígnios vitais, pois a escala das emoções é na tentação que assenta, não na sólida cantaria da crença, que só esta é digna e apoiante. Amadeo deixa Paris, nesses primórdios da guerra, com dentro de si um coração namorado de lances convertido à realização do todo. «O meu reino não é deste mundo», poderia vangloriar-se frente à descomunal convulsão, afastando dos lábios a taça de licor onde o viático letal a seus olhos se continha. Mestre de si, enfardará utensílios e quadros, passará um braço sobre os ombros da amante, tomará o rumo de Casa. «Para que serve o esvoaçante pombo da juventude senão para que se dissipe?», perguntaria ainda Modigliani, desferindo murros na cabeça de seus ídolos. «Para subir é que serve», era ainda a sua voz. A noite constelava-se ao alto dos quintalecos, a concertina soava muito longe, gritava alguém um hurrah interminável, saudando o tempo dos tempos. De Montparnasse se despediam.

Santa Eufrásia de Goivos, Terça-feira, 6 de Janeiro de 1981. Lucinda corta um dedo ao amanhar uma truta oferecida, nostalgia de remotos préstimos fidalgos. Abala a casa com guinchos, dorme agora por um desvão de escada, num ressonar prenhe de aguardente. Releio a monografia sobre o Mosteiro de Serdões, enquanto rosnam os cães farejando perdizes, trovoadas.

À existência de Lúcia, com sua sequela de deveres que nem por não haverem sido de vocação seriam menos de satisfazer, uma lógica se somaria de sentimentos que a vizinhança da conflagração haveria de intensificar. A volúpia, com que Amadeo acolhe a desordem suicidária das armas, fica por algum tempo sem emprego. Na persuasão de que, transplantando a companheira para Portugal, a deporiar a bom recato de vários perigos, se dissolvía o proveito de integrar na aventura uma euforia que, sem o clarão das granadas, ameaçava soçobrar para sempre. Mas não será uma partida de refugiados que haverá de se lhes deparar o êxodo de Paris, que antes de uma surtida de nubentes, ela na inocência do tentilhão que o olhar atónito mas frigidíssimo da víbora aprisionara, ele na regra subscrita por todo um ancestralismo de que o amor é o único espaço onde a inteira irresponsabilidade se tolera. Mesmo assim, não se atreverá Amadeo a quebrar a orgânica da família, optando por alojar Lúcia na residência de um

casal de suas relações, que decerto dispensaria à refugiada de Montpamasse a amabilidade, tocada de paparicos e confidências, que se faculta a uma convalescente, ou a defesa, inseparável de um intuito morigerante, que é de tom para com a jovem forasteira que vem à cidade submeter-se a uma série de análises ou acompanhar os trâmites de uma demanda. Efectuado no Porto o casamento, com essa singeleza de cerimonial que denota uma clandestinidade onde a paixão é irrecíproca, só então concederá o Pai Souza-Cardoso, beneplácito à instalação de ambos na Casa de Manhufe. Era pelo mês de Maio de mil novecentos e catorze, com as mimosas pendendo ainda, tardias, pesadas de oiro, sobre o macadame da estrada. Desembocar por então nesse vale quase caseiro de aconchego, onde pela manhã o nevoeiro ascende até à altura do peito de um homem, equivaleria a ser-se saudado por um augúrio de boa fortuna. Lúcia apercebera-se de que só teria o marido, e ainda assim problemáticamente, se na coexistência fundamentasse a empresa de toda uma vida, o que, é claro, postularia subalternizar-se-lhe em toda a linha. A tribo de Manhufe dispunha-se para o efeito a ceder-lhe o sufrágio incondicional, não tanto pela consideração que se devota ao artista como pelo tácito júbilo diante de mais uma, e esta florescente, virilidade dentro de portas. Que sociedade humana se permite retroceder em face da beleza e da força, nelas supondo seu requisito de durabilidade? Amadeo poderia talhar a Casa a seu arbítrio, seleccionar os melhores aposentos e trastes, optar pelo ócio mais nobilitante, que só lhe disputava o privilégio o direito sagrado de seu Pai. E Lúcia depreenderia que a própria combustão amorosa obedece a normas irrefragáveis, que no acatamento delas, ou no simulacro de tal, vai ínsita a garantia da continuidade do sentir.

Santa Eufrásia de Goivos, Domingo, 11 de Janeiro de 1981. Sob um céu de trovoadas, que os cães não cessam de anunciar, calcorreei com Papi o caminho até ao vale, escalando a velha mina deserta onde deixaram guindastes, jornais amachucados, montículos de brita. O vento fazia ranger nos gonzos a portinhola ferrugenta de um casebre, uma cabra passeava por tudo aquilo, revolvendo folhetas e caixas de cartão que a chuva empapara. Alguns pingos caíam, redondos como bagos, enquanto Papi ia perorando, com essa adustez de maneiras que me faz estremecer de riso, sobre grandes hotéis por onde circulara, os Mamounia, os Gritti, os Cleridges, e sobre essas espeluncas com uma cortininha de cretone vedando o acesso ao lavatório, que são sempre as mesmas do Pinhão a Trieste. Contou-me depois de uma visita recente a Manhufe, da carreteira através de ravinas onde o tojo irrompe, da capelita de azulejos, do casarão com seus dois terreiros, ousando quase ser nobre, detendo-se quase a tempo. Mas, de entre tudo, e com um certo pudor, foi de como Amadeo se lhe apresentou na forma de um pavão lento, sobre um muro junto de um quintal, debaixo de uma ramada. Marchava conhecendo o piso, levantando a compasso e em ângulo recto as patas, voltando a mínima cabeça em todas as direcções, com dois olhos de implacável fixidez. «É Amadeo», decretara Papi, e viera recebê-lo. Do mais alto do orgulho, persistia em encobrir o mistério de suas penas. Desapareceria, afinal, sob as folhas de uma couve-galega.

Com o tirocínio feito na planificação de todos os movimentos, é desterrado na

selva ensolarada de um país que nunca atraíçoa, mas cuja aliança com vista à concretização de seus ideais jamais conseguira atrair, que irá dar consigo mesmo. Penetrará Lúcia na aldeia, com o mesmo temor maravilhado com que analisa o sono matinal do marido, dobrada para esse segredo submarino que é uma natureza que respira e se ama. A Casa, com suas janelas que se mantêm fechadas por anos e anos, seus pátios areados, suas lojas e sobrados onde a lida não conhece intervalos, parecer-lhe-á primeiro uma extensão do homem que a obceca, como tal com direitos iguais a esse misto de devaneio e de juízo que a própria figura dele aconselha. Para Amadeo, o quase legendário episódio da aposta é rapaziada que ultrapassou a fronteira do risco, cujo desfecho vai agora diferindo, na esperança de que a incontrolável mecânica afectiva acabe por pacificamente saldar. Pressentindo o insondável equívoco em que se move, aguardará com paciência a rapariga, forçando-se a observar atentamente miosótis e musgos da beira dos taludes, que sobre ela um veredicto venha a proferir-se. Uma vez restaurada a integridade do colectivo de Manhufe, revogada a sanção sobre o que apenas fora ameaça de o infringir, ter-se-á o pintor por libertado dos demónios intuituais, mediante um comando paterno em que mesmo Lúcia divisará o convite a um pacto com o grupo. Longe da turbulência de Montparnasse, da Rue de Rennes e do Denfert-Rochereau, será como que o regresso a uma antiga matriz, que no adro da igreja tem seu assento e o rosto luminoso voltado para o Mundo.

Santa Eufrásia de Goivos, Terça-feira, 20 de Janeiro de 1981. Também Papi esmorece no interior cinzento, com de longe a longe um fio de prata ou um furtivo esplendor de madeira. Hoje tem sido um fala-só, debitando para consumo próprio as intenções da biografia que lavra, equiparando-a a uma tela do pintor, dessas últimas, com os fragmentos da vista, o fruto, o título, o insecto, as cordas da viola. Mais afirma pretendê-la como história subjacente, inventando não os eventos mas os pressupostos, não os efeitos mas as origens. E é claro que esta espertina perante a espertina o maçã, como maçará quem o escuta, e de um golpe se livra de tudo, passeia de lado a lado da sala, consulta vezes sem conta o relógio. Logo Amadeo aproveita para se afastar por instantes, cuidando da posteridade, ensaiando em frente do espelho a mais bela expressão para a pose seguinte.

É uma longa maldição o exílio português, que como exílio vê ele o alongar-se-lhe a vista sobre Paris, simples sombra de árvore que julgara competir-lhe no quinhão ordenado pelos deuses. Irava-se a guerra por detrás de arames, trincheiras além de trincheiras, paramentada de chagas e fogaréus, com a Europa ascendida a um patamar de ajustes consigo mesma. Cumpriam-se os calendários da Casa com rigor não isento de cava religiosidade, as criaturas se perdiam de vista ou se reencontravam, chocando algumas vezes nas andanças da sorte. Programava o dia-a-dia meticuloso, remetido apesar de tudo à inveteração de ímpetos e de metas, que é o único fermento de quanto prodígio pode suceder. A atonia e o espanto familiares favoreciam-no ainda na aquisição e segurança de um lugar de objectividade e solidude, deixando-lhe pulso livre à arquitectura de uma geração pronta a habitar dentro das mesmas paredes. Quanto a Lúcia, deambularia fazendo flutuar o rosto nacarado e transparente, estarecida com o excesso do verde e a constância dos hábitos. Mas a limbos assim, cada vez mais

inconquistáveis, corresponde um preço exorbitante. Não poderia falar-se de uma condição de eremita, a propósito deste homem que só no agir media o verdadeiro tamanho de seu isolamento. Eram inumeráveis os artigos em falta, quando praticava em cera e lre faleciam as cores, ou se via no apuro de recorrer aos papéis-couros que a indústria utilizava. Congeminava então discretas evasões para Lúcia e para si, descendo ao Porto, ao Araújo & Sobrinho, a adquirir o papel Nationale e a laca rosa que só lá dizia achar, ou subindo a Paris, a combater com alguma cólera a malta consumista das Galeries Lafayette, a fazer provisões, a rever os conhecidos ainda não dispersados. Era sinistro o Inverno, apenas redimido pelo folgar de conhecimentos sobre o mistério dos óleos. Então, avançava o calor, o jardim estremecia de seiva, juncava-se o soalho de cestos repletos de cerejas. Eduardo Viana fazia tinir a sineta para uma estada de duas semanas.

Lúcia não era essa diva, a que ainda se lre incorporava nos sonhos, hierática e estabilíssima, sem esforço alcandorada na sela de seu murzelo, brandindo o chicote como um ceptro, o corpo modelado num cetim elástico e negro como a pele de uma foca. Aos pés dela montanhas e aldeias proliferavam, os camponeses levavam uma existência precária e feliz. E, de quando em quando, o cavalo erguia o focinho num relincho triunfal. Lúcia era apenas uma menina, morganática filha do casamento com essa amazona fictícia, ciumenta e ambiciosa, sem a força susceptível de comprometer o decurso das bodas impossíveis. Apercebia-se de que a olhavam com indisfarçada comiseração, as donas sobretudo de Manhufe, que no doméstico cirandar e na administração da fortuna colectiva haviam seleccionado uma especialidade que as isentava do serviço ao esposo, por elas tido e jamais declarado suprema irrisão das irrisões. Entre tutela fiscalizante e condescendente indiferença, observavam a francesa um pouco viva demais para o que tinham por correcto, cumulavam-na de enormes travessas do tal arroz oloroso e substancial que fazia um pouco a fama da Casa. Quando, num rebate de mimo que julgava devido como um perdão ou um brinde, Amadeo a levantava num braço só, transportando-a pelas escadas, Pelléas sustentando a sua Mélisande, fingiam não reparar, curvadas sobre os labores, moucas às gargalhadas dessa quase adolescente despaisada. A guerra rugia pela Europa.

Tinha dado a esta costa. Incumbia-lhe traçar uma estratégia renovada, que viabilizasse por inteiro a situação. O campo é um universo para quem navega o Mundo de dentro para fora, como os heróis de Jane Austen e de Balzac procedem e o demonstram. Amadeo é desses cujo cilício, aplicado ao imaginário, nem facilita a perdição nem alimenta o spleen. A Casa tem recantos estruturáveis em manchas e perspectivas, nela um tabuleiro cinético e cromático a cada passo assiste a sortes estonteantes. Instila-se no modernista a impassibilidade aristocrática, a longínqua mas decidida atinência ao povo, que ambas são ensejo a que se goze do lugar da raiz como único possível. Está, de resto, ainda longe dessa caterva de arcanjos que viria nos nossos dias, para quem a comédia rural funciona como comprovação da ideologia adoptada. É na Casa do Ribeiro que remontará o atelier, e pintá-la-á com seus alpendres e estacarias, equilibrando em sua mobilidade a tendência dos ramos esgalhados, rodeada de leiras onde os marrecos chapinam. Aí haverá de se escudar

contra a Europa, providenciando o sequestro de si mesmo, para que as combinações se precipitem. Virão de Paris algumas novas, as estações ficarão divididas pela vilegiatura tribal nas alamedas de Espinho. Sempre se escusará com a parcimónia e a morosidade dos transportes, quando não com uma espera de outra resma de papel, uma indisposição ou as intempéries. Só quando, Outubro entrado, o faro do pêlo recente e da plumagem que os primeiros frios começam a encrepar der de remexer a matilha, é que a si mesmo se soltará pelos montes fora. Nas voltas desse período, a natureza tornará até ele. E, melhor do que nunca, entenderá o sentimento de Lúcia em sua complexidade, de olhos amendoados, islâmica nos brincos fulgurantes de longos pingentes, conforme a desenha, melancólica vestal do futuro, contra um fundo de candelabros. Em tais voltas, e como se viver e dormir se confundissem, a truculência das forças naturais jamais conseguirá puir a teia do sonho. Ascenderá o quadro verde entre os objectos, soletrando sons salpicados e aleatórios, como Avann, Magn, Corbeill, Iria. E logo o vira-vento multicolor da infância, com Manhufe em festa e a brisa fluindo muito alto, girará sem parança na sua memória.

Frente aos coevos que em Lisboa se afoitam, com essa gaucherie de íncola que acabou de se representar a vastidão da Terra, a uma campanha a favor da argúcia e da criatividade, cultivará a reserva. Os de «Orpheu», em cujo abortado terceiro número haverá de cooperar, comprovado já o importado barbarismo do empreendimento, não registam a seu ver a unção parisiense, se a mais do que isso lhes não falha certo elitismo de atitude social que considera indescorrível dos veros arroubos. Os cafés da Baixa, nesses anos de indeciso curso nacional, regurgitam de palradores transpirados, a quem sobra a precoce reforma ou a incessante licença para caturrar sobre o dominó, degustando a bica espevitada por um rabo de bacalhau. Acoitam-se os políticos no sarro discursivo, companheiro e recalcado, que desde logo os sentencia à improficuidade e à sonolência, cocando uma trica de gabinete de que se esforçam por embolsar os proventos. Em Manhufe, ao contrário, e no brio do profissional, é que se trabuca de sol a sol, se despedem novidades que o amanhã, já ele sabe, virá ratificar. Será de cima para baixo que haverá de encarar a nação, furtando-se à esparrela de o estatuir, pois não ignora passíveis de que desconfiças se posicionam os portugueses tristes, lacrimando a incompreensão do génio.

Santa Eufrásia de Goivos, Quinta-feira, 22 de Janeiro de 1981. Que diria Papi se soubesse da astúcia com que lhe espreito a escrita, intenso e torturado como um voyeur? E que significa este livro outro que vou preenchendo, de fragmentos ligados por um discurso absurdo? E que pensaria Amadeo, não já do que de si um tio mágica sob a vigilância de um sobrinho, mas desta outra vida, quem sabe se mais autêntica, acumulada na fantasia do último? A casa onde o drama se representa afinca-se na unidade temporal que lhe foi prescrita, alheia às intrigas que em seu ventre vieram engendrar-se. A legibilidade dos factos assim tão-somente depende do alfabeto que tivermos para os ler, nunca do curso que levarem nas calhas rectilíneas da odisseia humana. São todos os relatos um relato, os homens todos eles outro homem, deles apenas e de cada um a morte que for de todos.

Havia a cerâmica a excitá-lo, esse vidrado de amarelos e vermelhos, para além do qual nadavam galos, peixes, corações. Uma água imóvel parecia ocultá-la ao tacto, resguardá-la na paisagem impenetrável. Mas nela se intuía a porosidade feita ritmo e padrão, coisa. Dispunham-se os motivos de uma gráfica imemorável que nunca se aprendera, mas que nascendo ganhara suas letras. E aí ficava, recado em língua entendível e confidente. Que liberdade tinha Amadeo, quando disto se abeirava? Repetia o gesto, arrumava-o na tela, proferindo mentalmente a oração, «Toma-se o barro, vai alto o sol, e se amolda. Nele se tecem, é a mão de Deus, três palavras definitivas. Por ele se toca, é a mão de Deus, o dedo oferto do homem.» Quem do barro se acerca jamais se desencontra com os passos que leva. Aí estão para que se imprimam, rasto a guiar os que chegarem mais tarde.

«Par Ímpar Um Dois Um» é um documento, sobretudo por o ser na ingenuidade de quem o pariu. Tem um rapaz esgrouviado, fulminado de estático pavor. Ali está para nos infligir o espectáculo de sua consternação, ante a engrenagem de que não sabe assenhorear-se. O medo de muitos tons que em torno de si campeia, e de que se não capacita, é esse mesmo que devasta as nossas terras interiores, tufão que nada fizesse prever. Ele pode mesmo, o medo, à semelhança dos tufões, deter o nome de uma mulher inexorável e maciça, cujas vísceras, também elas, são uma difusa aparelhagem onde a carne range. De nada valerá a este adolescente, extraviado na época que lhe compete, adiantar na mão direita uma flor iluminada e ridícula. O seu fado, como o de muitos que a guerra vai transportando, é medido a léguas de aço, com a antiga liberdade irreconhecendo o horizonte que lhe diz respeito. Pobre é o rapaz, já não resiste à geada, e logo o mecanismo lhe estoura com o peito.

Um poeta que se queima nas labaredas por ele próprio aticadas, como é Arthur Rimbaud, barco borracho rumo às cataratas, que teria de comum com este montanheiro em seu reduto? Amadeo, que sempre reserva para cada repto que lhe atiram o único mote do trabalho, timorato de entrecos onde paz e terror se distribuem em partes iguais, lê o adolescente roído dos copos e dos camarões, como quem bebe outro modo de ser. É ainda de um culto da esfera da vitalidade que se ocupa, já não dessa, como a sua, onde é óbvia a estrela da direcção, mas da outra, barulhenta e sísmica, que apenas suspeita em cada objecto a fórmula universal. Também Amadeo está aprontado para a acção vertiginosa, que só assim a concebe em seu núcleo mais fundo, mas perante o despenhadeiro guarda intactos os órgãos da vista, com nitidez destrinchando a pluralidade dos vectores. Lê Arthur Rimbaud como quem pinta.

A ele vem dar ainda um extenso poema de Blaise Cendrars, engasta-se-lhe na vida, com seus intrincados carris que vão ter a Kharbine. A absoluta realidade é o que nela se contém, mais o processo de a pulverizar, na companhia da pequena Joana francesa, que a toda a hora pede notícias de Montmartre. E uma geração que assim viaja, à toa de latitudes e longitudes, correndo com a *Prosa do Transiberiano e da Joaninha de França*, com destino ao grande e rubro messias da Revolução. O texto, que Sonia Delaunay ilustrara, em altura correspondente à da Torre Eiffel, transita às mãos de Amadeo em seu asilo português, com uma superabundância de carimbos de

passaporte, vozearias de gare, levas de migrantes. Põe-se pé em Paris, ao fim de toda a confusão, faz-se uma pausa encostado ao balcão de um bistro, bebendo um Calvados, trocando chalaças sobre o numerário de quem nos governa com dois parceiros de bigode ratado.

Ao manifestar, em carta de Junho de mil novecentos e quinze, o seu intento de influir em *Les Pâques à New York*, ainda de Cendrars, da epifania de um Cristo no rosto dado à pintura Amadeo certamente curaria. O Pantocrator, na breve aguarela concluída a pedido da Mãe, testemunharia um veio de iconista num ser de buscas sem tesouros escondidos, a fome da entidade onde as fomes se mitigam. Não era pouco o que de tal presença se desembuçava nas linhas de Cendrars. O artífice aqui está, em seu hábito branco, escrevendo a letra de oiro o evangelho desse de flanco varado «como um imenso sol», com centelhas lhe palpitando em redor dos pulsos. O sangue macula as mulheres e os vidros, assemelham-se a círios as flores da Paixão. Nestas paragens estanciará Amadeo por algum tempo, baixando o olhar sobre as feridas, que é só quanto vislumbra os homens tranquilos e inábeis para as dores profundas, as que não adianta exprimir porque ainda não existem, e por isso nem angústia nem fracasso serão de admitir. A fronte de Cristo, no poema de Blaise Cendrars, é apenas uma lâmpada pendurada e lívida. Ao seu clarão se agasalham os que, com Amadeo no seio, aguardam que se lhes acendam as plagas do descanso e da reconciliação, pois que deles é a Páscoa de Nova Iorque.

Máscaras como esta, de «Oceano Vermelhão Azul Cabeça Azul», de mil novecentos e quinze, presidiram a rituais de que sugaram a magnética pulsação, dádiva de pomos fermentados e cordeiros sacramentais que neles acabaria por se reflectir. O mar é todavia a divindade perfeita, com sua face impalpável e desmedida onde o disco solar vai descer. E às funduras nenhum eco chega, nelas moram só as promessas incumpridas. Não há susto que da máscara transpareça, mergulhando ou emergindo ao lume do papel poroso, onnipresença a que as homenagens se vêm render. Um pincel descuidado por ela roçou um sacrilégio admissível, e os volumes do rosto de impressionante apatia absorveram os lampejos da tinta, sua impermanência e perseverança. «Oceano Vermelhão Azul Cabeça Azul», como tal a baptiza Amadeo. Fita a máscara os séculos que decorrem, as órbitas vazias de água roxa debruadas.

O cavalheiro vem de seu clube, onde a cozinheira famosa, mas benévola, mais uma vez honrou a tradição de brincadeira e gulodice, de para ele cozer, e para mais dois amigos, a cabeça de pescada de todos os anos. Lentos comeram, instigando com um sorriso fugaz a tolerância e a cumplicidade das outras mesas, onde coisas europeias se consumiam. Viam-se, estroinas de antanho, na quase meia-idade confraternizante em que poucas infracções se desculpam. Importante fora só que, uma vez ainda, se dera cumprimento a um já provector uso de ribaldos. Saía o cavalheiro de seu clube, transpusera o que fora a Porta dos Carros, onde sempre estacionam galegos de cordame ao ombro, adossados à esquina, chupando a beata remelada, cuspidos no empedrado fiapos de tabaco. Vem demorado agora, com o ameno semblante que afivelara para a despedida aos amigos e a gorjeta ao porteiro. De vez em quando,

remira os polainitos de camurça bege, porque estamos em Novembro e a artrite não perdoa. E trepa vagaroso Trinta e Um de Janeiro com, por detrás do seu escrúpulo de impoluto cidadão, a esposa afável e nem sequer nutridíssima, que destinara o dia de marido fora a ultimar a renda para um encaixe, o que leva a efeito com a maior seriedade, furando a alfinetes os quadradinhos do risco em papel vegetal que uma amiga para ela decalcara. Mas não sabe o cavalheiro de tais minudências, parando a admirar algumas montras, esfregando no colete, para lhe dar lustro, o castão da bengala. Um aroma de torradas frescas perpassa agora no arzinho humedecido, a cidade está pacata e cheia de si. Mas eis que mais adiante, defronte aos batentes escancarados do Salão do Jardim Passos Manuel, o cavalheiro hesita, decide-se a verificar o que se passa, e tudo se lhe baralha. Ele, que já perdera um pouco de jocosidade ao chocar com um pacote que lhe pisara o pé esquerdo, justamente por cima do polainito bege, tem agora de assegurar a firmeza do Mundo face aos cento e catorze quadros que o atoleimam, o insultam, o arremessam à sarjeta, maltratado e maltrapilho. Interdito, imbecilizado, as pupilas se lhe movem de ponta a ponta da sala, e uma onda de sangue lhe inunda os miolos. Logo o cavalheiro vence a largas passadas a extensão da galeria, por entre os parques visitantes num silêncio contrito. Aproximando-se de Amadeo, que folheia o jornal, encara-o com ódio, esgarça com fragor sobre uma tela. Não replica o artista, obrigando os músculos à contenção, retorna às páginas do jornal. Ele sabe como lhe convém, para que possa persistir na caminhada, a palma verde do martírio. Se, mais tarde, nem sequer tira desforço de violenta bofetada em plena via pública, pela idêntica razão dos trabalhos que expusera, a Manhufe voltará assim mesmo, digno do vilipêndio e desejadamente só, sem braço a defendê-lo.

O que denunciam as montras do Salão do Jardim Passos Manuel, no Porto, e da Liga Naval, em Lisboa, inaugurada um mês depois, é a impropriedade da palavra face ao acontecimento que já a transcendeu. Confrontada com aquilo que denomina de «estranha, curiosa exposição», a pena dos críticos emperra, salmodia expressões catalogadas, «intensidade artística», «arte cheia de simbolismo», «mecanismo dinâmico das emoções e dos sentimentos da alma humana», para logo se encolerizar de impotência, escolhendo a radicalidade. Esses melros, quase sempre depenados mas prazenteiros, que são os jornalistas com uma coluna onde expendem a crítica da música e do teatro, da pintura e do circo, acolhem o efervescente «pintor Cardoso» com uma prelecção magnífica de flibusteiro galante. Postados perante os óleos que coalham a sala, o embaraço se lhes sente, a gota de suor entre o pescoço e o colarinho de bicos, a fungadela curta com que julgam remediar o quiproquó. São criaturas de fantasia muito prática, dotadas de infalíveis truques na produção de um amigo ou na consecução de uma benesse, aptos para, sentados à secretária, dizer do «moço inteligente e audaz, em quem deploram detectar graves indícios de alucinação artística, criações de manicómio, exemplares teratológicos». Andará Amadeo por entre a pouca gente que concorre à galeria, mordiscando o charuto arrefecido, esboçando um gesto para uma pergunta, nervoso da proeza perpetrada. E, gasto das frases que se lhe soltam, espontaneamente afastado dos outros quanto mais junto de si mesmo, gizará a superlativa acrobacia, a exposição irrealizável a bordo do grande transatlântico, na ida

e na volta, de Lisboa a Nova Iorque, de Nova Iorque a Lisboa.

Santa Eufrásia de Goivos, Terça-feira, 27 de Janeiro de 1981. Pergunto-me o que sentirá na morte Amadeo, seguido por um tio cocainómano e um sobrinho diarista, participado ao amigo deste, fóbico confesso, delator futuro de todos eles. Progride em seu território, mais insolente que nunca, de costas voltadas à mesquinhez da escrita, suas glórias e tropeções. Para a história ele vai, apajado por professores pernósticos, críticos tartamudeantes, irrepreensíveis zeladoras de seu altar. A terra calcada à sua passagem se incendia, os olhos perseguindo o raio verde. Sobre si lança a capa que o cobre até três quartos da estatura. E em sua esteira a noite se derrama sobre aldeolas de pedra solta, alminhas e campanários, regatos que rabiscam o mapa de Portugal.

Mas no homem que examinamos rareia a vocação gregária, desde que não tenha projectada a sombra da velha Casa. Defeitos de carácter, que lhe imputam os que só de relance o avistam, teriam na base essa falha, em época em que, por muito se esperar do colectivismo das intervenções, seria ela particularmente notória. Em toda a correspondência, se adivinha a irritação para com o júbilo dos projectos concertados, o pendor para recapitular os próprios objectivos, o alívio com que se opera a descolagem da turma. Nas cartas que troca com Sonia Delaunay, nem mesmo se justificará da falta de jeito para o pochoir, simplesmente estabelecendo um desinteresse, confessando diversa motivação. O retraimento com que acode aos insistentes convites de estada em Vila do Conde, onde Robert e Sonia, fugidos à guerra, coabitam agora um chalé com Eduardo Viana e o americano Halpert, resultará não tanto de se coibir de sufragar o triângulo Sonia-Robert-Eduardo, susceptível de o ferir no actual apurado melindre de senhor casado, quanto do palpite da carência de interlocutor. Tresmalhado, com efeito, se sentirá respeitador da escolha das veredas que o rebanho realizar, anunciando embora sem reticências e autonomia da sua. Ele há-de preferir acalentar uma ideia transitória, mas própria, a ter de aferir por outros a perfilhação de uma moral ou o sentido de um voto. Assiste-lhe a boa consciência do itinerário que leva, o que sempre, já se viu, lhe recruta inimigos, fazendo-o padecer dessa espécie de indefesa que consiste em ter de se fortificar para o prélio na mais total solidão.

Outras vezes, é pela aresta entre povo e realidade que segue, como em «Janelas do Pescador» ou «A Casita Clara – Paisagem», siderado por esse mistério da origem do fazer que decide a canseira do artista. Pode ser a caixilharia de uma vidraça, a soleira de uma porta, outros artigos da técnica de fruição do quotidiano que o grande povo sabe de cor, tudo o que irmana e não dói, doseia e não grita. Nisto colherá a fórmula que, excluindo a perfeição, não repudia a regra, afirmando a verdade, não ousa apregoar o eterno. Os povoados grassam pelo corpo do País, com sua indigência e sua ternura, confiantes do pintor que por eles jornadaia, nos moradores detectando o que mais venera, o emprego das mãos na matéria transformável. Abrem-se os casais para os campos semeados, a relva brilha. Possível será depor pincéis e espátulas, dormir a sesta num facho de branco.

Por entre os fiéis do grupo, Robert e Sonia Delaunay e Eduardo Viana e Samuel

Halpert, em Vila do Conde, e Amadeo e Lúcia de Souza-Cardoso, em Manhufe, uma circulação de dádivas se instala, fechando o anel de fogo dos conluíus por estatuir. Ou são tributos ou penhores, ou talismãs ou emblemas, na confraria de amigos inserindo a assinatura intransmissível, isentando-os de pressões, amparando-os na continuação da carreira. «La Corporation Nouvelle» se chama esse organismo de dívidas e privilégios, postulado da comburência vital, antídoto da morte. Só que de cautérios não necessita o que se debate na Casa do Ribeiro, que em nome só da liberdade atraíça o todo onde os outros se aglutinam. E, entre as faldas do Marão, os areais ventosos da foz do Ave, os bairros de Lisboa, múltiplos são os objectos viajantes, caixas de vinho amarantino, provas em cera de uma nova experiência, o bolo de jantar de fim de ano. Logo, na inversa direcção se deslocam o pequeno colar simultâneo de Sonia, o belo saco órfico de laranjas da Baía que Viana confeccionou. Mas a fraternidade apenas lhe importa enquanto motor de convergência da «acção artística» e, ainda assim, quando dele não reclama a abnegação que o desvie da rota encetada, como quando lhe pede técnicas que enxota, desatando atilhos que empecem o andar, ou expurgando as mãos da cola que as tinge. «La Corporation Nouvelle» ficaria vago lugar de conversação, empenhamento e troca, espécie dessas cortes de amor dos acossados da peste, que sempre aparecem como primeira iluminura de certas obras antigas. Ser membro dela corresponderia a adiar o fim, como quando juramos preparar a circum-navegação a bordo de um veleiro, ou nos comprometemos a estudar em toda a minúcia as óperas de Meyerbeer. O que releva é o que denomina «fúria», ou «ardência», que no puro facto de existir tem a corporação assegurado um público e a eficácia bastante a sobreviver.

Em carta de catorze de Abril de mil novecentos e dezasseis, reporta Amadeo a Robert uma extraordinária ocorrência, aflorada apenas em dois bilhetes anteriores, com a excitação de quem quer tranquilizar e entender. Dera-se o caso que, chegada ao Porto Sonia, de Vila do Conde, tendo-se apresentado ao Consulado de França para requerer passaporte, não só é informada de que o mesmo lhe fora denegado como se vê incriminada de espionagem. Alertada por um anónimo, decide a polícia prender com ela Beatriz, a criada portuguesa, e Eduardo Viana, companheiro de viagem, ao mesmo tempo que procede à apreensão de todos os álbuns e folhas dispersas, cartas e pastas de arquivo. Sem fundamento que sustente a acusação, são os presos postos em liberdade, infestados dos percevejos da enxovia, recolhendo-se Sonia a um hotel portuense. E Amadeo, que por duas vezes apenas visitara a pequena sociedade da casa vila-condense, algo vulgarmente crismada de «La Simultanée», não pode encolher-se ante o pedido de socorro que a Delaunay lhe expede telegraficamente, por vários processos diligenciando a clarificação do imbróglio e a soltura dos detidos. Com o rigor costumeiro executará o serviço aos amigos, sem se perdoar o mais insignificante deslize. É que possui a geométrica noção dos males e dos remédios, a percepção subtil do ridículo e da impossibilidade. Quando se determina a actuar na prática das relações humanas, em absoluto virgem dessa exageração de sentidos que por certo lhe frustraria a vida e a obra, é que dá o mais iluminante de seus retratos. Conhecedor dos alvos, distribuirá as funções, na mesma metódica aplicação com que se ocupa da distribuição das perspectivas e das nuances numa superfície de antemão aparelhada. E, se a tal um génio dionisiaco, afogado em pranto ou em moscatel, não entender atribuível a

qualificação de arte, não será desta lã que as Parcas continuarão a fiar-lhe o fado.

Nas espaçadas idas a Lisboa, igualmente se barricará da ininterrupta alucinação que é o trato com José de Almada-Negreiros. Equilibrado na borda dos passeios, com outra concepção do afã especulativo que se caldeia na tontura da prestidigitação inesgotável, veria Almada o rapazote duriense com alguma mistura de displicência e consideração. Anunciará aquele, por essa época, uma excursão mitológica à coterie de Vila do Conde, com a latente ameaça de entrar de roldão portas adentro, secundado por um perdigueiro e duas cegonhas cubistas, um macaco e outros bicharocos. Fosse Amadeo menos esforçado na oposição de seus músculos ao vigor com que medravam os tojos na vertente por detrás da Casa de Manhufe, e eis que um fulano assim apenas poderia aterrá-lo. Com seu subitâneo impulso para esquisar uma coreografia, que logo exemplificava em plena Rua Garrett, não conseguia Almada envinagrar a temperança do pintor lá de cima. Contrapunha-lhe este a exactidão da finalidade e a boa maneira do silêncio, defrontando-o a partir da imagem que de si mesmo dava, de perene e incansável desbravador do recanto que lhe coubera em sorte.

O destinatário de «K4 O Quadrado Azul», por José de Almada-Negreiros, por este identificado como «Amadeo de Souza-Cardoso, substantivo ímpar 1, o detentor da Apologia Masculina, o que me possui em tatuagem azul na sensibilidade, o Amante preferido da Luxúria e do Vício», subsiste, de facto, por distintos recursos. Ele está acima da bebedeira cósmica, e a sua filosofia compele a vida a capitular. Não há velocidade nem estridência, nem luz, aquecendo-lhe o âmago, que o incita a desistir da mesura, enlouquecido por um polígono que não compreende se é azul, ou por um azul que ainda não concluiu ser polígono. Bem certo que há o clímax, em que seu próprio quadro verde se eleva por entre um vapor de cores que rapidamente se geometrizam, e que em tal fenómeno se apõe o selo do amor e da morte. Então, é o vira-vento de papel da infância longínqua, já alheia, que perante os olhos se lhe fulgura. Mas o homem, esse foi erigido para a certeza, e obrigatório se lhe torna obedecer a seus mestres, empurrando o rochedo, descansando sobre ele, de ontem e amanhã em perpétuo ignorados. Não seria Amadeo irmão de Almada, para tanto lhe faltando um prolapso da corrente biológica, um enjoo na viagem dos dias. Por mais que se deleitasse ante o Narciso dos fios entrecruzados e da chapa do pensamento, só as mãos via e a sua vontade, e não existe inteligência passível de ser vazada no fundo de uma algibeira. «Sucediam-se justapostos hieróglifos sintéticos de expressão imediata e que apesar de não estarem gravados em nenhuma das faces do quadrado azul reproduziam-se nítidos em golpes de Radium para dentro do meu cérebro impresso em elzevir.» Era o ano de mil novecentos e dezassete.

O meio-dia entrava por onde o desenho se estendia das chitas, o lampejo dos alguidares, muito à distância se vendo os arcos do aqueduto. Traziam os camponeses seus gados e hortaliças, e neles também se entornava a luz antes de cair. Sobre as mesas de «La Simultanée», esventravam-se os melões gigantesco, dançavam as vasilhas nas linhas circulares de vinho evaporado. Algumas nódoas de claridade encharcavam a toalha, e Robert teria esta fase como a grande bênção de sua vida.

Lembrar-se-ia dos coelhos azuis rabiando pelo quintal, dos agapantos de Agosto enfeitando as jarras e as telas, da casa toda, branca e castanha, vizinha do mar.

Ligeiro se orientará Amadeo através da prolixa legislação da consciência, arredando um escolho, fortalecendo-a mais na ideação das lidanças comuns que nestas mesmas a cimentando, enunciando-lhe enfim um porvir por onde se lhe esvai o caudal. Com Eduardo Viana, que imaginava cada simples português empeçonhado de uma desconfiança obstinada, o imbricado de tal legislação atinge foros de quebra-cabeças, cuja solução bem pode resumir-se na execução capital do derrotado. Treva nenhuma parece, no entanto, obscurecer as temporadas que este passa em Manhufe, gabando a operosidade do amigo, Amadeo com ele aprendendo raros e experimentados segredos de ofício. De que linhas se cose o triunvirato de Vila do Conde, isso prefere desconhecer o de Amarante, remetido à placidez de seu estatuto conjugal, relapso no escutar da confidência ou no descair do conselho. Nisso, é provável, veria ainda Viana a tal queda lusitana para olhar de esguelha, conservando o corpo bem de fora da luta que se trava. E Amadeo apenas diria empenhar-se em que os amigos consumam e produzam, se mantenham em jejum de drogas, lhe copiem um certo regime, em que se revê, de natação e de caça. Incompreendido, jamais cairá na fraqueza da descrença, que sabe amparar tanto o neurótico quanto o medíocre, sobrepondo-se no diálogo com Viana a essa filosofia exibicionista de uma raça que se diz nutrida das vascas da loucura, da mórbida contemplação do fim anulante. Numa difícil dialéctica de magnanimidade e recebimento, de invasão e oferta, decorrerá o ágape dos dois pintores, cada qual visitado por sua fada patrona, associados ambos na campanha que consiste em presenciar o contraste dos seres. Um rebentará como um relâmpago, demorar-se-á o outro no apurar de um turquesa ou de um terra-de-siena, até não mais ser cor mas conceito dela, com enfim a caveira esburgada por detrás, que a todos sorridentemente solicita.

Santa Eufrásia de Goivos, Quinta-feira, 12 de Fevereiro de 1981. São ínfimas bruxas as crianças do caseiro. Correm por todo o lado, rufando tambores, batendo paulitos incessantemente. Gritam, amocham num choro desatado num canto qualquer. E como se delas viesse a morte, ou como se a morte no meio delas se plantasse. A Papi se diriam por completo indiferentes, a não ser quando lhe impedem as lucubrações. E a ameaça transpira da verdura que envolve a casa, entranha-se-me nos sonhos, vejo-as estampando em mim a silhueta dos pequenos corpos trapudos dependurados de um garrote. Quando delas me aproximo, tocando-lhes ao de leve na cabeça mole, segredando-lhes um perdão ao ouvido, eis que o monstro que são me faz gelar de repente. Mas aonde me levam, em sua missão confidencial? Os rostos desvendam, como obscenas mascarilhas, o fio de ranho coagulado pelo frio, os olhos macerados do vício indecifrável. Às vezes, marcham ao retardador, fitando-me de dentro de seu mistério. Guardas avançadas do exército clandestino, entre si vão proferindo ordens e conselhos que não entendo. E a casa delas se teme, de suas tácticas de sangue afogando a solidão dos dois homens que a ocupam, pressentindo o castigo indetível. Afasto-me, cosido às paredes do corredor.

Vemos essas coisas, uma guitarra com uma cereja ou um morango, e não mais duvidamos da sua comestibilidade. Os empastes registam um clima, entre farto e cansado, de compleição de repasto, com um fundo de prato onde sobejam as ilusões que carregámos. Arrastou-se a conversação durante o tempo todo em que nos reunimos, e o sabor dos frutos totalmente se embutiu no odor das falas, a ponto de já não distinguirmos a quem ou a onde os sentidos pertencem. Aqui estão, solitários mas sem angústia, os alimentos terreaux e os instrumentos de música. Em suas cores perduram, muito frescos, para além da usura e da utilidade. Assim a pintura seguia, Amadeo nela navegando, nós aqui contando deles.

O auto-retrato como pedinte é uma mentira infame. Esse enjeitado dos trilhos rurais, da ralé dos que se quedam lamuriando um padre-nosso, às terças-feiras, por detrás das grades do portão, eis o que nunca Amadeo se quis. Um pintor assim, que de todas as poses seleccionou a sua como a mais convincente, não conseguirá transferir-se, nem por pose, a esse pobre diabo cinzento e verde, de camisa esgoileirada e cozida de suores, onde as pulgas deixaram um picotado de caganitas. Não são os transportes franciscanistas para o homem de Manhufe, castigador de corações, bobo nem sequer de si mesmo, denodado cavaleiro do triunfo até ao fim de seus dias. Só nas profundas do sótão intrínseco, por entre malas de camarote, cortinas de teia, tudo com quanto os vindouros haverão de topar para cenário de seus óleos desterrados, é que esse mendigo se postará. Um fio vermelho e sanguinolento, inesperadamente bovino, lhe corre pelo pescoço, promanando de chaga que voltara a abrir, se calhar de propósito para que o negócio renda mais. Mas não está nele o artista, nem o sujeito nele se identifica. Se o tem por seu retrato, é porque o orgulho lhe segreda travessuras de tal jaez. Assim, na verdade, procedem os ganapos que atam uma lata velha ao rabo de um gato, fazem explodir uma bomba são-joanina debaixo das saias de uma beata. Poderá rir-se agora descaradamente desse pobretanas em que se mascarou, sem mesmo de si próprio troçar, dos pobretanas todos, tão ávidos de serem pintores e ricos, tão defesos de o serem. Ínvio, como daqui se prova, é o trajecto descrito pela humana compaixão.

Do cimo da colina, agora, por detrás da Casa, com os arvoredos rendidos a seus pés, a neblina que algumas franças esfarrapam, em que meditará o homem da terra, alinhando perante os olhos molhados as vitórias recolhidas? Do ostracismo a que se sente votado, por uma nação que no ludismo parlamentar achara a ocasião de se penitenciar da preguiça, diligenciará compensar-se pelo recapitular das pedras que lhe demarcam a resolução, o vigésimo sétimo Salon des Indépendents, de mil novecentos e doze, o Armory Show, de mil novecentos e treze, a colectiva em Der Sturm, de Berlim, de mil novecentos e treze, o trigésimo Salon des Indépendents, de mil novecentos e catorze, as exposições em Colónia e Hamburgo, de mil novecentos e catorze, as do Porto e de Lisboa, de mil novecentos e dezasseis, o álbum *XX Dessins*, que Jérôme Doucet prefaciou, de mil novecentos e doze, a colectânea *12 Reproductions*, de mil novecentos e dezasseis. E nada é consistente do que urgia fosse dito, os nevoeiros do Marão mais e mais se acumulam numa espessura de ectoplasmas onde os contornos se dissipam e os tons vêm morrer. Além deles, reinará o amor, trabalho outro, esgotado todavia a cada novo minuto, seixo triturado pela marcha dos

anos, eterno, miniatural vira-vento que apontasse o norte irrealizável.

Sobe-se aos grandes patamares de mil novecentos e dezassete, «Entrada», «Pintura», com a magna serenidade da quase perfeição. Sinal disso é a assinatura da conquista por um carimbo de mester oficializado, no que desaguiam variados tentames da firma que se demanda. Arrumam-se em distintivos as certezaas, peras ou aracnídeos, cigarros ou espelinhos de bolso, siglas de um pacto com a criação. E a paz se espraia por lâminas de tinta rugosa, madeiros de instrumentos de corda, verberações do giz ao giz sobreposto. Decalcadas, desenham as letras o rótulo da verdade total, e nada falta senão o repouso, nada existe, nem o sofrimento nem o prazer, nem o instinto de articular palavras, que é por si só alfabeto a interpretar. Agora, com a guerra atingindo o auge, vai o ano chegar a seu termo.

O vírus da pneumónica alastra já por Manhufe, acobertado à modorra dos pântanos, retido no hálito dos matagais, enleado nos bardos úberes de cachos, porque é esse o mês de Setembro. O alarme se dá, sobretudo, entre os ilustrados na leitura dos periódicos, titulares da terra, que no meio dos campestinos a morte é convívio de todas as horas. E o pânico em que soçobra Amadeo, neste prenúncio da irrealização da fantasia acalentada, é opressão que se abstém de transmitir, possuído do fantasma ainda da virilidade, que só o desabafo lhe permite como fundamento da recuperação da força. Circulam as notícias pelo telégrafo, há acenos de amigos longínquos que vão tombando, intoleráveis, expectativas de que decorra o tempo de incubação. A casa de Dona Ana Guedes, respeitabilíssima matrona local, vereadora e filantropa, foi já convertida em hospital. Com o máximo dos zelos se marcam talheres e roupa branca, que a seguir se escaldam em água fervente, ainda assim cheirados pelo homem que em tudo suspeita a presença minante. Fica-se pelo quarto, de gelosias cerradas, no atelier, outras vezes, com uma espátula entre os dedos, fitando a tela deserta, na mais concentrada imobilidade. Que lhe importa que Lúcia venha tocar-lhe o ombro, ou que chegue Rosa, a criada, rescendente a hortelã e a erva acabada de segar, com a malga pejada de pincéis recém-lavados? Por detrás do cavalete, a morte espreita sem configuração definida, bafo de vento derrubando ânforas de crisântemos secos, no fim do dia friorento dos cemitérios. Um calafrio o percorre, levanta-se, desinfecta as mãos obsessivamente, empregando a infusão cuja fórmula alguém consignou a lápis na margem da última carta que escreve. É a «receita preventiva», constando de «alcool – 20 gr, mentol – 2 gr, ammoníaco – 10, 50, – ether sulfurico – 5,7» e de certa substância ilegível. E foge para Espinho, com os parentes já enfermos, na grande precipitação de se depurar na aragem do Atlântico.

O pesadelo em que se vive, na pequena vivenda de férias, salta das linhas sem data que remete ao irmão António. «Meu Caro Antonio, Algumas notícias nossas e são as seguintes: A Gracita continua no mesmo estado não tem piorado, mas também as melhoras não são ainda para dar descanso. Na noite passada o termómetro acusou altíssima temperatura hoje até à hora que escrevo tem baixado 39, 39 1/2o. Chamamos também o Dr. Correia Marques por se dizer que era mais despachado que o Salvador e resolveu-se de combinação com eles encontrarem-se aqui à mesma hora e conferenciarem, parecendo o outro ser da mesma opinião que o Salvador.

Tranquilisaram-nos bastante não escondendo no entanto o perigo e os cuidados precisos. Dizem que os pulmões estão livres e que receiam mais complicações com os outros órgãos. A Lucia ontem não teve descanso mas hoje lá caiu na cama e lá está com febre e os característicos da gripe. A D. Judith não tem descanso de noite e de dia e estamos a vêr quando ela cai também. A Elena mal se arrasta, o que tem valido são as criadas da Alice. Já pensamos em arranjar alguém especie de criada ou enfermeira porque não devemos deixar continuar a D. Judith n'esta fadiga extenuante, mas quem? Estou a ver quando ela cae e então é que ficamos sem pessoa que dê despacho a isto. Seja o que Deus quiser! Eu ando constipadissimo de vez em quando sinto bastante opressão no peito tenho-me atirado ao vinho do Porto como prevenção. Levaste no teu bolso aqueles papeis e bilhete postal, fazes favor de mos mandar na volta do correio? Junto remeto uma carta que veio para ti esta manhã. Não voltei ao Grande Hotel. Vi a jarrita mas estava muita gente não pude apreçá-la logo que haja ocasião fá-lo-hei em teu nome. E por ahi como se tem atravessado com essa fatalidade? Não sei quê que me diz que vae haver grande mudança na vida da nossa família. Será pessimismo meu oxalá! Abraça-te o teu muito dedicado irmão Amadeo.»

Havia quem, na deficiência da oferta do cangalheiro para acorrer a uma procura crescente, comprasse, receoso de ser sepultado sem tábuas e ao despontar dos primeiros sintomas, o próprio caixão. Metiam-no debaixo da cama ou encostavam-no à cómoda, e eis que, nesse termo do Verão de Espinho, com a maré viva bramando e enchendo a povoação de um ressuado pegajoso e salino, o mogno do ataúde destinado à irmã Graça estalava de madrugada, na impaciência de acolher o corpo da virgem. Havia lamparinas acesas, um vaguear de vultos brancos, o toque das vasilhas sobre o tampo da mesa-de-cabeceira. Amadeo flutuava entre o pavor e a vontade que, na iminência da cessação de suas faculdades, ia também ela capitulando um pouco. Via definhar a mulher e os irmãos, tomava-se o pulso, examinava-se ao espelho, prescrevia-se receitas que eram um engano da sorte. Adormeciam as luzes do passeio público, num lusco-fusco outonal que engolia os fundíssimos anseios de Estio. Algumas crianças de pescadores andavam remexendo detritos e trapos, quase maquinalmente estendendo a mão à caridade de quem passava. E o espectro de Manuel Laranjeira, enforcado no meio do sono, balançava atacado por um maçarico que vinha beber-lhe os olhos. Transpirava-se de frio, mantinha-se o fogão perpetuamente atizado, aquecendo tisanas, derretendo linhaças, fazendo borbulhar a água das botijas. Mudavam-se os lençóis, queimava-se incenso, recitava-se a novena de Santa Teresinha do Menino Jesus. E os corpos alongados estertoravam numa palidez que se comunicava ao resto dos quartos, esculpiam-se na penumbra com apenas, imperceptível, um latejar de narinas. Considerada irrecuperável, Lúcia fora já abandonada às garras da grande virago. E Amadeo estremecia em face de quanto lhe cabia desempenhar, ficava dormitando na varanda, a cabeça jogada para trás, levantava-se, vinha espreitar o lume, vigiar o negro volume da urna sob o colchão da irmã. Os sinos tocavam sem parança, o mar subia, devorava o litoral desolado, babava por entre madeiros e sargaços um vômito extensíssimo de espuma pardacenta.

A morte leva-o em três dias. Um cobertor de trevas vem sufocar-lhe a fímbria das

pestanas caídas, o peito regougando num tablado a rebentar. Na linha dos cabelos, uma coroa de água de contínuo lhe encharca a testa. Vibra de súbito um laranja, um cobalto, aos nervos transmitindo o choque da febre. No horizonte os castelos se acomodam, em sua frescura de florestas imensas. Andam, sente o homem, pelas pranchas da câmara, em seu rosto despejando um olhar abismado. E a prima donzela, a contas com essa lufa de familiares acamados, timorata do corpo nu do pintor, requisita o banheiro para que venha diariamente, esquecendo por momentos panos de barraca por remendar, ministrar ao doente o banho medicinal. Entra o padre, como se impõe, afobado e gentil, nas mãos lhe tomando as falanges entorpecidas. Dando fé de uma sombra a seu lado, de estola e missal aberto, cruz alçada por detrás, intimará Amadeo, articulando a custo a frase, «Faça depressa ao que vem!» A garganta é um nó de cortiça, por onde se desce a um inferno temporário: Uma colher tilinta de encontro a um copo, um papel se rasga nervosamente. E o longínquo vira-vento colorido, minúsculo, se lhe materializa com o tempo inteiro em suas hélices rápidas, dos vindimadores de Manhufe às ninfas da Rue Bara, dália de luz sem peso nem limite. Dura plácida a Casa dos Pais, mansíssima, entre os ralos dispersos que cantam na noite. E, pelas janelas abertas de par em par, até se esvaír, vai golfando e golfando o aroma das uvas pisadas.

Porque morre? Ele lançara, no período de trinta anos e onze meses e treze dias, a órbita completa da longa experiência. Explorar as vias que rasgara, numa disciplina fatal de burocrata, seria contradizer-se, homem que só no invento discernia os alicerces da natureza. Também no amor, aquele olhar que jamais se aplacara na focagem de um objecto único, se alongava agora por promessas de perigo a que se julgava incapaz de resistir. Daí que o recebimento que concede à morte assuma o carácter de finitude, que assiste sempre a liquidação das contas de um ser com ele mesmo. A família, aferrada a um decálogo inexorável que a valdevinice galante perpetuamente abalava, haveria de saudar o desfecho na aparência inesperado como volta benfazeja da fortuna. E Amadeo, na incessante vertigem da produção, apenas se teria por predestinado enquanto libérrima criatura, cara a cara com o destino. Nesse vinte e sete de Outubro de mil novecentos e dezoito, a vida que findara começava, como todas as que se extinguem, no reaver do palpitar definitivo de suas cores. Quanto às alamedas de Espinho, que no crepúsculo dos finais da estranhíssima guerra se tomavam despovoadas e varridas de areias, igualmente saberiam elas que a sua hora soara.

Santa Eufrásia de Goivos, Quinta-feira, 19 de Fevereiro de 1981. Esforço-me por arrumar alguns livros de Papi, de malas feitas para uma temporada no Porto, os Anatole France, os Jean Lorrain, de parceria com programas da ópera e do ballet negligentemente autografados. Ficam expostos os resíduos do manuscrito de *Amadeo*, reproduções que vão da amena paisagem de Entre-Corgo-e-Tâmega à convulsa flutuação de coisas e coloridos. Também o protagonista dessa vida se alcandora, tão vário em seus retratos, do rufião montparnassiano de cache-nez de lã em volta do pescoço, curtindo por certo uma gripe a goles de conhaque muito quente, ao filho-família discreto e apumado que foi à cidade tirar o retrato, o relógio enfiado num dos bolsos do colete, no outro o dinheiro à justa para a gratificação ao cocheiro do trem.

Álvaro telefona, avisa-me de que chegará amanhã para estada de uma semana.

Não perguntem agora como lhe foi a vida, com que espécie de filamentos se manufacturou a tessitura da biografia a escrever. Quando a passagem é tão curta como esta, não será que tudo se reduz a um dia único, lavado e sem heroísmo assinalável, nele se degustando apenas o tegumento que não amadureceu? De Amadeo, como de outros, poderemos dizer que oscilou do apetite à renúncia. Nem lume nem gelo o tiranizaram alguma vez, porque incólumes de intempéries ficam os homens missionários. A sua deslocação por aqui, recorta um triunfo renascentista, desses em que um carro possante e de rodas lavradas avança esmigalhando tudo em seu curso, a marcha festejada pelas esvoaçantes nereides que nele seguem. A história pessoal que realiza, as pegadas que deixa no solo, até pelo anonimato a que por vezes parece remeter-se, consagram uma determinação que, nas cartas que ficaram, quase se diria de última vontade. «É preciso fazer todo o esforço pela acção artística», repetirá. «De há muito que estou pronto e acho que é necessário desenvolver mais acção», dirá ainda. «Cuido daquilo que aprendi e herdei», resumirá por fim. Administrador do talento próprio, se nos arriscássemos a falar de tal essência a propósito de quem progressivamente escravizou meios de expressão e aparelhagens de domínio, jamais Amadeo se olvidará de si. Pessoas de tal nervo, só porque não podem dar-se ao luxo da ausência de si próprias, se não ausentam dos outros. Temos visto desses irmãos que erigiram o currículo à custa da obsidiante preocupação consigo mesmos, reflectida, como numa ilusão de espelhos, na solicitude para com o próximo e até para com os objectos. Assim foi Amadeo, assim o sofreram alguns que, agastados pela sua presença, incontinentemente o votaram à danação de que, afinal, investidor vocacionado que sempre entendeu de conveniências, viria a retirar os melhores dividendos. Ninguém, daqui por diante, o insultará de louco, reconhecendo-lhe todavia a malevolência capaz de converter um morno serão numa tarde de Carnaval. Só que a desordem do espírito é de muito mais que necessita, da aptidão para visionar e não só para revolver, da anulação absoluta do ser ante a ideia que o transponha. Se a Amadeo atingisse qualquer forma de náusea, o que é duvidoso, alguma vez acontecesse, seria daqui que viria a crescer, desta sabença de que a rotação dos ponteiros é só por si impossível carreto de levar aos ombros. Com a quotidianidade forçada às fronteiras que convencionara, experimentaria a agonia irritada dos que assistem à festa por detrás de um esconso guarda-vento, dos que vitoriam as núpcias dos outros com a sabedoria acidulada e insubmissa de jamais nelas poderem participar. Nem a família de Manhufe, bem vistas as coisas, o cominará alguma vez de alienação mental. Imputar-lhe-ão alguns a inacessibilidade, outros o mau gosto, não sendo de excluir os que, desentendidos de sinuosidades estéticas, apenas suspeitarão a rendibilidade do charlatanismo ou o modismo da mediocridade. Permanecerá Amadeo aquém e além deles, nessa ubíqua condição em que se reverenciam os que foram e ficaram? Só os deuses, para quem a morte é jovem, pairam eternamente em regiões assim, o que será talvez conclusivo sinal da genialidade do servo que convocaram.

Lúcia esmorece num salão obscuro da Rive Gauche. No emaranhado de seu espírito, onde vogam galhos de tílias desfolhadas, viagens com transbordo, guarda-

fatos atulhados de caixas de chapéus, botões de punho, borlas de pó-de-arroz, algumas telas se suspendem, se alumiam, se apagam. Mirrada de frio, depõe os anos que leva, de si mesma se despedindo e de seu cadáver idolatrado, de ânimo pacífico entregada à ciência de não haver perpetrado a menor das traições, transportada nos braços de seu jovem atlético e voluntarioso. Paris acinzentava-se com ela, desdobra à sua volta o irradiante círculo de luz onde se pode morrer. Respondem os relógios por sobre os telhados, os estorninhos levantam voo. «Como se chama?», pergunta. «Lúcia era dantes», pensa.

«Porto, 10 de Março de 1983. Caro Senhor Mário Cláudio, O escasso conhecimento que temos um do outro, apresentados por um amigo comum entre a saída e a entrada num restaurante, mal justifica que me dirija a si para afinal tratar de questão de ordem pessoalíssima. Mas a forma como há dias me olhou, ao cruzar-se comigo numa rua da cidade, convenceu-me de que talvez possuísse a meu respeito qualquer informação, expectativa ou motivo de solidariedade, susceptível de legitimar esta ousadia. Em correio separado tomei a liberdade de lhe remeter documentos que, desde há alguns meses em minhas mãos, começavam, nem eu sei porquê, a queimar-me os dedos. São os quatro cadernos de capa de oleado em que Papi, e não vejo razão para desvendar agora um nome que por certo não terá dificuldade em determinar, verteu em sua letra microscópica, quase diria científica, a sinopse daquilo que julgo projectaria como *Vida de Amadeo de Souza-Cardoso*. É ainda, o que mais me doeu alienar, o pequeno maço de folhas em que Frederico, meu amigo, foi dando conta de si e do trabalho a que seu Tio se dedicava. Verificará que me poupei ao incómodo de expurgar o texto das referências à minha pessoa, algumas das quais abundantes na revelação de factos que preferiria manter secretos. No fim do Inverno de oitenta e um, quando eu próprio acabava de regressar de uma curta temporada na Quinta de Santa Eufrásia de Goivos, comigo trazendo Papi que na Biblioteca Municipal pretendia realizar alguma pesquisa, Frederico foi encontrado morto na escada exterior da casa. A seu lado havia uma carabina, uma bala da qual lhe tinha certamente perfurado a carótida. No choque indescritível provocado pelo acontecimento, alguém se lembrou de requerer uma peritagem policial que, após laboriosos interrogatórios e sucessivas reconstituições, se decidiu por uma versão que não deixará de arrepiar-me até ao fim de meus dias. No parecer dos técnicos, Frederico teria retirado a arma a fim de a limpar, após o que a carregara para experiência. Inadvertido dele, o filho mais pequeno do caseiro, Gabriel, teria premido o gatilho com o trágico resultado que se sabe. A hipótese de um suicídio parecia, de facto, fora de causa. Ainda na véspera Frederico me falava, com animação que quase me surpreendera, do progresso de seus estudos sobre o românico da Ribeira Lima e, mesmo, da sua intenção de se candidatar a um lugar de assistente na Faculdade de Letras. Reli e reli, como calculará, as linhas do diário que lhe mando, na esperança de nelas descortinar a chave deste mistério. Tudo em vão. Acabrunhado pelo desenlace, que considerou «uma insuportável monstruosidade», acolheu-se Papi a casa de parentes, os mesmos que fizeram chegar até mim os papéis que lhe envio agora, e dele tenho só a notícia de que diariamente mergulha um pouco mais, e mais sem remédio, no oceano de leite de sua cocaína. Creio que termino aqui a minha história. Há dias voltei a Santa Eufrásia de Goivos, a

pedido de quem me confiou os elementos que expedi para si, a fim de trazer outros pertences de Papi e do morto. Quando, deixando a casa para retomar o carro, olhei para trás, vi especado no meio do terreiro o pequeno Gabriel, fixando-me com os olhos enormes, inocentes e líquidos. Tinha na mão, como que esquecido, um vira-vento de papel de lustro. O Senhor Mário Cláudio atribuirá a essas páginas o destino que melhor entender. Eu fico confiando em que o meu gesto possa constituir homenagem bastante a Frederico, a cuja memória me ligam ainda, e para sempre, laços da mais profunda e complexa ternura. Creia-me muito seu Álvaro Tavares de Castro.

Lisboa, 4 de Novembro de 1983

Guilhermina

A Manuel Dias da Fonseca

Têm estranha voz os sinos, quando sobre os telhados se encontram tangendo, a manhã facetando nos cristais da simplicidade, de bairro para bairro carregando a férrea mensagem das horas, das devoções, dos fastos. Serão assim os de São Francisco e os de São Nicolau, do alto se manifestando de campanários donde a saída dos navios se pode perscrutar, debruçados para ruas estreitas e alcantiladas, que a luz consolida numa névoa de líquenes. Com tal concerto quisemos dar início à história de Guilhermina, que com pouco mais de seis anos vai hoje a baptizar. A infância, já não vizinha desses campos sonoros, por eles a vê marcada, por seu voo e sua densidade, sua lição de áreas delimitadas e tarefas repetidas. Salinos são os dias, no percurso que do rio chega ao mar, em Matosinhos, onde a sirene do nevoeiro assombra as noites de Inverno, as varinas seus peixes oferecem de entranhas escorridas sobre a prata das escamas. Atrasam-se os carrilhões na memória que lhes assiste, órgão gigantesco ordenando o caos, dando corpo a aglomerados que os homens compõem, o princípio magoando das tardes de Fevereiro, consumando dúvidas em sua vibração pesante, ao silêncio que se lhes segue os muros todos abrindo da cidade. O seu é o trecho que já está escrito, que no desferir das cordas se descobre, nas arestas em que a música se debate e o céu fica coalhado de cirros amarelos. Sobre o tampo das mesas, contra as vidraças quadrangulares, a compasso bate os dedos minúsculos, de longe as badaladas se escutam, afogadas pela chuva que é uma poalha de cinzas. Ei-la que ao de leve os exercita, os dedos, até que se retiram, adormecem recolhidos ao abrigo do regaço.

Cuida Elisa, a mãe, dessas moles de roupa branquíssima, engomadeira e penteadora, a Guilhermina preferindo a irmã Virgínia, menos entregue a reptos de sumptuária rainha, bem mais atreita a miúdos cuidados, que prepara saquinhos de alfazema, a rigor cumpre a obrigação de terminar, sem êxtase nem desânimo, os cem arpejos programados, o piano cerra sobre o dever satisfeito. Na sala de gavetões onde se empilham duros saiotes brunidos, blusas saturadas de bordado, é esse odor de cabelo ardido que se concentra, da pequena tortura evolado de aplanar e frisar, encaracolar e erguer. É a água, depois, em borrifos caindo sobre linhos e cambraias, sobre a fronte da violoncelista, inquieta quando lhe tratam da rebelde cabeleira. Quando não, trinam os canários nos gaiolões suspensos das varandas escancaradas, num cibo se espanejando de painços, os quais, sobre o ferro forjado da sacada, certa camada formam que com o tempo se faz custoso descolar. Na casa da Rua do Godinho, em Matosinhos, aonde vai regressar filha da Igreja, festim nenhum se levantou para a ocasião, de resto muito adiada por incúria ou débil crença. Sentam-se os quatro, Augusto, o pai, que em italiano enuncia as peças da refeição, nem de longe frugal, portuense.

É um homem atribulado o que tenho diante de mim, que sobre o mármore pôs os cigarros e o isqueiro, com o bruto calor como um halo à sua volta. De perna esquerda repousando sobre a outra se me revela, os sapatos poluídos de aguadilhas, com o corredor a prolongar-se para além, fuma de Hefáistos de que insólitas soldaduras pudessem resultar. Inclinando-se na moldura do espelho, fosca superfície de que o esmalte despega, pediu um mazagrã, bebida entrada em desuso, por inteiro adequada a esta hora. Cai-lhe a sombra nos olhos, um sorriso ostenta que nem denuncia a beatitude nem referenda a troça, enquanto bebe a goles vagarosos, esperando que eu fale para depois falar ele, situando-se na melhor das perspectivas. Escuríssimo, como todos os velhos cafés do Porto, é este onde estamos, Álvaro e eu, pelas cinco e meia de uma tarde de Julho, dizendo-me do violoncelo, daquilo que refere como «emprego do polegar fazendo pestana móvel». Por mim acentuo a distância, sorvido o líquido que escolhi e que deixei arrefecer, dispondo-me a não intervir, com a benevolência que sei irritar jovens adeptos que se aproximem. E aquilo que me conta, daquilo que por escrito pretende contar, não cobra ainda sentido, com a canícula em que se asfixia, o cirandar dos criados obsoletos, o difícil girar da ventoinha do tecto, emperrada e coberta de cotão.

Quedava-se o agregado, onde a articulação dos seres e das coisas se produzia utilizando a mediação musical, a coberto de tensões, ou tê-las-ia condensadas para outra manipulação? Vivia-se no fabrico e na expectativa da exibição do talento, com o pai alerta para o efeito conseguido, não raro mais, talvez, que para a excelência dos actos. No chalé da Rua do Godinho, recheado como casa de bonecas, com sua apoteose de laçarotes e pompons, a mãe Elisa as funções desempenhando de guardaroupa das duas Pompadours, estava o tempo amestrado mas não se detivera. Floresciam no quintal as roseiras, com as etiquetas de chapa sobre as quais precisos dados genealógicos se assentavam. Também elas se julgariam ataviadas para o breve fausto, como se curando de no leito do rei virem a ser recebidas. E, no horizonte de passagens repetidas, emendadas posições, pausas que um ímpeto final antecederiam, as cartas se jogavam da cortesã. A nenhum nominado senhor caberia propor-se, que não a esse plúrimo, constantemente mutável, o público, de que um rosto emerge e faz as despesas da ceia, faculta o prémio e a recepção, a atribuição congeminada da venera. E o pai a fiscalizava, insistindo num détache do talão à ponta, os ligados observando numa feroz contensão. Estremeciam as vidraças, os cabelos ficavam riços de Guilhermina, o corpo do Mundo sentindo na caixa que ao corpo encostava.

A obra de folhear, em que se empenha Álvaro, resmas de partituras que foram da concertista empresa será sem grandes revelações. Em seus espaços e linhas haverão os sinais, a algum tempo do exame, de obter autónomo significado. Sobre eles a atenção se fixou, para os medir e a trapaça lhes surpreender, os aproveitar, por fim, como chave do segredo que guardam. Neles se supuseram outras fábulas, de ínfimos diabos frenéticos, saltando as vedações e escalando os mastros da notação, na desordem de um inferno de brincar. Que poderá, em verdade, respeitar uma criança, quando de signos se trata? Assimilou já as posturas de base, ajeitou a pauta para a leitura melhor.

E, ao falar de música, de grande excitação se dá conta, atónita e de rendas, múmia infantil debaixo das avencas.

De manhã entrava o sol pela bandeira da porta, num viravento de cor que sobre a escada se suspendia. Era a aventura primeira, conjugada com o mar estendido para além, aos bichos se misturando que nele se viam, manuseado tesouro por certa sereia que detinha o abre-te Sésamo do reino submerso, longamente cantava entre um luxo de algas. E o instrumento se calava, susceptível todavia de despertar a um impulso, companheiro da taça de pé onde os pêssegos amadureciam. O arco se aquietava que o vinha tocar, retendo em seu descanso encantamentos e maldições, inconsciente de tanto que sabia. Desgrenhava o vento a corrida pelo jardim, uma rã sobrevivia no espelho de água, de inútil amor coaxando sem tréguas. Meditaria Guilhermina no percurso das nuvens, suas formas e tintas, as figuras que levam, aladas e seminuas, seus ceptros e tridentes, seus escudos e cítaras? E o violoncelo, que passos conheceria do discurso dos dias, que astúcias e que vitórias?

É o Planeta, por essa época, rede lançada de relações a que se prendem as metrópoles. Por ele vaguear, como por planície na fronteira da qual o casario se erguesse dominado por um fortim roído, na vida se contém já da pequena musa. Vão os exercícios de digitação depositando nela uma dessas fadigas que pedem, para se aplacarem, a repetição do esforço que as desencadeou. Alguns romances a enfeitiçam, ainda, de cavaleiros e anões, mas outro é já o livro que lhe colocam diante esses anjos suspeitados, terríveis de fascínio, que para ficar a visitam. Adquire um nome o instrumento, Luís se chama, Constantino ou Viriato, ao sabor dos instantes e do aroma que têm. Aprende Guilhermina, hesita, percebendo que a transportam, o cais ignora aonde irá desembarcar.

Possuir por ascendência, como Álvaro, uma escassa multidão de mercadores portugueses constitui, ele mesmo o reconhece, árdua carga de aguentar. Gente assim, com menos equilíbrio que vontade de o ter, entre letras vencidas trucidada e despachos da alfândega, a inteligência deposita onde jamais ela se encontra, o que frustra o diálogo, a imagem degrada, acentua a solidão. Por trás se lhe vê a sequência de casas abandonadas, antigas temporadas de Vichy ou Mondariz, o que lhe basta, de resto, à continuidade. E a doença, as tragédias domésticas, espiadas quase sempre pela hidrângea de um canteiro, do negócio fazem parte. Alteram-se as condições, suprimem-se as cartolas, nada perturba os filhos dos filhos nem dos netos deles, só quando, a um tropeção do código genético, um personagem se faz intervir como este, aqui perante mim de cigarro perpetuamente aceso, do canto do olho a adequação avaliando das cores no estúdio onde trabalho, o solavanco se dá, o progresso se suspende ou se apressa. Perguntamos quantos meses nos restam, ainda, até que se produza a hecatombe anunciada.

Tinha, de facto, caprichos inesperados o violoncelo, ora entoando com perfeita doçura, fazendo com que, a escutá-lo, para a saleta se dobrassem as corolas, ora a lengalenga resmoneando, os objectos induzindo a depender daquilo que tivesse a declarar. Por vezes, a certa arcada maior, um tropel de mafarricos surdia das

entrelinhas, dela se apoderava, nos ombros se lhe empoleirando, dos brincos se lhe suspendendo. Reagia o instrumento por um outro ruído, risinho que se refreasse, choro que ameaçasse fazer-se gargalhada. Certa vez, quando uma corda rebentara, correu a aplicar-lhe o xarope que a si própria vira ministrado. E tudo desaparecia em redor da estrutura de tábuas e tripas, vernizes finíssimos, melindres, traições. Quando em Luís se convertia, tranquilo era o diálogo, avesso a brigas e amuos, faz-de-conta sem palavras debaixo de um tamarindo. Mas era Constantino, à águia se assemelhando que Júpiter mandava, acarretando-a de nebulosa em nebulosa, sobre estepes de cavalos sem brida, montanhas de neve coroadas, fimbrias de mar que se esfarrapavam. Então, Viriato irrompia, com suas hordas de guerreiros hirsutos, mascando folhas de carvalho, aos ares atirando o grito que as trovoadas recebiam. Passavam lá fora marçanos bardinados, aprendizas sobraçando caixas de tampo encerado. Ante o mistério paravam que na sobreloja se fazia, de orelha fita, prossequindo logo seu caminho ou, mais afoitos, duas pancadas desferindo no caixilho da janela.

Aqui finalmente a temos para que se veja, a crónica da verdade se lhe viabilize. É a Assembleia de Matosinhos uma dessas agremiações de que se diz que desenvolvem «modalidades várias», para além da «filantrópica acção» que todos os anos se remata com o «proverbial bodo natalício». Em seus descampados aposentos, preenchidos por cinco ou seis retratos de fundadores, dez diplomas de menções honrosas, um estandarte murcho ao canto, eis que três conselheiros pululam dos quais um é farmacêutico, um grupo de oito assíduos com seu tocador de trompa, seu estudante de Medicina e seu diseur de Junqueiro. Quando, pela primeira vez, aí surge, com sete anos apenas, do enternecedor petisco se tratará para a assistência de mães gordalhonas, filhas solteiras de óculos de grossas lentes, que a paixão devastante alimentaram por certo oficial e lêem ainda Georges Ohnet. Referem-se-lhes, às filhas, os mais finos rapazes da terra, com desplante ostensivo as apodando de «coiros», o olhar divergindo na oposta direcção. Mas hoje, incerta data do ano de mil oitocentos e noventa e dois, em que se apresenta acompanhada ao piano pela irmã, divulgou-se a notícia até ao Porto, graças ao esforço do extremoso pai. Houve quem, para ver o prodígio, uma noite de loto imolasse, consigo trouxesse a velha prima lisboeta, que tem assinatura em São Carlos e está de passagem para as termas. À entrada da pequena, de cara o seu tanto arrapazada por espessura de traços, interrompem-se as conversas, para o intervalo a continuação se prometendo do relato de um casamento arranjado. Tem Virgínia o cabelo preso numa trança que lhe faz o périplo da cabeça, veste de folharecos nas mangas, calça botinas de catedral. O esmero em Guilhermina é que se pôs, todavia, a mãe sugerindo isto e mais aquilo que o pai logo rejeitava, até se concentrarem no que se nos depara aí. É um fato escocês, a três quartos, com um escapulário que sempre a magoará. Do futuro com vergonha haverá de rever-se assim, de violoncelo a seu tamanho descaído sobre a coxa. E é como se partisse para uma excursão aos Highlands, dessas em que se leva uma manta e o termo do chá, uma lancheira com sanduíches que glosa o tartã da saia. Quanto ao rosto, ávido já e já certo do aplauso, a lividez foi ganhando das velas que tem por trás.

Detestará Álvaro que se pense, assim me diz, que a música só, a mulher, o

instrumento que toca o andam interessando. Bem gostaria que se entendesse o que arrisca em tal xadrez, já que a vida verdadeira não existe. Alguém se levanta, uma curta passeata realiza à beira-mar, come e palita os dentes, adormece depois. É isto a biografia, um salmo penitencial? Lá vai proferindo a oração, de cá para lá, enquanto entre nós se intromete a soberana criatura, num de seus trajes de sanguíneo vermelho, os sobreviventes dominando no desafio de se ter por inacessível a toda a narração. Assim é por certa noite muito quente, ainda, com a falena em grandes círculos contra a lâmpada estrebuchando.

No ensinamento de Augusto, cavalheiro humorado e de bastante pimenta, a infracção principiaria ela a introduzir, insinuando a acrobacia na modulação, a pirueta mesmo, o que as lições iria convertendo em combate de muito fragor. Contestava o pai com uma cadeia de frases que a filha arremedava, era tudo um desconchavo de que nenhum saía triunfante. Ingénua de tais fenómenos, empreendia Virgínia suas partes como quem se desincumbe de ofício assinalado, na perfeição se compensando da frouxa fantasia. Nas peças mais de efeito, no entanto, que Guilhermina desempenhasse, era já o exagero que palpitava, a bufonaria acrescentando ao que fora uma delícia para ganapos traquinas, quando achasse que pudesse originar o destempero. Com certo aguado lirismo, a paixão implicava das grandes trágicas de saturnina marrafa, que estudara nos magazines da sala de visitas. E, a cada ataque praticado, uma dose conferia de extenuada sonoridade, um ajuste de timbres quase insuportável. Para cada uma das peças a celeridade ou a lentidão era provada, uma vez aceite, fielmente reatada. Preocupava-se, de resto, com a queda das vestes, o discretíssimo adereço, orquídea ou cruz de rubis, que completasse o esquema dos sons, dele a não distraísse, um gesto realçasse ou uma loucura.

A dificuldade em permanecer nessa tebaida, confessa Álvaro, com a senhoria metediza, os nervos lhe vem arrasando. Por anos e anos acumulou resíduos e desperdícios, olhado de revés pela virago, suspeito de crimes e bruxarias. Eis que ali se vê atravancado, agora, sem esperança de mudar, à mercê dos juízos que elaborem sobre si. E a defunta concertista com ele coabita, um pouco de humanidade, porventura, acrescentando à desordem de pratos e gravuras, fragmentos de talha, crucifixos, missais. Aí as efemérides da mulher se incluem, também, magma sobre outros magmas, espuma soprada ao vento. Na maior das cautelas, pois, se desloca Álvaro, com a violoncelista que ao silêncio o obriga, de indicador sobre os lábios.

Muito pesaria, no ânimo da precoce, essa noção de se estar talhando uma audiência, menos pelo culto de que se via centro que pela oportunidade de com outros partilhar seus passatempos. A tal atmosfera de final de concerto, em que sempre se pressente uma areia pelo ar, um beijo que vem de algures e um crepitar de papel vegetal, dela pouco a pouco ia tomando conta. Protagonista se descobria de um drama maior, uma vez a plateia ultrapassada das monas perfiladas, pronta a receber e a replicar, no afirmativo direito à ovação que a premiasse. Esconder-se-ia Virgínia, entretanto, suave e de sorriso rasgado, atenta à mais imperceptível ausência a que tendesse a irmã. Não seria assim mesmo, perguntamos, nessa noite de Maio de mil

oitocentos e noventa e seis, em que se exibiram ambas no Palácio de Cristal, tocando uma melodia de Lee, *L'Étoile du Nord*?

Ia o reconhecimento do mérito da rapariguinha cessando de se associar ao anedótico da infância, à dimensão de seu violoncelo, propositadamente construído, se dizia, para com a estatura se lhe conformar. E a revelada originalidade, claramente diversa da dos fenómenos usuais nas estâncias de veraneio, o circumspecto Clube de Leça teria estimulado a abrir-se à menina sábia. Essa massa de sócios muito honrados, que se arriscavam na Bolsa e usavam polainitos de piqué, graças matronas que no Verão elegiam o branco como cor residual, a que o azul-marinheiro ou o vermelho-cereja se justapunham, resmungando ironias e bocejos, a garota acolheria com a desgarrada indiferença que se mostra e se esconde perante um parvenu. Esse grupo, aos olhos do pai Suggia menos representando a consagração dos melómanos que a disponibilidade da boa companhia, voltado para seu brídege e suas tricas de parentesco, com um ouvido apenas haveria de escutar, muito especialmente a vénia medindo com que a pequena agradecia os aplausos, o tocante diadema de florinhas campestres, julgado todavia possidónio, com que a mãe a coroara. E vagamente aflorariam os números do programa, os impagáveis *Arlequim* e *Papillons*, de Popper, que no contexto pedante, de tripeira digestão, deixariam um perfume de frescura e um relevo de esbatidos de camafeu. Fora a dois passos do Natal, o festivo tom dos trechos interpretados, em seu turbilhonante universo de embrulhos que se deslaçam e gozosas tropelias, muito a todos haveria de comover, proposta de coração alegre, desejo de bonomia e paz. Não seria peco na escolha do repertório Augusto, bom conhecedor do gosto geral, assim que da táctica de melhor o captar. E bastante disso em Guilhermina inculcaria, sensível em sociedade, com a suprema sageza da generosidade que não dispensa o capricho, da docilidade que não renega o império.

À escala do Porto começa a projectar-se, na incessante febre de saraus, que a ronceira tirada pressupõe da beira-mar à baixa, com o instrumento e o agasalho para a friagem do retorno. Disto se divorciará, contudo, o reparo dos contrerrâneos, divertidos pelo fim do regime, na contristada pompa apostados com que se experimenta iludir a agonia. Chamam-se os melhores da terra a compor uma partida de músicos, alguns raríssimos convidados para funções aqui e além, que de Paris falam com nostalgia e do Passeio das Cardosas com muito asco. E, se a comezaina sobretudo consiste em moscatel de Favaio e biscoitos de Valongo, um como que grande leque de plumas imaginárias agita um vento europeu e atabafante, que pelos cantos engendra certa imagem difusa de binóculos e corbeilles, de cartões-de-visita que do alfinete se soltam com um crespo estrealjar. Como levar, pois, a coincidir com o burgo fuliginoso, aí onde os próprios musgos em carvão se precipitam, a vocação que se confere e se anuncia, que pede a deferência e a rendição? Batem as bandas suas marchas atravessadas pelo pregão dos aguadeiros, com um velho rubicundo que à orelha de outro segreda o apreço que tem pelo rugido da tuba. E é quase tudo o que da esfera portuense se cruza com a música, não seja o lanço, também, de algumas torres, o apagado fulgor de um azulejo, a tarde que vem atrasar-se nas tílias de Massarelos. O conhecimento disto reclama um dom que não é o dela, pela ânsia impelida da carreira,

que nem mesmo consente se perceba o tom do lenço que levamos no bolso. A esse modo de privança com as gradações da luminosidade, com as súbitas e terríveis variantes da meteorologia interior, só os aparentemente frágeis, na verdade, têm acesso. Estará além de tal limite Guilhermina, sobre o enigma inclinada de seu toque como a sibila de Cumes sobre o augúrio das vísceras? Depois dela, até se desfazerem, as galerias da cidade se repetirão, gotejando brumas, a cavalgada saudando de certa malta fulva, que dos odres vai bebendo o vinho doce que pisou.

Não será a eleição dos primeiros afectos, para o imaginarmos, trabalho simples que a adolescente encare. Em redor desses cubículos, que sobretudo de cerradas atmosferas se alimenta a época, de pé se lhe prontificam os rapazes, caixeiros que desveladamente enrolam na mortalha o tabaco de onça, filhos-família desconfiados da atracção circense que lhes sugerem. Nem possui Guilhermina, pelo período de que nos ocupamos, o espírito treinado de entregas e recusas, desamparada ainda do grão de virtuosismo que a ousadia lhe dará, de condescendência temperada ante os próprios arroubos. Têm-na por nariguda e abrupta, com a angulosidade que deixa presumir uma pele resistente, um rompante em nas têmporas se despejar mancheias de água-de-colónia, um enfado em das roupagens interiores se desfazer, também elas entesadas, rascanhantes. Qualquer ramo de tulipas, por exemplo, mais lhe excita a gratidão do tributo reconhecido que o enlevo com que os estames se analisam, as pétalas se comparando ao lilás da echarpe. E no violoncelo identifica a metamorfose da voz entre meninice e mocidade, que a certos caracteriza dos que à sua volta vê. A aturada revisão de alguma frase, nessas horas de Estio incandescente, exausta a deixa, com um relento sobre a boca, as mãos muito trémulas, o desejo de se fazer aos areais do Cabo do Mundo. O livro da vida se lhe desvenda, com seus coloridos extratextos onde se descrevem as espécies, sua origem, seu destino e sua multiplicação, o que sempre a mergulha numa funda tristeza. Rompe com o estudo, arrebanha os papéis, vai deambular pelas ruelas do jardim, pensativamente mordendo uma maçã.

Nos degraus da juventude, irá tendo a suspeita de que uma só peça outras peças são, muitas sempre as mãos que a denunciam. E não haverá por onde lhe evitar o exacerbamento interpretativo, uma vez conseguido seu achado. Essa rebeldia à exactidão, afirmada por regra em anos de crescimento, invariavelmente se traduz em verter o máximo de fluxo no circunstancialismo que a natureza ditou. Então, entre os joelhos aperta esse torso flexível, que ao que sente com a ardente palavra lhe vem responder, apregoando uma sede que nenhuma linfa mata. Nem a cama se lhe torna necessária, disposto que o tem ao sincero queixume, ao extremo esvaimento que inutiliza para a vida, numa jaula de cristal encerra sem remissão. Vê-se infinitamente tocando sobre um rochedo, vêm contra ela as marés deflagrar, andam as gaivotas desaustinadas, a rondar-lhe a frente onde as madeixas oscilam como labaredas, grasnando de dor, bebendo-lhe as notas. Se assim é, imagem porventura edificada a partir de um gosto iconográfico ainda campeante, assim a não temos nos retratos. Está sentada, com o arco só medianamente suspenso, na pura intenção de dar testemunho de si. Nem mesmo fica nesse desarranjo de tapeçarias e bouquets, tão da fotografia sua contemporânea. Olha em frente, inexpressiva quase, postulante de mistérios cuja chave

ainda não recebeu.

Telefona-me Álvaro, a quem um conhecido comum, há semanas, epitetava de falhado, pondo-me ao facto do que tem em mente. Nem a ostensiva reticência com que, do outro lado, procuro dar a entender o orgânico desgosto do auscultador o demove de me contemplar com a detalhada relação de suas expectativas. Diz que penetrou na adolescência a grande intérprete, que bem se imaginará o que seria isso em Matosinhos em noventa e tal, que as fontes se lhe secaram. E o sistema me descreve das comunicações de antanho, cartas que do Porto se movem à vilória de pescadores, pitoresco de recoveiros, trens que a cada passo, se bem que a contragosto, se encarregam de levar e de trazer. Não dá notícias de si a espigada Guilhermina, a não ser repletos programas de récitas, quase todas do Orpheon Portuense, o que talvez obrigasse a deslocação de maletas, além de a curta estadia. E agora se dedica, apurada já alguma técnica, à aquisição de um estilo, resultado não fácil em mulher que desponta, à obtenção do acervo de um repertório. À Rua do Laranjal, onde sediava o Orpheon Portuense, muitos sobretudo concorreriam pelo querer manter viva a tradição. A outros espectáculos, explica ainda Álvaro, os dos Teatros Gil Vicente e Águia de Ouro, os restantes afluiriam despertados por um nome, pelo prazer de certo texto, por outras complicadas razões de mundanismo e acaso. Dificilmente o ouço, porém, mais o interesse lhe retendo de comigo dividir seu espólio de dados que o efectivo empenhamento em quanto confidencia. E não faltará muito para que o dia se esgote sobre nosso diálogo, sobre outras vozes correndo pela bronca cidade. Quanto à violoncelista, eis que se lhe ilumina também a escuridade, aos relâmpagos que operamos. Disserta ainda Álvaro, e já não o compreendo, puxado pelas arcadas da solista, no *Concerto em Lá*, de Saint-Saëns, que executa numa noite de Janeiro.

Pelos portões ingressar do real Palácio das Necessidades, notificada por um punhado de Braganças que declinam os restos de seu poder, a Guilhermina pareceria um presente de fadas. Ainda lhe determinaria o pai a toilette, pela mãe beneficiada, a de Virgínia também, já por então a seu gosto hiperbólico sobrepondo a razão protocolar, nem sequer de extrema rigidez. Em Carlos, o rei, tão amiúde incitado ao dichote faceto, nem o tique do galanteio nem a verve do contador de caçadas a moçoila espevitaria. Amélia, sim, a rainha, aí se levantava, cumpridora de um mecenato de pouco fôlego, sobre ambas as manas, sem destriça, projectando a agigantada figura, que a não poucos faria diagnosticar um descontrolo da hipófise. A inglória comitiva de duquesas de princípios implacáveis, ajudantes-de-campo que a custo se desprendiam do cio das debutantes, um bocejo haveria de causar em quem à celebração da Terra se votara. Distribuí a soberana seus óbulos de circunstância, rolando muito os *rr*, subsídios prometendo de aperfeiçoamento, sorrindo sempre, muito. Por detrás, contabilizaria Augusto o zelo de todos esses anos, as barbas cofiando como um Crono tutelar, amigo do sucesso de suas filhas, do de Guilhermina ainda mais, tal como de trajecto próprio que se fosse esboçando. Da decisão da ajuda à sua fruição, um portulano compulsava ele, de nações a conquistar, ingentes aclamações, foyers encharcados de essências. Logo os portões se fechavam do real Palácio das Necessidades, escarvavam os cavalos, impacientes da demora, uma lufada atlântica

penetrava pelo vidro, nas quelhas por onde descia a carruagem. Remetida a seu ângulo, com o delgado suor a empapar-lhe a testa, aguardaria os mementos recebidos. Que faremos nós, entretanto, da existência que fica e prossegue, se congemma e se liquidou?

Chega Álvaro, compungido, como quem houvesse patinhado sobre folhas. Afirma ter Guilhermina, agora, por despensas, saguões, carvoarias, buracos de arrumo de ferramenta e caixotes. Passa ela pelos quartos das traseiras, entre uma estátua de Ceres e um pote com uma aspidistra, os sótãos enfim atinge onde, à luz da vela, as criadas escrevem suas cartas demoradas. Vêm de longe a longe lavar a clarabóia, a campanha retine, rompem os debruns de feltro do piano velho, apesar da tira que o protege, das contas de naftalina que sobre as teclas lançaram. À sombra de um coqueiro ficcionado, eis que um formigueiro circunda o pulso de Álvaro, acenam as ramas à superfície de sua bebida, por entre o chocalhar sem júbilo do limão e do gelo. É uma ambrósia nova que repõe assim, ínfimo deus que nela se remira, enquanto os transes balbucia da existência da biografada, na caótica urbe de concreto e granito, por entre mulheres de carroto à cabeça de puxo, pequerruchos apáticos arrastando um joguete.

A Espinho iria dar Pablo Casals, catalão e violoncelista, que firmara contrato para aparecer como membro de um septeto, a solo uma vez apenas por semana, no casino local. «Era o Casino de Espinho», lembrará meio século depois, «em realidade, uma casa de jogo». Contava por então vinte e um anos, em seu dom confiado e em sua sorte, ao braço do instrumento adossando as miúdas feições de pernóstico preceptor. E, por conselho do pai, viria Guilhermina diariamente, de comboio, escutar-lhe a lição. No conceito desse mestre, tão jovem, afinal, mas tão maduro que a variedade dos temperamentos se diria reprovar, evidentemente se tratava, o que bastante temia, de uma futura notável. Essas expedições de solavancos, que do Porto a conduziam à praia apinhada de ociosos, bem didáticas se revelavam da autonomia da genialidade e do dever de a acalentar, da sumária indiferença que é necessário contrapor aos machos mentores, da eternidade do abraço em que ao peito se estreita o luminoso instrumento. Na convicção de estar, de certo modo, dilapidando dotes, assim é que Pablo exemplificaria. Que poderia esperar de seus recursos a raparigueta esgalgada, sem piedade o olhando numa atonia pascácia? Havia cordas e dedos, já o explicara, uma expectativa que tudo absorvia. Que poderia, pois, ensinar-lhe? Era como quando vem lastimar-se um amigo, não atinamos com que coisa fazer da ternura, da repulsa que nos resta. Mas era um fio, também, na tessitura geral, que o diálogo distraía. O homem tinha ela, em seu núcleo de brasas, aí onde verdade e engano se entrecruzam, decadência e grandeza. Que poderia fazer, encadeada a um texto que ninguém em definitivo traduzia? A cada instante lhe sussurravam a desistência, inquiriam porquê, da teimosia se riam. Seria isso, a música, um soluço de outra pátria, com sua capital de perfeitas artérias, seus frisos de oiro rebrilhando ao sol? Que tarde que se tornara, que frio, agora que haviam as ondas deixado de bramar. Acamava o violoncelo em seu estojo, avançava aos sacões, apitando, a longa composição.

Quem dela quisesse obter o que pensava, nessas vésperas de largar para a Alemanha, muito pouco conseguiria. Horas e horas passava a escovar-se, a esmiuçar o

crescente da fímbria dos cabelos, propositadamente esquecendo o incómodo nariz, capaz todavia de lhe imprimir o carácter, de lhe outorgar a privativa divisa. Vinha a mãe solicitá-la para que experimentasse outro vestido, botasse sentido na harmonia das cores que contrastavam. E a seu modo Constantino, que era assim, por então, o violoncelo, para a peregrinação se treinaria, acomodado ao veludo, dormitando o tempo que lhe autorizavam. Reparava nas mãos, em seu médio tamanho sem maravilha, adequadas à canseira que as viesse tomar. E só poderia, achava ela, repisar essas peças, timorata de esbanjar algum fogo que amaria ver num archote alteado. Embriagavam-se os íntimos nos desígnios que lhe auguravam, ofertando aviso e préstimo, defrontando-a com súbita e risonha atenção. Não deixariam, porém, de lhe estudar os traços, a marcha que ia adoptando, nisso lhe prevendo triunfo e fiasco. Ficavam destapadas as arcas, na previsão de uma última lembrança, enredavam-se pelo chão, entre palha e cruzetas, os barbantes. A viagem colectiva, essa mesma, começava.

Não hesita Álvaro em se apresentar depois das onze, de casaco pelas costas, desgrenhado. Vagabundeou recordando episódios da violoncelista, architectando outros, cerzindo farrapos da sua à vida da mulher, tudo agrupando numa alegoria. Caturram os pombos em seus vãos de penumbra, as andanças espreitando dos noctívagos. Que faz com que me procure, me sinta eu fraco para o rejeitar, afinal o aguarde pelos achados que traz dessa existência fulgurante, ou que assim quer, de Guilhermina pelos tablados da Europa? Por ele transpõe ela as muralhas do Porto, das pontes se aparta, imenso um lenço acena sobre o casario.

Quando se viu entre os brindes dos colegas, que na carreira encetada sua própria decalcavam, sentiu-se tomada de grande pânico. Assim partir, sem ao menos a contrição desabafar pela propícia estrela que se lhe alumiera, eis o que lhe parecia quase monstruoso. Estava o salão do Laranjal superlotado, era o quatro de Novembro de mil novecentos e um, por quantos acudiam a ouvi-la, parentes variados, se sobravam, adeptos muitos, que de crenças assim todos carecem para poder ir prosseguindo. Se era tudo quase triste, a Grieg se deveria, a sua sonata, que não sem cálculo interpretara com Virgínia. Pela última vez, de resto, se reunia o Quarteto Moreira de Sá, com ele, Henrique Carneiro e Benjamim Gouveia. E, nesse rumor da assistência que tossia, com a primeira nota por vibrar ainda, o bruxulear das tochas se poderia perceber, aos circunstantes transmitindo o tal misto de esperança e contentamento que o milagre compõe da vida que corre. Assim ficar na orla da Península Ibérica, adivinhando as traineiras que vão saindo para a faina, os faróis que os rochedos varrem de seu facho lívido, constitui aventura de eleitos apenas. De muita cortesia a cumulavam, com a tolerância dos que se despedem, que é quase sempre o agasalho melhor para a viagem de Inverno. E, apercebendo-se de que estremecia, sem que porém desse mostras de especial comoção, nela detectava a irmã outros lados familiares. Passava Guilhermina através dessa gente o rosto ornitológico levantando, em direcção a praças que se lhe entregavam. Teriam soado as dez quando saiu, sem dizer adeus, à garganta achegando a gola de marta. Que cidade vinha vê-la, com as casas de quatro pisos, as incessantes caleiras vomitando águas? Estampavam-se os

campanários num torvo firmamento de estratos vermelhíssimos, ainda a si a sonata prendia, como se o hálito quisesse recolher da terra onde nascera. E os passos a guiavam, direita sempre, igualíssima, à garganta achegando a gola de marta.

A cumprir seus fados desandaria Augusto, também, que na escolta de que se incumba, a Leipzig conduzindo a pupila, tardiamente concretiza desideratos que não desenvolvera. Embarcam em Vigo, tocam em Bremen, apreensivos da excessiva bagagem que lhes vem no encalço, como se em vera, definitiva migração fossem ambos. A algures entre os campos irá Guilhermina aportar, aonde o exercício se lhe possibilite. Andará flanando pelas margens do Elster, a memorizar compassos e a planear glórias, agora que, por entre volumosas baforadas de charuto, lhe incute Julius Klengel, o professor, que não há trecho capitulando a liberdade de quem dele se abeire. Instantes se davam em que convergia a natureza de ambos, por uma fala despoletada que de nenhuma outra forma se lograria proferir, o que era só a crispação do desejo. Dera já Klengel por única a ocasião, que se lhe patenteava, de uma aula de recuos que não de investidas, de assombro que não de chateza. Filtravam os grandes vidros a luz estanhada do Inverno germânico, arrepiava-se na aragem a corrente do rio. Como que por efeito do clima, tinha agora mais dúcteis os cabelos, sobre a meia face larga descaindo em bandós. De muito e recôndito sossego fazia a conversa com as cordas, admirada da frequência que soltavam. E era Leipzig, assim, a milhares de quilómetros, cintilante corpo solitário, divagando pelo espaço sidéreo.

Cada manhã se punha à porta Julius Klengel, esperando a rapariga que o acaso lhe metera no percurso. Com desembaraço rompia ela, escorraçada das intempéries, logo a toda a volta distribuindo os objectos de seu mester. O aroma de vasta morbidez, de molhadas plantas que decaíam, se lhe ia evaporando dos vestidos. Já, por essa altura, se fixara na indumentária desleixada e heteróclita com que haveria de caracterizar os anos de apogeu. E na palma da mão recebia o pachorrento Julius Klengel, acabada de salvar, uma dessas aves cinzentas e reboludas, que costumam remexer nos lodos ribeirinhos. Quando, com a dúvida do apaixonado, o arrebatado desenho lhe corrigia de um portamento, a posição dos dedos lhe reconstituindo, dir-se-ia o tempo petrificado, com os plátanos lá de fora desfocados num extenso borrão verde. Nisso meditaria Julius Klengel, retractando-se daquilo que ensinara, refundindo a prelecção que fizera, debitada agora a maior velocidade. Como poderia Guilhermina obedecer-lhe, retomar o excerto que lhe fora assinalado, sem todavia prescindir de se ser? Essa trepidação agastada, que nem nos deixa carentes nem nos satisfaz, dela padecia o alemão, ante o mistério ostensivo que jamais se atreveria a louvar. E a transmutável beleza se lhe materializava nessa jovem do Sul, no fogo que tudo molda em sua consumpção.

O descaso com que desrespeita Álvaro domicílios, pisa carpetas, se esboja por cadeirões de quem lhe fala da mulher, não deixará de em mim espicaçar alguma irritação. Com obscena sanha, vai roçando pela existência dos outros, alunos e serviçais da intérprete, conhecidos tão-só, que por isso, talvez, na reputação desta ou daquela se não coíbem de espetar alguma farpa. Sugere as questões, a que logo ele

próprio dá resposta, não vá o que lhe relatam desconfirmar o que já alinhavou. Ouvir é rara virtude do biógrafo, que o caso mental sobre o real conjectura, o painel tecendo onde os tons se combinam, expurgando o que superabunda do produto desejado. Narram-lhe incidentes em que as maneiras de hoje se misturam às de então, recuperando os itinerários da diva, ajudando-a a estabelecer a textura de um par de luvas, o rápido desafogo lhe escutando que o choro humedeceu. E a casa esvaziada, destituída das colossais vitrinas que as bugigangas congestionavam, aí se quedou deserta, atribuída pelos novos locatários a mais prático desígnio e menos lancinante. Em grossos pacotes se entouxaram os pertences, por arquivadores e arquivadores se coligiram os documentos, se separaram as fotos, de uma sépia que se apaga ou vai embaciando, por álbuns que muito em breve se desconjuntam. Indiferente permanece Álvaro, todavia, a esse estado de coisas. Lá vai, na grande saga que porfia em levar até ao fim, cego perdigueiro que deslindou o rasto, nada mais quer que não seja a coordenada do faro que o orienta. Assalta pois residências, gira numa roda de entrevistas, com Guilhermina junto, céptica da lufa-lufa que o vê despende.

Fora uma fase de quartos exíguos, em maciços edifícios de gótico wagneriano, por entre a fauna de estudantes de horário irregular, modestas secretárias de empresa, catedráticos de línguas orientais. Aí sufocar o estertor do violoncelo, prejudicando-lhe a altura da chama, em razão de orgulho se lhe converteria, naufraga incansável na peleja contra os elementos. Recatada e activa, como essas quadras, de resto, do Conservatório Municipal, algo lhe faltaria a adestrá-la ao sonho, a crescer-lhe a incerteza que o ígneo dragão ou o vampiro sanguíneo desencadeia. Pouco mais poderia ver que não fosse a cadência da disciplina, a reverência dela, que é tudo quanto se ganha em estágios assim. A rotina de cozinhar as próprias refeições, da dieta nacional seleccionando o menos especioso, em parte a compensaria das tiradas de estudo, com o sempre mesmo Elster colérico fluindo-lhe aos pés. Em certa modalidade de doméstica indústria a energia empregava, apurando um contorno, flectindo um bemol. E Viriato também, ou Constantino, o que quer que, por então, lhe fosse o violoncelo, abrangeria a insuspeitada dimensão. Dela se falava já, entre os alunos, de alheada a reputando e de muito intensa, com a fulgência de olhar que permite antever a imprevisível conduta. Nesse período, contudo, quase de límbica gestação, de importância mínima se lhe revestia o conceito dos outros. E a própria ardência moral, que em tanta circunstância, depois, a fama haveria de lhe acarretar de vulcânica amorosa, dissipada se diria para sempre. À ambiguidade, que entre ela e Klengel se intrometera, menos feita de qualquer incentivo da discípula que dos falhanços do pedagogo, retrucaria com preito e pontualidade, consciente de por aí derivar ainda mais a dedicação que motivara, que tinha, ao fim de contas, por muito proveitosa. Por Leipzig via andar esses rapazes brutos, mastigando as páginas de sua sebenta, para ao sábado se emborracharem em rodadas de bitter. E era o terror que se apossava dela, no acatamento do macho, que só como dádiva recíproca reconhecia. Observava-os a medo, em seus casacões de camurça, sobraçando dossiers, alombando aparelhos de óptica como quem transporta o futuro. E ficava com o apetite da solidão, quietos dias de nevoeiro, tardes de vento de agasalhada leitura, outonais escapadas, com uma cesta na mão, a inquirir das vendedeiras o preço dos legumes. A tanto chamaria, em seu

espírito, «uma ciência da mulher». Mas, logo, diante de uma nuca varonil aclarada pelo sol, sumário arquivo lhe sofria a teoria. À partitura voltava, sustentando os olhos piscos naquela volta intrincada, reservando para amanhã o que para já não quisesse, ou o que só, por enquanto, não entendesse ainda.

Ao telefone, a altas horas, recita Álvaro, sem preâmbulos, «Excelentíssima Senhora: Em nome da Direcção da Gewandhaus, tomo a liberdade de convidar V. Ex.a a participar no XIX Concerto Comemorativo, a realizar no dia 26 de Fevereiro (com ensaio geral e entrada livre no dia 25 de Fevereiro, quarta-feira, da parte da manhã, às dez horas e meia), dando-nos o gosto de ouvi-la em qualquer peça de concerto para violoncelo. O senhor professor Klengel teve já a amabilidade de nos informar da sua anuência, mas não queremos deixar de convidar V. Ex.a pessoalmente, pois temos muito prazer em lhe dar a oportunidade de se apresentar ao público da Gewandhaus. Na esperança de ter notícias de V. Ex.a, como confirmação da sua colaboração, subscrevemo-nos atentamente.» Desencantou Álvaro a carta, entusiasmou-se, logo pelos fios ma veio injectar, traduzida, acrescentando «está datada da Direcção dos Concertos Gewandhaus, Leipzig, 25 de Outubro de 1902, assina-a um tal Dr. Lampekischer, presidente da Direcção.» E emudeço perante este apêndice mais, com que decide galardoar-me a paciência, «saberá que a Gewandhaus, à letra, “alfaiataria”, primitiva sede da Corporação dos Alfaiates, serviria a partir de mil setecentos e oitenta, à falta de melhor, para audições musicais. E ainda saberá que, em mil oitocentos e oitenta e quatro, seria reconstruída e adaptada a recinto de concertos, celebrando-se em mil novecentos e três, data do concerto do convite, por consequência, o décimo nono aniversário da renovação».

A terra donde emigrara a acolhe, então, é por Março ou Abril, com um imprevisto de cambiantes, revérberos e transparências. Entrando pelo norte, eram as praias amornando, as ondas que numa girândola explodiam, o padrão de rubras telhas a contrastar com a folhagem. Numa dessas gares, onde o chefe de bigodes economizava falatórios para todo o vigor de alma investir no apito, uma mulher vendia seus bolos ressequidos e mosquentos, do tûmulo na aparência exumados de algum guerreiro antigo. Pelos terrenos limítrofes esboçavam os garotos caraças e manguitos, junto aos cavadores de grandes jornas, em seu rijo britar de pederneiras. Um pouco, bem por certo, troçaria Guilhermina do que quer que tudo isso lhe evocasse de lirismo, incompatível com o profundo sentir. Avaliava o perfil de seu pai, à janela, que era tal qual o académico desenho da cabeça de ancião, essa mesma que a prenda fizera de gerações de tias virgens, cujo artístico pendor familiarmente se festejou. País assim, ocioso e plácido, com a bovina graça cálida que o desculpa das faltas, o mero compadecimento induziria em quem tudo assimilara, já, de matreirice e pecado. De pé, diante da paisagem desfilando, repousava ela agora. Que significaria, enfim, essa faixa litoral, sequiosa de chefia, refractária à grandeza? E o grande caos se ia desenvolvendo, rústico e operário, das cercanias do Porto a que voltava.

É a noite clássica, de chuva torrencial, com o espesso Douro babujando gravetos, por entre delirantes remoinhos de lama. Duram, maceradas, as luzes da outra margem, a fachada despindo das caves de tonéis e de teias. Estamos, Álvaro e eu, num desses

restaurantes onde, por épocas como esta, uma frágil pequena, de olhar regiano, a lista nos descreve no comedor despovoado, afirmando-se cantadeira de um fado duvidoso. E eis que quando, como agora, a reabilitação de locandas assim, casualmente achadas por um naipe de amigos, se repercute nas brilhantinas revistas de turismo ecuménico que sobre Portugal editam um número, valerá a pena indagar se deste lado cuidaria Guilhermina. Logo como certeza peremptória o afirma Álvaro, explanando depois a ligação que com Priscila mantém, derivando enfim por diversas, setentrionais andanças de banho finlandês e arenque fresco, longuíssimos cais de acostagem onde, qual árvore tentacular, o óleo se derrama dos guindastes.

Sucesso «sublime», «incomparável», «entusiasmo indescritível», assim mesmo se exalta narrando o que lhe aconteceu, na euforia que à medida se desvanece da solidificação do currículo. Esse emaranhado diagrama de correspondências, em que a aprovação equivale ao sacrifício, eis o que, ao ver-se punida com a interrupção da bolsa por ter aceito um cachet, experimentara já. De Paris vai passar a Budapeste, de Haia a Londres, de Leipzig a Varsóvia e a Karlsbad, capacitada do valor de si, na ponderosa obstinação com que limita o tempo de sono, durante dias a fio se sustenta a chocolate. Em contrário sentido se cruzam os expressos, com o onírico transbordo por madrugadas de gelo, até no apeadeiro deserto se deterem, onde sempre se torna necessário identificar um sujeitinho obsequioso e baixote, que «mademoiselle» exclama numa interrogação, à desengonçada viatura a encaminha. Vencem-se bairros periféricos, um troço de campos de beterraba, por um bosque se mete, por fim, até se desembocar na mansão às escuras, pela fantasia guarnece de um cínico de cãs, que chupa cigarrilhas de ponta doirada, colecciona chicotes de casta variadíssima. «Partimos para Warsaw», explicará, «temos recomendações de um marquês e de um príncipe.» A associação preferível e a prática da música compaginar, a cada elogio referindo a mais acertada réplica, desfazendo o equívoco sobre certa, propalada insegurança, tudo a obrigará a nova escola de penas. A grandiosa atitude, que do menu simplesmente retém o que lhe não comprometa a senhoril dignidade, isso é que ninguém lhe mostraria, pois que numa base apenas de princípios gerais se alcança intuir. Julgá-la-iam, apesar disso, vertiginosa, atraindo os homens a caprichosos entrechos, de que logo saudavelmente se esquecia. Tenebrosas se lhe ofereciam essas suítes reservadas, com as mesas de vidro onde se espalhavam os ganchos, por detrás das quais admoestava o pessoal contra resíduos e atrasos, intimando-o à restituição do rol que fizera baixar à lavandaria. De Brunn à passada Leipzig interminável era a distância, da meia-noite ao meio-dia. Logo se seguia o ensaio, o concerto depois, a imediata saída para Dresde, aonde se chegava de manhã, se fazia um teste de acústica, se ia tocar, enfim, ao Real Teatro de Ópera. Já descobrira, porém, inefável pássaro, que jamais nos ensinam os gestos, os ocultos, sobretudo, puríssimos que temos.

Em Priscila se estabiliza Álvaro, do cargo me exonerando de confidente dos trâmites de sua escrita. Vejo-o, a enveredar por entre a multidão de uma dessas históricas pastelarias, invadidas há uma década pela vespertina algazarra das negociantes do mercado, em grande farra acampadas de galões e croissants. Ante o pasmo divertido das presentes, atravessa ele a confusão de crianças choronas, por entre migalhas e guardanapos, na esteira da impassível mulher, desprezante das misérias

deste mundo. Vai atraído por invisível liana, numa cena flutuando de nuvens tiepolescas de lânguido tom pastel, débil argonauta na terra de ninguém. E, subjugado por ambos, o quotidiano se dissolve, figurantes de um cortejo de liteiras que os leopardos tirassem. À geral estupefacção contestam com indiferença, o serviço exigindo em rápidas, impertinentes sentenças. Estão a anos-luz das ruas povoadas, nos cadeirões de couro a pregaria, algures se desejando à beira-mar, a espairecer o olhar pelo poente.

Nas cartas com os portugueses, como nessas que vai endereçando a Leonilda Moreira de Sá, camarada dos saraus de infância, o registo do êxito perpetua. Delas não se separa, no entanto, o voto de patriótica fidelidade, a despeito de, a cada passo, se lhe perverter de anglicismo a linguagem, progressivamente se aproximando da algaraviada da britânica em férias, que aos amigos relata as incursões que efectua. As travessias marítimas e os concertos, o conhecimento dos famosos e o favor que lhe prestam, é essa a matéria de que se alimentam. Vêm numa letra veloz, atirada à direita, o seu tanto negligente, entre o cânone oscilando e a presunção de nobreza. Saem os bilhetes-postais de muitos lugares, em que tipos, paisagens, palcos e obras se sintetizam, no limiar da pesquisa da cor. E, na poeirenta asfixia das salas, onde mais de que uma jovem só, de joelhos ao léu, atesta o lornhão à leitura do programa, o cheiro voga a desinfectante, a algum filtro de frasco que no rótulo ostenta certo nome floreado que lembra a Sulamita. Para Guilhermina é, porém, a ordenação dos sentidos, pitada de cálculo que a listagem reclama, por hipótese, do acesso ao camarim.

Em sua senda Karlsbad se situa, assembleia de brancuras que frequenta as termas. São as áleas percorridas por grupos de reflexão e de calma, por entre os quais se atropelam as crianças, seus arcos e cães perseguindo. Por aí se acha também, nesse Verão, Maria Pia, rainha-mãe de Portugal, entrincheirada numa súcia de obtusas açafatas, que todas as manhãs, com precaução infinita, baús e mais baús desaferrolham de sumptuosas extravagâncias. Estará ainda David Popper, compositor dessas delicadezas com que, após uma coisa séria, a bonomia do público se concita. Na presença da soberana, em seu contínuo desvario de imparáveis construções, cheia não raro de algum despropósito, o só papel de ouvinte desempenha Guilhermina. Com Popper vai fazendo música, de seus achados persuadindo o veterano, que lhe autografará o álbum «à memória do maior dos violoncelistas vivos, Guilhermina Suggia». E, na intimidade da realeza, reprime os impulsos de actriz desbordada, às emoções ajustando a férula da reputação que se não arrisca ao mais leve menoscabo.

Em mil novecentos e sete, ignora-se desde quando, está em Paris, com Pablo Casals comungando no leito e nos duelos, cada qual reivindicando o instrumento que para sempre os desunirá. Vive em Auteuil, numa passagem privada, dessas onde o andar ecoa da porteira que vai às compras, o assobio dos artífices que andam pintando a marfim os ferros de uma marquise. É uma casa modesta a Vila Molitor, com seu jardinete de grades onde se toma o café, receando um pouco a chuva do plúmbeo dos céus. Eis que Pablo, porém, natureza de lâmina de boa têmpera, por completo anula os detalhes, as atenções fazendo convergir a sua exclusiva, imponente direcção. O

domínio, que sobre a vivenda exerce, sobre a entrada e a saída de seus visitantes, do alto da calva cabeça onde os olhos se inscrevem como seixos de ónix, algo libertará como uma enorme exaustão. A potência de os outros amoldar à sua vontade, no entanto os tornando conscientes de que a própria exercitam, proibirá que se sustenha esse caudal de amigos em passagem, não raramente certos de haverem escutado um oráculo sem erro. Contra o amante, que outra, muito moça, Guilhermina conhecera no Casino de Espinho, a surda luta se trava, entre um mestrado que se não quer abolir e um coração inquieto de voo. Quanto às regras que lhe dita ele, com de resto inesperadas, íntimas exigências de impossível deferimento, é como se as julgasse um tratado a rescindir, não apenas pelo prazer de as rebater, pela absoluta incoerência de se lhes adaptar. À volta do casal ergue a muralha intransponível, o correio, por exemplo, cancelando com os seus, toda ela devotada à empresa da coabitação que os gérmes da ruptura contaminam.

Ao ascendente do homem seu critério, enfim, irá contrapondo, de inveterada, sofredora ansiedade. Sucumbindo ao peso de tal magistério, que nas suites de Bach se exterioriza por infinitas nuances, do companheiro se ressentido como de um estranho. Com respeito lhe aproveita o conselho, contra ele, de resto, se insurgindo logo, subscrevendo em seu íntimo foro a soberania do êxtase, no risco de que possa a norma implicar mediocridade ou secura. O amante que tem no anúncio da verdade se entroniza, pontífice que reclamasse a incondicional genuflexão, a seus dogmas dobrasse toda a fé. E disso se envenena o amor entre ambos, da geada de Paris, crestando as margaridas que além da casa se propagam.

Noticiará de Roma, em dezoito de Fevereiro de mil novecentos e oito, mentindo na preservação da idoneidade moral de que a pátria não abdica, «penso que as minhas amigas já devem saber que me caso no próximo mez de Abril e só tenho pena que não seja no Porto. Casar-me-hei em Paris».

Certa vez, regressado Pablo a desoras, alguma coisa se passaria, com o raso vento arrancando as ervas do interstício das lajes. Dir-se-ia adormentada a casa, no jardinete transido numa densa modorra. Lentamente foi ele subindo as escadas, como que a deixar exaurir-se a fadiga, quase feliz das quadras ermas que se lhe desdobravam. Torceu a maçaneta, na semiobscuridade, onde treva e objectos se dissolviam num volume só. Nua, enfiava Guilhermina o canudo das meias, sem que em nada a perturbasse a irrupção. Uma chuva ralíssima estralejava, ia a caixa-de-música fiando a cantilena, destampada que ficara, pois dela as ligas subtraíra. Quando Pablo lhe ordenou «ne bougez pas», logo se lhe submeteu, no movimento estacando dobrada sobre si mesma, com os seios pendentes de adolescente amadurecida, o toσό do púbis como flama de uma missa negra. Mais que o sorriso branco da veneração, um desafio dirigia a esse que seus esconderijos viera devassar. Crescia o rufo das águas na vidraça, tremulava a aura de um lampadário nos polígonos da parede, pela câmara dilatando as duas sombras. De alto a baixo a mediu, então, bateu com estrondo a porta, à noite se abrigando, sem chapéu nem capote, ao aguaceiro que desabava.

Queixa-se Álvaro de que não pára a hospedeira de o atenuar, por dar guarida a cada cão com que tope. E ora são rafeiros farejantes, que entre as patas se intrometem dos cavalos de Bartolo di Fredi, ora o sabujo que em Mantegna presencia a chegada de um nobre, ora o esfuziante barboncino de Carpaccio, que de gôndola viaja com toda uma embaixada, ameniza o spleen das cortesãs disponíveis, a lucubração testemunha, afinal, de Santo Agostinho em seu gabinete. E o quarto lhe tomam, sobre a colcha se espolinham da humidade, a pestanejar o observam, na antevisão de algum ralho, finalmente se esticam, de focinho sobre as patas dianteiras. Entra a pobre velha, perra de reumático, implorando ao senhor que não mais traga bichos, santo Deus, infestados de pulgas, portadores de moléstias.

Era uma casa de todos a Vila Molitor, ancorada nesse início de Novecentos, onde quase tudo se produzia. Os que da centúria precedente trasladavam a carcaça de um engenho, que haviam ensaiado para fracassar, adiante se veriam com outros cem anos de especulação. Em redor do amo os fiéis se assentavam, magnetizados da minéria qualidade que tinha, aparentemente capaz de contradizer os desejos mais ordeiros e de menor descaminho. Presidia Pablo pronunciando suas leis, imperturbável de rumo, como quem diz a equação a que não haverá que alterar um algarismo sequer. Que poderiam opor-lhe os que lhe admiravam o génio inteiriço, sem que devessem culpar-se de o tecido da verdade andar sabotando? Com ele alinhar queria dizer, disso mesmo se apercebera Guilhermina, rindo à socapa na constatação, com ele cultivar, até mesmo, um conluio de dúvidas, sob pena de que logo se cavasse uma vala, se arredasse o grande artista para nunca mais. Vinham os aspirantes, em sua chispa se remirando, de imediato se lhes pedia que referendassem o módulo do homem. E pelo sarcasmo, pela tontaria, se protegia a violoncelista de quem, com honras e privilégios, imperador se intitulava de seu corpo.

Por esse tempo, ainda, estacionavam as equipagens diante de residências onde, a dias certos, se fazia música. Permaneciam mudos os pianos, até que, a um breve sinal, a cerimónia principiava do concerto aprazado. E assim ocorria, com variantes que apenas acabavam por delinear o cariz de cada casa, sob a alçada desses nomes terríficos, tão de proustiana ressonância como da volúpia do snobe intemporal. Eram a marquesa de Saint-Paul e Madeleine Lemaire, a formidável princesa de Polignac, uma inocência de erótica e de literatura. Despidia de toda a frivolidade, nítida e ostensiva, disso se afastava a Vila Molitor, com um Casals tido por arisco a laivos de tolerância. Retirando o canotier branquíssimo, aí se arrastava Fauré pelo meio dos convivas, até a console onde a cabeça de neve apoiava, sobre a mão de dedos muito apartados.

Emergia a manhã do rés-do-chão, com Pablo abordando a allemande da quarta suite, o que era para Guilhermina, recém-chegada a Neuilly, como a gaiola onde Merlim expiasse seus feitiços. Tudo num diagrama se via clarificado, tal qual no instante que precede o sono, em que os numerais se obtêm na ordem mais perfeita. Eis que Bach assujeitava a vida, com suas pautas onde um firmamento se sintetizava, passavam geométricos e sem desvio os corpos, era só um infinito expandido, galáxias e meteoros, sobre luzes e mais luzes, outro além. E o espectro do rigor superlativo, a

conclusão de que coisa nenhuma sobejava, logo ali se lhe impunham. «Nada do que se tocassem», aduziria ela, «poderia acrescentar fosse o que fosse.» Entre as seis suites, de apenas duas, a em Sol e a em Dó, haveria de se apoderar como de coisa sua. Ficavam com Pablo as restantes, até que as recebessem os anjos, o esquisado desenho, de Joelho por terra, para a eternidade, enfim, lhes retocassem.

Outra vez, pelo Ano Novo é que a ruptura seria. Indignada, recolhera-se ao canto de um restaurante do Boul'Mich, numa consciência de transgressão que nenhuma falta profissional descolorava, que a precisão, ao invés, lhe conferia dos desideratos que amparam a vida. Pouco lhe importava que se agitasse Pablo, estonteado na sublevação que contra seu jugo palpava, vasculhando gavetas pelo amor de se vingar, revolvendo papalotes e bâtons. Inalterada, consultara a ementa, decidira-se pela frugalidade, detalhes fornecera de guarnições e temperaturas. E tudo se apaziguava, enquanto do globo de ponche se ia servindo, fazendo tilintar o bracelete em sua deslocação. «Não há quem sobreviva aos outros», concluía, recordando esses quantos que por Paris divulgavam questiúnculas do casal, mal ou bem arguiam o catalão de lhe sequestrar os violoncelos, os vibrados de um e outro comparavam, em desprimor de quem lhes fosse menos querido. Aflorava-lhe à memória certa cena de gritos, com o homem em fúria se lhe lançando contra a grenha imensa. Ali, no afunilado compartimento onde comia, que um certo fartum retinha de câmara mortuária, na avaliação se embrenhava de convivências e chagas. Promovera já a primeira desforra, rectilíneo um roteiro à sua frente se abria.

À diversão que atribuíra aos habitués, alguns dos quais já nem mesmo a vivenda destrinchavam dessa mulher trocista, com intempestivas pulsões de doação e injúria, o extremo aborrecimento ia somando agora. Que a noite lhe amargassem com um discurso dreyfusista de duvidosa solução, ou que da regularidade de seu método viessem sorrir com uma chalaça de café-concerto, eis o que, na ausência do refrigério da música, jamais haveria de permitir. A ambos devotadíssimo, com certa reserva mental, porém, face ao homem da casa, trabalhava Emmanuel Moór num concerto duplo dedicado aos dois, em que a parte destinada a Guilhermina, todavia, se vinha inspirando por brilho maior. A benevolência, que a portuguesa concedia aos hábitos digestivos do compositor, uma desculpa tão-só haveria de significar, em seu conceito, pretexto de esquecimento, persistência numa roda de delinquentes que da própria tendência não têm noção. Seguiu Moór esburgando ossos e cuspidando pevides, num grande estardalhaço de barbárie faminta. E, quando ao recinto da música, por essas noites de parisiense estiagem, o aroma dos lilases afluía, mais e mais a seus instrumentos se apegavam os tocadores.

Tem ela um jeito de se acomodar, a si apertando a túnica translúcida, reunindo os pés por debaixo da poltrona, que sempre associei a seres de muita alvura contra fundo azul, aparecidos sobre o bojo de um vaso Wedgwood. A Priscila me refiro, agora sempre com um Álvaro fascinado pelo garbo de a exibir, langorosa e tigrina, desprendida de seu corpo e da posse dela mesma. Solta as madeixas, toma um livro ao acaso, no pires poisa a chávena, com essa augusta volição de quem o epitáfio redige do

mundo que há-de vir. Não posso, olhando-a bem, impedir-me de pensar em frutos, implicados num arranjo de manchas e cores, o entrançado deixando vislumbrar da ceira que os contém. Sobre o trabalho de Álvaro se debruça, apenas se movendo pela gloriola que poderá bafejá-lo, menos curiosa das efemérides da violoncelista que do ritmo que possa ela ter tido, com que a supõe, afinal, ir resistindo ao tempo.

Sozinha, em sua casa de Paris, fica Guilhermina, ou simplesmente Guil, que pelo materno olhar a surpreendemos agora. Sempre que assim é, com Pablo pelas sete partidas, a mãe convoca de Portugal. Chega Elisa, pressurosa, incansável no elogio do protector da filha, das benesses se gozando que sobre si vê descer em catadupa. Está a violoncelista de bruços, folheando uma gazeta, enquanto palra Elisa diligentemente, imprimindo-lhe a massagem de efeito muito gabado. Na voz tremelicada, das vantagens a convence do estatuto actual, comparsa famoso, excelentes relações, três peijas, um cãozinho. Ao clarão de uma campânula, fixa a rapariga os hexágonos da parede, que por entre círculos se convulsionam. Que pensará, no crepúsculo, como se da Vila Molitor não houvesse escapatória, encarcerada até nunca mais? Ouvirá acaso os sinos do Porto, na manhã abafada de nevoeiro mortífero? A cada página voltada, uma brisa se levanta, vai Elisa falazando, confundindo-se, de momento a momento se perdendo.

Insólito, mas inegável, é que a frequência das tertúlias se entremostre com esse ambíguo aspecto, de festejo e de rito funerário, que a muitos, desde sempre, haverá de aterrar. Isso mesmo saberia Guilhermina, em certo subsolo seu, intocado ainda pela usura social. Ao ascender, num princípio de Abril, a escadaria flanqueada por duas ninfas candelárias, a uma outra impressão agudíssima se ajuntaria esta, das tais que um norte decidem, matrimónio de razão, escalada fatal aos cimos do Matterhorn. A toda a volta, por entre a criadagem, andavam grupos de negro, num torvelinho que da profunda distância a alcançava. Tinha Pablo à beira, tentando persuadi-la a que acedesse a tocar, com essa altanaria de quem o patrocínio vai conceder à divulgação de uma habilidade. Alegando uma enxaqueca, declinou o convite, venceu os quarenta degraus, com as ninfas imovidas em sua postura. Fora, já se disse, em primórdios de Abril, noite por certo de Lua Cheia. E, até de madrugada, em diagonal calcorrearia as avenidas, num banco sob uma faia se detendo, enfim, arremessando pedrinhas ao lago que lhe ficava defronte. Voltaria a casa, como se há minutos apenas a houvesse deixado, o oposto tracto perfazendo dos cavaleiros matinais.

Imagino o que serão essas surtidas à braveza do Gerês, que muito animadamente Álvaro me vem reportar, com uma Priscila destacada contra o bege do sofá. Desfiles serão de modelos únicos, que do gorro vão às botas, transitam pelo anoraque, no acampamento atingem seu clímax, de insufláveis e marmitas, sacos-cama e fogareiros. Com Guilhermina em Paris, na escrivanhina se desarrumam enciclopédias e dicionários, capítulos rascunhados e apontamentos a compulsar. E pelo Gerês persistem os dois, ante um marco romano a estesia afectando que do tédio citadino os redima. Sobre tudo isso discreiteia Álvaro, particularizando os bolores e os fungos, um fóssil e um tentilhão, pelo inventário continuando dos cogumelos de sua sabedoria.

Num táxi, ao longo das Tulherias, irá rolando a violoncelista, aspirando a viração que às narinas lhe traz um hálito de pétalas mansas. E Álvaro se me afigura cada vez mais desviado da narrativa da mulher, destruídas que foram, como consta, in articulo mortis, as epístolas de Pablo, documentos outros através de cuja falta a fábula, afinal, se nos autoriza. À concertista, em seu íntimo, se anda o Gerês substituindo, com a ramaria ciclópica e as alvercas fundíssimas, as escalvadas penhas onde a alfena medra, sobre as quais o vulto impende das aves de rapina. De sua biografia cada vez menos me institui seu tão certo secretário, como ainda não há muito, quando de Augusto, o velho pai, me fazia o recorte de boémio musicista, da estirpe desses que vão de terra em terra, rodopiando de casório em casório. E era um sátiro protector do epitalâmio que me traçava, com algo de bode esquentado, conivente de hospedeiros e ciganos. Uma vergôntea gerara fora do casamento, no rasto de estarolas rapazotes correria, já ancião, as casas de passe do Bonjardim, em algumas das quais como que desfrutaria de lugar cativo, com direito, no réveillon, ao trago de Fita Azul e ao galhinho de uvas brancas. Ali estávamos, pois, praticando sobre o Gerês, Álvaro de cigarro esquecido entre os dedos, Priscila reclinada em suas almofadas. Na esperança ali estávamos de que progredisse o romance, a escrita se corporizasse, o andamento seguinte pudesse principiar.

Na cama, com o pequeno-almoço sobre a coberta, vai Guilhermina mordiscando um brioche, a odisseia dilucidando dessa bela e malograda Geneviève Lantelme. Por três vezes a informara Pablo de que saía, esperando vê-la erguer-se, ajeitar-lhe as bandas do paletó, sem que a intimação nenhuma correspondesse a mulher. Não despegava da leitura da reportagem, vivia o milionário Edwards a cortejar a actriz, ramos e mais ramos lhe remetendo, de rosas que vinham atadas com uma pulseira de brilhantes, em seu iate *Aimée*, finalmente rendida, a levando embarcada. E logo tudo se baralhava, passava do meio-dia quando se recolheram, era sufocante o calor na cabina, num pedacinho de papel escrevera Geneviève «meu adorado André», tomara um pouco de pó, dirigira-se à escotilha. Vinham os ladrões violar-lhe o túmulo, ao cheiro das jóias com que a haviam sepultado, a polícia os apanhava, um guarda fazia fogo, raspava-se um fósforo, que ao contacto com os fumos, escapados do caixão, punha em fogo a mortalha. Outra vez anunciou Pablo que saía, já alterado, sem que nem sequer movesse ela as pestanas. Numa raiva derrubou o tabuleiro, leite e compota ensoparam a crónica do misterioso iate, com seus passageiros que a morte beliscara. Só então se levantou, enfiou os chinelos, se sentou penteando a cabeleira, mais renitente e selvagem que nunca.

Fora o ano de mil novecentos e doze, como se verá, tábua de fortúnios e infortúnios variados. Abraçavam-se em Berlim Schöenberg e Stravinsky, uma guerra rebentava nos Balcãs, naufragava o *Titanic*. Para Guilhermina, todavia, a uma janela iria ficar o ano aprisionado. Partia Pablo, em tournée, com seu trio que Alfred Cortot e Jacques Thibaud integravam. Compreenderia ela que deveria alongar-se do violoncelista, da temporada que com ele repartira, nessa vila onde a neve pesava toneladas de silêncio? Ficou afastando o reposteiro de cetim, que tinha uma decoração de cupidos calipígijs, a bem dizer, voltejando em todos os sentidos. Alastrava o

jardim, ou assim é que o via, num tom de laranja aguada, com os arbustos muito hirtos na terra endurecida. Dela diria o amante, muito depois, que era libertina e desarranjada. E houvera uma intriga de reconciliação, infâmias trocadas, com o pobre Donald Tovey tresmalhado por tudo isso, tentando refazer a velha parceria. Ali se postava, pois, com uma réstia de sol nos ombros, obedientemente recontando as grades da vedação. Só mais tarde os olhos de ambos se reencontrariam, para logo e para sempre se separarem quando, às oito horas de trinta e um de Dezembro, de Pablo recebeu um pneumático, estava ela ainda em Paris, na Rua Hamelin, que rezava: «Chère Guilhermina, je suis arrivé hier sair très fatigué de mês voyages. Je veux te dire que je souhaite pour toi tout au monde pour ton bonheur. Au moment ou nous ouvrirons la fenêtre pour entendre minuit, je serais tout seul et penserai à toi de toute mon ame. Peut-être tu penseras à moi aussi.» Seria isto, com um retrato ou dois, o só resíduo desse homem, recordado sem perdão, que jamais votaria ao lume.

É o salão de Gyp, como já à boca cheia vai constando, «uma bolsa de reaccionários». Nele fica a escritora, balançando o sapatinho, brandindo a fumadeira, mais emblema de charme que sinal de protesto. Veste uma saia tufada, parece uma libélula na cintura delgadíssima, de uma fragilidade que o metal da voz se diria compensar. Com Maurice Barrès vai entretendo um colóquio absurdo, em que se vêem confrontados merecimentos respectivos de Veneza e da Lorena. Nisso depositam ambos exasperado vigor, o cerne explorando de suas preferências, como se de tanto pudesse advir o impedimento da catástrofe. Vagabundeiam os convidados, na palma da mão sustentando, a sopesá-los, os inumeráveis pisa-papéis, divergindo pelas estâncias de dentro, insinuando-se por quietos passadiços, como esse com as oleografias penduradas do castelo de Koetsal, onde a dona da casa viu a luz. E, ao relacionamento com gente assim, não pouco agregaria Guilhermina de propósito vindicativo contra Pablo, além de certa medida de mais dilatado relacionamento. Aqui estará, portanto, com Virgínia, de si tentando veicular a melhor das imagens, a que impressione a anfitriã, que sobretudo admira pela capacidade de administrar a conversação. Lalo atendera-a, não havia muito, colocando-a, desde logo, numa platibanda de graças. À intérprete conviria, agora, expandir uma fé na multiplicidade, tão pronta a ser o que quer que desejassem esses que ambicionara para seu partido. Que tocaria, então, para Gyp? Uma aragonesa, algo de tão vertebralmente peninsular que não solicitasse demasiado raciocínio. Vinha do país da freira apaixonada, urgente se lhe tornava estabelecer a autoria dessas cartas, tão geométricas, tão pouco, para dizer tudo, do colorido das emoções. Nas paragens de Gyp, afinal, não haveria que afirmar fosse o que fosse. Discorria Barrès, ouviam-se os realejos, verdadeiramente se caía de sono.

Mais uma dessas notas de Álvaro, como sempre prolixa, me espera no regresso de férias. Dramaticamente me comunica a fuga, as amarguras de pequeno-burguês a contas com seus dramas, a vida nova que vai experienciar com Priscila, «alternativa», em certo torrão nortenho, na auto-suficiência de quase tudo, do sementeio do trigo à destilação da cerveja, da batida da manteiga ao cozimento da louça. E a meu cargo deixa Guilhermina, dispersa por volantes manuscritos, duas fitas magnéticas, esconsas anotações, pássaro interceptado no decurso de seu voo. Aqui me deparo, pois, com

essa outra existência nebulosa, na placenta de frases e clichés, vestes de concerto que a traça come. Nada dela me separa já, no retorno à escrita em que me exalto, com o tempo inteiro a nosso crédito, forçados amantes que nenhuma estrela guia que não seja essa, de para sempre se darem ou se destruírem. De Pablo, em conclusão, muitas vezes diria «andava de sociedade com gente extraordinária, uns que com ele treinavam luta-livre num beliche, outros que à mão devoravam o spaghetti e o bife, alguns mesmo que ao colo o transportavam pelo átrio de um hotel».

Na guerra acesa está em Brive, foragida, entre arcas de porão e móveis enfardados, com a mãe, a irmã, o cunhado Léon. Uma outra se quer perante os homens, perante esse marido de Virgínia, que a entusiasma, inabalável mas fraco, opção para o macho tenaz, que durante tantos anos a trouxera oprimida. De Paris a reminiscência a acompanha dos aeroplanos, descendo a pique, parindo uma bomba, voltando logo a subir, ante a inconsciência dos transeuntes, que a tudo assistem como a um festival. Brive é melancólica e só, com essa Rue Gambetta, onde o pequeno grupo se alberga acomodado por um certo Fey, terminando num aterro de arrabalde. E, a cada instante, no horizonte de choupos que o Outono esgalha, a rubra deflagração se adivinha das granadas, o passo de chumbo da soldadesca chafurdando na lama. Num desalento de cinzas mortas, andarás contemplando, então, as mãos do cunhado. Tinham dedos macilentos e afuselados, estacas que delimitassem um território onde nevara. Habitados que estavam, os dedos, ao comando do diletante a quem pertenciam, ao grão do marroquim e ao toque do Vergé, também eles se consideravam destituídos de toda a serventia. Numa paixão irada os inspeccionava Guilhermina, à suposta brandura de suas falanges se prometendo, enquanto se lamentava «há dois meses que minha irmã e eu não fazemos uma nota de música». Descarregavam-se os feridos, franceses e belgas, ingleses, até mesmo alemães, que em seus argumentos insistiam, enquanto lhes ajustavam a ligadura, a resolução professando de, a breve trecho, ir embora. Na noite, enfim, altíssimas brilhavam as constelações, inexoráveis, sorridentes quase. E uma velhota trôpega, desproporcionada, com seu bordão tateava o terreno, o esburacado manto desfraldando pelas planícies de França.

«Eu passeava pelas colinas em volta», relataria, «por toda a parte era a névoa.» Dir-se-ia, em verdade, a herdeira de uma fazenda, que houvesse saldado o idílio com o mestre-escola, não soubesse o que fazer da vida que lhe ficava. Em Paris deixara Viriato, com suas cordas retesadas que nenhuma emoção viria perturbar. E, quando a viam sair, ao pôr do Sol, interrompiam os camponeses seus conciliábulos. Julgavam-na uma heroína, que as peripécias ocultasse de algum anarquista jovem, num enredo de cartas trocadas sob uma ponte do Sena. Mas só essas mãos seguia ela, em casa se lhes negando, porém, receando a suspeitosa vigilância da irmã. Metia-se Léon com seus alfarrábios, pespegando-lhes ex-líbris, olfactando-os, de tempos a tempos o filtro renovando da boquilha de ormulu. E era a guerra um limbo em que todos se enfastiavam, entre projectos de aforro e de aniquilamento. «Não sabia nunca que caminho tomar», confessaria, «se o da capela, sinuoso e abrigado, se o da lura de texugos, com suas bermas de que as amoras pendiam mirradas. Algumas vezes me cruzava com o abade, que um aceno me dirigia do alto do cabeção, indeciso em me

julgar vagabunda ou peregrina.» Era assim em Brive, coração do Périgord, nesse mês de Setembro de catorze.

Para essa busca das mãos, o desencontro delas, a que soluções poderá recorrer o biógrafo? Radica-se em Inglaterra, com o violoncelo que em Paris entretanto arrebatou, temo-la «by Mrs. Hart», em Broadhurst, Heathfield, Sussex, como se a guerra não bramisse. Libertos da trela, farejam os cães as valetas, estacam ante um bando de gansos despenhados de um barranco, que de mau génio sibilam. Ao cáldo sol da manhã, no peitoril os boiões se enfileiram da geleia de framboesa, há quem, na precaução do Inverno, renove o colmo de seu telhado. Saltitam os estorninhos ávidos, a debicar as aparas de bacon, ao abrigo preguiça Emma, a gata, de um recesso de hortênsias que o gelo mumificou. É, então, o ritmado baque das bolas de squash, com violência expeditas num corte que se não vê. Atiçado o lar, sob o relógio decidindo o tempo certo na escarpada chaminé, fica ela ensaiando até muito tarde, no quarto que lhe cederam, donde a torre normanda se distingue, a Lua que em baixo desponta, rasando copas de bosques fervilhantes de roedores, fossos estagnados de fortalezas que se esboroam. E um vasto parque se prolonga pelos outeiros, transpõe urzes e silvados, na perspectiva se limita dos Downs, da pardacenta lista do Canal. Passam as amazonas em seu trote domado, perfura a chaleira uma pausa com o assobio infinito. Escondida por tais aparências, saboreia Guilhermina os dias conforme lhe vêm. Necessário se faz, agora, aprender-lhes o uso, no conjunto o tecer das idades, desculpar-lhes o encanto com que se esventram, de polpa rubra e doirada, completos na elipse que vão descrevendo.

Entre Londres e Heathfield infindas horas despende, esquadrinhando recitais, congeminando contratos, a um guiché se plantando, onde é necessário munir-se de inquebrantável paciência. Minuto a minuto, pelo toque entrecortado de um klaxon, atravessando o Strand, numa quadra acanhada onde as xícaras tinem, é o rondó do *Concerto em Ré*, de Haydn, andarilho e folgazão, que a possui. E o espírito se lhe insurge contra a memória insistente, que em tudo se engasta, arrogando-se direitos, como central a utilizando onde vozes e ecos, ecos e vozes se imbricam. Perpassa o comboio por estações onde se aprumam os esperantes, sob lâmpadas que se atarracham a um quebra-luz de esmalte branco. Do alto dos taludes uma tribo de crianças espreita, filhas da viúva indigente e corajosa que um livro escreveu de muita celebridade. E ao fundo os detritos se amontoam, bidões e farrapos, por entre cascalho e carris arrancados. Num espaço se pára, por fim, de viadutos, atira-se com a porta da carruagem, onde ficam uma bolsa e um jornal. O cansaço vence os que reentram, um odor aflige a suor e a giz, descaem uns quantos sobre os comparsas ao lado, com o fio da saliva a correr-lhes pelo queixo. Persiste o rondó, embalando os que vão, os sentidos revolvendo de Guilhermina. Num estrépito, porém, de rodados e cabos, a um ramal se acede, apodera-se a orquestra da integral melodia. E lá vai Joseph Haydn, fungando rapé, a luz soprando de um astro, alumando outro, numa pressa transitando pela Via Láctea.

Amarrado a suas asas, com ela plano à mercê das correntes, recuperando

intimidades e missivas, no umbroso burgo onde a luz viu e perdeu. Nela vou indo, agora, que ma legou Álvaro para que a consumasse, nela me ergo e me deito, calculando-lhe os passos óbvios, sugerindo-lhe os de mistério, no tremor a recebendo deste aparo de tinta com que se mostra e resguarda. Em seu duro caroço de lodo, ei-la de súbito alteando a cabeça, estendendo o bico, a plumagem fazendo desabrochar. Nesse jogo teimamos, de seduções e bofetadas, até que rompa a manhã, o terror se dissipe, aprenda o violoncelo a sua litania.

Conhecia Mrs. Hart, na verdade, nome e virtudes de numerosas plantas. Saíam ambas, num intervalo de estudo, a pesquisar tortulhos por entre as carvalheiras. Recreava-se Guilhermina nos caracteres que a outra lhe enumerava, do acónito e do funcho, sua mortal consequência, sua eficácia na ferradela do lacrau, sua apropriação a saladas e a peixes. Uma leva passava de inimigos capturados, cortando aveia a largas espadeiradas. Regressavam, tinha a portuguesa os dedos imbuídos de variados aromas, a eles a música se apegava, ao longo do ponto do violoncelo. Era, então, como se a própria terra se apaziguasse, de seivas e tegumentos, no retomar do trabalho que deixara.

Assim, com não pouco egoísmo, me confia Álvaro a mulher descomunal, ora divagando por terras inglesas, ora nas cadeiras se instalando desta casa, inocente de sua rota. Queixa-se ela da paixão por certas mãos, agora, que a tudo se pretende imune, a cada tentação antepondo exigências do ofício, quando não se desculpa com a dubitosa virilidade do objecto de seu devaneio. E as pernas se lhe descerram, a esse novo frêmito do organismo sonante, que por canais e veias lhe circula, na alucinada demanda dessas praias que a nortada alisa, as ondas lambem e as chorinas cobrem.

Uma espécie de febre ia tomando a retaguarda, no inalterado quotidiano rasurando essa linha de trincheiras e arames farpados, de cadáveres que numa vastidão de lamas apodreciam. Organizavam-se encontros, expediente de alguma crença na pertinácia, ansioso contraponto dos tanques e dos canhões, do gás de cloro tóxico. E havia uma tonalidade de sereníssima realeza nesse colectivo, em que a obsessão da economia era, ainda, uma nota de abertura, precluída pelos lustres e pelo brilho das tiaras. Uma farândola se revezava, então, em clamorosas presidências e campanhas de colecta, rainha Alexandra e duquesa de York, princesas Cristina e Helena Vitória. Nessas partidas, em que sempre uma lágrima se enxugava e se lia o depoimento de um soldado, o estar fazendo música algo tanto equilibrava a hesitação do futuro. Foi em Queen's Hall, em Janeiro de mil novecentos e quinze, que a avistou pela primeira vez. Aí lhe apareceu ela, de repente, altíssima e muito magra, com o desmedido chapéu de aba derrubado para trás. Percebia-se que atravessara uma extensão de seixos, desde certo poço verde entre as rochas, suas películas vegetais e suas lucilações. Quem era, que recado traria dessas escapadas, em que as lápides andara decifrando de uma igreja de pescadores? Com ela se entendiam as mulheres dos mineiros e as criadas de dentro, uma grande sombra azul a todo o tempo a perseguia. Deslizavam os homens por ravinas que a chuva fustigava, rogavam-se pragas, assobiavam baixinho pouco antes de morrer.

Além desses que arribavam, amortecidos de pensos, através de uma cidade de vidraças fumadas e pardais espavoridos, um tecido sonoro se eternizava. Conjugava-o Elgar num violoncelo mental, nessa mulher pensando que lhe interpretaria o concerto que compunha. E em seu peito sufocava as notas do terceiro andamento, que por um estuário desaguavam de rios obedientes, entre adeuses e ciprestes de que as gotas caíam. Contra o órgão de tais sons viria ela delinear sua efígie de arrojo, o arco impelindo num abraço que jamais se fechava. Mas eram, por enquanto, débeis filamentos, rasgos de casual luminescência. Entre ódio aprendido e coisas da natureza, errava Elgar pela devastação, que nenhum acorde de trompas ou escala de clarinete redimia. E um raio iluminava tudo, nos campos ampliados de muda solidão. Uma legião de fome e pústulas em seus passos se enredava, calavam-se as bombardas, outra guerra nasceria.

De dia para dia desaparece Álvaro, por detrás de taludes, celeiros, adegas. Com Priscila, ainda escuro, afadiga-se enchendo e trasfegando baldes, nutrindo porcos que contra as galochas lhe vêm fossar. Pela enxurrada se internam, com uma manta de surrobeco por cima, a salvar um cabrito de roldão. A uma mesa se sentam, quando a noite cai, à beira de uma galinha que ao calor vem agachar-se. No âmagô da noite, depois, os olhos abrirá Álvaro para Frederico, amigo morto numa escada da quinta, com a moeda de sangue na garganta furada. E Gabriel o assaltará, querubim de seu posto escapado na sanefa de um altar. O mesmo húmus ando lavrando aqui, inseguro dos parágrafos que retoco, facetas da que vai de mão em mão. De quem serão, pois, adjectivos e verbos, pontos e vírgulas, supremas interrogações? De mim, que as concebo e utilizo, de um outro, que mas narrou para que as narrasse? E quem por isso responderá, excedentes elegâncias, barroquismos, perversões? Já não mais se empenha Álvaro o arrazoado apagando do que disse, por outro decidido, tresmalhado, de leiras e plantios.

Observemos os limites dessa «noche oscura», com Santa Teresa no centro, sua gélida sudação de pesadelo, suas larvas que desconhecem o matiz a ganhar asas a vir. Nela acharemos Guilhermina, reclusa diante de um muro vermelho, numa tarde invernal, caturrando ao clarão de um candeeiro de pé. Não corre longe o Tamisa, com suas barcas e lanchas de inoperante serviço, na «noche» que tapa tudo, pináculos e frontispícios, relvados e coruchéus, em seu visco pertinente e ubíquo. Não peçam, a quem na região assim se deparar, a paciência e a bravura, a admissão de que se debate com infalíveis processos de aprendizagem. Vai o tempo em seu benefício, mas a escassez a que se obriga, a indeterminação do porvir e as sequelas da guerra, além de algum arreganho de mansarda de artista, a vida lhe entenebrece. Apercebe-se de que lhe cumpre medir antes de arremeter, exprimir antes de retirar. Está nesse pátio terrível do castelo interior, cego e sem retrocesso, onde nem se supõe a existência das salas. É-lhe Londres, tão-só, encardida cisterna de sedimentos, atrás da qual, na ramagem desnuda, se enovelam os pombos em penas de muito chumbo. Sem a música, em seu ouvido a pulsação anda sofrendo da partitura que nenhuma melodia exala. Quando descarregará o arco, então, esse timbre perfeito, simultânea pincelada, em que tudo se

concatena e distancia? Até ela o Anjo vai descer, de cabelos desfeitos, a lança a vibrar-lhe contra o coração, no sorriso que é um desfrute sedativo. Desfalecida ruirá sobre seus mantos, na interminável jaculatória, ao peito a mão levando que ainda não sabe aonde ir repousar.

Não era à grande capital, de docas onde os guindastes seguravam fardos de especiarias, de dormitórios de crianças expostas, a todo o momento compelidas a escutar o *Eclesiastes*, que Guilhermina se sentia ir pertencendo. Transformara a guerra muita coisa, se bem que ainda, à entrada do tube, um jovem mendigo loiro, encorpado de cachecóis, pedinchasse dois dinheiros para um chá. A sua era, apesar de tudo, a pretérita Londres, com a hipócrita ignorância da imundície, as procissões entre jurídicas e clericais, os minudentes projectos de caçada à raposa. Nessa mesma é que, aos poucos, por certas providências de amizade, o labor acabaria por se lhe ir incluindo. De serões e matinées a agenda se lhe sobrecarregava, com os abafos arremessados para cima de um divã, o mordomo sorumbático, sujeito a crises históricas, que entre dois anúncios emborcava uma golada, da garrafinha que escondia no bolso. E havia sempre um núcleo de atenção, que ora com um historiador de arte coincidia, acusado de atrair, baixas rameiras a uma pensão de arrabalde, ora com certa emancipada publicista, que tanto se jurava conhecer da Regência como da alma a incutir a um affaire entre mulheres. Dela, de Guilhermina, se acercavam esses todos, num sincero interesse pela hispanidade, a tez lhe sondando com verdadeiro escrúpulo de entomologista. Em sua arte, contudo, se precatava, a qualidade contraprestando de seus sons a algum convívio que prevê-se eriçado de matéria perigosa. Se com justiça a vitoriavam, sem no entanto lhe tributarem o pasmo de que se tinha por merecedora, logo à generalizada rejeição se remetia. Circulava, então, um pouco à toa, depenicando uma sanduiche, com um encolher de ombros retribuindo a imperceptível inclinação de um coronel de passagem. E declarava, ao acaso, «a família real assistiu do começo até ao fim, mostrando-se muito agradáveis pela linda festa, conversando comigo no intervalo, dizendo-me o rei palavras de elogio que me comoveram». Assim desfechada, para atingir um alvo, de cavaqueira em cavaqueira a confiança saltaria. Olhavam-na, a partir daí, como institucional, tanto a vendo figurar de dedos nas cordas como de comandita com alguns indispensáveis, quase sempre provectoros, com uma pedra de armas por diante e um disparo de revólver no passado. Disso embolsaria, persistente na contagem de lucros e prejuízos, o saldo que da próxima vez iria movimentar.

Numa esquina de Saint James' Park, uma turma de leiteiros negociava, ainda, com suas quitandas aonde os boémios confluíam, ao cabo de uma noite, a retemperar-se na libação de um quartilho lustral. E a casa de Queen Anne's Gate, que arrendara, em seu complexo de envernizadas portas de aldraba de bronze, felpudos cachorros saídos para uma digressão em que pareciam rebocar os próprios donos, isso mesmo simbolizaria. Ao considerá-la aí, do universo protegida por opacos cortinados, reputavam-na os de sua roda de alguém de uma casta idêntica, com direitos iguais à liberdade cívica e à saudação da guarda pretoriana. Decorara já o sítio de cada loja relevante, a especialidade de seu produto, a excelência dos hábitos sugerindo, sem

alarde, na qualidade, algumas vezes na forma, dos materiais que envergava. Quanto à introdução do «é preciso», na incorrecta equivalência a «you are expected», sem que se lhe tornasse ideia fixa, cada uma de suas atitudes ia inspirando. Passeando-se, então, pelos arruamentos catedralícios, por entre os estropiados do conflito que findara, agarrados a muletas ou no olho ostentando um pacho maculado de pus, inteira e autêntica se descobria enfim.

Em Hudson algo haverá de ter ela, que sem o mínimo exagero de «fábrica da imaginação» caberá crismar. É um homem fiel e bem entrado em anos, de regular e benigna disposição. E é o quase aristocrata, resultante das fileiras da administração colonial, com a inacabável jogatina de whist, a vivificante pescaria grossa, uma noite molenga de insectos que embatem no mosquitoiteiro. Está agora aposentado quase, muito embora se não negue, desde que o solicitem, a narrar a saga do sobrinho afastado, que matou o irmão primogénito, mora hoje misantropo num lugar de pedra crua, onde faz seu surto um espectro infantil, cantarolando uma balada antiga, enquanto no éter ondeia. Pouco, muito pouco, requer da mulher, vagamente no entanto a pedindo em casamento, que não consista na presença dela, com o brinde extraordinário de ser também divertido. E, na secura de carnes e tentações, no veio de inestancável citador de aforismos, com ele pratica Guilhermina essa obscura sensualidade que é a coexistência com os animais magníficos, matilha de portas adentro, em que Tess impera, a cadela labrador. Vem pôr-se ela rente a ambos, numa sóbria marrada a quentura impetrando da mão em sua cabeça. Ao lado percebe Hudson a aliança que se forma, sem que o estímulo de mais fortes sensações se lhe vá juntar. E ali se sentam no mármore, diante do fogão, entre o pêlo basto de Tess e os toros de nogueira que estalam. Dá-se isto na barbacã de Lindisfarne, um disparate sem cânone, que o amigo da violoncelista mandou construir a poucas braças da costa. No sótão, junto à vigia para o largo, ei-los folheando velhos números da *Country House*, de que Hudson é director, de capa arrepanhada pelas intempéries, com um sudário de pó que se desprende a cada folha voltada. «Edward», chama ela, no vocativo desperdiçando um potencial precioso. Raramente, já se disse, alguma coisa o homem lhe reclama, um que outro Fauré, a *Siciliana*, o *Après un Rêve*, as mais das vezes. Com demasiado fogo o satisfaz, então, pois que toda a seriedade aboliu já, perante esse que apenas a diabrura espera. Se, como foi noutra altura, os pés à vista lhe oferece, tão simplesmente o faz para que os possa ele analisar, inacessíveis e virginais, de serpentes ensarilhadas.

Com muita precisão, enchia o forninho do cachimbo desse cândido, num servilismo de farsa não isento de ironia. Asseverara-lhe ele que, tirando suas fumaças, a música assim aspirava, coisa que desde logo rotulara Guilhermina de estética de pechisbeque. Com Tess atrás, metiam-se no enorme Rover, que como bateleira baloiçava pelos carreiros da ilha. Quando, porém, se saciavam de tais paródias, para que bastante moderação aconselhava, de resto, a idade do inglês, noutras tratavam de aplicar a resistência sobresselente. Disfarçava-se a concertista de cigana magiar, vindo assim fazer a ronda das muralhas, de gaforinas ao vento se fincando sobre um cotovelo. Nisso acreditava Hudson, representante da plástica que a geração lhe moldara, ir revendo certo Dance Rossetti, o da *Monna Vanna*, exactamente, pletora de damascos e

penantes, broches e peitorais. Magicando um ornamento, uma dobra endireitando das mangas muito amplas, nas feições da mulher jamais se cansava, então, de investigar a pureza de um rosto assim, de bambina. Iam depois acender os candelabros do hall, alumando a cabeça desses veados abatidos nos Cheviotes, que do alto das panópias, num desdém sanguinolento, o dente arreganhavam. Quanto tempo, afinal, duraria o interregno? Ribombavam as vagas na penedia, muito longe singrava um pacote, abrindo e fechando o óculo de luz violácea.

Quando regressar, em vinte e três, já a alteração da seiva supurada se concretizou, que nisso, apenas nisso, a perfilhação de uma pátria se baseia. Converteu-se numa inglesa, com os resultados que daí promanam, aquilo a que chama agora, tendo em vista Portugal, «existência privada de sol e de romança» um banalíssimo diário de férias lhe constituirá. Humildes e tocantes se lhe afiguram as aldeias, de garotos que a face vêm achatar contra o vidro do carro, com o monco gelatinoso e o riso de boroa mascada. Admitirá, então, que lhe falharam na ausência «a sensibilidade de espírito e a espontaneidade», que prevê vir aqui reencontrar. Como a estrangeira, de resto, se lhe reportam os seus, com a soberba de a terem por compatriota, tão célebre, mas tão civilizada. E quando, sabe-se lá se muito falsamente, um namorico lhe imputam com o Príncipe de Gales, de semelhante promoção andarão curando ainda. O largo gesticular denota, a partir daqui, um processo de fala, o qual, em prol da feminilidade que se tenha acaso irrealizado, jamais o erro comete de se adiantar à palavra dos homens. Passa, de cenáculo em cenáculo, no vestido de xantungue decotadíssimo, com a presilha sobre o umbigo que é uma enorme mariposa de ametistas. E nada a congénita elegância vem subverter, afinada pela necessidade de preservar o mito a que se enlaça. Um quadrilátero de gramínea, com listrados pavilhões onde as bebidas se servem, eis o que por âmbito lhe suspeitam, aí a imaginando quando não nas salas intoxicadas de incenso, entre a montanha de coxins e a grafonola desligada. Aí, em verdade, alguma vez ficará, aceitando homenagens, desafiando aventuras, novas trazendo de um conhecido de todos que há muito já ninguém vê.

«Ó vós, fracos humanos, semelhantes às folhas leves, aos sonhos vãos, vós cujo corpo feito de lodo, sombra fugidia, ignora a protecção de uma plumagem delicada, escutai as Aves, raça imortal, eterna, sempre jovem, vizinha do céu, que nada de mortal nem de baixo concebe. A natureza vos diremos dos ventos, dos trovões, das geadas, a história do Mundo vos narraremos, tudo o que se pode saber vos ensinaremos. E abandonareis, então, a filosofia. No começo, o Caos, a Noite, e Érebo e o Tártaro ocupavam o Universo, até que a Noite de sombrias asas deu à luz um ovo delicado, o Érebo em seu seio o recebeu, dele nasceu o Amor. Com suas asas de oiro brilhante, a escuridão furou da Noite, ao alado Caos se uniu para dar ao Mundo a raça das Aves. Antes de o Amor unir todos os seres, nem Olimpo nem Céu havia, pois. De tais uniões saíram o Céu e o Oceano, a Terra e os Deuses. Assim, terão os mortais de nos ceder o direito de primogenitura. Do Amor é que nascemos.» São *As Aves*, de Aristófanes. Delas, de seu conclave, ninguém melhor do que o Ateniese poderia discursar pelos lábios de Guilhermina. E em seu voo eu continuo, segundo a segundo mais alto, de asas também me rompendo os flancos. Extenua-se Álvaro em seu trato

com a terra, enquanto os membros mexemos por sobre continentes e oceanos, babas do império do homem. Está de momento sozinha, no diminuto camarim do Teatro Principal de Valência, com as lutuosas aigrettes que lhe tombam na testa, um pouco freminho em suas charadas. E de súbito a descortina, imóvel entre os espelhos, como sempre vinda inesperadamente. Ao bafo de fora, anda desvairado um novelo de serrim e ervas secas, pelo pavimento dos bastidores. De órbitas que parecem nada ver, impiedosa a defronta a que chegou, muito esguia, descalçando as luvas altas.

Fosse eu, ou tivesse Álvaro querido ser, um biógrafo, como deixar em branco episódio assim, paradigma da virtude da intérprete, susceptível só por si de a redimir? No Palace do Bussaco, adaptação de *Os Lusíadas* a aborridos escolares, hospeda-se Guilhermina pelo Verão de vinte e quatro, quando um disco gravou já. Não sabe o que fazer de seu tempo, assimétrica nos ímpetos, até que à subversão se decide, nessa tropa-fandanga introduzindo, de banqueiros altissonantes, mulheres ministeriais que de aquistas se mascaram para um crapeau depois das quatro, o estonteamento folgado. Provoca para o golfe este e aquele, um pianista instiga ao foxtrot, percorre à meia-noite o Vale dos Fetos, com o plenilúnio lá em cima, meio triste, destrambelhada. Há quem dela se ressinta, um exagero a considerando de ossudas omoplatas, industriosa arrivista, maníaca da exibição. Vai, apesar disso, recrutando émulos que a novos inventos correm, um pouco olhando em viés a reacção dos austeros. Quando, enfim, procurar os componentes do quinteto, a simpatia geral obterá. Senta-se, num estádão, toma o violoncelo, declara que assim como para ela tocam eles, quando come, assim para eles tocará, enquanto almoçam. Persistamos, porém, à sua beira, à medida em que vive a descrevendo, desarvorada como todas as crianças.

A primeira inclinação será, de quem por fim a si próprio se adapta, no sentido de reconstituir os lugares de menino. Assim se vai passar com a longínqua Guilhermina, quando os empresários em propostas se sucedem, já, de entrevistas gastronómicas para os lados de Covent Garden. Voa-lhe a alma, por vezes, a outra cidade, a esse Porto de vinte cinco, com os aquartelamentos em polvorosa, o aeróstato que sobre a turba se desloca, as mercearias que para o passeio rebentam seu stock de tachos e vassourame, de sacos de vária qualidade de grão. Aí duram os pais, desavindos sempre, Augusto que anda tocando por aqui e por além, Elisa que as etapas segue da filha, enquanto alguns conselhos respiga de um almanaque ensebado. Numa casa da Rua da Alegria irá a violoncelista reuni-los, um pouco sorrindo da unção patristica, apanágio dos pândegos como o papá, que admoesta ser já altura «de pensarem com tino e se convencerem de que não há coisa melhor do que a boa harmonia da família, por causa dos remorsos que mais tarde mortificam bastante». Num dislate contínuo é que a tribo sobrevive, com o duo recomposto, Felisbela, a filha natural, as sonsas criadas que a acção e o verbo dos amos não deixam de policiar. E um inferno, amistoso quase, se encena, com silêncios que entremeiam os ágapes de bacalhau, furtos inexplicáveis, gritadas trocas de satisfações. Ora é o espaço privativo que se invade, ora Glória, a de dentro, que com o faunesco patrão um entendimento mantém inadmissível. Desaparecem os bolos e o colarzinho da boneca, um rumor de tempestade no tecto sobrenada de tudo isso. Será Elisa a mais sensível, excelente relatora de quanto vai

sucedendo, a Guilhermina dando parte epistolar, com um que outro remoque contra FB, que assim denomina a bastarda intrusa. Conserva-se esta, aliás, bem de fora das peripécias, dormitando pesadona e de luzes acesas, apressada saindo para esse sítio onde, violoncelista ainda, o repasto acompanha de meia dúzia de macambúzios, que uma banana descascam com detida precaução. A Queen Anne's Gate chegam as novas, sem vírgulas, à fada-madrinha de todos, meu bifou, meu encanto, na emulação em que os pais entre si a disputam. E a dadivosa Guil, que as despesas paga em troca só de algum desvelo, quando a ciática lhe dá ou um gerente ignora a fila onde ordenara lhe reservasse três lugares, quase nunca se lastima. Consulta a irmã, amavelmente casada no Quai de Bourbon, torna à pauta sobre a estante, com a habitação do Porto e os moradores acondicionados num recanto de seu afecto.

Haverão de acusá-la de indesculpável permeabilidade, sempre que na conversa correntia, ao sabor de um descuido que já nem tenta emendar, introduz termos espúrios, de um «artículo» falando para o jornal, advertindo de que são muito «strictos» na alfândega. Perder-se-á por essa zona de ninguém, atraçoada pela assídua travessia das fronteiras, avisos em três línguas, brusca inteligência que num vocábulo similar se alicerça. Nesse clima meio tétrico, de embrulhos descompostos e malas esventradas, os nós destrinçará de seu rumo, algumas vezes se carpindo, outras de tudo isso arrebatada euforia extractando. Aborrece-a que um nicho se lhe designe à custa daquilo para que não contribuiu, um décor se lhe afeiçoe que tem por insultuoso. Tutankamon, em corpo e túmulo, como ela própria escrevera, «vinha de ser descoberto», por toda a parte o fabuloso tesouro se lhe vazando, de esquifes e tronos, estatuetas e cofres. Por isso é que Havelock Ellis, o da dinâmica do sexo como caleidoscópio de maravilhas, estudando-a em concerto, à imagética do Nilo a iria referenciar. E não seria hipérbole, convenhamos, admiti-la assim, lateral e muito rígida, de pálpebras sublinhadas por um risco negro. A inquietude, em que de símbolo em símbolo se mantinha, ora nas unhas reflectia, que deixava crescer, ora no brio do nariz, que à eminência elevava de uma marca dinástica. E a lembrança elidia dessas aves, impolutas de nobreza, que entre juncos constroem o ninho. Os fatos escolhia-os, por então, chispantes e quebradiços, de azul-cobalto e de prata.

Ainda nas cordas irá imprimindo o mais nítido de si mesma, variável, se bem que subordinada a uma égide poderosa, com seus sismos da emoção, suas respostas ao factor mesológico. Novamente está no país natal, em Lisboa, no São Carlos, no Porto, no São João, no concerto de Lalo, alheamento apaixonado de que a zombaria se não exclui. Vêem-na, na lonjura irisada, com a orquestra em torno, Francisco de Lacerda a dirigindo na região onde talha seu caminho. Quando os primeiros compassos faz ouvir, com a majestade a que ora protestatários ora submissos os tutti concorrem, estão lançados os dados. Aí se alcandora, assim mesmo querendo que a reconheçam, na estonteadora altura onde o conceito dos outros, bem menos do que indiferente, impeditivo se lhe mostra. Aí se entroniza, ninando o violoncelo, fruste adolescente cujos quadris aperta. Ostenta o vestido de seda roxa, que de Londres trouxe até cá, subido na frente a desvendar-lhe as meias pretas, os sapatos da mesma cor, de tacão agudo. E é isso, para o auditório portuense, curioso e refastelado, a entrada no bordel rico, através de jarras onde as sécias se desarticulam, num aroma palpitante de

cantáridas. Por ela, pelo escândalo que lhes dá, ali mesmo enlouquecem, com Lalo que se desvaira no fecho do terceiro andamento, o frémito dos seios, a selvática madeixa sobre a fronte desabada. E, até ao Hotel do Porto, numa marcha de fogaréus a irão seguir, à grande maneira europeia a chamando à janela, ao maestro também. Virá de robe, com esse homem seráfico, que no claror dos fachos, ao rosto de barba grisalha, irá afivelando certa máscara que tem algo de ceroso e mortuário. Atentando no magote, nem por isso considerável, que na rua se formou, num fundo cansaço soluçará «sabem tão pouco, alguns», para logo os perdoar, dizendo «mas como são bons, como são bons comigo».

Uma certa fase lembraremos, em que a natureza se lhe debate na tormentosa exigência de se acertar. À sua semelhança padece o pintor Augustus John, no vastíssimo atelier de Mallord Street, do cavalete se aproximando e se distraíndo, na espécie de broto de camélia em que a boca comprime na avaliação do modelo. Não tem descanso Guilhermina, na imobilidade em que procura casar-se com a suite de Bach, que vai executando sem fim. E um vacilante compromisso celebra com a imagem de si, que a todo o instante ameaça estilhaçar-se, no que pouco a auxilia o homem que a retrata. A cada passo, parece ele saído de uma moita de heras, dando-lhe ordens e ordens de se calar, o botão manobrando da telefonia, que ejacula o noticiário ou um shimmy sincopado. Ao arbítrio do pincel irá definindo a violoncelista, sem que em absoluto a possua, na tenacidade com que o trabalho reapura que já deu por findo. Fica a via, defronte do atelier, congestionada de Chevrolets, puxando os freios num guincho dilacerado, despejando essas mulheres que à volta do artista se entrechocam, na espera de um filho ou de um madrigal. Logo a violoncelista catalogam como mais outra amante, que ele umas vezes recebe com a afirmação de ser a mais bela, outras a mais feia criatura deste mundo. Despedem-se os valdevinos, abandonando um campo de destroços onde um cálice voga quebrado, uma tarte de damascos meio consumida. Passa John, enfim, numa dança de pontas, em busca de outrem que não a ibérica de imponente violoncelo, clamando a fêmea que o salve, essa a que o real não recuse aderir.

Se algum retrato se acaba, ao âmago atracamos de Guilhermina, com Álvaro entre um adubo de leivas e um incêndio de folhagens outonais. Na tela do pintor de ungidas mulheres, é outra das que suscitam a retracção, vestais algumas de prognático maxilar, como Lady Ottoline Morrell, patrona do génio másculo, frígidas outras de pueril desejo, como a marquesa Casati, a das panteras afáveis. A doçura almiscarada por aí se respira, em gabinetes recheados de receptáculos de laca e licoreiros da Boémia, com o canto das fotografias autografado num desprendimento. Fere o espigão do violoncelo o estrado a que a remeteram, onde fica de colo arquejante, numa exigência de amoráveis furacões. De ambos, afinal, se foi despojando, de John que a pintou para logo por seu gin escoar, de Álvaro que se tortura relembrando um fogo-fátuo, quando a giesta se despoja da florescência, à volta do tornozelo um anel se distingue de lama trilhada.

Remetida à áurea serenidade, o que amplamente se vê é uma silhueta compacta, a do Dr. José Carteador Mena, divorciado, sem grande interioridade, com essa elefantina cadência que mais empresta, a cada passada, a indeterminação do projecto que o

desejo de com as coisas se harmonizar. Na morada dos pais de Guilhermina, reacasalados enfim ao cabo de várias décadas, ei-lo que a espinhosa função exercita, que toma como «uma cruz», de pela integridade da honra vir zelar, pela contensão dos extremos, pela inveteração do bom hábito. Impressionam-se os que se lhe chegam, os dedos cremados lhe detectando de pioneiro radiologista, que nem sempre se abstém de patentear como insígnia. Que se lhe haja a intérprete assimilado, arredado desde logo o factor da sedução, um pouco mesmo se poderá referir à monstrosidade, que virá rasurar essas antigas mãos, as do cunhado Léon há muito apetecido. São, primeiro, as falangetas que atrofiam em camadas de hulha baça, o restante a seguir, até pelo metacarpo alastrar o negrume. E nada, absolutamente nada, o perfil lhe anima de rabino aposentado, prático no acabrunhamento que o fará persignar-se a cada tentação, a rotina sustentar de um padre-nosso nos bancos terminais dos Congregados. «O doutor», verificará a astutíssima Elisa, «umas vezes é um carrasco, outras uma menina», por tal forma doseando a irritação em que a lança esse noivo da filha, que rosna ao sabê-la, por exemplo, confraternizando com o agente num restaurante londrino. Jamais lhe desculpará, de resto, a velha mãe o conhaque que pedira, destinado ao chá gripal, que Mena lhe recusa, proclamando que nunca, em casa sua, espíritos haveriam de entrar de quejanda natureza. Anda agora comprometido nas obras do palacete conjugal, quase defronte dos futuros sogros, a quem não concede acesso algum, enchendo a cave com sua colecção de serviços de jantar, adquirida à custa dos réditos que auferi como clínico castrense. Nas missivas da concertista, como «mártir da ciência» é amiúde descrito, o que, em certo meio predisposto à vitória de um ridículo, não deixará de acolher-se com razoável galhofa.

«Rua da Alegria 894 Oporto, 16-X-de 1926. Minha boa e doce filha. Recebi agora mesmo 10 horas da manhã», assim começa a truculenta Elisa, «2 postais teus (o de Aberdeen e muito bonito e unico) vou enviá-lo a Virgi pois também desejo que ella o veja! Hontem á noite escrevi a Virgi e agora ao meu biju adorado e requestado e todos mo querem tirar, mas eu desejo que o biju seja muito feliz, como merece pois que é tão bom e doce para todos quando também não é carrasco, pois os bons exemplos tomam-se depressa mas quando ella é doce eleva-nos ao Ceu e então é a beleza em toda a grandeza. Fiquei muito satisfeita de saber que vais melhorzinha de saúde e podes descançar e tratarestes com cuidado O Hudson é um bom e raro amigo que tu tens e eu desejava tanto vê-lo e nunca esquecer as suas boas atensões com que sempre me recebeu é um bom gentleman dalhe lembranças minhas Por cá terra chovido immenso e muitas trovoadas, hoje porem não chove mas o Ceu esta coberto de nuvens eu não tenho sahído devido ao mau tempo. O papa continua tendo falla só para a mais que tudo e ella está fier de tantas atensões, aqui só o gatinho é meu amigo, a songa da Emilia é a unica que trabalha, as outras comem dormem e sujam e olhamme com olhos de carneiro mal morto enfim espero que em tu vindo farais muita limpeza. O Dr parece que ficou menos meu amigo depois do desastre do cognac, mas em tu vindo tudo voltará aos eixos como dantes, tu perguntas-me seu já vi a tua casa nova, mas eu não sou intruza eu não vou lá sem o Dr me convidar, ou o melhor será quando tu vieres e então já tudo estará pronto, (tem-se feito economias no passadio não tem havido fruta e carne não muita mas lá se vai passando peixe tem sido o bacalhau eu fico com meia duzia d'ovos que a lavadeira me traz aos sabados mas creio que as contas mentem

muito, pois o papa brame que as contas são muito grandes, eu não gosto da Gloria que não é natural e deveste lembrar que eu te disse que na tua auzencia podíamos ficar só com a Emilia e a outra vai às compras demorase e é a Emilia que muitas vezes acende o fogão para se fazer o almoço e é só ella que trabalha na casa a outra é invejosa demorase muito quando vai e tem por costume deitar-se depois do almoço quando não sai). Dos vizinhos do lado só sei que teem doença em casa e um rapaz está tuberculozo, vem o medico tôdos os dias e vão as criadas tôdas as noites buscar remedios à botica defronte creio que é mãe e pai e filho e filhos e criadas muito pandegas que já falam com as nossas enfim é tudo a mesma cousa O Moutinho é que te pôde dizer quem são pois já o vi lá ir (creio que o dono da casa é negociante) Deu agora meio dia vou me arranjar para deitar esta carta para ti e outra para a Virgi ella diz que não te tem escripto por que não sabe onde estais. Mil beijinhos para a doce filha e até breve tratate bem meu biju e divertete tua Elisa. Muito desejo verte meu amor mas quero verte bonita e com saude e gordinha. Talvez que depois de casar engordes com as comidas do Dr pois com esta cusinha de lavoira não esperes muito.»

Realiza-se o casamento na maior intimidade, com o pequeno cortejo de impecáveis o coro configurando. Olhando atrás, vê Guilhermina as saletas do Hotel do Porto, em seu desconchavo de couros e cetins mal combinados, para onde, com a mãe enferma, temporariamente se transplantara. Quando o doutor lhe apparecera, avançando a fechar uma janela além da qual a parada dos pedintes não cessava, alguém os apresentara, numa breve efusão que o murmúrio interromperia dos que se encostavam ao bar. Logo o médico lhe pareceu viva expressão da boa pessoa, tratando-a por «minha senhora», lembrando as obras que mais lhe diziam com «divino» em surdina, já caído, por então, em completo desuso. Estão finalmente, contudo, preparados para o fotógrafo, seguros do acto e resignados, ao lado de Teixeira Lopes, escultor e frustrado patriarca, que a bênção benévola lhes veio outorgar.

Numa outra casa da Rua da Alegria vão-se as coisas estruturando, pelas divisões em redor de uma fogueira imaginária. Vigia o doutor tapetes e biombos, pinturas e polimentos, com o empenho de quem está construindo a própria mastaba, de Guilhermina acolhendo, quando a pilha, desconexas sugestões que ao bom senso sacrifica, à parcimónia e ao decoro. Faz-se a habitação com esses trastes escuros, louças foscas e óleos tenebrosos, que pelas manhãs de orvalhada neblina, assim mesmo se calcula, um lampejo fugidio retenham. Andam lá fora os eléctricos, num choro prolongado, bondes do romance de costumes que ainda ninguém escreveu. E uma comédia se organiza, então, de limpa-chaminés e amoladores, hortaliceiras diárias e mendigos periódicos, filhotes da vizinhança iludindo a tarde chuvisquenta com uma partida de bola, à vista da costureira que fabrica as fardas do pessoal. Transitam os moços com uma prancha, alvos de cal e de tinta, entredentes falando na cara do médico, a quem pelas costas, em alarido, cognominam de «toupeira» e de «santinho». Em quase nada repara Guilhermina, nesse vórtice engolida de novidade e arrumo, onde eixo nenhum consegue discernir. É, de facto, dessas que entram e saem, um frenesim despendem na busca do que trazem na mão, se sentam depois acariciando o artelho, lastimando-se de suas câibras, do ostracismo a que as votam os outros. Por Londres

suspira, com seus canos de zarcão a que um espinheiro se enlaça, suas calmas perturbadas pelo batimento do salto de um funcionário. É este, em seu entender, um tempo desagradável, em que sente a existência sacudida, quando nos jornalecos escorrega que protegem o soalho, sem uma toca sequer que lhe possa valer. Dos eléctricos, enfim, cuja inicial viagem relatámos, ei-los que correm vazios na noite, com os dois membros apenas de sua guarnição, aos gritos na plataforma empreendendo uma conversa inestancável, de muita e fosforescente euforia.

Outra vez irrompe Álvaro a cortar estas falas, por carta a que a voz se lhe prende, grave e molhada, a coerência doando ao discurso em que vamos. Encomenda sementais, agora, para seu horto campestre, que em estranha floração lhe rebentará, goivos e papoulas-da-califórnia, centáureas e prímulas, cravinas, calêndulas. Que outras vidas por aí conjectura, nem sequer me perguntando pela violoncelista, voluntário exilado além de todo o ruído? A comunicação de imediato opera com seus utensílios, a três leis, como diz, se confinando, a de que do calibre das sementes a profundidade depende da sementeira, a de que quanto maiores elas forem maior será a terra que as veste, a de que quanto mais finas mais perto deverão ficar da superfície. Sobre mim, desse modo, a maldição vomita da escrita, livre e nu se evadindo, sem nada mais a contar.

Nem sempre com cautela se mudavam os objectos, de escantilhão levados numa grande fona, que sobretudo seria electricidade sem visível expressão. Por anos e mais anos se haviam paralisado, presos da força que lhes vinha da posse, faqueiros e vidros, porcelanas e pratos, sobrecarregados de implosiva potência, de tanto que nunca se exteriorizava. Por aqui e por além se repartiam, liquidando seus nexos, nostálgicos porventura desse sono a que um pequeno choque, distraído ou afável, os viria raptar. Diante deles se posicionava Guilhermina, culpada de tão raro vir auscultar seus mistérios, o do mínimo violoncelista de Murano, por exemplo, em sua labita azul de cristal coalhado, preso do acorde estentório que público nenhum aclamaria. Por tentativas de ordem ia agindo, então, do marido a indicação arrancando do preço de uma travessa, a historieta difusa, de trampolinice e acaso, que à sua obtenção andara conotada. E os loucos símios de Dresde, em circunferência agrupados num pesadelo orquestrante, suas fífias teimariam inserindo na charamela, um traque por final lhes anexando, estrepitoso e de pícaro efeito. Vontade não havia, ainda, que numa função consabida os aglutinasse, oradores da emoção eloquente, feiticeiros do sortilégio fatal.

Ao decidir presentear, certa vez, o filho de uma amiga de sempre, assim se justificará «tenho querido escrever-te já há bastantes dias para te enviar as boas festas de natal e desejar um anno muito feliz, mas estava à espera d'um objecto que por este mesmo correio envio ao teu filho Luís como pequena lembrança. É uma cópia do tempo de Queen Anne e como elle é um escriptor já talentoso achei que c'était bien à propos. Desejaria ter-lhe mandado gravar as suas iniciais mas como levam aqui tanto tempo para se fazer qualquer coisa e ainda teria tardado mais envio sem a inscrição».

Dói-se muito da dispersão em que vive, com a assinatura rabiscada na portaria, o ensaio revogado, a escova deixada sabe-se lá onde, outras caras e números, algum frio.

Por duas vezes acorda, aos berros, os hóspedes disciplinados, porque penetra a jorros a claridade, é preciso procurar alfinetes-de-ama, dependurar uma toalha de banho, manobra ameaçante da queda das persianas. Ela, que jamais, até há pouco, a atenção descera a rapazinhos, acompanha agora esse mancebo alemão, que faz temporadas em Capri, tem os lábios transparentes como o gomo de alguns frutos. Leviano, mas musical, ei-lo que uma canção trauteia de Reynaldo Hahn, enquanto a concertista conduz em seu Labuire de pára-lamas reluzentes, que ao desenhar uma curva cerradíssima, fora em Lausana, nevava, alacremenente despede contra a vitrina de um pasteleiro. Dirá sempre, todavia, que é na casa do Porto, com o marido precário, que melhor se entenderá no que é, de estatuto fundeado na norma e em seu cumprimento. A toda a hora, no entanto, lhe virão tentações de se desmentir, personagem de um entrecho de bagagens despachadas, intempestiva exigência da pomada facial, descuidado relance pelos homens que povoam uma sala. Permanece o castelão da Rua da Alegria em seu ramerrão inabalável, com o gemido que ampara o acto de se sentar, a solta dentadura que mastiga, enquanto as bases pondera de um leilão anunciado, censurando a estouvada criadita que faz repenicar no pratinho o copo de Água das Pedras. Das recônditas misérias do companheiro se acautela a mulher, aliás, do hálito revelho e da rótula torcida, da funda de que se desembaraça num esgar de repulsa irreprimível. Esperam-na com um molho de estrelícias, a bainha lhe tocam do vestido, bate o relógio de Europa suas horas mesuradas. E os melhores dos achados, os mais cintilantes, disso mesmo, bem sabe ela, é que se fazem, quando o trovão abala as estufas, o lago se espria de lentidão, fica o automóvel esbarrado contra a vitrina do pasteleiro, enquanto à gargalhada riem, num despudor enervado, os seus loucos ocupantes.

Tangencialmente se avistam, cônjuges de um pacto de coexistência adiada, arrimado cada qual a seu trabalho. Quando, ao termo de dilatada separação, se reúnem ao jantar, a civilizada pausa entre ambos se abate, por entre o tinido incoerente dos talheres. A menos que uma crise de saúde ou um concerto os mancomune, de seu matrimónio haverão de falar, ou já nem mesmo disso, como de relação dispensável, neutra de todo o sentimento. Abrandam os eléctricos, param quase, até que possa apaar-se o doutor diante de sua casa, o que logo agradece com a automática chapelada, coisa que já nem nota o guarda-freio apressado. E, sempre que ouve os trilos do violoncelo, na seca que lhe despertam as passagens insistidas, vai fechar-se no escritório, cantando em surdina um refrão revisteiro, fazendo uma careta com a língua de fora. Outras vezes, com a mulher num allegro galopante, do outro lado da parede, contra os bolchevistas resmungará, ainda, gente que sempre vê de magreza lívida e cangalhas redondas, camisa futrica a esganar-lhe o pescoço. Consigo mesmo vai falazando, do secretismo do Kremlin e do plano quinquenal, à defesa de Trotsky chegando, inclusive, no ódio que dedica a esse demónio de bigode em catarata, Staline, como diz, onomástico que profere destacando muito as sílabas. Ela irrita-se o seu tanto, esquece tudo depois, a sonata retoma, da capo, em que anda tão afinçada.

Sai-lhe agora ao caminho, a cada passo, o espectro feminino que a fiscaliza, surdido como sempre de um sítio de treva. Em Bradford lhe acontece, em Londres e

em Madrid, num ápice o campo visual lhe invadindo, por entre um diálogo, no regresso do teatro, quando na previsão se entenece do líquido aquecido que vai beber junto à cama. Velhíssima lhe parece a imponderável figura, ora quase desnuda em seus andrajos, ora de enfeites revestida, com os olhos que as lágrimas rasgaram em delta. É como se chegasse de uma partida de cartas, em que houvesse emparceirado com megeras seculares, fétidas de nojo e de mijo, ou como se viesse à tona de um bombardeamento, com os pés encardidos de andar pelo rescaldo. É uma vagabunda tristonha, compulsivamente as franjas do xaile entretecendo numa adivinha sem fim, as gengivas entremostrando de um róseo decomposto. E tem os bolsos deformados de pedregulhos, sócia de canídeos de pêlo rebentado, nas frias mãos levantando uma coroa de alecrim.

Não haverá como em seus aposentos nos embrenharmos, por certa noite de Bournemouth, com a chuvada tamborilando na capota dos automóveis. Das torrentes que o corpo lhe percorrem, arrasada do concerto de Lalo, dirá apenas o que imaginarmos. Fica a hospedaria, onde se aboleta, por sobre uma taberna insuspeitada, dessas que contra nós se despenham, em sua onda de fumo e burburinho, assim que o guarda-vento empurramos de translúcido vitral, com a firma inscrita numa rabiosca. Depõem os homens a caneca, soberbos do boné que por nada tiram. E as vozes muito espessas, da qualidade sem inflexão que a aspereza tem do mel rusticíssimo, pelas frinchas se escoam, com ela vão ter à cama. Admitamos a turbação que a toma, ciosa do incógnito de que carece para tal aventura. Escorrega pelos lençóis, a um côncavo as ancas aconchega, toca a vegetação do ventre, abala em seu ritmo, intensifica o andante, desvairada se retém, até si regressa enfim. Vão partindo, lá em baixo, os retardatários que amou, por uma betesga de monturos ao bairro se dirigindo onde moram. Assim supomos o que fora em Bournemouth, certa noite, quando já vimos que chovia muito.

Penso em Álvaro, nessa outra existência que se lhe gorou, suavíssimas manhãs no azul do Corno de Ouro, sextas repousadas nas capelas da Capadócia, dolentes fins de tarde num convés, à vista de um templo hindu. Na terra empapada se abisma, porém, muito menos lhe roubando aquilo que lhe dá que o sonho que o alimenta. Sobrevive Priscila, divertida no que julga meritória campanha de reaver artesanatos, consultando os naturais, que dela se temem ou troçam, com a módica palavra retornam às perguntas que lhes põe. Tudo quer saber da grande ceramista, que por aqui uma tradição largou, mas de quem pouco falam, enquanto modela seus bonecos de barro, numa procissão os dispõe de ex-votos de necrópole, diante deles se coloca, esperando que sequem ao sol e à brisa. Frita depois carradas de panquecas, a que uma porção junta de grânulos de anis, retardando-se a comê-las na pedra da lareira. Gasta-se Álvaro em suas podas e enxertias, desentranhando tubérculos, esfolhando espigas, sucos espremendo onde a ternura descansa.

Tudo se lhe convertia numa sequência de angulosidades, panos alçados para um público eterno, na palidez de seus rostos sonâmbulos, mais embarques, mais pessoas, mais adeuses. Por isso se decidira a aprender a guiar, como se por aí pudesse contrafazer o destino a que se via amarrada. Constantemente se lhe transviavam as

coisas, abria-se-lhe uma costura, antes de entrar em palco, episódios que de toda a apreensão, de resto, se lhe destituíam. Era como se de penhasco em penhasco a pressionassem as fúrias, desse modo a remetendo a uma indolência alvacentas, inconsciente de quanto a circundava, o fragmento salmodiando de alguma peça preterida. E um pânico bloqueante a possuía, quando para trás se voltava e só distinguia brumas, restos boiantes de cidades desfeitas, leitos descerrados que exalavam o bafio do amor. Recomendavam-lhe tisanas, sinapismos, novenas, outras gentes. Não acertava com a pátria que lhe competia, numa colagem de idiomas discorrendo, até que certa vez, fora em Hastings ou em Halifax, de propósito escacara uma baixela inteira.

Com Guilhermina ausente, vem Augusto à mansão dos esposos, prazenteiro e servil, ensinar o doutor a tocar pianola. E os dedos ratados às teclas lhe aplica, com as notas que se esborracham numa dissonância. Árdua incumbência é esta, para o pai folgazão, de a jocosidade ligar ao obséquio, a que por uma troca se presta de benesses, copinhos de tinto, receitas de xaropada, palmada cordialíssima no chumço. Com seu veio intriguista e tunante, ei-lo que do tratamento se compenetra que bem assenta ao genro amorfo, fiúza todavia por estrutura elementar. Numa espécie de Almaguier acabar-se-á por arrumá-lo, vocacionado ingénuo, ante o advento de um sedutor à arisca Rosina que lhe coube na rifa. O facto é que não assume o médico a sua moradia, num descorçoamento que nada mitiga desvendando, aos hóspedes, copas de faixas de cerejeira e boudoirs de filete dourado, logo a seguir os aviando para o quintal, onde um capilé meio-morto lhes oferece. Não há gosto que o bafeje, quando uma fronde lhes aponta de ameixas-caranguejeiras, ou além do coradouro os orienta, para que apreciem os galos leghorn, sobranceiros de filáucia nos hípícos esporões. Atrapalha-se o velho Suggia naquilo que quer dizer, em certa desconfiança de abundâncias e asseios, no papel fruidor, mas acanhado, do rabequista que intimam a concelebrar com a parentela do noivo. Tem a pianola execranda toada, escarcéu de chapas que doçura nenhuma compensa. Deixemos, assim, o doutor com Augusto, enquanto uma oitava treinam, «e agora mais uma nona», como o discípulo propõe.

Condescende, de quando em quando, em levar o marido, no *Oriana*, por exemplo, que em cinco de Outubro de vinte e nove vai navegando por alturas da Biscaia. De si mesma se admira, da serenidade que guarda ante a intromissão, quando o vê repartindo cumprimentos pelos adultos e rebufados pelas crianças. De barrete náutico, as lentes assestando na manada de delfins, recebe-o com boa vontade a tripulação, na gentileza expedita à partida, afinal reticente, que aos ricos forretas dedica. É o *Oriana* um vapor modelar, lisíssimo de brancuras, resplandecente de amarelos, com a comida que todos classificam de «absolutamente de primeira ordem». Goza-se em público Guilhermina das andanças do acompanhante, «perfeito marinheiro», como manda dizer, no apadrinhamento, que muito a sério toma, de um tirocínio de cosmopolitismo. Mas ei-lo que persiste em seus despautérios, como num sonho à boca levando a colher da molheira, ficando depois mascante, em longa e palatina degustação. Cai de resto, a intervalos, em fraquezas pueris, dessas que se remedeiam com o conselho segredado ou com o afago de orelha. E é necessário acomoda-lo no plaid, contar-lhe uma

anedota, aos lábios lhe achegar o caldo morno. Pouco antes da acostagem, aponta-lhe a violoncelista os rochedos de Dover, explicando-lhe ter Lear dali meditado sobre o Mundo, logo a sorrir vaticinando que serão, acaso, as mesmas as gaivotas que pairam. Pelo tombadilho vai o doutor cambaleando, com suas maquinetas a tiracolo, como se no significado derradeiro se houvesse fixado, de si e de quanto lhe calhou. Estão ambos, afinal, em Inglaterra, por essa dor nevoenta, esse canto lamentoso, no júbilo que às vezes temos de não sabermos porquê.

É o automóvel um ser singular, a emotividade lhe atenuando na ordenação mecânica e disciplinadora. Separa a vibração das notas por um recreio motor, que a observância lhe exige, assim, da funcionalidade. Aceitará que não dispensa, antes ou depois do concerto, a intervenção de volante e pedais, pela cidade às vezes nocturna, com a luz em grandes fitas de fulgor. Guiando é que a visitam, portanto, as ideias melhores, entonação de um fraseado, adoçamento de um fecho.

Ao lado de seus compromissos ia pondo o marido, com fugaz amabilidade o atendendo, tentando saber-lhe da sede ou da acidez. Espreitava-lhe ele os interlocutores, num gelado shake-hands o conhecimento insinuando, a presunção sequer, de um flirt que progredia. Surpreendia-o, de resto, o sucesso da concertista, sempre com o lorde gotoso a propor-lhe a viajata, a matrona cavalgar o curativo lhe prescrevendo para o resfriado. Era outro, todavia, o terrível amante, Constantino ou Luís, ou Viriato, que no meio de ambos se entranhava, esgotadas as sessões por aqui e por além, quando a algum deles, submetida, se vinha enfim entregar.

«Prestem a vossa atenção, que vai começar a história. Quando ao fim chegarmos da primeira parte, saberemos muito mais do que sabemos agora. Trata ela de um diabrete azougado, o velho Nick, um dos mais azougados desde sempre. Certa vez, estava ele bem-disposto, eis que um espelho produzira com uma virtude, a de que tudo o que de bom e de belo aí se reflectisse em quase nada se transformava, ao mesmo tempo em que tudo o que havia de feio e de inútil aí se tornava ainda pior.» Lera isto Isabel, porventura, na manhã desse dia, em que a Rainha da Neve se lhe manifestou. Era no velho Gil Vicente, quase um hangar de cristal e de ferro, como ao conto de Andersen condiria. E nunca mais dela se apartaria Isabel, impulsionada na esteira da visão sobrevivida. Assim mesmo se lhe materializava, à desmesura do olhar que ia expandindo, em seu tule orlado a prata, amortalhada de estrelas, floco que de súbito se fizesse pessoa. «Tens frio?», perguntou. «Entra, então, na pele do meu urso.» E logo a acolheu em seu trenó, a seu lado em arminhos a envolveu, era como se imergisse na geleira imensa, com o arco que não parava de se movimentar. Um pedacinho de espelho se lhe cravara no coração, falo de Isabel, a vidente, como à sorte corresponde dos meninos da lenda. Poderia, enfim, o que Andersen de todo nos não explica, rebolar-se de risota Nick, o diabrete, consolado e vaidoso da obra criada.

Dirá assim, noutra carta, «depois do concerto todas as senhoras fizeram alas para eu passar».

Em finais de Novembro de mil novecentos e vinte e nove, naufraga quase, quando

o *Oriana* encalha nos baixios da costa espanhola. À pressa embrulhada num cobertor, vê a terra a meia dúzia de jardas, por entre um véu de neblina oleosa. Está, com o marido preocupado na sentença que julga dever expender, junto a seu Stradivarius, o que algum socorro imagina representar-lhe. Por vinte e quatro horas é o cavername um purgatório quieto, com apitos descontínuos, borbulhas e pancadas, uma eterna rouquidão de cabos e cadeados. Concebe-se além um prado oblíquo, onde as ovelhas pastam, os fachos se entrecruzam de dois farolins. Sem esquecer o travesseiro, as cápsulas da dispepsia, o ramalhete de flores quase murchas, congregam ambos aquilo que têm. Opta-se, então, por aliviar o navio de seu lastro, o que toma um grande esforço, instruções berradas e empurrões, uma mãe em soluços abraçada a seu bebé. E range o casco, o cordame parte, percalços que em geral se dão na média vida de cada um. É o *Oriana* um bicho vivo e prisioneiro, com os corredores que os maquinistas perfuram, de gazuas apetrechados e de roldanas, vermelhuços da força gasta. Sai a concertista do camarote, a tempo ainda de lobrigar a esguia dama de sempre, que devagar o escadote vai subindo de acesso ao sun-deck. E chia, estremece, flutua a nave em que vamos, prossegue o cruzeiro até ao termo que há-de ter.

Na vigília de Álvaro o cadáver jaz de Frederico, com um trio de vespas zumbentes a inerte cabeça sobrevoando. Tem os braços e as pernas separados, como se no potro o massacrassem, um pó caliginoso as pálpebras lhe selando, o nódulo apodrecendo do orifício da bala. Caminha Gabriel, timorato e descalço, pelas tábuas nuas, com uma bouça de luz rarefeita à volta. É a hora de irromperem, em seu leve passinho, os ratos vivíssimos que se evadem das trevas, as insaciáveis crisálidas que os fios destroem, a tremenda avantesma que no centro do dormir, quando de clareza se desperta, tão-simplesmente ali está. Assim extinto, entre terreiro e casa, consuma Frederico o que lhe foi assinalado, fim de raça de escudeiros prováveis, com seu inventário de alforrias dúbias, prebendas, oratórios, vontade nenhuma de tudo principiar. Ecoará pelos pátios o disparo, até que se esvaia o corpo de arrefecimento, glicínias e vinhas, sardaniscas e aranhas de imediato a sua lida voltem. E, quando o encontrarem, por fim, a um gavetão haverão de correr, a dele extrair o linho, e nisso o ampararem na descida em que vai.

Aos ingleses do Porto, quando aí, a acolhida irá buscar de vedeta triunfante. Se a ela não pode a colónia facilitar a inteligência e a mágica, embiocada na defesa do princípio antipapista, na ocupação de mais lento fazer fluir o seu do que o sangue dos nativos, alguma estabilidade, bastante conveniência lhe dispensará. Vêm-na participante do serviço dominical, o Evangelho escutando que lhe lêem do dorso de uma águia metálica, ou à entrada, na elite de fiéis a que preside o capelão, jovialíssimo e hospitaleiro, de sobrepeliz e estola. Serão os mesmos notáveis de sempre nessa missa, o que a tudo a têmpera confere de um cenário inventado. Compõem o conjunto o quase aristocrata, a quem a perna artificial se desatarraxa em plena recepção da Feitoria, o viúvo rosado e gravíssimo, que é dono de um depenado, o quarto nupcial mantém como o deixou a falecida, com suas sevilhanas de organdi. Uma ou outra rapariga muito bela, estreita de nádegas, activa, numa fama se projecta de boa velejadora, a uma cruzada de caridade se vota depois, morre afinal num relâmpago, ninguém sabe se afogada se de tísica galopante. Nesse entrecho se afirmam as duas

manas Tait, solteironas inclinadas à figuração, em sua vasta cabana da Rua de Vilar, que um tardio isabelino recompõe. Aí vivem insuladas entre bibelôs, fanáticas das Brontës, com quem se identificam, para exemplo de gentios e equilíbrio de desejos. A visita lhes paga a violoncelista, pelo repertório as interessando dos concertos programados, a fatia elogiando do pudim natalício ou os lampejos do bojo de uma jarra Devon. Ficarão elas como aias de câmara da portuguesa, jamais o génio se fatigando de lhe louvar, na modesta blandícia com que um brinco lhe ajustam ou uma alça que descai. A elas tacitamente nomeará o doutor sacerdotisas da circunspecção, ininteligíveis, de resto, no verbo e no móbil. E é bom recordá-las às duas irmãs, das quais era uma galante e até mesmo volátil, a outra introvertida e algo taralhounca. Quando a esta pedia a concertista que a secundasse ao piano, na única peça que de cor conhecia, sempre para trás se deixava ficar, nervosa do instrumento a que se via atrelada. Instigada a que se apressasse, com o «go on» autoritário de Guilhermina, atava as mãos à cabeça, em grande consternação de que muitíssimo se riam. Assim eram, pois, as Tait, o Porto, no dealbar de trinta.

Fala o pai, ainda, como se verá. «Porto 24-1-1931. Minha querida Guilhermina, recebi a tua carta de Vigo, e hoje o postal já de Londres, com o quinteto de creadas. Felizmente que tiveste uma boa viagem, o que é para agradecer a Deus. Por cá, não há novidade!!! Corre tudo regularmente, como se fossem todos muito felizes..... Eu, cá vou andando com a minha Dandysse, mas, bastante doente. O inverno tem sido *très assez rigoureux*!!! Muito frio, e muita chuva! Hoje recebi convite do nosso Dr. Mena, para lá ir jantar na companhia do Sr. Fonseca. Não deve ser um jantar alegre, mas, deve ser de amizade. O jardineiro veio, e o jardim ficou bonito. A minha apoquentação, agora, é não dormir. Só durmo pela madrugada, e tudo faz com que ande sempre com dores de cabeça, e este sábado tira-me o bom humor e vontade de trabalhar. O que me parece, é que a cabeça está gasta, e precisa de muito descanso. Deus te dê saúde e força para vencer esses concertos todos, e que tu venhas *bem concertada* para termos bastantes jantares, de 2,3,4 e 5 copos... ou mais! Recêbe um abraço, d'este teu pae (velho Dandy) Augusto Suggia. Os pirâmidoes que me deste no frasquinho não me dão o resultado dos outros tubos! Tráze-me dos pequeninos. Passou-se muito bem o jantar. Fizemos-te uma saúde.»

Como acalmar a excitação de Virgínia, na conjugalidade parisiense, com o adamado esposo de couchés e papiros? Por alguma chacota lhe comenta Guilhermina o trem vital, resignada ao pacato editor, a úlcera precavendo e a bancarrota, espanejando as sílfides que habitam uma étagère, o que faz com uma bonne, que nas costas lhe ajeita a laçada do avental. Consiste o trânsito desse Quai de Bourbon, onde reside, em maçudas bôlides, que a inteira largura das pontes se diria dominarem. Nenhum ruído exterior alcança os estofos, porém, do apartamento Michon, onde Virgínia se senta, realmente varada de saudade lusíada. Acolhera-a desprevenida a ideia de um recital com a irmã, por aí à ancestral tepidez revertendo, que abandonara por outras latitudes. Logo, pois, operática de maneios, no aéreo penteador, de uma timbrada lança mão, «Agora vaes ficar admirada: aconteceu-me uma coisa extraordinária!!!!!!!!!! Madame Ulrich (Veva de Lima) esposa do ministro Ulrich *que é tudo em Portugal*, e que tem

estado em Paris, pois foram a la Haye para a conferência de la Paix, me conhece, pois jantamos com ela em casa de amigos, e me ouviu tocar. Ella ficou enthousiasmadissima e me pediu de me ouvir de novo, então convida-mos a nossa casa com alguns amigos. Ella fica de novo enthousiasmada e me pede para eu tocar em Lisboa em São Carlos ou na sala onde tocastes (não me lembro mais o nome) e o meu marido me deu authorização de tocar em Portugal. Hoje ella veio de novo e me fallou, a mais desse concerto, n'uma festa real no Palacio no dia da recepção do Rei de Hespanha. Mas eu disse quasi com as lágrimas nos olhos como seria lindo as duas irmãs Suggias. Ella está enthousiasmada com isto e diz que está feito. Por isso te peço de me dizeres imediatamente se isso te agrada e quanto tu pedes para esse concerto para ti só. Ha duas horas que ella sahiu d'aqui e eu estou afflita de alegria e de inquietude, pois me pergunto a mim mesma se isso te agradará?? Eu ficaria encantada e doida de contentamento se isso se realizar. *Será fins de Abril princípios de Maio.* São dois concertos com nós duas: um na sala de concertos e outro no palacio à recepção Royal (mais uma vez que o rei de Hespanha nos ouviria). Não digas nada d'isto tudo ao papá e à mamã antes que tudo esteja feito, mas que felicidade seria para eles dois em nos ver juntas em publico e que revolução extraordinária as duas Suggias. Vou estudar muito. Isto me faz regevenescer de 30 annos! Vez como a tua irmã tem successo? E como ela seria feliz de tocar com a Guil? Escreve depressa a dar resposta. Beijos da tua irmã que está doida de contentamento e lembranças do marido que é lindo. Tua Virgínia.» Nunca mais a Guilhermina perdoará ela o protelamento da decisão, isso mesmo que como quebra interpreta do amor fraternal, aos pés de uma glória alada. Para sempre a abandonarão, escritora de cartas outras, envelhecendo no penteador enfunado, em que de sofá para sofá vai, pouco a pouco saindo de nossa cena.

Vinham-lhe, nos mais díspares momentos, reminiscências das companheiras de antes, ora numa estalagem, a ficha preenchendo de recepção, ora num ensaio final, aguardando se acabassem os espirros do director de orquestra. Quem eram, onde estavam? Havia a que se deitava num leito de cabeceira barroca, por grilhetas prisioneira da cintura do marido, brigadeiro e ciumento. Implicara-se outra numa simbiose com a criadita, que em certo Carnaval iria aparecer ao dependuro de um garrote, sobre credências recobertas de pratinhos de aletria. Lembrava as que para África haviam emigrado, leccionando solfejo pelo mato, as que tinham ficado, eram duas, tratando da mãe entrevada, até que a uma delas, por fim, um vago turista húngaro levaria, retraída sempre de blusa de algodão, a pegada das gaivotas safando na praia de todos os anos. Um efeito centrífugo as espalhara, fiapos que a nortada fizesse dispersar, a essas amigas da mocidade, eleitas, logo proscritas. Enternecia-se Guilhermina, tiques e manias lhes relembrando, protuberantes incisivos, irritados eczemas. E era como se um juramento traísse, um segredo divulgasse, da vergonha que de tudo lhe ficava não soubesse o que fazer.

Consideremos Sandy e Mona, cão e cadela muito diversos, oriundos ambos, todavia, de uma estirpe aprimorada de oficiais de regaço. Doravante o casal enquadrarão, cada um solicitando seu autónomo proceder. Não agradava a Mona, por

exemplo, que nas mãos lhe tomassem as patas, encrespada refileando, de focinheta negada ao impulso de um beijo. Nas sombras moribundas se comprazia, o desvairado voo controlando das penas que escapavam da capoeira. Se quiséssemos defini-la, porém, alguma baixa inclinação lhe revelando, de recadeira a poderíamos tabelar. A centenas de metros de distância, a locomoção pressentia dos domésticos, acordava estremunhada ao avanço de um inopinado, de um importuno sequer que o repouso lhe viesse afectar. Era, quanto ao mais, um poço de fidelidade, por aí os donos enchendo de intuito remunerador. E receava, por fim, os ciclones, que o mesmo é dizer que se comportava paulatinamente, em sono não raro tocado de breves estremeções. De outra paragem anímica, não há dúvida, é que Sandy promanava. Com a natureza bragante, volúvel e respondão, seria porventura o seu tanto efeminado, o que em geral acontece a confessores das grandes horizontais. Dizia-se que nascera de uma camarada de Gaba Deslys, o que a imoderada paixão lhe explicaria pelas tuberosas, a capacidade de por milénios ficar em seus quartos traseiros, escutando a ama dissertar sobre algo que descobrira numa montra da City. Não poucas vezes, de facto, lhe haviam errado o sexo, falo de Sandy, que Guilhermina adornava com um laço de moiré. Pelos salões de Chelsea, muito brancos, por agora, em obediência a certa moda vigente de merendas de coco e morangos com iogurte, andava imprimindo, as garras que a terra sujara. O rodapé vinha cheirar da saia da concertista, extraviava-se daqui, até que lhe ofertasse alguém duas coxas bem amplas, onde lhe fosse apetecível dormir. E assim ficam Sandy e Mona, ou Mona e Sandy, se o respeito valorizarmos da hierarquia instintiva. Escortados pelos dois os vêem quase sempre, à violoncelista e ao médico, os moradores da zona oriental, no consuetudinário passeio não falho de neurastenia. Com suas flanelas floridas, seus estampados inconsequentes, um par de pedintes pareceriam, na verdade, que com um rolo de notas de banco, bruscamente, houvesse deparado numa lixeira.

Quando com o doutor vai a Paris, na exclusiva finalidade de o submeter a exames que pela ablação de mais dedos haverão de cifrar-se, é a esposa compadecida. Ele sofre tudo, numa paciência acerba, mesmo alguma garridice da mulher, que com a urgência se desculpa de manter entretido o doente. Alcança induzi-lo, até, a deslocar-se à Exposição Colonial, aos restos da velha Angkor, com a aspiração de sempre a um exotismo que a electrize. Que lhe fique amputado o companheiro, nisso os cinco anos verá de matrimónio túbio, com os cortinados descidos numa penumbra pesada, onde cama nenhuma se desarranja. E a inércia de tudo isso utiliza em grandes fumigações, arpejantes cataratas com que vai espairar. Dorme o doutor, em sua anestesia, colinas transpondo de torreões de marfim, riachos de leite manso, bosquetes de bétula que as salamandras defendem.

Morre Augusto, sem que se afirme, assim ilegível é o discurso dos seres, que fique Guilhermina empobrecida do esteio de seu humor. Fora um desses personagens que a melancolia não estimulam, grandeza e miséria resumem em algum colorido, a que o fundo dramatismo não falece. O violino fizera chorar, rodando o tronco a abranger os ouvintes, bem certo se tivera por exímio fornicador. Dizem-nos que, num concerto da filha já famosa, em copioso pranto se desfez. E o camiliano traço do episódio, não há

que enganar, no quadro bem se integra do carácter do que a deixa agora. Derradeiro exemplar do romantismo seria ele, pois, nos passos que trocou em demanda de si mesmo. Está Guilhermina numa festa londrina, com os alunos de Tovey, que há pouco finalizaram o curso de composição. Levava a manhã num ténis brutalíssimo, negara-se-lhe ao pente o cabelo, imbuído ainda desse tonus clórico da água local. E não pode abster-se de relembrar a meninice lusa, com o pai que lhe rectifica a inserção do polegar. Passa um vareiro, de canastra dupla e calça arregaçada, solhas e fanecas apregoando. A chamá-lo acorre Elisa, com o prato de alumínio, a aparar meia dúzia, um quarteirão. Sobe depois as escadas, até à cozinha, voltando costas à porta que em estrondo se fechou.

Vem Álvaro, novamente, numa carta extensa, noticiar desse Papi que muitos creêm, e eu com eles, civicamente defunto, fantasmático autor de umas notas sobre o pintor Amadeo, que circulam, no entanto, com diferente autoria. No auge da canícula lhe entra pela casa, em seu terno de alpaca, carcomido dos vendavais do deserto desta vida, encostado a mais outro motorista, que ninguém sabe ao certo onde foi desencantar. Logo à entrada a intenção esboça, que não concretiza, de do pó se escovar com o castão da bengala. Aceita a seguir a limonada, que fica adoçando em lento rotativismo, enquanto monotonamente perora sobre a *Coroação da Virgem*, de Baldovinetti, que fora do avô, se arrematou na Sotheby's, vendida por privado da família, que de tal jamais daria contas. Outros motivos o animam, porém, ao que de sua cegarrega se depreende. E ao sobrinho abatido se reporta como a criança que prevaricasse, de Álvaro esperando o favor de identificar seres e locais no maço de fotografias que transporta consigo. Timorata de estranhos, anda Priscila a espiá-los de longe, enquanto se lança Papi de monólogo em monólogo, a morte reconstituindo de Frederico, sobre ela congeminando uma outra efabulação. Despede-se, enfim, instala-se no carro, vai-se embora acenando, como que realmente estrangulado pelo vidro da janela.

De par em par abriu o guarda-fatos, puxou um tamborete, ficou-se matutando nos fantoches suspensos. Tem os vestidos ao alcance do toque, esse negro, de seda luzente e reflexa, que numa concha se cava por entre as pernas, atrás do costado do violoncelo. Outro, de um amarelo de palhinha que nas eiras doirasse, de tafetá escorregadio, aos lados se lhe acumula, numa massa estatutária e facetada, contrastando com as madeiras da orquestra. Dois ou três, um verde de sargaço aderente, roxo um outro de carne incisa, um finalmente de romã violada, aí estão, em seu ruge-ruge de chiffons que arripiam, seu elástico de crepe que abrasa a pele dos quadris, sua gravidez de fustão que a memória excita. De caudas se talharam, com um pontapé arredadas quando se ergue para se curvar, de drapeados que ondeiam às arcadas maiores, de franjas que tremulam ao rigor filigranado que põe nos pizzicatti. Entre todos sobreleva, episcopal e unívoco, um certo, de damasco e oiro, de bistre que do mármore se desencontrasse. Algo retêm, ainda, de um pingo de suor ou de uma réstia de talco, na lantejoula se individualizam, no azeviche ou na pena azul. Com uma nódoa na fímbria ou uma crosta de mica, aí ficam em cortejo todos eles, por entre sapatos em montão e toalhas em pilha, na balbúrdia das coisas que não servem.

Como nesse segundo, em Victoria Street, em que fica atropelada, cada vez mais se lhe acelera a vida. Já, antes, o premonitório calafrio a percorrera, que sempre o assombramento antecede, esgueirar-se de fumos e trapos, forma que ao fantasma assiste em sua visitação. Vê-a Guilhermina, à desconhecida, caminhando rápida, de chapéu que o rosto encobre até meio do nariz, agindo a uma ordem de inflexíveis senhores. Apanham-na de esguelha, num embate que por instantes o raciocínio lhe tolhe, à claridade que fulgura de um enorme girassol. A outra divisa, então, rente aos muros se escapulindo, com a ratazana cinzenta, de um esgoto saída, a guinchar a ultrapassando numa grande correria.

Ao abalançar-se a no Porto implantar o magistério, por esse romper de década, em sua retirada pensaria. Organiza um apanhado de discípulas, a que logo as filhas aderem de um ou outro capitalista, que ante a exorbitância se não refreiam dos quinhentos mil réis de propina horária, conquanto o lustro assim se lhes torne possível. Aos poucos vai Guilhermina, porém, dispensando esse estrato, que a atrapalha, de matulonas de canelas escamosas, que entre si se acotovelam quando para a lição a vêm assomar, como para um concerto, de instrumento levantado em troféu. Trabalha muito com as que mais se aplicam, em quase nada as corrigindo, o próprio exemplo arvorando em padrão desejável. Delas requer que nos detalhes a imitem, o ensaio lhes impõe defronte do espelho, a revisão ad nauseam das passagens agrestes, a iniludível vantagem da memorização digital. Desde logo, portanto, se aprontam a desistir as relegadas, ao velho teor maternal regressando, de modistas e confeitarias, missas de aniversário, lojecas de miudezas. São das que ficam boquiabertas perante a pauta, interditas entre arco e violoncelo, sempre aptas, no entanto, a realizar o relatório sanitário da avó, «vai benzinho, obrigada, já come muito melhor», ou a comentar o descoco da mestra, «credo, que estava que parecia azorotada». Nem sequer a picante competição haverá de faltar, de fátiotas e aproveitamentos, a simples cor de uns olhos que outros olhos atraía. E às mais adiantadas arrumavam as mediócras, quando alguém o mérito lhes enaltecia, pelo gesto largo do braço e a sentença «é uma foçona». Era a tarefa de ensino provocatória medição de forças, com o talento despontante a ameaçar apagar-se, o progresso e o recuo, o confronto dos caracteres. Examinavam-lhe as alunas o corpo e o pulso, o relevo que os tendões do colo descreviam, suspiravam muito fundo. Entrava o doutor, em sua andadura reprimida, do outro lado se encerrava, o catálogo escabichando do próximo leilão.

Para o recente estatuto, portuense e magistral, o espaço campestre vai explorar, num plano a que alia o cônjuge relapso. Até Barreiros da Maia irão retirar-se, aldeia afinal do burgo, com sua grinalda de trolhas infantis, que todas as manhãs, de marmita na mão, a estrada demandam das construções. Mas o que quer Guilhermina, se bem o analisarmos, pouco menos será do que uma transferência de corte. Nas imediações da casa um cottage reserva para os amigos, tudo em termos idealiza da continuidade do labor e do apuramento do convívio. Não despreza, nem mesmo, o folclore inseparável de tais migrações, na compra se obstinando de uma taurina leiteira, dois ou três porcos, alguns coelhos e marrecos. Nas fotos, porém, que de tal vilegiatura nos restam, com os

que lá vão celebrando o ar livre dos pinhais, singularmente enervada é que chega até nós. Que poderia, em verdade, colher a cidadina, do telurismo hostil com que pensa retemperar-se? De toda a parte os espinhos a assaltam do tojo, neles o antebraço rasga e o foulard, é a moradia uma arena de vespas rabiando pelo chão, quando mais silêncio exige o violoncelo. Apenas uma deixa lhe constituirá a experiência, já que tudo em si a tal fim se preordena, para o teste inconsumível das variantes do gosto. Assim a temos, por detrás da barricada de alcatifas, um ângulo reinventando onde irá estanciar. E, transportada nessa azáfama de a um sítio mais se afazer, já nem suporta a Rua da Alegria, na necessidade se vendo de, flanqueada pelas Taitis, ir até Urgeiriça procurar guarida, enquanto os arranjos se ultimam de seu Trianon. Passará, desde aí, a vê-la, à residência de Barreiros, como caravela de cimento que entre os feijoads adornasse, assediada por gente ruidosa, até mesmo desnaturada. E o panorama de reles comércios, de riscados e géneros, com o fedor de vinho avinagrado e as crianças que por detrás do balcão num ninho berregam de retalhos, uma incontida repulsa lhe originará. Por tudo e por nada baterá com as portas, à ventania as culpas imputando, falando sozinha, contra tanto desaforo lavrando seu protesto.

Quando entra, afinal, a juvenil Clarinda, com seus saquités de Boelhe, para como criada de sala servir, nesse rectângulo de areias movediças irá aprender a pôr pé. No desalinho de refeições, em que só o doutor, como um metrónomo, teima em impor suas normas, pouco a pouco se tornará indispensável. Desde logo se adestra a propiciar o sossego dos períodos de estudo, a demitir os que o esquema demarcado ameaçam subverter, a presentificar o inalterável jejum, de chá e torradas, sopa e ovo cozido, dos dias de concerto. Sobre ela andarás Guilhermina a poisar o favor, como provável subterfúgio a julgando de um futuro solitário. Anota-lhe a rapariga os maneirismos, de que a lembrança haverá de conservar, até por fim a entrever no passado, tocando pela noite adiante, ou deitada sobre a colcha repisando a dedilhação. É-lhe preciso, a mais que isto, assimilar uma táctica com Sandy e com Mona, tão exclusivos no antagónico feito, reticentes a adventícios, que pela satisfação se encarniçam dos direitos que conquistaram. Compreende, enfim, a pulsação do casal a que foi dar, esse lapso que entre o banguê do portão medeia e o surto do médico, pelo minuto intervalado de recolhimento diante da campa de um antigo cão.

A alteração que a guerra determina, nessa integridade já de si rachada por incómodos vários, não deixará nunca de nos intrigar. Com o desencadeamento das hostilidades, as actuações por completo cancela, quer no país quer no estrangeiro, no que, não a conhecendo a ponto de a termos connosco, algo de solução ideológica nos agradaria constatar. Sucederá, no entanto, que à mesmíssima propensão de aposentadoria, que no casar-se com Carteador Mena já aflorara, outro alento e outra escusa fará reverter do que pelo Orbe vai indo. Dobra-se para as pupilas, delas o máximo acerto lutando por obter, quotidianamente as familiarizando com a ambiência, como que de efectiva récita, que no âmbito metropolitano as eduque. No côté britânico a acham, ainda, do Porto passa a Barreiros, quando não a Leça da Palmeira, na figura encastoando de suas retiradas frequentes sessões de cabeleireiro. É uma era que privilegia boinas e capas, revivalismos de uma Nightingale que os casos correntes de

novo alistassem. Acabara a Garbo de filmar a *Ninotchka*, numa linha se insistia de exactidão, económica de princípios e meios. Houvesse alguém, por aí, escutado a violoncelista, a metamorfose lhe ressentiria, no pudor com que, ao desrespeito factual do derrame romântico, a escola preferia do racionamento. E a soberbia com que vira, durante a guerra de Espanha, em fileira e prontos a abalar, furgões empanturrados das «sobras de Portugal», para Salazar a transferia, agora, que a venera lhe entregava da jucunda do poder. Com o primeiro-ministro, de facto, a relação entabulara a que um certo chiste, capitoso e galante, não escasseava. Descia a Lisboa, numa transigência, não parando de a nocividade do clima responsabilizar pelos desaires da saúde de seus animais. E, sempre que o ditador a recebia, o que no contexto se dava de egrégia Elisa Pedroso, que o monopólio mantinha de em directo telefonar a São Bento, retornava a concertista irradiante de instantâneas medidas de poupança.

Alguém, que como do conhecimento de Álvaro e Priscila me identifica, vem apressadamente, fazendo guinar o veiculozinho de supermercado, presentear-me com informes de ambos, das utopias que praticam de sobrevivência. Com certa cautela os cita, à reinadia surpresa que entre os campestinos andam gerando suas toleimas agrárias, sua etnológica fantasmagoria. Agora é a Priscila que olham de soslaio, quando entre matagais a descortinam, mesurando e insculpindo as penedias, que designa por «gânglios da Terra», ou na cola peregrinando dessa santa de branco, que nas feiras aparece a recitar uma homília, vendilhando uma pagela que quase ninguém lê. Teria, ao que parece, fundado uma teogonia complexa, de vestígios no terreno e deuses abrutalhados, por entre panascos e silveirais. E nisso vai desorientada, longe de Álvaro, com o turbante a apertar-lhe os cabelos, que em temática se transmudou do anedotário das boieiras. Em relação se afirma com insólitas potências, velhos barbudos que ficam de sentinela a uma lapa, as raparigas espreitam quando lavam os pés, donzelas muito ruças que põem figos à orvalhada, até que os apanhe alguém e em oiro se convertam. Por uma mina rasteja de feldspatos, a perscrutar o arfar de certo rei de mantéu vermelho, que aí dormita, esperando o demónio que com um trono de pátio o venha dotar. E não lhe ladram os mastins, ao que se diz, nem mesmo as lagartixas de seu passo se esgueiram, porque há séculos que vem andando e os atalhos não ignora do reino para onde vai. Desenha depois, à noite, ao clarão do petromax, grandes castelos azuis, por cujas ameias deitam as princesas suas tranças, para que por elas os guerreiros escalem, seus conversados. Ciranda num soluço maluquinho, refresca-se com o abanador, mancheias come de bagos que lhe besuntam os beijos.

Se a guerra a faz remeter-se à casa do Porto, com apenas esporádicas digressões em Portugal, uma só a Madrid, que à aspiração melhor lhe não bastará, é de um certo e justo intento de europeização que os serões dão testemunho da Rua da Alegria. Quando, em dezassete de Outubro de mil novecentos e quarenta e cinco, aí uns quantos congrega, a quem a recordação persiste das celebrações do armistício, com espumante da Bairrada por copos de baquelite e petardos a estoirar em Santa Catarina, o clã reconciliado lhes devolve. Pelo bom traje se debate, pela poliglotia da língua adoptada, em que o inglês impera, todavia, da média classe vinícola. Tudo isso de fora, entretanto, observa o doutor, de mão encafuada na algibeira, o bom critério

publicitando da concertista, os ardorosos arranques de trabalho em que se mata, honrarias e dádivas que de variadas nações continuam manando. Compôs Guilhermina um infindo programa, de peças de nada menos que dezasseis autores, ao piano acompanhada por Ernestina da Silva Monteiro. A carreira internacional supõe agora reaberta, com a Alemanha rendida e o Japão também, uma promessa de paz a que os cromos não falham, de florinhas bravias e pombos arrulhando, um casebre de tábuas que vai expelindo a rósea fumarada da ceia a cozinhar. Já um rancho viera a correr pelo angustiado beco da ilha defronte, chefiado por certa mátria, gorda como lontra, que o chinelo de ourelo faz repenicar, enquanto as vizinhas mobiliza, «ó Carminda, anda cá ver, mulher». E em pleno passeio se ficam, com as centenárias varizes, por entre a catraia de farripas loiras, comentando quem chega, «olha o corcunda», «ai, coitada, que parece trenguinha», «esta, sim, que vai que nem princesa». Já Clarinda fez transbordar, das caixas de cartão mole da Oliveira, jesuítas e éclaires que em pratinhos distribuiu. E andam Sandy e Mona alevantados, com um supremo alvoroço o pessoal seguindo em cada movimento. Para si só reservara a *Suite n.º 1*, logo no prelúdio o carácter imprimira da obra total. Executara uma allemande cantada, muito melódica, pelo minuite corta, agora, na mesmérica basílica de arcos-íris, o primeiro maior, mais estático o segundo, o terceiro, por fim, de bíblico aparato.

É como se a ave, que vimos estudando, o casario roçagasse das aldeias portuguesas. O desgaste sofria, nesse Porto ressentido e pudibundo, em que o drama maior representado era o da curiosidade que nada satisfaz. Quando o motor do Buick lhe detectavam, que a rua vinha penosamente subindo, aos peitoris acorriam, desviando a toda a pressa o transparente melado. Declina agora seu voo, à terra aonde vai baixar o esplendor comunicando, os círculos restringindo ao que lhe sobra. Que enigma será o dessas, como ela, que do saibro ressurgem, nele voltam a cair?

Melancolicamente presencia Álvaro o alastrar do Outono, o jeito que tem de as coisas contaminar. Recolhidos os frutos e as raízes, arrecadados os lenhos inânimes, ei-lo que pondera no que teme, rajadas pelas frinchas, lamaçais que é preciso contornar. E as mãos estende, na orografia que nas palmas oferece, de lanhos e calos, pertinácia do homem e de sua derrota, lealdade ao solo que se lhe furtou. O vazio o magoa da música viva, na reclusão onde o nirvana esperava encontrar, pelos sobrados se estirando ao desabar das primeiras bâtegas. Labirínticas urbes mágica, de alamedas que desembocam numa catedral, flâmulas multicolores, fanfarras, balões. Por elas lentamente deambula, um percurso prova e outro depois, a uma espelunca qualquer vai beber seu mazagrã.

Com o atrito dos anos, mais e mais, a todo o instante, se lhe esmerava o dispositivo cortesanesco. Viam-na com um cavalheiro, agora, que à órbita se lhe diria condenado, linfático organismo indiferençável da mulher em cuja esfera gravitava. Entrando e saindo de um veículo, à frente se afadigava do recurvo sujeito, de luto perpétuo, a quem por pilhéria andavam alcinhando de «o arco vestido de negro». Com Malcolm Sargent, afinal, pouco afã lhe tomaria o desfazer-se de uma enorme compostura. Numa jogada eminente, que o incluía, certa aluna obrigara a gatinhar sob a tralha do palco, a

trepar a um praticável e a um órgão de luzes. Concedia-lhe o maestro o ouvido deferente, logo pelo achado combatendo de um preceito salvador, na escaldante pirotécnica de que a posse se excluía. Bastas vezes, com ela repassando o segundo andamento do concerto de Dvořák, em seu langor que do risco venatório à modorra pastoral ascende, a música lhes haveria de parecer descarga providencial. Inexcedível, de resto, era a perícia com que certo anel de fogo ia forjando, dentro do qual buscaria proteger-se da concorrência das fêmeas restantes. Quando num duelo consentia, como era sempre que a picavam essas quantas, invejosas do talento acrescentado à vitória sexual, logo se descabelava por dentro, friamente de vulgares as apodando, quando não de mastronças, de pandorgas, mesmo até de bazulaques. E cada vez menos se compreendia, ao violoncelo também, sem a tal inquietação do namoro complicado, bilhetinhos que apressada redigisse, tardios telefonemas, levantados macaréus. Fincava-se numa estratégia, recuando com o fim de se não denunciar, para seus bichos transferindo essa longa carícia, que jamais lograria um objecto.

Sugeriam que dera em arranhar o toque, quando o indeferimento justificavam de um cachet, ou o aprumo da artista reputavam de incompatível com o encanto de pessoas e lugares a que se unia. Ante esse amante, de facto, que o orgasmo lhe recusava, esse filho que num transe nos braços lhe falecia, a si mesma concedia a preferência. Com alarme ia acudindo ao rosto desigualíssimo, ciosa da simetria das sobrancelhas, que não ousava alterar. E, quando no meio do mobiliário se sentava, tudo se lhe antolhava descoordenar-se. De outra maneira orientava o que tinha em redor, renovava as atitudes, evitava a luz directa e o contraste do fundo. Era como se no caos estivessem seus recortes, necessário fosse, então, ao Universo, uma frase que pudesse legendá-lo. Não apenas na música a pesquisava, num ritmo sim, sobretudo, de missangas e penachos, grandes véus. Mais colorida que nunca, arara seria exigindo a verdade maior, no gesto com que marcava a nota do fim, à posição revertia de descanso, para outra viagem mais, alucinada, partia.

Não lhe inspira o pós-guerra a fé conciliante num mundo a renascer, em que à radicação do temor se substitua o futuro, num crescendo biológico que nada possa empanar. Iam-lhe, em torno, tombando as árvores, o pai, já se disse, a mãe, pouco depois, a irmã, que expira hoje em sua Rive Gauche, ao lado do marido que resmunga, numa ira contensa e a Guilhermina se referindo, «qu'elle ne circule pas trop à Paris». Vai serpenteando pela calçada lisboeta, no escuro do automóvel, até São Carlos, onde a aguardam para o concerto de Elgar. Ainda da vista se lhe não alienou o Tejo, lucilante no poente de Fevereiro, opulento arrás que as intrigas baliza, refrescante cintura sobre um corpo febril. Passou antes por uma farmácia, a comprar as hóstias de clorato de potássio, que ao longo da execução irá derretendo no palato, seco como de costume da ansiedade que a avassala. Vai tagarelando de muita coisa, de assunto saltitando em assunto, ditos que ouviu, promessas que fez. Sempre retrocede à pobre Mona, no hotel onde a deixou, padecente de sezões, num sopro quente originadas que vem por certo das Áfricas. E, na tarde que finda, é o cabelo de tintura muito forte tal qual uma touca, que poderá desfazer-se de instante a instante, para o regaço lhe descair, o horror desmascarar de um todo engrenado, onde parece a boca, como nos

degolados, falar sem pertinência a alguém. Quando na loggia do teatro se apeia, ainda o estado de Mona a obsidia, no quarto anónimo, só. Recolhendo-se por segundos, então, admitirá que não pouco a rala, também, o corte a que vai submeter-se o marido, de um pouco mais, é quase tudo, do que do braço incinerado lhe ficou.

Iniciará aqui a intrincada batalha, de esgotamento e capitulação, com o mal que ao mando se lhe insubordina. Foge-lhe, em Barreiros, o arco dos dedos, vão encontrá-la por terra, entre as contas desligadas do colar. Reclama outra vez, junto à gerência do Europa, do insistente pivete à tinta dos patamares, que a cefaleia lhe anda provocando. E nada acerta com nada, no ciclo assim de fastios e enjoos, pruridos, dispneias. É o doutor quem a auxilia na jornada sem pousio, sua faz a condição da que a morte designou. Conversam menos que nunca, nas profundas abismados da tragédia pessoal, com o devastado horizonte que se lhes embacia. E o progressivo mal se constrói de milhentos indícios, que a direcção culminante apontam apenas, a vítima poupando ao golpe que têm na manga. Logo um pinheiro, um gato, uma população de crianças com seus gritos e carripanas, nada de aparência se reveste no vértice em que se desagrega a vida, o próprio Sol se recolhe sem garantia de voltar. Assistamos a Guilhermina, que em suas feridas se contorce e em seus pavores, com entretanto o cansaço imensíssimo, a indizível saudade, um ferrete ou uma lepra que cura nenhuma limpa. Não está certa, ainda, do recinto em que se desorienta, reparando nos matizes em torno, a palavra recambiando para as coisas apazíveis. São cada vez mais incessantes as cólicas, mais de absurdo acabrunhantes, menos fáceis de imitar num papel estudado. Entre música e sangue, enfim, a disfunção se enraíza, cada qual em seus circuitos, vasta malha que das fezes se ergue, a elas revém, um resplendor atravessa primeiro.

Nenhuma dúvida resta, não se fartam de divulgar alguns arautos, quanto à falência de Álvaro. Bem mais vasta é a terra que os hectares que a circundam, na alternância de misérias e enlevos. Vencido foi pelo monstro indomável, nessas dobras de solo estéril, canceroso de rizomas. Em sua presença as cercas apodrecem e as tapadas, sem extremas os campos se misturam, grassam os cardos por entre as sementeiras. E as pragas se abatem, gorgulhos e pírales, moscardos, pulgões. Pelo chão as lesmas caracoleiam, de sua peste, num visco vagaroso, as culturas trilhando. Arruma-se Álvaro a um escano, fugido aos diabos que contra ele se assanham, grunhidos e cacarejos, desabridas trombas-d'água. «Não é arado quem quer», adiantam-se repetindo as feiticeiras. De norte a sul, a extensão vai calculando da catástrofe, a infundável estiagem que as plantas requeimou, a argila molhada onde os pés se enterram, que cansa nenhuma enxagua. À valeta se vê atirado, por fim, a esmola mendigando dos faustosos. «Orneja o asno montês, junto à erva tenra? Ou muge o boi, junto à forragem? Acaso come alguém sem sal o que é insípido, ou há sabor na clara do ovo? O que meu apetite recusar tocar é isso meu alimento de enfermo.» Assim, como Job pranteando, que sorte lhe caberá, a seguir a esta, de margem para margem expulso, sem romance de pintor ou concertista?

Dentro dela a gema cresce, horrenda matriz das jóias todas que rejeitou, no terror de que a sujeitassem, numa auréola a enlouquecessem. E aqui se encolhe, contemplando as que admitiu, lapidados de múltipla transparência, que treinam os

olhos para a apoteose da morte. Nos jazigos ingressa onde dormem, sinistras de azul e de verde, nelas espreitando o escorrimento das águas primordiais. E ora em furnas se incrustam, ora esmaecem de letargias, informes no processo de que vão resultar. Aí é que se defende da corrosão, ancestral tição que jamais se apaga, as perspectivas separando de que outras se constituem, turquesas, esmeraldas. Num bastão de tortura as engasta, que em sua angústia empunha, consentindo que nas lajes se despenhe, enfim, em carbúnculos esmagados. E as entranhas lhe rasgam de suas arestas, pois nelas reside, por agora, na dança em que tudo a seu núcleo tende.

Aos vinte e um de Agosto de mil novecentos e quarenta e nove, está no Usher Hall, em Edimburgo, com o *Concerto em Dó*, de Eugène d'Albert. Tocarà uma nota adiante da orquestra, o que nela não será excepcional, agora sobretudo, que a ideia a atormenta de esconjurar a perfeição. Na aspereza de certos toques, como de tecedura que se dilacerasse, é ainda o rompimento que se pressente dos laços existenciais. E é uma vitória que se indecide, entre o transporte do espírito e a vulgaridade dos utensílios que tem, enquanto chegam as criaturas órficas, para em Guilhermina a centelha assimilarem, ainda, se espojarem no chão onde lhes nascem os filhos.

Quando deu por ela, à mulher, concluiu que nunca a reveria. Estava, desta vez, ainda mais esquelética, de roupas amarrotadas, como quem por toda a noite houvesse andado à deriva. E tinha por detrás essa clarabóia, com o vaso de frutos contra um esquema de polígonos. Engoliam os hóspedes a sopa, motivados por coisas comuníssimas, o solitário que à sua frente desabrochava, o mostrador onde o ponteiro dos minutos a intervalos se mexia num pulo sobressaltado. Era como se estivesse ali para a levar consigo, sentia isso, tranquila esboroando, todavia, um pedaço de pão. Despachavam-se os criados, com uma torção de rins dos obstáculos se desviando, também eles personagens da irrevogável corrida. E tudo funcionava num mecanismo estupendo, em que numa tal precisão se dispusessem os factos que cada qual se alojava onde lhe pertencia. Já tudo a outra decidira quanto ao fim, era para o rio que se encaminhava.

Vemo-la rondando esse monte de edredões, que é o leito do doutor, medrosa de se achegar, com desapaixonada piedade lhe assistindo às convulsões. E numa espécie de busto brônzeo, não patinado pelo tempo, ainda, nem conspurcado pelos pássaros, o homem se imobiliza. Força-se Guilhermina à distração, sem que a suspeita inculque, contudo, do desprezo da morte, como se quisesse burlá-la no itinerário que leva, constrangê-la à suspensão dos ditames que veio realizar. Não julgamos, porém, que fosse o moribundo capaz de pedir o que ao espírito lhe ocorresse, nem sequer o fantasiarmos, na evidência do desenlace, a magnanimidade abraçando dos arrependidos, a cada passo liquefeita numa queda de lágrimas. Poucos frascos lhe juncam o tampo à direita, esses poucos apenas de solutos manipulados, recurso artesanal em que o cuidado caseiro se determinava a acreditar. Tão-só a lamparina, de permanente língua verde, sob o Coração de Jesus o susto lhe consola, no azeite estremecendo às passadas de quem entra. Novos recursos explora ele, entretanto, até que se acabe tudo, os estores finalmente se possam subir. Toma-o, por exemplo, a

obsessão martirizante de ocultar o membro válido, como se a assimetria dos dois, que não a ausência de um só, por si constituísse a maior das infâmias. Andou a violoncelista entre tubos e seringas, ardorosamente se disciplinando na firmeza em que ninguém a instruiu. Mais do que tudo, o definitivo rosto anseia, agora, o que nunca atingira nesses anos arrastados junto a ele. Quando morre, afinal, o doutor, uma onda de amargura desaba. Tornam-se cabisbaixos Sandy e Mona, as patas ferrando de consternação. Prosseguem os eléctricos a marcha, sem afrouxarem mais para que saia alguém.

Acontecia-lhe empreender nos próprios sintomas, ora deles índole e desenvolvimento avaliando, ora os distinguindo para com fortalecida náusea os desfibrar. Por tentativas arremetia a doença, até nesse pórtico vir embater, que afinal se lhe franqueava sem que fosse necessário agredi-lo demais. A mecânica da vertigem e da febre em certo padrão se escalonava, onde entre admiração e nojo se via projectada. Muito mais do que a morte previsível, eis que a apavoravam o ritual e a mitologia cadavéricas, depois que os círios observara bolsando seus pingos de banha, nos vincos atentara que a mortalha esculpira sobre a mole abstrusa do doutor. Retraía-se agora, sem argumentos, da solitude do leito que o companheiro desfalcara, de Clarinda requerendo que dormisse a seu lado, o sono indefeso lhe velasse, a noite viesse exorcismar, com sua juventude, de um vulto informe que pressentia. Impeliria o morto o batente do armário, num gemido finíssimo de dobradiças, do alto desmontaria, até se implantar aí, com a face azulada, os braços ambos intactos. E era Barreiros, contra isso, o refúgio disponível, em seu todo de arvoredos e passadas, essências únicas, imaginava, que até sempre iriam com ela. Passeava-se pelas vertentes rochosas, com as raízes à mostra que pareciam cordoveias de um monstro benfazejo. Encantava-se com o crepúsculo, que o tapete banhava das agulhas dos pinheiros, numa larga propensão a invadindo de geral constrangimento. Terminara o pai a tal passagem que ensaiava, às narinas o odor lhe chegava da goma, da cativante mistura que compunha com a cera das prateleiras. E voltava a seu jantar de viúva, consigo trazendo um bugalho, uma castanha, um ranco de eucalipto que esgaçara.

Por uma hora estive diante desse homem, Álvaro, à mesa do restaurante para que me citou, a cuja entrada amigos longínquos, na mesma cidade, mas em outro livro, um ao outro nos apresentaram. Vi-o adiantar-se nos jeans deslavados, opor-se ao empregado, que a pasta se dispunha a enviar ao bengaleiro, sentar-se, finalmente, encostando-a a si. Com muito vagar o fui examinando, como agora se revela, na pele tostada do mento, na camisa esgoleirada, no talhe artesanal do cabelo, que a Priscila, é claro, se deve, a configuração lhe dá de um jivaro corpulento, para a caça abalando com um cântico florestal no coração. O estilo me interessou com que o cardápio foi analisando, nesse misto de diversão e acanhamento, não do provinciano recém-chegado. E aos poucos me fui assegurando da impersistência de pendores e espécies agrícolas, nesse aforismo sumariadas de ratificação problemática, «o vinho nasce no Douro, sobe à Meda, passa em Pinhel e morre no Dão». Anunciou-me depois, por um esgar o comprazimento trocando com que à notícia reagi, a incipiente gravidez de Priscila, por entre as vagas litúrgicas em que se vai desatinando. Teima ela em

borrificar-se das chuvas do mês de Junho, em ao comprido se deitar nas pedras glabras dos cumes, que ao luar dos Invernos congelam. E agora se resguarda de malmequeres, cuidando de não transitar por debaixo da corda que ata a vaca ao cortelho. Viemos dar, por fim, a este palmar defronte à Foz, meditando nessas fauces do rio além do pára-brisas, ouriçadas de quantas naus infindas soçobraram aí, foram sendo derrubadas pelas vagas, lentamente acabaram comidas de limos. Abre então Álvaro a pasta, um maço retira cuidadosamente, em minhas mãos assenta o que declara ser a história inteira de Guilhermina Suggia, violoncelista de ascendência italiana, nascida no Porto em vinte e sete de Julho de mil oitocentos e oitenta e cinco, casada em mil novecentos e vinte e sete com o médico José Carteador Mena, que estudou primeiro com seu pai, depois com Julius Klengel em Leipzig, se estreou nos concertos da Gewandhaus, percorreu em mil novecentos e vinte e oito os principais países da Europa, recebeu a Ordem de Santiago da Espada, possui dois preciosos violoncelos, um Stradivarius e um Montagnana, teve como passatempo favorito a decoração de interiores, foi grande amante de cães. E a escabrosa perfídia me fulmina, na mirada em que abranjo pescadores-à-linha, névoas da outra banda, noites à vela e tardes de folga, em que pedra a pedra, sigilosa e perversa, nas minhas costas foi sendo edificada a vida da mulher. Mas já atirou com a porta do carro o que a teve, tomou o táxi que persigo em desenfreada corrida, até o divisar ao longo do cais de Campanhã, porfiar atingi-lo abalroando magalas e cauteleiros. Fico de ouvido atentíssimo ao alarme da ronca, que de escolhos previne e de paredões, de cascos à tona e de botes perdidos, de línguas arenosas, rastejantes na água.

Tem Clarinda um convénio secreto com António, o motorista, de com ele não se casar enquanto a senhora for viva. E o adiamento assim operado, com a exasperação indeligiável da mocidade de ambos, a premonição em que se deleitam na preferência testamentária, tudo numa rede se conforma contra a qual esbarram os voltejos da morte, nesse prisma de escadarias e saletas, besouros eléctricos e tabuleiros gigantes, que é, afinal, o palacete da Rua da Alegria. Na estima que dedica à velha Circe, o instinto nutriente Clarinda inclui, de pelo paladar e pelo ingurgitamento a indemnizar da dor que a desmancha, da revolta que a extenua. No antigo contarelho do «põe-te, mesa», que em seu imaginário revolve, se não chega à decocção das viandas que o romanceio estipula, em seu engenho reúne os ingredientes precisos, inexcedíveis delícias de confeitadores obesos, guloseimas de princesa que perdesse o apetite do Mundo. Recuará a caveira, pergunta, ante o banquete oferecido? Secará, em seu casulo, o bicharoco que as tripas lhe vem roendo? Tudo questão será do que lhe prometer, tigelada de carneiro ou manjar-branco, caldeirada de enguias ou perdiz abeberada. E não encontra repouso Clarinda, batendo massas e ovos, torrando farinhas. Por semanas e semanas espreguiça a casa toda, de exsudações e pós, açúcares em espadana, amêndoa ralada e canela moída, ferventes azeites que o nariz respingam de quem se acerque, onde se vê, enroscada, uma casca boiar de limão. «Põe-te, mesa», ao duende ordena que dentro de si se aninha, contra o peso da tumba se insurgindo. No torpor de Guilhermina, porém, nem homens nem vestidos, nem o pulsar das cordas, acabaram ainda.

É necessário ataviá-la para o último concerto, o que dará no Teatro Aveirense, aos trinta e um de Maio de mil novecentos e cinquenta. Preconizam as Taitis que se lhe avive o carmim, dela a réplica façam da grande imperatriz Tzu-Hsi, a que por outros se vê enfeitada. Dirige-se ao palco pelo lôbrego desfiladeiro, com o salitre que salpica o tecto, o dédalo da canalização que rasa o cimento desnudo. E gastará a *Sonata em Dó Menor*, de Saint-Saëns, com Maria Adelaide de Freitas Gonçalves ao piano, o olhar circunvagando, até agradecer as palmas, com certo histérico modo que nas têmporas lhe põe um reflexo acobreado. Tornará ao camarim, com a saia a dançar-lhe à volta das ancas, por entre os que a assediam a sua banca se postando. E ouvirá essa, que a altura aguarda de a cumprimentar, a obtusa melopeia entoando, «mandei fazer as almôndegas, faltava só o arroz, tinha gente para a canasta, queria estar descansada, a ver se arejo, tenho andado intragável».

Aterrou já, vinda da London Clinic, onde a operaram, através de cujos pavilhões seu reconhecimento exprimiu a toda a equipa. Com alguma ambiguidade, confiará a um amigo «levo umas injeções, se não fizerem efeito, não haverá terapêutica». Ao desembarcar, todavia, com um molho de jasmims, irá afirmar que chega para morrer. Ocupará a quinzena seguinte, frenética de despacho, enviando mensagens, sarrabiscando conselhos e disposições. Na cama estará, depois, com o violoncelo que pediu lhe deitassem ao lado, tendo exigido que lhe arranjassem o cabelo, lhe cuidassem das unhas, as sobranceiras lhe colorissem e os lábios. Escolheu uma veste branca, sem arreboques, ordenando que quando morta lha pusessem, implorando que lhe ocultassem bem a tumefacção das pernas. À cave mandou, então, Clarinda, a buscar uma garrafa de champanhe, que diante de si quis ver ser servido. Era o domingo de trinta de Julho de cinquenta desse portuense calor sem remédio, que os bueiros faz expirar um fedor narcotizante. Fora a rua tomada pela desbocada chinfrineira dos adeptos de futebol, do jogo saídos com suas bandeiras, uma lata velha chutando, que até o silêncio, pelo empedrado, irá retumbar. Sustentou a bebida, com um sorriso de mofa, logo soltou três gritos sincopados. Na barra do lençol, esforçados, seis vezes os dedos se lhe moveram,

. Eram os compassos de uma bourrée de Bach, infinita alegria, da terra levantada para ser relâmpago, à treva recolhida, saciada.

Sobre mim, porém, é que a fronte reclina, a velha cabeleira docilmente se aparta. Por ela fiz repicar os sinos do Porto, os de São Francisco e os de São Nicolau, passaritei nas avenidas de Neuilly, a um portão iluminado me quedando, ao Tamisa fui descendo, com Outubro vergastando os castanheiros. Ao fim, como dantes, a entrevejo, no desvairado fato de anémonas escarlates, quando me trava do braço e me leva através dos convidados, ao ouvido, num murmúrio, me segreda «acha que vai o embaixador gostar do meu vestido?».

Daqui o enxergo, também, ao manuscrito que me foi entregue, no embrulho imenso de papel manteigueiro, com o barbante que em toscos nós o estreita. Só Deus sabe se algum dia haverei de o publicar, sob meu nome ou de um outro, em vez desse, funesto, que o travo dos meses me acidulou. Voga Priscila contra um renque de

salgueiros, nau pejada de futuro, da carga liberta das vidas que se saldaram. Por entre regas, poeiras, alguma estrela já, fica Álvaro debruçado sobre a terra, sem remissão a cavando. A cada golpe seu, calhaus e radículas desentranha, cacos, concheiros, ossadas. Guilhermina partiu, muito longe demora, nunca mais saberemos que história contaria.

Porto, 19 de Novembro de 1985

Rosa

A Eunice Muñoz.

Conta-me Álvaro, pelo telefone, do destino de antigos e de novos personagens. Adormece a Casa de Santa Eufrásia de Goivos, logo após o almoço, no grande vazio da morte que a tocou, com os agudes a gorgolejar, à sua volta, as pombas, azafamadas e sempre alerta, a debicar o grão das eiras. Da velha ceramista, que não viveu muito longe, apenas colhe Robert as formas exteriores, a raríssima flor telúrica e bárbara. E ei-lo que persiste em beber a nata do país, que tacitamente capricha em classificar de «estrebaria», instalado nessa quinta, com Maud, sua mulher, com alguma atávica aspiração à aristocracia que lhe nega a Inglaterra de origem. Aparece-lhes Papi, a cada passo, a tropeçar nos atacadores desatados, alheio aos hóspedes e aos ofícios deles, a recontar uma qualquer viagem hemingwayana às faldas do Kilimanjaro. Escuta-o o inglês, com bastante deferência, solicita um que outro pormenor, anota no bloco de bolso o que lhe parece pista a explorar. Com não pouca astúcia aproveitam-se os britânicos da aposentadoria, arrogam-se direitos de patronato, mesmo, como quando sugerem os pratos de uma refeição, quase impõem um restauro que reputam de inevitável. E, em suas mangas de seda tufada, verdadeiramente executa Maud uma mordomia, ao receber os forasteiros eventuais, ao descrever a história e a arquitectura do edifício, como se, de facto, lhe pertencesse desde tempo imemorial.

Fita 3, lado A. Tinha um punhado de argila, numa das mãos, que escavava, com a outra, sequiosíssima de água, a afazer-se à saliência e ao vão, por onde a vida achava seu princípio. Era um pedaço de terra da beira dos juncos e dos limos, em que a planta do pé se imprimira, no repouso ou na marcha, numa pressa de horizontes por vir, num registo de paisagens conquistadas. Dele construía um lagarto, dos que cirandam por entre as pedras soltas que os musgos comem, um cuco ou uma poupa, dos que andam de ninho em ninho ou o fabricam de trampa de cão. Penetrava neles o ar, sibilavam e gemiam, cantarolavam e enrouqueciam, a meio da manhã. Sachavam as mulheres um campo, além do ribeiro, a contar-se longamente, ao cuspirem nos dedos, histórias de um enxoval ou de uma febre terçã, a convocar, aos berros, as filhas em falação na berma da estrada, para que lhes trouxessem o cabaz do jantar. E corriam as horas, soavam as ave-marias, amassava o barro poroso, sempre, que no avental lhe deixava riscos e manchas, ao secar convertidas em pó. «Rosa», por ela chamavam, agora, das escadas desiguais que davam para o quinteiro, onde os franganotes se espavoriam, a cacarejar. Metia as peças no seio, e eis que, da frescura que tinham, se lhe arrepiava a pele. Desatava em corrida, a enrodilhar-se nas próprias saias, de regresso a sua mãe.

Fita 3, lado B. De contar estrelas, a apontar-lhes o brilho, esparsos cravos lhe haviam nascido nos dedos. Doíam-lhe muito, nas noites frias, sempre que adormecia com eles a descoberto, a sonhar que recolhia grandes pétalas de neve que se

esfarrapavam. Subia o escadório de São Bento, com a mãe, a levar em promessa, atado à espadana, um molho de onze cravinas, que tantas eram as verrugas que a afligiam. Ao rés do altar postavam-se três mulheres embiocadas, a mascarar, de rodilhas, as estações do rosário, enquanto dos círios escorriam umas tantas gotas, de imediato coaguladas. E ajoelhava, à beira da cintura materna, a olhar a imagem do santo, que lhe sorria, pequenino e de negro, mas imperioso e solene, amparado a seu báculo de pegureiro de almas. Por detrás era um paraíso de ouro puro, anjinhos que vindimavam cachos de moscatel, passarocos de bico recurvo que se escapuliam por entre a folhagem. Com a mãe articulava uma reza, que lhe saía dos lábios, sem que bem percebesse as palavras que continha, à espera de que São Bento proferisse um sermão ou uma sentença, a admoestasse por andar encabritada, a roubar as maçãs do sineiro, lhe mostrasse os cornos do diabo, que era todo de piche, com duas brasas a arder no buraco dos olhos. Começava a ressentir-se da posição a que a forçava aquele culto, reparava nas flores vermelhas, ali ao pé, no serrilhado das pétalas que tinham, e apetecia-lhe sair lá de dentro. Era uma tarde do princípio do Verão, sem romeiros pelas proximidades, com as árvores mergulhadas em luz, como que na expectativa dos dias festivos. Duas rolas voavam, a empoleirar-se no alto do campanário, entretinham-se, em seus negócios, a mirar quem passava por baixo. Um coxo, junto ao portal, vagarosamente retirava a ligadura das pústulas, suspirava fundo, logo se ria, em conversa com o primeiro que lha dava. Parecia o santo, enfim, agradecer-lhe a visita, garantir-lhe a cura, propor-lhe uma cabriola, cansado de tanta queixa, a segredar-lhe «Vai-te lá, Rosa, põe-te ao sol, está aqui um calor que se abafa.»

Nota 1. Há uma potência que reside na terra, de natureza definida pelos membros que a compõem. Viver com ela é estar aí, na inteireza do ser que a preenche, de sentido desperto para seu oculto recado. Interpelava-a Rosa, na meninice descalça, sombria matriz dos limos, nas vastas brechas por onde o dia em revérberos espreitava. Era uma deusa antiquíssima, a tomá-la nos braços escorregadios, feroz e meiga, ardente e casta, toda de quartzos e sedimentos, de canículas e aragens. Preparava os guerreiros para o combate, brotados de seu ventre, filhos da raça nómada que se acolhia à copa dos eucaliptos, separava as pedras da construção da casa, estendia em redor a variada silhueta de suas vasilhas. Às vezes lhe aparecia de peito coberto de silvas e heras, penetrada pelos veios da água, com as bagas e os caules, as folhas e as raízes, em seu regaço. E, pelo rosto alabastrino, lhe perpassavam libélulas e vespas, poeiras e pólenes, numa nuvem muito branca que escondia, por instantes, o grande disco solar. A medo se acercava a rapariga de sua presença adivinhada, no fundo de um pinhal, onde certa mina se abria, as gotículas se desprendiam da rocha viva, um sopro se aspirava, vindo do âmago do gelo. A estremecer transpunha a fronteira desse reino de silêncios e de silvos, com os tornozelos revestidos de lama, um malmequer nas mãos que as frieiras avermelhavam. «Rosa, Rosa», chamavam-na, de longe, a convocá-la para um círculo de tropelias, onde se divertiam, de rabo alçado, os diabretes, arautos dessa enorme divindade, a bater com pandeiretas na cabeça uns dos outros, a jogar-se as laranjas que os gomos repartiam.

Sobre Gabriel, é Álvaro que mo explica, pelo telefone, convergem as atenções de

Robert e de Maud, esguio ramo em demanda de sentido que jamais descobrirá. Conhece o rapaz os recantos secretos, pensam eles, onde a sombra dura, certa aranha vive, há anos, nas margens de uma teia a que o cotão se prendeu. De momento a momento se lhes torna o adolescente inevitável, ainda que finjam não reparar nele, personagem da província que é o objecto de estudo das emoções que lhes calham. Nele se guarda, percebem os ingleses, o mistério provável da casa derruída, com seu reboco vergastado de humidade, suas lojas rasantes onde a palha apodrece. «Gabriel, aonde vais?», de si para si perguntam, sem que se atrevam a formulá-lo, como se houvessem percorrido léguas e mais léguas de deserto, descansassem à vista da juvenil cabeleira que o crepúsculo ilumina, do que segue desejassem, apenas, o mesmo que os de Emaús quando, à entrada da noite, ousaram pedir «Fica connosco, que o dia vai no fim».

Fita 2, lado B. À frente dos bois pisava o terreno, que a ela cedia; barro manso onde se lhe enterravam os pés, lodos que era uma carícia experimentar. E os cascos dos bichos, também, se imprimiam nessas leivas, moldavam nelas a forma que possuíam, retiravam vestidos de matéria pastosa. Ia observando, a sorrir, aquela substância transformável, não viera Deus, ainda, dividir as águas da terra, roncava a junta, condenada a trabalhar sem remédio. Transportava uma côdea, no bolso, a mona de trapos, duas pedrinhas brancas que roubara ao leito do ribeiro. E cantarolava, a imaginar as criaturas que fabricaria, uma princesa real, dessas que se penteiam com longuíssimas unhas de ouro, um bicho feroz e um carraço, um São Pedro de chave empunhada, com a auréola encaixada na cabeçorra esferóide. E acompanhavam-lhe o pensamento, agora, saltava da cantilena a um soprozinho, via-os rebrilhantes de vidro, a responder ao gesto com que lhes acenava. Desinquietavam-na para a brincadeira, era Junho, corriam à cata de grilos, introduziam a palheirinha na baroca deles, quando não, dava-se isso com os moços, lhe mijavam lá para dentro, para melhor os fazerem sair. Bem gostava de se associar a estas canalhices, a inventar jogos em que lhe obedeciam, a pescar saltões, com eles, dos que avançam, às esticadas, pela tona da corrente. Mas os bonecos a nascer ali permaneciam, diante da vista, e chegava a casa e punha-se a afeioá-los, a acrescentar ou a eliminar, aqui e além, a aplicar-lhes os orifícios, a afagá-los no redondo da mão, até que os imaginava prontos a serem cozidos. Só então se lhe abria a aldeia a todas as aventuras, e o céu, que fora espesso e cinzento, num azul imaculado se expandia. Vinham duas mulheres, de regresso da fonte, a choramingar suas vidas, a acarretar seus cântaros balançantes, que transbordavam.

Julga-se o velho Papi, ainda, senhor da Casa, a receber essa parelha de ingleses, com mostras de antiga hospitalidade, logo a seguir, todavia, esquecido deles e de tudo. Já pouco se distingue da ampla mortalha de seu dia-a-dia de cocainômano, a respingar-se, ao almoço, com o molho da carne, a esquecer-se de apertar, para alegre troça dos afilhados que teimam em visitá-lo, dois ou três botões da braguilha. É Álvaro que volta, hoje, ao telefone, e me torna depositário de tudo isso. E, dessa propecta criada Lucinda, encolhida junto ao mais enfarruscado da lareira, exige Papi o cumprimento de várias ordens, quando não a imposição de disciplina a que ninguém, afinal, existe para obedecer. Levanta-se ela, com muito custo, após ter espevitado, corcovada, o borralho quase morto, a remexer as saias, num chorrilho de faúlhas. E segue, pelo

corredor, a provocar o estremecimento dos castiçais, a destrambelhar, aqui e acolá, contra um acidente da passadeira, até a sala onde o amo cabeceia, com o *Elucidário* descerrado no regaço, um papel amarrotado, caído no chão, a seus pés. «Raça de estupores», rosna ela, e regressa a seu banco, a se deter, no caminho, de ouvido colado à porta do quarto dos hóspedes, que fazem amor, como sempre, mafarricos sem vergonha. Sonha Papi com quanto no passado lhe pertenceu, conciliábulos matinais com Frederico, sobrinho morto a tiro, há quanto tempo, há quanto tempo, alguém que passava, por certa velada de São João, defronte de um moinho que não parava de gemer.

Fita 4, lado A. «Aonde vais», inquiriam. «Vou à venda», replicava. E, a largas passadas, ia ela progredindo, a aquecer os vinténs bem fechados no punho, a rebolar o traseiro incipiente. Pela beira do caminho atentava na folhagem trepadora, na lagartixa que, por entre ela, se esgueirava, nos bagos que principiavam a pintar. Escalava os degraus da soleira, pousava o nariz no mármore do balcão, a estudar o que via. Patinhavam meninos seminus, junto aos sacos, de camisola encardida, a guinchar desesperadamente, agarrados à pilinha. Da parte de cá barafustavam os homens, de chapéu derrubado, a desferir fortes palmadas no peito uns dos outros. Tragavam o vinho, faziam subir e descer, de erguido gorgomilo, a dura maçã-de-adão, devolviam a malga, tingida da borra roxa que, em lágrimas, escorria pelo vidrado fendido. O encanto maior, porém, eram os frascos enormes, perfilados lá por trás, de confeitos coloridos, à espera de que os tomasse o tendeiro, a gestos muito lentos lhes desatarraxasse a tampa, recitasse o número que lhe requeriam. Vinha só, desta vez, ao vinagre e à massa, espalhara à frente as moedas necessárias, com o cuidado derradeiro de as contar novamente. Chegava, aparecida dos fundos, a senhora daquela quitanda, de uma furna de tições e de trempes, sobre que estivera debruçada, a crestar as pestanas. E entrava, a empurrar o ventre, engravidada como sempre, a fiscalizar quem entrava na loja. Era uma presença calada, no entanto, com o rosto picado das bexigas loucas, a calcular os anos pelos filhos que lhe iam sobrevivendo. Andara pelo terreiro das feiras, em pequena, adormecida na retaguarda de um tabuleiro de doces, com as moscas a circum-navegar-lhe os labiozitos entreabertos. Mirava-a Rosa, num pânico bastante, pois que a diziam tecedeira dos anjos das outras, a libertar as parturientes da dor que as esgaçava, por uma brusca moção do pulso ensanguentado. Voltava a rapariga, agora, com o vinagre, num braço, a massa, no outro, e lobrigava a irmã mais velha, no quintal, a gritar por ela, por ela, com quantas ganas tinha.

Fita 3, lado B. Explicara-lhe a mãe que, receosa dos perigos do parto em que a daria, resolvera baptizá-la à meia-noite. Pela calada, era a Lua Nova de Maio, fina e resplandecente, ainda, em seu pálio estrelado, encaminhara-se para o rio, na companhia de um irmão de seu homem. Avançara até meio da ponte, retirara um balde bem cheio, pusera-se a aguardar o primeiro que transitasse. Havia despenteado aquelas tranças, que usava reunidas sobre a nuca, despira o colete de rabos, que era o melhor que tinha, descera a camisa muito branca, por fim, de franzidos na ombreira e nos punhos. Ficara a sentir o ar nos seios desvendados, de mamilos já amplos do leite que, muito em breve, os aumentaria. Ouviram passos no empedrado irregular, e um vulto

surgiu, a destacar-se do escuro do arvoredor, de um pano de pedregal, lá mais para atrás. E era um marchante, no regresso da feira, de cordame na mão, o seu tanto tombado do vinho que bebera, com o morrão do cigarro que, de tempos a tempos, se lhe acendia, como que a atestar-lhe a posição. Achegou-se-lhes à beira, mostrou-se-lhes um tipo miúdo, que se diria ladino, de olhos cinzentos e piscos. Rogaram-lhe, então, que ministrasse o baptismo àquela criança que estava na barriga, ao que se negou, primeiro, e o que, ameaçado de morte, todavia, acedeu em fazer. Plantar-lhe-ia Rosa ou António, apagou a beata, mergulhou os dedos na água do balde, fez com eles o sinal da cruz, sobre o seio maternal. E um arrepio imensíssimo percorreu a grávida, nessa altura, enquanto fugiam os diabos, à desfilada, pelas margens, a ganir e a uivar, a estreachalhar a ramaria, em sua doideira.

Fita 1, lado A. Passavam os rapazes que iam às sortes, numa cantoria interminável, com o olhar pisado da noite de vigília, de garrafão no cotovelo. Cumpriam a sua parte do ritual, nessas férias imprevisas que os arrancavam ao esforço da lavoura, a espreitar, no excitante horizonte para que tendiam, uma vila de torres e palácios que nunca se precisava. Entoavam versos, há muito compostos, a delimitar-lhes uma época muito mais do que um sentido, a mal lhes conferir o propósito da empresa que se propunham realizar. E esbanjavam o dia todo, entre o quartel e as tascas, a entrenarrarem-se sucessos de guerras antigas, fanfarronadas de um tio ou de um padrinho que fora guarda-fiscal, matava os salteadores, numa curva, a desoras. Durante o serão, depois, trocariam sinais de grande estúrdia, com a voz entaramelada de sono e os pés esticados para a lareira. E Rosa os perceberia, muito melhor do que suspeitavam, quando falavam da casa de passe que tinham visitado, do xaille de uma rameira que haviam surripiado, essa mesma que dançara, antes de levar o mais bonito para o quarto, a fazer voltejar, no pescoço, a gargantilha de caramujos. Eram homens prontos, enfim, com a virgindade liquidada em favor do futuro, os pulsos poderosos para o que desse e viesse, assim julgava, a burra de pinho onde aferrolhavam dois contecos para o casório, entre uma caixa de latão com charutinhos do Brasil, a cédula pessoal e a caderneta militar. Uma energia recente os tomava, agora que já não eram mancebos, acreditavam na razão da vida, nas terras que herdariam e que deixariam aos filhos. E sentia a rapariga que praticavam das sortes, como de uma amputação que lhes fora imposta, que só a eles, na verdade, pertenciam os caminhos do Mundo, porque embarcavam num vapor, mandavam deitar dois morteiros, se voltavam ricos, sem que bem conhecessem a alma que lhes cabia.

Nota 2. Via-as desfilar, adolescentes que despontavam, a cujo grupo, no próximo ano, se juntaria. Caminhavam em cortejo, com um ramo de louro restolhante, a perfumar os ventos, uma lucerna minúscula, que tinha insculpida a efígie de um javali. E, cuidadosa e persistentemente, defendiam a chamazinha da viração da alvorada, enquanto iam cantando o hino que despertava os animais bravios, através do qual solicitavam auxílio para os que andavam em campanha, a atravessar rios e vales, com a placa da couraça e a lâmina da espada a reflectir o luar. A passos medidos, em que arrastavam as sandálias de tiras, calcavam o mosaico do templo, agora, baixavam até ao murmúrio a jaculatória, que só o balido dos cordeiros, atados para o sacrifício,

dolentemente interrompia. Houvera, logo depois, um tinido de guizos, um resposno repetido, um aroma de óleo que se vazava. E saíam, com as vestes tintas de sangue, assombradas pela imagem daquela boca pétrea, que soletrara uma frase de muitas sibilantes, se calara, por fim, a mascar suas fibras. Era dia aberto, já, entre os salgueiros, perseguia um agricultor a rabiça do arado, rodeado por pássaros que caíam, a devorar as sementes que lançava. E sabia Rosa, de cor, os versos que articularia, quando chegasse sua vez, e de que modo importava que os exprimisse, para que fossem propícios. É que tinha a Primavera um jeito cruel de se implantar, com trovoadas rugidoras, rodopios de um frio que cortava, águas de cachoeira desprendidas, numa gargalhada de extremo impudor.

Fita 1, lado A. Muito cedo, com mãe e algumas, enchia o barco que, de Manhente, as deporia, mais à louça, na festa de Vilar, infusas e cântaros, sobretudo, moringues e chocolateiras, que haviam deitado no casco, com os xales a resguardá-los de chocar. Estava estremunhada ainda, pois que era a primeira vez que a arregimentavam, passara a noite, sem pregar olho, a imaginar a travessia. E agradava-lhe a barqueira, mais velha que nova, de rosto triangular e olhos sonsos, um contorno de boca de severidade e ternura. Chamava-se Rosa, tal qual ela, encaravam-na como referência mitológica quando, erecta, estribada nas tábuas do botezito, remava com um ritmo certo, que coisa nenhuma era capaz de perturbar. E zarpavam, rumo à outra margem, enquanto um noitibó se manifestava, na ramagem dos castanheiros a que as videiras se apegavam. Depois, perante o dia adivinhado, imobilizavam-se todas, a meio da viagem. E era a roda da vida, de repente, que passava, e havia só que escutar o que a voz da barqueira lhes dizia. «A barca daqui», começava ela, «todas as noites desaparecia. Certo dia, o barqueiro, para descobrir a causa daquele encantamento, meteu-se no porão, e pôs-se de atalaia. “Rema, rema”, ouviu ele, que ordenavam, de cima. Mexeram um cadeado e, nisto, compreendeu que estava em domínio de feiticeiras. “Cheira-me aqui a fogo vivo”, declarou uma delas. “Deixa lá ir quem vai”, tornou outra. Andaram, andaram, até que ficou queda a barca e o barulho acabou. À cautela espreitou o barqueiro, do porão, a ver adonde estava, e cortou uma cana, e voltou à barca, e fez-se a caminho de Vilar. Só quando aqui chegou é que, dando conta de que era a cana-da-índia, percebeu a que longes é que tinha viajado.» E continuavam, sem se mover, a igual distância de ambos os lados. E observava a rapariga aquelas pás suspensas, gotejantes, a narradora que as sustentava, numa turva expectativa. Tendo descalçado os socos, então, que ficaram jazentes, um no outro massajava os pés, a enregelar nos coturnos de lã.

A coberto de desconfortos, explica-me Álvaro, com o que resta de inseparável dessa Casa que se vai desmanchando, estão Robert e Maud entregues ao estudo da ceramista. Em complexos vários se originou a decisão de por cá se fixarem, preteridas frustrações e anseios cultivados, uma teimosia de permanecer no Mundo, que é o que mais prezam os que o Mundo desampara. Estão nesse velho calendário de Santa Eufrásia de Goivos, que se demarca por um chamamento, um recolher dos restos da refeição, outras rápidas inflexões da história breve dos homens. No salão folheiam antigos álbuns de pintura italiana, que aí duram habituados à vizinhança da lenha que estala, do chá que arrefece nas chávenas. Bate o relógio as horas perdidas, a meio da

noite, e acordam, e não atinam com o emprego a conferir a esse tempo que lhes resta. Classificam as figuras de barro, entretanto, desenham à pena as mais surpreendentes, tudo com vista ao livro que vão adiando. Dialogam muito pouco, no expediente dos que, havendo esgotado a comunicação, transferem para outras tarefas a vitalidade que lhes sobra. E agarram-se à biografia e à obra da mulher, conclui Álvaro, do outro lado do fio, com a torturada determinação dos que buscam a nascente do ser, num universo primitivo que os monstros habitam, os deuses bafejam de seu hálito dourado.

Fita 3, lado A. Crescer à medida da terra, de seus frutos, é trabalho laborioso e repleto de enganos, com trasgos descaminhados que espreitam a desatenção, influências benéficas que só raramente surgem. Crescia Rosa, assim, à semelhança de manta que se fosse tecendo, em seus fios perdidos e logo reatados, suas bruscas interrupções, seus borbotos, seus puxados. Olhava um batatal desdobrado, pela vidraça enfarruscada, e no abdómen é que sentia tudo. Debatiam-se-lhe as águas virgens, num alvoroço muito fundo, meninos que esbracejavam, em demanda de seu futuro, com os corpinhos transparentes e uma veia interior, de cabeças de cera a velar a moleirinha, de dedos onde as unhas se cravavam, circundadas de um anel de carne roxa. Andava um rapaz, então, dobrado para os torrões, de camisa desfraldada que lhe revelava os quadris. E adivinhava-lhe ela a penugem do peito, os músculos retesos do braço, enquanto de ouro velho se lhe alagava a vista, contagiada da luz que tem o pó. Era um clarão que fatigava, o dessa hora, em que grunhiam os porcos, impacientes da lavagem, uma mula relinchava, no caminho do monte. Crescia a rapariga, pois, com as mãos descomunais, que lhe pediam mais barro, uma noite de cama, abraçada ao marido, dois ais amordaçados, sob aquela candeia de azeite, que jamais, jamais, se extinguiria.

Fita 4, lado A. Na continuidade das feiras uma corola rodopiante se lhe deparava, de pessoas e bichos acumulados, de artigos corridos de cá para lá, numa tontura de serviços. Sentava-se Rosa, com as de sua tribo, por detrás do estanco onde depusera as peças, a estimar o interesse dos fregueses, a atonia de certa criança presa a uma ocarina ou a um burrico. O meio-dia escaldava, projectava-se no terreiro a sombra azul dos toldos. Parecia-lhe que, desde sempre, estivera ali, assentada num cesto vindimo de base para o ar. Ouvia bradar os vendedores de fazendas, que corriam, à torreira do sol, a apalpar o tecido de um corte, a convocar a multidão que passava. Realizava suas contas, de cabeça, do preço de uma blusa com florinhas vermelhas, de um par de arrecadas, como as da vizinha, todas às voltas, em metal de lei. E, se reparava, com desdém, nos catraios das outras, esbodegados de sono, dentro de algum caixote, logo pensava nos que teria, que seriam só seus, para que, com eles, se povoasse a Terra.

Nota 3. Diziam as gentes, por esse tempo, que se achava sujeita a olaria às malas-artes de três diabos frenéticos. Ancestrais inimigos de Atena, criadora da roda e fabricante de vasos, rompiam aos saltos, pelas oficinas, a escacar as fornadas, a alterar a cozedura, a fazer tremelicar o traço do pintor. Chamavam-se Syntrips e Sabaktés e Smaragos, e apareciam, de olhitos amarelos, espertíssimos como duas brasas, e giravam, num corrupio, todos de pêlo mui negro, em suas nádegas de calvície

repelente. Urgia esconjurá-los, portanto, com uma prece velha, ordenar-lhes o retorno à argila donde haviam escapado, submetê-los à quietação. Dos três era Sabaktés o mais fero, a voltejar, por entre as tulhas, a cuspinhar certa matéria acidíssima que, aos poucos, apagava o fogo, numa grande fumaça. Atiçava a palha, por fim, dos lotes prontos a serem despachados, e tudo ardia, se carbonizava, retornava ao donde se desentranhara o insólito génio dos homens. Que exaltada e voraz raça, a dessas criaturas, que paciência, que cautela, que rigor para com elas lidar.

Fita 1, lado B. Abria a porta do forno, retirava as telhas e a lama com que a barrara, esperava que se dissipasse aquela névoa. Ali estava, pois, diante da assadura, breve magote de fantoches calcinados, como se fora recolhê-los aos depósitos eternos. Lambiam-lhe as farripas do cabelo algumas chamas, que retomavam o ar livre, enfim, uma vez concluída sua função torturadora e aglutinante. Formava-se o Universo dos gestos que executava, conferia o resultado que deles obtinha, com as rugas todas numa crispação. E a paz a tomava, porque não conhecia o parto dos artistas em pecado que, na proximidade de tudo, não sabem adestrar a natureza que têm. Na serenidade de seu ofício esquecido vivia Rosa, portanto, a desempenhá-lo em si mesma, sem mais, apta a ser-se em tudo quanto a perfizesse. E nunca a oleira se divorciava do quanto que de si mesma se libertava, completa no trabalho em que, ela também, no grande barro se via moldada. Tudo, tudo o lume consumia, troncos e varas e esperanças. Um a um apanhava os bonecos, estudava-lhes a consistência e a cor, colocava-os naquele escaparate, onde ficariam a tutelar os dias. Gradualmente, sem outra missão, iam as labaredas afrouxando, até que de todo eram extintas.

Nota 4. Junto à fogueira desfibravam um borrego, falavam daquela idade em que fora só água, rasava o vento a superfície dela e ficavam as leivas enxutas, galopavam os guerreiros de argola de bronze. Escutava-os Rosa, timorata em seu canto, a aprender aqueles mistérios, confidenciais em voz arrastada, rouca da beberagem que engoliam a tragos espacejados. Pressentiam-se as ovelhas, por detrás das estacas, a mungir, na adivinha do vendaval que se aproximava, dobravam-se as ervas, sob céus muito baixos, numa extensão de prados a perder de vista. Comunicavam por agrestes consoantes, quando noticiavam do tal norte donde vinham, sagas de batalhas que se haviam ferido, lagos que se ampliavam em cidades, plainos onde tinha seu começo o extenso império da morte. Havia-os que conheciam uma odisseia toda, que entoavam enquanto as crianças dormiam, até que clareasse o infinito. E os corvos traziam a manhã, esvoaçavam em redor das tendas, acordavam com seu crocitar os que tinham de partir.

Cá tenho Álvaro, de novo, ao telefone, a informar-me de que está Robert inclinado para «a mais antiga panorâmica de Barcelos», a de Duarte de Armas, no *Livro das Fortalezas*, que Maud espia, também, apoiada nas costas do sofá do companheiro. Aí fica cingida a povoação, por seu aro de muralhas, e a ela acede a exígua ponte, que ainda existe, sobre o Cávado, com a Capela de São Sebastião, tal como hoje, a montar-lhe sentinela. O melhor do espectáculo, todavia, são esses torreões, no telhado de aparência tão francesa, com várias ameias e chaminés, no topo dos quais, festiva e

desvairadamente, tremulam as flâmulas. Em torno há casas humildes, tufos de verdura que representam pomares onde as belas, se existissem, haveriam de andar, peripatéticas, a reler seus livros de horas. Rosa é que já entrava na cidade, antes disso, quando no monte da Franqueira, como se depreende do quadro do pintor Condeixa, «Estai firme, constante, / Estai seguro / Que menos é morrer, que / / Ser perjuro», o grande alcaide de Faria, Nuno Gonçalves, bravamente se deixava assassinar, pelos soldados de Castela, à vista do filho, a quem lançara a bênção, a preferir a morte à desonra, a oferecer-se em penhor da pátria em risco. E a ela, recém-chegada, por entre uma leva de prisioneiros e um tropel de cavalos, explicariam como tudo fora, o capacete dos peões, armados de espada e cutelo, a reflectir os relâmpagos do temporal, no meio de rochedos que, tão desmesuradamente, faziam ressoar o fragor da batalha. Está Robert, portanto, a folhear estas coisas, a pesquisar o rasto da ceramista, nos arredores desses locais onde ele próprio decorre, com uma janela, à esquerda, descerrada para agros desertos e silenciosos, onde o milho consente em vergar, à viração de fins de Agosto. E deambulará Gabriel, por carreiros só dele conhecidos, a assinalar as luras das doninhas, a recapitular a crónica da Casa, enredos de ontem e de hoje, que a inteligência não penetra. Fala nenhuma lhe ascende aos lábios, onde uma canção adormeceu, é a terra inteira que o nomeia seu arauto, o impele às sete partidas, como se fosse, em verdade, definitiva semente que vai germinar.

Fita 5, lado A. Tinha o padre rematado a homilia, quando uma das mulheres largou um peido. Estalou como rajada, contra as paredes da igreja, a desencadear a risota, entre as fêmeas, com os homens, muito hirtos, à volta do altar-mor, a entreolharem-se todos, sem saber como agir. Suspendeu-se o sacerdote, no credo que já encetara, esperançado num retorno da serenidade, a essas almas que Belzebu andava a levantar. Elas é que, porém, se não aguentavam, e despediam uma carga de outros traques, que era um coro de resposta ao desafio da primeira. Fora Deolinda a autora daquele escândalo, afirmava-se, entrada nos sessenta, embrulhada num xaile que a deixava sem fôlego, de quem se propalava que havia sido surpresa, quando moça, a esconder, debaixo de sua cama, um certo primo viúvo, muito abonado das partes. Prosseguira o oficiante a recitação, com os santos, em seus nichos, de bochecha corada do desmando, o sacristão a benzer-se, encostado aos cadeirais, esquecido de despejar a caixa das esmolos. Dera-se isto, lembrava-se Rosa, por alturas de um tríduo, em que houvera uma ameaça de trovão ruim, a pairar por cima das sementeiras, cheirava a mafarricos, por toda a aldeia, desses que punham a crepitar as asas de morcego, bufavam um jacto de chamas, na cara de quem quer que avistassem. Muito solerte andava o mulhierio, a preparar a ceia, a cuidar de não verter o azeite, nem de dizer frase que aferroasse os espíritos do mal. E correspondera o acto de Deolinda, deduziam elas, a empresa do maior de entre eles, visivelmente, um ruço marreca, de cabelo espetado que lhe descia à cana do nariz. Encarnara ele, à beira de uma nora, pelas tantas da madrugada, frente a um rapaz soldado que voltava para a aldeia, com uma trouxa, acabado de receber a licença. E constava que lhe propusera uma bisca lambida, ao que o jovem replicara «Não te quero, Belzebu, o Senhor da Cruz é meu padrinho», o que logo, logo, o metera em fuga, com uivos agudíssimos, num estardalhaço de cascos. Mais tarde do que este sucesso um tal João Faria, que ninguém, ao certo, determinara quem fosse, ao dirigir-

se para uma função, os distinguira, com suma clareza, ao comandante e aos outros, pelos dentros de um pinhal, a cair de costados e a estoirar, com as bruxas que saltavam à roda dos fogaréis.

Nota 5. E difundira-se a moirama, tempos passados, de redondos escudos onde iam espetar-se, numa surda vibração, as flechas que de encontro a ela se despediam. Armavam as tendas, que tinham, no vértice, uma bandeirola com um crescente, e acocoravam-se, todos entregues a seus jogos de dados, quando não oravam em uníssonos, ou caçavam perdizes, ou se colocavam, tão-só e de improviso, a magicar inconcludentemente. Enervavam-se os nazarenos, à vista de tanta e tão activa mole humana, e se municavam, e se emboscavam, e beijavam muito o Crucificado, e praguejavam, e fornicavam, e arrepelevam-se, constantemente a pensar em Jesus Cristo. E foi nisto que engendrou o muito grande São Tiago, zeloso sempre de seus adeptos, uma artimanha contra os de Mafoma, e a pôs em prática, tão pronto a concebeu, e eis que ao facto se deve, como aos mais que inspirou, que escreva as presentes linhas, numa manhã portuguesa, a doze séculos de distância, o autor destas notas voadoras, riscadas a ponta de feltro. A cada chifre de suas cabras, pois, que era o apóstolo atreito à pastorícia, pespegou ele uma tocha acesa em breu, traçou a capa de castorina, acomodou o sombreiro de vieira pendente na aba dobrada, montou seu rocim e, à frente do rebanho, foi trotando. Tomados de pavor debandavam os cães islamitas, ruidosamente, a confundir-se nos refegos dos seus albornozes, a soltar azagaia e adagas, a pisar os próprios alfobres, com tanto apuro e tanta exaustão aparelhados. Só que não poderiam, atenta a pressa da retirada, arrecadar e levar consigo a riqueza completa de seus tesouros. E chamaram Rosa, por isso, ao que se diz, a melhor de todas, e lhe ofereceram uma massa amarelada, com a recomendação de a chegar à lareira, numa panela qualquer, para que assim derretesse. E guardaria ela o segredo dessa malta, morena e de branco, que nunca mais reveria, partilhado por alguns monarcas, apenas, de sua corte de barro, que não falariam, por certo, por serem todos mudíssimos.

Fita 5, lado B. Possuía a barriga, afinal, na espera da gestação, em tardes de Primavera turbulenta, que espalhavam papéis pelo terreiro. Decorria alheada a freguesia, a proteger-se daqueles torvelinhos de poeira picante, e aí estava, com seu figurado, a oferecer o que lhe resultava das mãos, perfeitamente senhora das moedas em sua bolsa. Rilhara sozinha, antes de vir, uma côdea de boroa, a que ajuntara duas colheradas de café muito forte. Mas não se lhe repousava o seio, convulso de enigmas e pântanos, donde irrompiam os querubins. Arrepanhavam-na grandes desejos de áreas molhadas, apertos feitos e desfeitos, tiras de algodão de que os membros se iam desenhando, tudo no anteposto de um bem que não era capaz de especificar. Tomara-a ele, pela cintura, a sussurrar-lhe um despautério, rente à orelha, a esmagar, de seu peito, o busto que queria e não queria isso mesmo. Viajara depois, com seus dedos, que lhe desapertavam o chambre, lhe procuravam os sítios, lhe vagueavam pela pele. Vira-o partir, de maneira esconsa, a ocultar o sexo teso, a chegar um lenço à testa, a disfarçar donde vinha. Soubera recompor-se, no entanto, entrar em casa e dirigir-se à mãe, que lhe parecera mais azeda que nunca, beber em goles violentos, do

púcaro que mergulhara no poço, essa água gelada que lhe descia aos pés. Empenhara-se, nesse dia, muito mais, a aumentar o número de seus produtos, a acrescentar ao boi uma cauda maior, a repintar o floreado bigode de um tal corneteiro da banda, e aí estava, com seu figurado, a sentir essa mão que avançava, quase tocava, quase, quase, os enigmas e os pântanos de seu seio.

Fita 6, lado B. Daquela vez derrubara-a, entre o milho alto, cobrira-a de uma forma intensa e compassada. Via Rosa, contra o azul de cima, as espigas pesadíssimas, a erguer-se do restolho de folhas amarelecidas. Sentira ela o macho, primeiro, como apelo a que não se resiste, como abandono, depois, líquida e ardente presença de que emergiam as criaturas. Tremia quando a obrigara a deitar-se, e apoiara a palma no ombro nu, a murmurar coisas mansas que nenhum dos dois entendia. Desabotoara-se ele, na frente, com o invencível acanhamento que lhe causava esse olhar de rapariga, carregado de censura. E, no chão, se conjugavam ambos, a mover-se, a mover-se, em torno de um eixo de treva e calor. Tinham num círculo as roupas, donde o suor e a seiva dos corpos se evaporavam, e prosseguiram, de dentes cerrados, a morder um choro liberto e luminoso, que só ela, por mais fraca, não conseguia reter. Havendo alcançado, então, o limite a que se destinavam, se soltavam e se limpavam e se tapavam um ao outro. E uma libélula viera, silente, pousar na cabeça dele, na dela, quando já quase dormiam.

Nota 6. Havia que andarilhar o seu pedaço, até alcançar a igreja velha, atolada em lodaçais, com meia dúzia de casebres, à sua volta, cortes de gado, espigueiros. Fazia-se um atalho angustiadíssimo, bordejado de silvados e giesteiras, que os bovinos percorriam, também, a largar tufo de pêlo vermelho, pelos espinhos, a marcar o chão, duríssimo e retalhado, com emplastos de bosta. Era uma barca adornada aquela igreja, desequilibrada nas colunas, roída de líquenes, de colmo que as inverniais ventanias usavam disseminar. Sobressaíam algumas corolas, já, pelas bermas, reparava Rosa, que lá iam despontando, por entre ramos secos que nunca reverdeceriam. Com outras fêmeas de sua família viera ela, era um lusco-fusco de Outono começado, a imobilidade se abatera sobre os casebres, com os charcos a espelhar os raios últimos de sol. Assomavam ao portal, que as abraçava, lhes conferia acesso à nave escura e húmida, as posicionava, de repente, entre uma lucilação de chamas e palmitos, as albergava em si. Sentia a rapariga, lá atrás, ajoelhadas, essas mulheres pertinazes, em sua teia de mantos, com os beijos descoloridos a mover-se num sussurro. E uma neblina acre se levantava, a potes de sopa antiga, a chuva que na estopa se entranhara, a mênstruo de menininha. Fiscalizavam as velhas, entrementes, o resplendor da Virgem, a casula do oficiante, a espavorida mirada das donzelas sem moço. E percebia ela um rabinho de fumo cinzento, a desprender-se dos círios, as avantesmas dos capitéis, salamandras e serpentes, que entre si se ferravam, os jograis esculpidos, a executar na viola sua melodia sandeia, esganiçada e infinita. Lá estavam os três ajudantes pequenitos, num dos quais atentara mais que em tudo, em sua sobrepeliz farfalhuda, a pôr a baloiçar o turíbulo. Tinha o cabelo em repas, sobre a testa abaulada, o perfil sério e algo insolente. E subia-lhe, à altura dos tornozelos vermelhuços, a lama com que topara, no caminho, desde a encosta, além, onde morava, até aos degraus do

altar, aqui, onde se ia atarefando, a ajudar à santa missa.

Alterou-se muito, desde quando, há anos, demos início a este relato, o teor daquela Casa de Santa Eufrásia de Goivos. Morto Frederico uma prolongada dispersão a caracteriza, com a rotina da domesticidade reduzida a um mínimo, a canseira agrária recuada ao ponto quase zero de sua expressão. Agora é Papi a persistentemente sobreviver, emanação de um certo sangue esvaído que, com o abate do sobrinho jovem, flui pelas escadas de pedra, entre o riso frouxo de uma vaga criança e o cheiro estonteado a pólvora disparada. Assim encaram esse pequeno mundo, explica-me Álvaro, ao telefone, aqueles hóspedes forçados, Robert e Maud, na busca de um esteio que lhes fixe a vida, a pisar as pranchas ancestrais, como se fossem da gens de quem os acoita. Desarticula-se Papi, numa nostalgia senil, enquanto amarelece o banho das fotografias, os rendados se rasgam e oxidam as pratas, sem que se torne possível acompanhar, em detalhe, o gráfico da transformação. Dos amigos pretéritos, de que só pouquíssimos sobejam, a respirar, a custo, num quarto atabafado, a observar, numa longa e lenta abstracção, as dalias do jardim, por onde roda o carrinho que a enfermeira empurra, novidade nenhuma lhe trazem. Tira o relógio, do bolsinho do colete, aproxima-o muito dos óculos, descobre que não são mais de quatro e quinze, que a tarde se escoia, com infinito vagar. Perguntem-lhe onde se encontra, responderá que nos arredores de Mântua, na volta de Sabionetta, a abrigar-se do aguaceiro intempestivo, sob o guarda-chuva larguíssimo, à pressa comprado. E o mesmo Papi preside à história de três livros, quando a porta se escancara, avança Frederico, a recitar, numa troça sorridente, a decorada cronologia dos abades locais. Arranca a caminheta, na estrada nacional, lá em cima, ronca uma motorizada, logo de seguida, dialogam Robert e Maud, do outro lado da parede, em sonoros, saxónicos monossílabos.

Fita 7, lado B. Investivavam Rosa de marafona, fama que não se preocupava em contestar, por falar àquele e aqueloutro, por ter no macho um enlevo permanente e comprazido, em que ao deleite da rendição se mesclava o desprezo altíssimo, num jogo de muita e variada cor. Relatava dos homens, no ribeiro, coisas de que se fingiam as outras desentendidas, fulgurantes curiosidades e misérias recônditas, numa exibição entrecortada pela roupa que nas pedras se rebatia. E jamais a viam rir, ao gabar as maravilhas suspeitadas de um corpo, os prodígios a que assistira no manejo de um varapau, num como que profundo respeito ao arquétipo varonil, muito mais que à sua imagem correntia. Encontrara o moleiro que haveria de a desposar, andava na comemoração de todo um ordenamento a aprender. Transitava pelo atalho do moinho, agora, com um carroto de mato destinado ao forno de seu pai. E via António, que se encostava ao umbral, a refumar uma prisca, de calças brancas descaídas nos quadris, o loiro bigode polvilhado de farinha, como um huno que houvesse cavalgado por tundras onde a neve se esfarelava. Prendia-a firmemente, pelas tiras do avental, e logo ela, por hábito protestatária, se demorava ali, apeava o molho que carreava, se queixava das sezões que o calor lhe trazia. Girava a roda do engenho, num vagar gemebundo, de pás que iam despejando a água, ascendiam rebrilhantes de limos. Estaria com ele, assim, em muitas outras marés, a conversar de presentes e futuros, estirados nos sacos vazios,

a fitar as frestas, por onde o sol se imiscuía. E tudo isso recordariam, anos e anos mais tarde, como se nunca lhes acontecera, sem nostalgia alguma, nem lástima do amor partilhado, a substituir-se um ao outro, na produção de seus filhos.

Fita 8, lado A. Tomara um cacho de uvas, que ia comendo, encostada ao muro esbarrondado. Uma neblina, aura da terra macerada, compelida a parir, afagava os viventes e seus engenhos, provocava o sofrer. Metia os bagos na boca, com lentidão, escapava-se a polpa, tocava-lhe a língua, engolia tudo, sem mastigar. Permanecia junto aos veios argilosos, portanto, que conheciam as mãos que por eles ardiam. E o filho primeiro, o mais desejado, sem peias, ia aumentando, nas entranhas de Rosa acendida.

Fita 5, lado A. Decorria-lhe o matrimónio numa lástima calada de perdas acções, atada à roda do moinho de seu homem, como a outra cama donde não se conjecturava escapatória. Agarrava-se-lhe às vísceras o nascituro, a vogar numa linfa, adormentado pelo rangido da mó. Lançava Rosa os grãos, com a cabeleira num desalinho alvíssimo, num grande remorso de haver atraído o fogo. E a religiosa lide do pão, produto de messes e nascentes, por estas nutrido, ocupava-lhe os membros, esses que haviam interpretado outra verdade dos seres. Movia-se, na extensão suave, como num paraíso a que não pertencesse, frequentado por anjos evanescentes, desacordados dianhos que a maravilhavam. E era um altar de que se arreceava, com suas brentas esvoaçantes, que nem os mosquitos ousavam tocar. Afastada do telheiro julgava-se condenada a uma santidade enfadonha, de propósitos a que faltava toda a trepidação. E, a horas muito mortas, deixava o companheiro em seu sono exausto, de pernas e braços abertos, vinha sem tamancos, com a justificação de experimentar o trinco, deslizar na lama da entrada do cortelho.

Nota 7. «Saibão quantos este estromento virem, como eu Nuno Álvares Pereira, Condestabre do meu Senhor El Rey nos Reinos de Portugal, e do Algarve, de minha livre vontade, e sem prema, ou outro enduzimento algum dou, e doo, e faço pura doação valedoura antre vivos para sempre, que nunca possa ser revogada, ao Conde D. Affonso filho do meu Senhor El Rey em casamento com a Condessa D. Briatriz minha filha a villa, e Castello de Chaves com seus termos terra, e julgado de monte negro, e do Castello, e fortaleza de montalegre, e terra de barroso, e paços, e barcellos que são antre douro, e minho, e trallos montes com seus termos, e coutos, e homras, e com todas as jurdições civil e criminaes, e com todollos padroados das Igrejas, e todos seus direitos, e pertenças que eu ej, e de dereito devo haver por doação ou doações que me fossem feitas por meu Senhor El Rey, ou em outra qualquer maneira.»

Fita 7, lado B. De sua irmã Maria recebera um lampejo, certo dom de prever o que não se anunciava, de saber aquilo que ninguém lhe ensinara. Punha-se à escuta, um recado lhe chegava da caruma, do cacarejo das gralhas, do rumor do ribeiro. Aprendera ladainhas infundáveis, que repetia a despropósito, como se uma feiticeira enganadora lhe segredasse um responso. Percebia as energias que comportava, com elas se debatia, quando lhe davam as febres, delas fecundava os artefactos que ia esculpindo. Que lhe não pedissem contas desse tesouro, tão imenso e esplendoroso como o que supunha ao fundo das minas, inegável e destinado à inviolação. Passavam

os anos, e mais ele esplendia, defendido por uma cortina que as aranhas haviam tecido. Duro e moldável, esquivo e dócil, ficava-lhe o barro ao alcance, irmão da mesma natureza. Entre um e outro, porém, abismo nenhum se abria, contínuos e iguais, no plano de Deus, com o astro-rei que nascia, por detrás dos montes, ia declinando, afinal, onde o mar se alargava.

Do outro lado do fio conta-me Álvaro, de Robert, que calcorreia as aldeias circunvizinhas, a treinar o tacanho português com a gente dos casais, que se entretém, depois disso, a coligir suas notas, a esmiuçar, à lupa, as ilustrações que Maud para elas elaborou. Com um Papi acamado, que sobressalta os presentes com sua toada ininteligível, uma Lucinda revelha, atirada para um rescaldo de ave-marias embrulhadas num travo de aguardente, é a Gabriel que, enfim, pertence a Casa toda. E espreita os intrusos ingleses, com uma perfídia de regras refinadíssimas, a sorrir do afã que investem na aplicação de sua sabedoria, na inocência com que tomam por achado o que mais não é que dado vulgaríssimo da natureza ou da indústria dos homens. E vai, sonâmbulo, pelos vestibulos, em sua compleição de quase adulto, e ninguém se aventura a afirmar donde vem, se de um mourejar a que só as donas e os idosos se entregam, hoje em dia, se de outras mágicas surtidas, de ouvido no chão, a perscrutar as artérias hidráulicas ou o trote das bestas, o torpor com que avançam as raízes, num seio negro e tormentoso. Circula ele, como emanção do dilema dessas salas, da escrita que delas veio a ser architectada, a iluminar as coisas, sem desvendar a verdade, fruto dos que araram e colheram, se apoderaram do terreno, cantaram nele ou dançaram, abalaram para regressar, de vida agarrada nos dentes. E é o sangue que o aquece o de criados que foram de rastos, manietados à cauda de um cavalo, a traçar as extremas de uma coutada, de almocreves que se arrebanharam para as Índias, que da mulher e dos filhos se despediram, a agitar um grande lenço vermelho, de feirantes que os franceses interceptaram, a quem queimaram a tenda e os trastes, pisaram a própria medalha da Senhora que traziam ao peito. E segue Gabriel, e só com ele se entende o espaço, cansado da banalidade de tanta historieta, a que sempre falha o resto, esse peso da carne, um revérbero de dentro.

Fita 4, lado A. Não houve boda, senão que se assou bacalhau, se encheram doze pratinhos de leite cru com boroa migada, a que o açúcar se acresceu e a canela. Que festa de núpcias, com efeito, se prepara para Rosa, menina de seus dezasseis anos, que mal apanhou uma mancheia de lama da beira do Cávado, a quem nem o tempo dão de modelar uma galinha de três pés? Está esse rapaz, mudo e bruto, a par dela, como se o houvessem atrelado à mesma canga, de um carro que ambos devessem puxar. E saem dali, tolamente, e vão pelo meio das campinas, a defender-se, ela, de borrar nas poças o rodapé da saia estreada, quase trôpego, ele, com o farnel envolvido numa toalha, de alguma coisa que sobrou do comer. E despem-se, na escuridade, com uma lamparina que lhes agiganta a gesticulação, e enfia-se ela na camisa bordada no peitilho, enquanto se mantém ele nas ceroulas que o constangem. E metem-se pelo linho áspero, encharcado de frio, e retêm-se, quietíssimos, até que se escuta a mula, em baixo, a chocallar a grillheta. E toca-lhe António a mama dextra, sobressaltada, que nem se oferta, nem se guarda, disponível como que para ninguém. E liberta-lhe, enfim, os dois seios, tem-nos redondos, na concha da mão, enquanto tremem ambos, de

insofrida ansiedade. E desnuda-se ele, por inteiro, depois, em jeito rapidíssimo, busca-lhe, com actos canhestros, a quentura do musgo recente. E acomete-a, e cobre-a, e fura-a, naquela obstinação, sem crueldade, sem contemplação, porém, dos queixumes que lança. E cheira-lhe a barro a rapariga, ainda, como se nela se extasiasse o rio, os souts o saudassem, da banda de lá. E luz o postigo, afinal, soergue-se a mulher, na cama desfeita, fica sentada, a refazer o puxo.

Nota 8. Falavam-lhe dos que existiam entranhados num buraco, entre tojais e pedregulhos, a pactuar com as feras, todos entregues a uma prece sem fim. Como ninguém conheciam as modalidades de que se reveste a província, por chuvas e secas, o tacto que abandona nos ombros e no palato. E um que outro aldeão se achegava até eles, de quando em quando, a trazer, doados à fome de que padeciam, sobre uma folha de couve, duas bolas acabadas de tostar, uma dúzia de figos lampos. Surpreendiam os tais eremitas, então, que se esgueiravam, em seus andrajos, pela complexidade dos ramos entrelaçados, com um raio de assombro e de cólera, em suas pupilas. Sobre eles desabavam as torrentes, e mais e mais se enterravam em suas luras afuniladas, a torturar-se nas raízes despontadas, a revestir-se de sangue e de mica rebrilhante. Uma cruz de granito os atraía, e ora ofegavam, de exaustão, ora arrepelavam os pêlos barrentos, ora derramavam lágrimas de conturbamento. E afirmava-se que rastejavam, ao longo das galerias que ligavam as covas, a chapinhar no enxurro, quando se não votavam a prolongadas vigílias, a rodar um rosário nas falangetas curtidas, a salmodiar um lamento, em que pareciam expelir o próprio coração. Se catavam ervas, pelos montados, logo reentravam, antes que o plenilúnio os enlouquecesse, a flagelar os músculos, com seu amor hiperbólico. E eram outros, como Rosa, que detinham a sapiência do húmus, o atraíam, porém, em favor de sua fé, tão curados que se encontravam, em si mesmos, tão desmandados, na vocação.

Leva Gabriel, portanto, o torturado segredo, formulado em língua que ninguém traduz, que possui o condão de enfurecer os que com ele se cruzam, nos recessos da Casa de Santa Eufrásia de Goivos, reduzidos à impotência e ao absurdo que lhes competem. Se sorri ou se contrai, na tenebrosa beleza em que se mexe, nem os sábios do Oriente poderiam determinar. Para Papi é como a sombra de uma sombra que jamais se visse, testemunha de um pretérito que fora preferível não relembrar. E não se fatiga Álvaro de, outra vez e ao telefone, me explicar tudo isto, de como, para os ocasionais residentes, Robert e Maud, é o rapaz a prova da impenetrabilidade do que vieram decifrar, extraviada alma onde se oculta o vagido dos pinheirais. Acompanha-o uma brisa, que veio de longe, conviveu com infâncias que processionaram em corcéis arreados a prata, videntes que anunciaram o surto de uma estrela, clérigos que se consternaram no cio de seus privilégios. E repete a cantilena desfeita, sem tom nem som, nem estribilho, enquanto se saturam as leiras de bolbos por espigar.

Fita 8, lado A. Entre a azáfama da moleira decorriam alongados os dias de filhos à volta, com o companheiro atido ao que só ela sabia. E o continente indescoberto aí a aguardava, de princesas com uma rosa mística ao peito, bicharocos de rabo de crocodilo, outros fenómenos que só Deus Criador compreendia. Considerava ela a

espada estendida, à porta do moinho, por onde se apressavam criaturas miúdas, a encetar carreirinhos sinuosos, em todas as direcções, e ficava-se a futurar. Não ignorava que havia inimigos da mulher, outros do homem, seres que, com ambos, também, firmavam um pacto seguro. Apetecia-lhe unificar tudo isso num país de fauna e flora variegadas, com grandes parreiras, pelo meio, mesas e mesas de muito pão e chouriço, de vinho quanto abonde em canecas e malgas. Mas a escravatura a chamava, a ela obedecia, com um ai de costas dobradas, de intacta alegria, contudo, pronta a rebentar.

Nota 9. Alguns santos peregrinavam, de valado em valado, em seus trapos de estamemha, a orar, com os vadios e os pastores. Profetizavam um apocalipse de chamas, os céus em fúria, os grifos e as águias a voar em todos os sentidos, o Filho do Homem descido das alturas, assentado em Seu trono. De tal mensagem, tão-só, ecoavam as trombetas, no tímpano de quem a escutava, uma certa gentalha, desgraçada e perdida, que concebia a Terra como um sudário, de que a escassez se deduzia. Tocavam os sinos, o rebate, a lançar o alarme, por milhentos povoados, espavoria-se o gado, sem ninguém que o guardasse, corriam os cães, pelos cantos, com um olhar de grande pasmo. E desprendiam-se cascatas de enxofre, secavam pomares e sementais, exteriorizavam as multidões objurgatórias, a conclamar os santos de seus lugares, e prometer-lhes dádivas e sacrifícios. Era a viragem do milénio, com seu cortejo de pestes e desastres, existentes e inventados, seus presságios e contraprovas. E despontavam magos intempestivos, que trepavam às rochas, a consultar as constelações, a verberar assassínios e adultérios, a apontar um indicador esquelético ao pânico das turbas. Arribavam notícias das distantes nações, onde os castelos se esboroavam, as rezes jaziam, de bojo dilacerado, exauria-se o leite, no mamilo das mães. De lés a lés rolavam carretas, a transportar os caídos, perseguidas por um bando de abutres, que abandonavam, em sua peugada, um laivo de putrefacção. E o Sol nascia e morria, sem levante, um uivo assolava as praias e as florestas.

Fita 7, lado A. Aquele macaco verde, com um resto da corrente do cativo, chora desabaladamente sua condição de presidiário. Expia tropelias inenarráveis, a de ter quebrado o braço de uma cadeira, a de haver estalado o vidro de um oratório, onde estão o Crucificado e São José, por entre florinhas de papel e castiçais de lata, contas de Jerusalém e a campainha dos trovões. Bem triste animal é esse, que já experimentou a liberdade, a usou malissimamente, a arrombar as portadas da sala de receber, com seus tabiques de barra amarela e salpicos vermelhos, a espalhar as castanhas que lá se encontravam, para que ficassem enxutas, a uma réstia de calor. Paga ele, é claro, tanto crime nefando, mais o de rasgar os lençóis de encaixe, o de atirar, loucamente e pelos ares, os raminhos de serpão que, a alternar com os de arruda, adornavam a bonita cabeceira da cama.

Fita 9, lado B. Convinha-lhe subordinar-se ao marido, então, enquanto ia adiando o gosto dos bonecos. Nas canseiras do moinho onde, como no resto, era ela a estatuir a regra do bom viver, implantava um lenitivo ao esquecimento de seus talentos. De igual substância se lhe compunha o labor, diferentemente assimilado, talvez, preordenado à

nutrição, porém, e ao crescimento da prole. E, sempre que um rato sabido vinha espreitar, por entre as traves, a lambar os bigodes, na perspectiva da lauta jantarada de grãos que a noite lhe facultaria, um convénio rapidíssimo, iniludível, se intrometia entre Rosa e o animal. Ficava-se a medi-lo, de longe, com matreirice idêntica à que nele supunha, nesse misto de entretenimento e rancor, que configura a aliança excelente dos melhores. Era o rato um conde histórico, senhor de bosques e cavaliarias e castelos, que com certa moleira, como ela, se casara, e o cirurgião do rei interviera a encantá-lo. Estava no poiso para que fora fadado, agora, debaixo de uma telha torta, a preparar as investidas, a jogar ao esconde-esconde, com a matreirice dos humanos. Chamava-lhe ela Inácio, que lhe parecia nome de padre, e de padre malandrecos, e semelhança existia, de facto, entre clérigo e roedor, quando lhe corriam esses olhos redondos e juntos, miudinhos e muito vivos, que eram os do abade, sentado detrás dos orifícios em cruz, por alturas da desobriga. De estola sobre o cachaço movia ele, num arfar, a pança prenhe de petiscos, barbos do Cávado e lebres de Falperra, com que o presenteavam, sobre ela assentava a manápula, a seguir a conferir a absolvição. E, da sombra do confessional, dir-se-ia apreciar-lhe a rijeza das pernas, era a oleira rapariguinha, prosseguia pela nave, para ir cumprir a penitência, num raque-raque de chancas arrastadas. Agora acumulava-se a farinha, por todos os cantos, a amortecer as vozes e o próprio rangido da mó. Acabada a obrigação punha-se à espera de que ele chegasse, a desalojasse dali, sem palavra alguma, ferrasse o burro, o tocasse, até sair do pátio que, depois disso, tomava a alimária o caminho, sem se enganar, desaparecesse além das carvalheiras. Da porta via-o afastar-se, de baixa cerviz e boné às três pancadas, agarrado à prisca emurchecida. Era aquele, na verdade, ia pensando, a limpar, com uma giesta, o sobrado polvilhado, o mesmo homem tosco, o que em sorte lhe saíra, bem igual aos outros todos, pois claro.

Nota 10. Lembrava-se de que se dirigira ao Castelo, por uma manhã de Outubro, com as vias juncadas de folhagem. Encafuara num braço um gigo de louça a vender, uma talha, duas pingadeiras e um pote chato, além de três dúzias de ovos, que num canto acamara, embrulhados em linho. Era com prudência, com bastante temor, que se acercava da torre, a cuja entrada, por entre garotos bardinos e outra gentilha ociosa, a soldadesca se reunia, a arear suas armas, a espojar-se nas medas de palha, a comentar sucessos variados, com o odor salitroso do mijo dos cavalos. Arremessavam-lhe, como sempre, dichotes maliciosos, propostas de cama e alguns elogios. Falavam de uma aventura do tempo, do peregrino que rumara a Compostela, que fora, dizia-se, mas a verdade é que ninguém assistira, apanhado com um vaso de prata no alforje, que uma criada da hospedaria onde se aposentara aí havia colocado, despeitada por não ver correspondido o amor que lhe dedicava. E juravam alguns que o safara o Apóstolo, do nó da forca em que já o tinham pendente, e que, conforme o próprio infeliz predissera, um galo assado, à mesa do juiz que o condenara, desatara a cantar, de rompante, como prova da sua inocência. Não acreditava muito no contarelo, que já, por outras ocasiões, escutara e, se lhe dava atenção, ainda agora, enquanto esperava indicações de ingressar na menagem, era porque lhe parecia graciosa, provocava-lhe um frouxo de riso, a ideia de um galináceo, implume e amanteigado, numa assadeira, subitamente se pôr de pé, alçar a crista, lançar um cocoricó. E não faltava quem insinuasse que a trampolinice de alguém operara o milagre, que se amortecera o bicho, com uma pouca de aguardente e

uma pouca de água, a que se ajuntara um miolo de pão, e que, logo, com isso, caíra redondo, após o que se depenara e se untara com mel e açafraão, o que lhe emprestara aparência de bem cozinhado, e que se fizera saltar, finalmente, com um fio de vinagre forte que se lhe chegara ao bico. Recordava-se de ser conduzida a uma câmara muito vasta, onde as tochas ardiam e o lume se acendera, cheirava intensamente a vinho doce e a pêlo húmido de mastim. E estava aí o conde D. Pedro, velho que era, entre muita companhia que conversava, passeava à volta, recitava ou tangia, sentado a uma extensa mesa, com códigos abertos, em cima, dois tocos de vela chamuscados, múltiplos boiões de tinta e pergaminhos, a redigir suas crônicas de stirpes e outras mais. Apresentava a grenha indistinguível da barba, crescidas ambas e emaranhadas, com parasitas que, de perto, se via aflorarem. E, a espaços, soltava um suspiro fundo, o qual lhe comunicava aos ombros uma tremura leve. Vendera os ovos todos, dessa vez, regressara a Galegos, muito lépida, a pensar em quanto presenciara. Nasceria Rosa, morreria, outras de nome diverso, mas que eram a mesma, sem que se lhe apagassem, jamais, tal jornada da memória.

Telefona Álvaro, a informar-me de que circulam os ingleses, em contínuas excursões, Robert, a assentar anódinos pormenores da disposição de um quintaleco, Maud, a imprimir um movimento frenético ao lápis vertiginoso, que vai largando, pelas páginas do caderno, certo desenho fresco e minério. Do quartel-general, em que converteram a Casa de Santa Eufrásia de Goivos, já quase se não ressentem nenhum de seus locatários, Papi que, na charada em que reconta os botões do fato, ainda mais do que a si mesmo os ignora, Lucinda que, escudada pelos negros caldeirões, se confunde com a moldura da lareira, como que a recobrir-se, ela também, da fumarada em que se diria ir desaparecendo a cozinha, e Gabriel, enfim, que galga os aposentos, impelido por sua arrebatadora, inaudível melodia. No quarto que ocupam, com três retratos delidos, sobre a cómoda, um registo do *Ecce Homo*, em seu trono, sustentado por penas e papéis de prata e pétalas ressequidas, vai uma desordem em que não reparam, de malões desfeitos e de recortes à toa, três bengalas, uma cinta de ligas esquecida por cima do edredão. Que missão cumprem aqui esses dois, chegados por um fim de tarde chuvizquento, recomendados por um amigo de um amigo, eis o que ninguém, acrescenta Álvaro, poderá determinar. Bem menos os preocupa, na verdade, a aventura em que vão engrenados do que o tema que elegeram para a corporizar, Rosa Ramalha, portuguesa e oleira, há pouco extinta, não longe daí. E a presença dos estrangeiros como que remete a margens inalcançáveis os prévios habitantes, a apagar-se mais e mais, nessa cena onde, até hoje, foram desempenhando seus dramas e comédias, antes de se esvaírem, sem remissão, nos bastidores de cortinas e telões, por que haverá de consumir-se a inteira representação.

Num enredo de cigarros esmagados e jornais em atraso, livros de linhas que alguém se saturou de sublinhar, esclarece-me o telefonema de Álvaro, jaz Papi moribundo. Os litorais de extrema paz, que lhe foi propiciando a cocaína, donde um que outro palácio transparente sobressai, a esgaçar, com o pico de seus zimbórios, os baixos cirros leitosos, também eles, segundo a segundo, se dissipam. Com a Casa invadida, o cadáver do sobrinho Frederico pertinazmente presente, de buraco sangrante

na garganta, pouco lhe resta de sonho, em Santa Eufrásia de Goivos ou no Mundo, na galáxia, sequer. Nem o barulho dos passos de seus dois convidados, a movimentar-se, a horas insólitas, a curvar-se, com reverência, quando dão com ele, tacteante contra as paredes onde as mísulas estremecem, com sua carga de imagens de paramento dourado, nada lhe altera a regularidade com que vai descendo a vertente. De longe a longe é um pedaço do que foi que permanece a boiar, desgrenhado, à mais lívida das luzes, certa porta que se entreabriu, na Rua Richelieu, duas frases que trocou com um marujo, no ferry do Pireu, o aroma que a mãe trazia, na coquilha de renda, numa véspera de consoada, saída das delícias da cozinha, com a noite, por detrás, azul e profunda, além das bolas que se suspendiam, fulgurantes, da árvore de Natal. Rouba um outro cigarro, a um dos quatro maços que tem à frente, acama em rítmico batimento o tabaco na mortalha, aperta-o nos lábios, apagado. E é Gabriel, então, moço de caseiro, igual aos que conhece, há três gerações, provável matador de Frederico, que se imobiliza, num souto onde a água rumoreja, até que um melro subitamente cante, cante, cante, a anteceder o que vem.

Nota 11. Certa vez, do cimo de um penedo descoberto, presenciara a passagem do arcebispo. Era por uma tardinha nevoenta e parada, em que pareciam abafados os ruídos e, até para respirar, se precisava de força. Vigiava Rosa as ovelhas, quando avistou, muito vagarosa, a comitiva daquele santo varão, que andava, também ele, a pastorear seu rebanho, na pregação da doutrina, na administração do santíssimo crisma. Lá iam, a subir a serra, pelos matagais, enfiados todos uns atrás dos outros, criados e visitantes e guardas de pé, precedidos por sete azémolas, as quais transportavam camas e mantimentos. Paravam numa choupana, a receber dos moradores uma ceia, por esmola, algum pouco de caldo, numa escudela tisonada, duas folhas de couve que, sem mistura ou adubo, houvessem caldeado na panela de ferro. Praticava com todos o epíscopo, de semblante benévolo, logo severo, se percebia um desmando à lei do Senhor, clérigo em escândalo de mancebia ou tenente que cometesse esbulho imperdoável. E usava uma capa grosseira, de borda maculada das fezes dos muares e, a cada passo, se detinha, em alongada meditação. Muita coisa propalavam de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires, que se reputava sapientíssimo da teoria dos anjos, a qual inclitamente expusera, num concílio em Itália, cruzara a Europa, a expedir suas cartas, a organizar na pobreza sua conduta de prelado, a exemplificar por acções que edificavam os homens. E acenou à rapariga, encarrapitada no tal penedo descoberto, a apontá-la à reflexão dos acompanhantes, no desvelo com que olhava por seus cordeirinhos, tão pequena, escolhida pelo Altíssimo, afinal, para ensinar o primaz das Espanhas.

Agora é Robert quem telefona a Álvaro Tavares de Castro, lhe pede informes da artista popular de São Martinho de Galegos. Promete prestar-lhos o segundo, com Priscila, sua mulher, se a oportunidade se produzir e os ventos correrem de feição. E confessa que o não espanta o telefonema, pois que seria de prever lembrasse alguém, ao inglês, um certo projecto de trabalho de Álvaro, a par de uns outros quantos que esboçara, para jamais concretizar. Atreve-se a denunciar, mesmo, quanto se lhe afigura Papi obedecer a idêntico fatalismo, autor que fora de umas vaguíssimas notas sobre Amadeo de Souza-Cardoso, pintor, circulantes com diversa autoria, agora. E escrevera

ele, também, Álvaro, a rebuscada história de Guilhermina Suggia, violoncelista, de que suspeitava se houvesse outrem apropriado, entretanto, já que nem ousa confirmar a quem pertence o texto publicado, se a ele próprio, se a um certo vampiro de relatos alheios. De Rosa, acrescenta, é ele, por enquanto, dos pouquíssimos que retêm meia dúzia de dados, que poderá Robert afectar, a partir do presente, a seu completo serviço.

Fita 5, lado B. Acolhia a sucessão dos filhos, por consequência, como quem testemunha o desenrolar de uma carreira, isenta de si, ao dá-los, do lastro a que o grupo lhe subordinava o comportamento. Aquele novelo de costumes, que referendavam a cadeia geracional a que prestava tributo, como que a preenchia de um orgulho de casta, possuidora de responsabilidades que muito exorbitavam da sua. Esse carinho, tantas vezes ríspido, com que a assistiam as vizinhas, ao rebentarem-se-lhe as águas, reconquistavam-na para o círculo de uma norma admirável, sem que a escravizasse o peso a pagar pela inebriante excepção. Na alcova, que cheirava a sabão de esfrega, com a Padroeira debaixo da redoma rachada, uma vista do escadório do Bom Jesus do Monte, inclinada na parede esmurradíssima, era como rainha vetusta que se instalava, entre um bragal limitado, de peças que se substituíam, bem mais por ostentação que por necessidade. Obedecia ao mando de uma tia anciã, que ia limpando, com as costas da mão, a espuma que se acumulava nas próprias comissuras, enquanto botava sentido aos trâmites do parto. E, a cada novo puxão, o barro do menino se enformava, se despegava da matriz, descia ao nascedouro, a refutar a noite repugnantíssima, de nervos lassos e peles ao dependuro, de vasas desapoderadas da vibração vital. Aparavam-no e examinavam-no, para ela, e um dogma se reflectia nessa atitude, cuidava-se-lhe do envide, mergulhavam-no na bacia, matéria friável, para que solidificasse, na linfa que fora amornada ao sair do poço. Por alguns dias, ao menos nos primeiros nascimentos, esmeravam-se duas ou três boas almas, ainda, na escolha das aves a condenar à feitura do caldo lustral. Quando se desacamava para, sem mais atraso, reassumir a lufa-lufa, um armistício tinha assinado, então, com o governo dos elementos. E tudo isto se ouviu, aqui e além, pois que não é honesto, nem fácil, imaginar o que compete à eternidade.

Nota 12. E, por uma sexta-feira, vinte de Dezembro do ano de mil quinhentos e quatro, a João Pires, sapateiro remendão de Cimo de Vila, de quem muito se riam, por ser pobre mas tunante, o Salvador apareceu. Surpreendeu-o, na configuração de uma cruz preta, desenhada no solo, de três côvados e meio de comprimento, dois côvados e três quartos em ancho, de largura a quadradela de um palmo, em todo do mesmo tamanho. Correu o eco do milagre, e muitos foram, com eles Rosa, pequenita e fraldiqueira, os que surdiram, a verificar para crer. Havia um largo ajuntamento, em torno de uma marca que se afirmaria de carvão e de argila, e quanto mais terra o povo dela subtraía, pazadas e pazadas, mais a cova se enchia, para maravilha de todos. Benziam-se muitos, de pasmo, cirandavam outros, de joelhos, a beijar o chão, a pedir graças, a chorar. E João Pires se plantava, no meio daquela desordem, lívido de aflição, a tartamudear uma súplica que nem ele próprio entendia. Apearam-se soldados, num tinir de alabardas, canónicos vários, a farejar a heresia, ninguém detinha, contudo, a

fama do prodígio que se dera. E, como era gelada a manhã, com um sul que talhava as fêveras, ali se postaram, enfim, à vista do sinal de Deus, num cacho que um certo halo palidíssimo esclarecia. Principiaram a tanger, então, os carrilhões, até que, dos povos circundantes, foram saindo, nas horas que se sucederam, golfadas e golfadas de humanidade enxovalhada, mártir da invernia, roída da muita fome, na ânsia de que a atendesse a Providência Divina.

Bem lastimável é o que confia Robert Jarvis a Álvaro, realidades de que me põe este, imediata e telefonicamente, ao facto, sobre essa órbita final que vai desenhando a centelha de Papi. E configuro-o, tal e qual mo representam, no leito de dossel onde foram dadas à luz quatro gerações, de que resvala, de quando em vez, nos estertores de seu pesadelo. Pressentira-lhe eu, justamente, desfecho assim, aquando da última visita que me fizera, apajado por um certo novo motorista, que Álvaro me esclarece haver sido despedido, já, à semelhança de outro pessoal, aliás, com as excepções, apenas, de Lucinda e Gabriel. Assustara-me, então, esse como que bailado dos membros descoordenados, no levar o cigarro à boca, no tentar ir beberricando, sem a entornar, a tisana, da xícara sustentada em ambas as mãos. Maior do que sempre será hoje, presumo, o silêncio que paira, quase negro e sem tréguas, por sobre as quadras desoladíssimas de Santa Eufrásia de Goivos. E já nem o próprio arfar escutará, embalado nos compassos de um Debussy de algum Março remoto, sobre a pele de tigre do canapé, a experimentar a maravilha desse pó volátil e apaziguante, *cocaína muriatum*.

Fita 7, lado A. A meio de uma noite de Agosto rompia António, tombado de carrascão. Mostrava o casaco surrado da cal dos muros em que se esfregara, o sombreiro puxado para trás, num desplante que, era evidente, não resistiria ao menor encontrão. A pontapé abriu a cancela, ficou-se a cambalear, sobre a soleira, com a candeia que, lá de dentro, se lhe espelhava no rosto, girândola de muitas cores. Apercebera-se de que, há pouco, ainda, uma mulher franzininha, vinda de roçar mato, para o chiqueiro, se adossara a um talude, a conceder-lhe passagem, incerta sobre tratar-se aquilo de homem ou do dianho. Mas ali, na soleira, como dizíamos, era como se ourassem as papoulas de papel de lustro e as tigelinhas de sebo de qualquer romaria, com o zumbido do povilêu e o rodopiar da roda dos cavalinhos. Não ficara Rosa mais varada que das outras ocasiões, de braços sujos da massa da pomba que afeiçãoava. A piscar muito, ela mesma, porque a aragem de fora ia extinguindo a flama iluminante, concentrava-se no acerto daquilo que fosse mais certo, a fim de que coincidissem seus actos com os daquele beberrão. «Ah, mulher», gritou ele, com a baba a serpentear-lhe a queixada, «que me vou deitar a afogar». E intuía ela que um credo de absurdo e inutilidade o possuía todo, que urgente seria furtá-lo à fereza daquele instinto de se aniquilar. Uma extrema ternura lhe electrizava os nervos, lhe humedecia as pestanas, ansiosa dos braços daquele que, fora do leito, jamais se atrevera a estreitar. Não se encaminhou para António, todavia, norteadada pela razão que nunca falhava, e entrouxou um cobertor, desencravou a candeia do prego e, em voz potentíssima, o intimou, para que a entendesse ele, das vascas de sua embriaguez, «Sim, marido, marido, vamo-nos deitar ambos os dois a afogar.» Saíram para um relento de estrelas, magoadas e

altíssimas, a tremular sobre os pinhais. E, amparados um ao outro, cortaram pela calçada, a tropeçar no cobertor desdobrado. Estiraram-se, por fim, na bouça donde se entreouvira a cachoeira, e cobriram-se, juntos, e ainda mais ia a noite subindo. E, ao tornarem a casa, arrasados, na mudez que já não lhes pertencia, cruzaram-se com alguns que haviam madrugado, seguiam cabisbaixos para as jornas.

Nota 13. Corriam muitos, da estrada de Barcelos, à de Ponte de Lima, a dar novas da passagem das tropas de Lorge, e os que se arrebanhavam, pelos adros, com uma heteróclita espingardaria e uma farpela que nem era de militar, nem de paisano, içavam essa certeza de maneiras de quem não acerta com a serventia da coragem assumida. Ouvia-se, pelos outeiros, mas sem continuidade, a fuzilaria, que ecoava no fresco da Primavera recente, com os pássaros que, apesar disso, não desistiam de chilrear. Havia quem entaipasse as aberturas de sua toca, se embrenhasse por um travesso, até alcançar uma moita, onde escavava uma lura, para depor uma dúzia de dobrões, atados num farrapo com surros de ferrugem. E ficavam esquecidos os recos, a grunhir de pavor e a chafurdar nas lamas, cientes de que não chegaria, nunca mais, a lavagem. Citava-se este e aquele, um velhote que fora sempre fanfarrão e um mancebo ajanotado, meio nobre e meio campesino, que haviam sido executados, junto a um passal a que se deitara fogo, por terem atacado, à traição, uma patrulha francesa. E recenseavam-se, de memória, muito por alto, os infantes da unidade invasora, algumas dezenas de praças, dois ou três oficiais, que se afiançava haverem ingressado na Misericórdia barcelense, a receber curativo de seus ferimentos. E eram os mortos inimigos despojados, em continente, de seu municiamento, de um que outro objecto pessoal, algumas vezes, retratinho esmaltado de uma burguesa de Tours, caixa de rapé ou anel com pedra falsa. Do resto do norte afluíam relatórios desencontrados, das fileiras de Franceschi e de Mermet, que iam avançando, por Guimarães, até Santo Tirso, dos bravos de Soult, os mais gabados, talvez, cruéis e bem treinados, a despedir, de Famalicão, para a ponte da Trofa. Tomava conhecimento disto uma Rosa adolescente, e era como se experimentasse o mar a aluir sobre o Minho. Em seu ângulo de Galegos resmoneavam as avós uma novena lamentosa, enquanto crepitavam dois pedaços de madeira, num estralejar que se engastava, de longe a longe, nalgum rebentamento pressentido, para as bandas de Gilmonde. Pelos quintalejos ficavam disseminados, por dias e dias, instrumentos sem uso, uma sachola, três foices, uma roca de fiar. E a louça, aprontada há pouco, que por aí se empilhava, era já espólio de povoação saqueada, esmagada pelo ímpeto dos ocupantes. Precipitava-se uma trupe de mulheres, em roldão, a solevar os saiotes, a arrastar dois pequerruchos transidos, um padre, em agonia, a procurar imprimir ordenamento a tudo isso. Referiam-se três solares transformados em quartel, com as adegas onde os pipos haviam sido esfrangalhados, três ou quatro galdérias, uma delas zarolha, que tinham prosseguido na esteira dos gauleses. Murmurava-se da fradalhada, em susto, que optara por franquear os celeiros, servir refrescos, pôr à disposição as celas e o refeitório, para quanto apetecesse. Quem poderia decidir, ao fim de contas, para que lado girava o globo terrestre?

Fita H, lado B. Já a Rosa explicara sua mãe, porque assim lho confiara a mãe desta, que por debaixo do Campo da Feira repousa a cidade de Jerusalém. Habitada pelos Jabusitas e pelo povo de Judá, conquistada por David, por Jehoash e por

Nabucodonosor, assenta num monte de escombros, em que se encastoam as alfaia do Templo que Salomão edificou, vasilhas de esturrar as bolas de incenso e taças de aparar o sangue dos holocaustos, por entre colunas de bronze e carros de combate. No topo desta, como se precisa, outra urbe se levanta, com seus milhares de anjos a cintilar na glória do Senhor, qual pedra preciosa, clara como o cristal. E contam suas muralhas doze portas, nas quais se inscreve o nome das doze tribos de Israel, três para cada lado, três a este e três a sul, três a norte e três a oeste. E, das doze pedras, se erguem os contrafortes, nos quais se regista o nome dos doze apóstolos do Cordeiro de Deus, tudo numa zona em quadrado, e são as ditas pedras de gema variada, a primeira de jaspe, a segunda de safira e a terceira de ágata, a quarta de esmeralda, a quinta de ónix, a sexta de cornalina, a sétima de quartzo amarelo, a oitava de berilo, a nona de topázio, a décima de calcedónia, a décima primeira de turquesa, a décima segunda de ametista. E são doze pérolas as doze ditas portas, cada qual uma pérola só, e não se enxerga o Templo, porque é ele o Senhor e o Cordeiro de Deus, nem é preciso sol, nem lua, porque brilha aqui a glória do Senhor e é o Cordeiro de Deus o seu lampadário. E, a esta luz, caminham as populações, a trazer suas riquezas, e o trono do Senhor e do Cordeiro de Deus aí fica engastado. Por cima de tudo se faz a Festa das Cruzes, com suas gambiarras coloridas, seus arcos de madeira pintada, seus festões. E vêm as multidões comer e beber, andar pelo meio, visitar o Crucificado, atapetado de flores, guardado por uns arcanjos, no azulejo, que têm, espantoso fenómeno, seis dedos, exactamente, em cada pé.

Fita 9, lado B. Em tudo, menos no dever, era António expedito, no celebrar de uma independência que provinha de homens muito antes dele, fiadores do braço da companheira, obcecados só, para que o Mundo se não acabasse, com a pulsação dos ritmos gerais, no absoluto compromisso com eles. Sobrava-lhe o dia, pois, e eis que, com outros da mesma laia, criava um animado pesqueiro, nos remoinhos do Cávado, a meia travessia de Areias, arremessava os filhos, tamanhinhos ainda, a um sítio bem fundo, para que, por si mesmos, aprendessem a nadar. Certa vez, em que estava a provar um vinho doce, chegaram a avisá-lo de que a cheia atingia a farinha, quase, na azenha onde Rosa se encontrava, sem barco que tivesse para se pôr a bulir. Embora toldado muniu-se de duas cabaças, engendrou maneira de salvar as fornadas que ela protegera, entretanto, nos altos do moinho, de tal forma tripulou o bote que se não virou ele. E, quando lhe trouxeram o recado, de outra feita, de que parira a mulher a menina mais nova, limitou-se a retrucar, «Ela que vá pela venda do Borrás, que compre meio arratel de bacalhau, que o coza, que beba a água, por mor de, quando eu chegar, poder comer as postas.» Era assim António, em suma, madraço e destemido, bastante grosso, porém, de quem jamais se bisbilhotara que tivesse amigas.

Fita 7, lado B. Nos três moinhos, alinhados sobre o açude, como que para a aguarela da solteirona clássica, dados de aluguer a António, só raramente se amenizava o dia-a-dia daquele casal de aldeões. Dobrava-se a corrente, num vidro espessíssimo, agitava-se em fervedoiro que tudo engolia e, logo em Abril, apetecia ferrar o galho, a seu embalo, encostado aos lotes a despachar. Cobrava o marido, em tais marés, um como que insólito fervor de emprego e dedicação, a responsabilizar-se pela

domesticidade susceptível de lhe valer a reconquista de Rosa. E a pura natureza que os enquadrava, despertada pela atenção que lhe conferiam, ia beneficiando de um relevo que, as mais das vezes, se diria falecer-lhe. Por um volteio do claro-escuro, uma viragem da brisa, tornavam-se os dois conscientes desse renque de choupos ribeirinhos, na margem direita, da encosta misteriosa de eucaliptos, na que se lhe opunha. E o terreno que Rosa calcava, a encaminhar o burrico ou a trasfegar a lenha, aparecia alfombrado, de surpresa, de um verde contínuo de trevos e de línguas-de-ovelha. Colocava ele a chocolateira sobre as brasas, a permitir que fumegasse a tal densa mistela de café e verde tinto, que intitulava, com orgulho, «o meu champarrião». E, quando assim não era, se alguma razão existisse de festança, lá se metia a raspar o visco de uma lampreia coleante, a cortá-la às rodelas, a destiná-la a repasto que exigia de muito vagar. Confluía o rio grande com o ribeiro de Saúlas, onde haviam tido a primeira moenga, num rumor submisso de areias empapadas. Na azenha do meio, por desfastio, branqueavam o linho, que corava, em meadas, depois, a semelhar as melenas de feiticeira centenária. Em toda a parte, no entanto, se resguardavam como que de assalto que lhes andassem a preparar, a pontos de, contra o alarme de que a cheia subiria, ripostar ele, sereno, na fanfarronice costumeira, «Daqui só saio, carago, quando a água vier apagar-me o lume.»

Fita 9, lado A. Por três vezes fora Rosa ao tugúrio dessa de muita virtude, a ver se sarava a filhinha de dezoito meses que, certo domingo, surgira tolhida das pernas. Estava a Barbuda entronizada, com um ror de almotolias em cercadura, guardada por dois rafeiros de pelagem ratada, que ladravam, num ronco, quando alguém dava ingresso. Nunca as fumigações cessavam, ali, a preencher as peças onde os trastes mal se lobrigavam, burras e masseiras e púcaros, a esmo, tal como se borrasca os houvesse varrido. Quem poderia determinar a sua idade, com a pele ora lisíssima, de marfim, ora pregueada, como invólucro de que alguma cobra acabasse de se livrar? E só raramente se lhe detectavam as pupilas, tapadas por pestanas muito brancas, chamuscadas. Tinha um sininho, de um lado, e um breviário, do outro, ia falando, como se nem mesmo movimentasse os maxilares. E, quando o arcaboço todo começava a estremecer, imensa calmaria tomava o mais, a modos que à espera de uma revelação. Na primeira das consultas, porque prescreveu logo três, a anunciar que, só depois da terceira, perceberia se a catrainha iria sobreviver, tirou medidas a tudo, com um carrinho de linhas, uma do pescoço ao peito, outra da cintura para baixo, mais uma do sangradouro do braço à ponta do dedo grande da mão esquerda, mais outra do quadril da mesma parte ao dedo grande do pé. Quebrou uma das tais aos bocados, botou-os numa bacia de água e, de modo instantâneo, desembestaram eles a andar às voltinhas, até que se juntaram, nos fundos, a configurar um sanselimão. Ordenou que introduzissem uma das outras linhas por trás da travessa da menina, e se defumasse a morada, entrementes, com incenso, e se aspergisse tudo, com a água sobredita. E recolheu-se, depois destes conselhos, a cismar, por tempo bastante. Na segunda consulta mandou que mergulhassem a doentinha num banho bem quente, composto de quatro castas de ervas, que logo ali lhes entregou, e eram o trovisco e a saganha brava, o roquete macho e o azevim. E foi por essa altura que descortinaram ambas as consulentes passar, numa carreira, por detrás do cadeirão onde a bruxa se alapava, o da carapucinha vermelha.

Para a terceira consulta requereu, apenas, que lhe levassem um chambre da pobrinha, com que houvesse ela dormido pacificamente. E, assim que o examinou, colocou uma mantilha, soltou um arrote de respeito, declarou em voz alta, «A inocentinha vai morrer.» E aconteceu, então, que se fez inchada a vidente, como um sapo, e esbugalhou os olhos, e o brasido da lareira era neles um fulgor. Três semanas mais tarde foi o anjinho a enterrar, num caixão de quatro palmos, forrado a cetim fulgurante. Levavam-no dois pares de crianças, cada qual a empunhar seu ramalhete de dalias, de aranhas e de copos de leite, com muita avenca fresca a enfeitar.

Eis outra chamada de Álvaro, através dos ruidosos cabos interurbanos, com o chinfim das conversas e dos sinais e dos compassos de rock, a actualizar-me com o que Robert Jarvis lhe participa, que dois médicos se revezam, à cabeceira de Papi. Concordo com ele, Álvaro, correspondente e interlocutor que evita desvendar o rosto, no tratar-se, agora, de decisivo capítulo, não apenas desta história em três volumes, que vai chegando a seu fim. E um pouco do que foi ele próprio, Álvaro, dilecto amigo de Frederico, disperso por experimentais agriculturas, hoje em dia, e por papéis de escrita, há alguns anos, morrerá com o nosso diletante. De Papi obtivera, na idade em que avidamente se absorvem tais lições, repositórios de viagens europeias, quando eram elas um cometimento de sabedoria. Creio que desaparecerá esse tio, enredomado para sempre no casarão da Santa Eufrásia de Goivos, a partir deste momento, a bem dizer, isento de função alguma. Ao descrever-me, assim, porque outrem lhe descreveu, a agonia do cocainómano, é como se, impotente nos serviços a prestar, integralmente fracassasse, no respeitante aos planos alterados de sua biografia, resumida a documentos cujo rasto, por desígnio imperscrutável, o condenaram os deuses a perder. Recusa-se a enfrentar, portanto, o moribundo, como se recusará a dar de caras com ele, sem alma já, quando a morte o arrebatara.

Fita 11, lado A. De António, havendo Rosa derivado a potência de que se abasteciam as de sua fibra, nada mais desejava que não fosse a essencialidade do matrimónio. Definhava ele, na própria transfusão de seus poderes, agora que nela depusera o germe da fertilidade anual. Macambúzio, com a beata amarela e pendente, abancava a desbaratar a pratada de chouriço com hortaliça, espojava-se na enxerga, consolado, com os butes por lavar. O mais das horas cumpria-o num escano da venda, a mastigar o tintol, a toscar as andanças da vendeira barriguda, com o avental apertado por debaixo das mamas, que pesava macarrão, aviava a ganapa saltarica, vinda para adquirir uma barra de papel recortado, própria para o escaparate da chaminé. Era um sujeito, pelo que se depreende, a quem não importava, ao fim e ao cabo, o projecto de persistir, conformado com essa sorte que envolve a desistência da terra e do numerário. Aos filhos tomava-os como se fossem alheios, concebidos e produzidos por uma matéria avantajada, que não tolerava, à sua volta, espaço algum. Por tudo isso dera a doença de praticar com ele uma estratégia de avanços e recuos, que é o que resta de palpitante a feitos que tais. Já quase, por fim, se não tinha noção da presença dele, ser que capitulara perante os incidentes menores, se especializara, com crescente devotamento, na resignação à pena que lhe fora aplicada.

Nota 14. Um recoveiro, desarmado de Braga no Jardim das Obras, enumerava factos de assombrar, das tropas de Soult, postadas em Carvalho de Este, da população, que se mostrava desatinadíssima, ante os franceses, se arrojava, numa fúria cega, contra as linhas avançadas do inimigo, que ficava ao dependuro das baionetas, era exibida, a seguir, como um troféu, a par dos espantalhos que, por brincadeira, os soldados arrancavam. E pormenorizava mais, que o general Freire de Andrade convocara o barão Eben, logo depois de determinar a retirada, decisão que lhe valera as vaias da turbamulta. E achara o barão a cidade de Braga em anarquia, com os prédios protegidos por tapumes e os naturais a pirar-se, armados de chuços e de carabinas, de quanto fantasiavam que conseguisse matar. E a Eben vitoriava aquela canalha, que lhe tomara as rédeas da montada, se alistava sob seu comando, para a defesa do burgo, enquanto ia insultando o general, com os termos mais torpes que havia. E não demorou muito que o não distinguisse o barão, a Freire de Andrade, a ser conduzido, interdito, por um magote, que não permitia que quem quer que fosse se aproximasse de sua presa, mas obteve licença, enfim, de parlamentar com o prisioneiro, numa habitação preparada para o efeito e, às questões que ia apresentando, apenas replicava baixinho Freire de Andrade, «Salve-me, salve-me.» E intimaram Eben, então, a transpor o umbral, ao que obedeceu, se bem que a recalcitrar, e vieram informá-lo, instantes mais tarde, de que fora o outro abatido e ele próprio, barão, proclamado general. Nas adjacências do Cávado, entretanto, alguns quadros de silêncio se mantinham, com uma borboleta castanha e dourada, por exemplo, a debruçar uma poça da margem. Quanto a alguma nuvem que galopasse, no céu indiferente à catástrofe, quem haveria de precisar que se compadeceria daquele Norte, com Rosa nele, na antecipação do estampido de um tiro ou do lanho de uma bainha, a relancear as extensões cultivadas, como se as visse, realmente, pela primeira vez?

Fita 11, lado B. Estava António nas garras da morte, pois, num teatro erigido à imagem dos que Rosa, desde sempre, conhecera e frequentara, com as vizinhas embebidas em luto, a remoer uma antiguidade de sílabas. Encostava-se um dos filhos à moldura da porta, de calça arregaçada até ao joelho, num pasmo emudecido. Inteirava-se ela, porém, da obrigação que lhe correspondia, como a de outras tantas, ventre que se imolara, que se exaurira de crias, saudosos do que ia morrendo. Captava esse falatório disperso das circunstâncias, e rememorava um gigantone de que tanto se tinham rido, a noite de borracheira iluminante, muitas coisas e coisas que se baralhavam. Trocara ele com os outros homens conversações, em que pouco, de resto, se entendiam, sobre as quais ia oscilando um rastilho de desordem. Desta com quem se esposara levava um relento argiloso, que se lhe localizava nas axilas, a que se mesclava o perfume do leite, bolsado por mais um, acabado de mamar. Sem glória fora expirando, e eis que legava, em sua esteira, descendentes que não lhe haviam pertencido, apegados todos a essa fonte feminina, que os atraía e os irradiava, numa economia de afecto de que guardava, só ela, a chave sacral. Penetrara o padre, pouco antes, e cheirava a bodum e a alecrim, enquanto um acólito infantil arrelia, com a biqueira, o gato estirado à beira da cama. Tinham dado duas horas, quando o agonizante se rendeu, por um arranque de costelas, em que a centelha se lhe fora extinguindo. E gritou ela, gritou e gritou, que só assim baniria os espíritos sem dono,

os quais, vezes sem conta, ficam a vadiar, para perdição de quem dura ainda.

Fita 10, lado B. Como quem operasse uma limpeza enterrara o esposo, em acto a que se agregava, através da imposição social e do descargo de culpas, uma tristeza espectacular. Por um lapso, em que a quase euforia da paz apreendida se não matizara, ainda, da lamentosa e carpada condição de viúva, saudava o desaparecimento daquele que se acostumara a cognominar, numa graça agastada, de «caravelho da porta», por ser o que a mandava fazer tudo. Das goelas do coval, a que descera, nunca António se arriscaria, todavia, a intimá-la a que orasse por ele. Bem conhecia essa megera insubordinada, pronta e repronta, se bem que supersticiosa, a livrar-se de suas juras, e eis que a abandonava disponível, finalmente, para o voo, em seus crepes de campesina, que tem o luto na conta de segunda essência definitiva. A verdade é que, jamais, dera com ele depois de morto, o que muito a abismava e constituía excelente garantia do eterno repouso, ao contrário do que lhe acontecera, certa vez, em que, ao ir depositar o milho numa caixa, deparara com a Galha Velha, a qual se finara uns três dias antes. Algo se saldara, porém, naquela falta do comparsa relapso, mas imperativo, que convertia a vidinha de Rosa, apesar de enriquecida pela assunção de seus dons, num completo insucesso de motivos maiores. Já não gozaria em lhe desobedecer, a perfazer, por exemplo, o itinerário oposto ao que ele lhe ditara, de ir pela Telheira e de vir pelos campos, coisa em que fincava pé, como na carta de sua alforria, muito embora se certificasse, primeiro, de que se não achava o homem a distância de lhe jogar com algum sarrafo. E lembrava, enquanto ia afuselando os pernis de uma cabra, como o defendera, há que tempos, menos por amor conjugal que por atestado de suas prerrogativas, do Joaquim Frágoso, que alevantara uma naifa ofuscante, para o apunhalar. Rolara com o matador, por cima de canastras e de calhaus soltos, fora em Esposende, na Romaria de São Roque, até bradar, ao seu, que ficara passivo, «Arreia-lhe, António, agora, que já lhe tirei a navalha.» E, na feira de Braga, quando uma tal, a quem chamavam a Rachada, se candidatou a pregar um botão na carcela do falecido, não se conteve, de raiva, que não corresse a infligir-lhe uma sova grandessíssima, a apedrejar-lhe o casinhoto, a desfeiteá-la, num escândalo memorável, com o que havia de pior.

Fita 13, lado B. Um cabeçudo dos grandes custava, por então, cinco mil réis. Apresentava-se de casaca azul e pantalonas encarnadas, tola redonda e luzidia, onde se haviam riscado os cordões das melenas. Fora um girino de rã, que se transformara, subira ao estrado da aula, ia cantarolando, de cor e salteado, perante os alunos estupefactos, o curso e os afluentes dos rios de Portugal. Participava de um grémio onde outros se perfilavam, igualmente gigantones do toutiço, que variavam na farpela, apenas, de todo o feitio e descrição, e na bocarra, ora às escâncaras, com uma fieira de caninos devorantes, ora cerrada, de beicinhos comprimidos e desdenhosos. E eram parentes daqueles festeiros processionais, de pasta de cartão e balandrau de riscadinho, a dançar, ao som da banda, a contaminar, com sua extrema alegria, quem os visse ir bailando. Burgessos, como por sua lentidão se demonstrava, pertenciam a uma família que, com lobos e texugos, confraternizava em jantaradas, à sombra de um carvalhal, onde se roncava, mais tarde, de papo cheio para o ar. Por magia singular, estranha

malta, se transfiguravam, de longe a longe, e ou eram o já dito mestre-escola, ou o presidente da Junta, ou o arcipreste, até mesmo, a farejar, por aqui, a resmungar, por além, a abancar, com a maior solenidade, onde quer que lhes aprouvesse.

Alastra a notícia, de há muito esperada, da morte de Papi, que Robert participa a Álvaro, da qual sou notificado, por este, por via telefónica, como é hábito. Em torno do desaparecido, degradado esteta de Santa Eufrásia de Goivos, alguns dispersos personagens se agruparam, nisso mesmo firmaram a ilusão da amizade entre eles distribuída. E recapitula o meu informador, Álvaro, a atmosfera reinante, desde há um ano, na Casa familiar, onde só Gabriel, em sua mudez, se diria simbólico e vivo. Imagino no que redundariam, de resto, essas cerimónias fúnebres, de um grotesco capaz de novamente aniquilar, se acaso ressuscitasse, o credor delas, com os três ou quatro amigos supérstites do falecido, a arrastar seu mito, ainda, de um Paris inexcedível, adossados às bengalas e às canadianas, como que ritualmente empalhados para o ataúde de primeira. E já calculo no que descambaria o velório, com Lucinda a pontificar, a submeter os presentes, de parceria com as duas disformes primas da Barca, a uma série interminável de mistérios gozosos e dolorosos e gloriosos, debitados numa voz tremelicante. Deixa-nos Papi, como nos deixa o Universo, quando nos deparamos, de súbito, reduzidos ao que somos. Já nem mesmo seu verbo nos bafejava, ele que era de poucas falas, de tudo quanto se lhe ligava, porém, Europa do circuito dos touristes digníssimos, outras viagens que, posto que irrealizadas, magnificamente se cumpriam em seu coração. Rotularam-no de provinciano, certa vez, na ingénua convicção dos provincianos de, com isso, se aferrar um labéu infamante. Reivindicou ele o título, acresceu-o de suas fábulas, prosseguiu a dissertar de alfândegas e países, com muito desvanecimento. A Álvaro confia Robert que ignora como enfrentar a continuação de sua estada, quando nem sequer se determinou que voltas e reviravoltas sofrerá a propriedade. E aconselho o meu interlocutor a convidar o inglês a que observe Gabriel, na marcha em que vai, que nele, talvez, só nele, algum futuro se nos possibilite.

Nota 15. Era já espigada, com as frescuras primeiras aferrolhadas no caixão, quatro camisas de linho cheio, uma saia com vidrilhos e um casaco com tiras de marabu, quando aquele enorme rebuliço principiou. Garantira-se que dera azo a tudo uma certa Senhora Rainha, que invadira a Câmara, extraíra a documentação da ladroagem, aí arquivada, escrituras e certidões, espalhadas a monte, a partir do desacato, rendilhadas pela traça ou pelo que quer que seja que dá cabo do papel. Mulher temível, que declarara luta contra os de Lisboa, narravam dela anomalias, que se barbeava de canivete, que o inseria, depois, no entrecoxas, que fazia espichar, com ele, a retalhar-lhe a tripalhada, a militância expedida para a prender. É que se revoltara, contava-se, perante a ordem de não sepultar os mortinhos no chão sagrado das igrejas e, à tutela de seu nome, largavam todas aquilo em que se empregassem, vigia da caçoila do ensopado ou estacagem do feijão da atrepa, para formarem atrás de alguma chefe, a qual ia marchando, a cantar, enquanto alçava a forquilha da ameaça. E nem se temiam de afrontar a cavalaria, constituída por guardas pimpões, como esse que Rosa moldara, num capricho, de espada em riste e esporas afiadas, com uma barretina

encimada por um penachinho. Aos poucos, porém, se fora esgotando aquele corrupção, e voltavam as guerreiras a seus antigos deveres, apanha da castanha ou baldeação da água choca, com uma saudade verdadeira daquela festa vigorosíssima. Somente a espaços, a embalar o berço do benjamim, lhes subia à ideia a campanha, e eis que melodiavam, então, em surdina, para que o filho, apenas, as compreendesse, «Aí vem a Maria da Fonte, com a sua divisão, a matar os generais, que são falsos à Nação.»

Fita 12, Lado B. Desfizera-se do encargo dos moinhos, estabelecera-se com oficina de louceira, em definitivo e orgulhosamente. Calculava a densidade que competiria a essa menina dos pombos, acabada de reentrar nos matagais, por onde corra no encaço das mariposas. Chamava-se Rosa, como ela, era filha de rei, sentava-se nos degraus do trono de seu pai, a atender os príncipes todos, que afluíam, seduzidos por sua grande boniteza, a tentar fazê-la sorrir, com as artes que exibiam. Obtinha uma cachopa arrebicada, a apertar suas aves fofas, de véstia larga e comprida, cuja roda apanhava, cautelosa e grácil, de cada vez que pulava sobre algum barranco. Medi-laiam, num despique, as restantes bonequeiras, invejosas da sabença que lhe suspeitavam, dos romances que fantasiava, em que intervinham seus bonifrates, com esse inegável condão de electrizar os interessados. Era a menina dos pombos, logo se via, uma donzela, a quem se facultava, no palacete onde residia, ao lado de serviçais que, a toda a hora, a penteavam e despenteavam, escolher as iguarias de sua ceia. Passeava-se, depois disso, por terraços de mosaico e caramanchões, a tripular, pela rédea, uma sardanisca, a quem ensinara a fala dos homens. E, quando jornadeava, ei-la que utilizava um carroção disforme, de reposteiros de couro vermelho, e lá iam os músicos, atrás de tudo, de azul e de branco, a tocar atabales. Agora, no entanto, contornava-lhe o busto, ao qual colaria o açafoete daquele par de animais. E estava quase completa a menina dos pombos, um pouco arrogante, é claro, em sua fidalguia, tentada a forçar os outros ao que quer que lhe aprouvesse, com uma só interjeição, uma só, da boquita risonha. Com ela filosofava o sol, enfim, que apenas se retirava para ir contar, ao imperador da China, com quem pernoitava, as maravilhas todas que surpreendera, de terracota, em São Martinho de Galegos, Portugal.

Bem vejo o que descreve Robert, a Álvaro, e me reproduz este, pelo auscultador, a bagagem do primeiro e de sua mulher, amontoada ao sopé da escada exterior, aí mesmo onde Frederico apareceu morto e, à distância, a Casa de Santa Eufrásia de Goivos. Ampliam-se os talhões, em derredor, esses mesmos que são, como assegurava Papi, a citar o que ouvira de seus avós, «senhores de produzir toda a casta de cereais e de hortaliças, além de frutas excelentes, de espinho, caroço e pevide». Uma última vez, antes que a vendam, como já parece ter aprendido a dizer o britânico visitante, «por tuta e meia», percorre Gabriel os itinerários interiores. E ruma, hipnotizado, à fímbria de um país que ninguém identifica, sem que lenço nenhum, nenhum, se desfralde, melancólico, em sua despedida.

Fita 10, lado B. No absoluto estonteamento se desenhavam os primeiros voos da mulher, após a morte de António, satisfeitas as formalidades, em nojo que não era fingido, porque resultante da consciência da viuvez. Com o apoio da neta Júlia,

apaixonada da arte e dessa ribaldaria que intuía em sua associação, atafulhava um carro de louça, preparava a barraca e os tarecos, punha-se a andar. Tomavam o estradão, mal começava a luzir, iam prosseguindo, por fortíssimos solavancos, no que se diria alegorizar-se uma vida airada de travessuras. Disputavam o posto melhor, à chegada, descarregavam a mercadoria, ajeitavam-na toda, sobre os tabuões, arvoravam-se ambas em esperantes de compradores, numa bravata, de mão à cinta.

Nota 16. Foi mercar quatro assadeiras, então, a Vilar de Frades. Havia tempo que tinham debandado os monges, em suas carripanas de colchões e de tachos e de instrumentos de culto, a choramingar, alguns deles, a benzer-se, outros tantos, a amaldiçoar, em unísono, as obras do Anticristo. Alterara-se o convento histórico, notoriamente a decrescer de tamanho, quase só frequentado para casamentos e batizados e resposos indispensáveis. E adaptavam-se os poucos irmãos remanescentes, agora, a um trem terminal de muito briol, a arrotear sua horta minorada, de repolhos a nabos, um meloal, nada mais. Investiu Rosa, pela alameda que levava ao templo, cuja frontaria se esparrinhava das sardas de um pigmento alaranjado, com os vidros do janelão, a meia altura, dourados pelo sol de Janeiro. E um dos badalos gigantescos, muito frouxo, tangia incansavelmente, a cada rabanada do norte, ressoava de encontro à campânula, numa toada lúgubre, quase maligna. Estaria a comunidade lá para os dentro, conjecturava ela, e nisto ia seguindo, determinada, em sua demanda. Mas eis que, no processo de os achar, roçou um pórtico, à esquerda, encravado num pano granítico, cego e meio descaído, que lhe requereu a consideração. Representava uma gesta, consabida de há séculos, sem que se alembrasse ela, ao certo, de lha haverem contado, de caríssimos bicharocos, encabritados ou combatentes, cavaleiros armados, de bacinete e de pique, rainhas descaradas, tocadores de rabeca; soberanos de coroa. Especava-se ali, defronte de tudo, com a condessa de suas coisas, no antebraço, a soletrar os figurantes que ia divisando. De cantaria lavrada eis que a bola do Mundo se continha naquelas arquivoltas, sobre o pórtico, com um frenesim que muito a divertia, a acometia, apesar disso, de rapidíssimo pavor. Mas, continuando a indagar pelos frades, contornou o claustro esquartejado, de cujos painéis laterais os quadriláteros descolavam, numa antiga massa que ia esfarelando, até juncar, de pedaços de odisseias bíblicas, as lajes de tanta e tanta jazida dos que as haviam entendido. E, ao dobrar uma quina, viu molhos de couves, folhelho, restos de um galinheiro, de que as pitas se evadiam, para esgravatar, à vontade, por aqui e por além. E foi surpreendê-los, por fim, a uns três, alapardados na adega, num fundão, entre os parques barris atestados ainda. Era o abade, e um muito velho, e outro de idade imprecisa, com um guarda-pó todo enfarruscado, e que se afigurava moço de cozinha. E estava o primeiro agarrado a uma dorna, borracho, a estender a malga, para que o servissem de mais. Comentavam os outros o que ali se passava, e iam decidindo o que haveria a resolver, quanto àquele provecto vicioso, completamente descomposto, a mostrar a barriga bojuda, em cujos baixos grassava um matagal de pêlos grisalhos, como doença sem cura. Praticavam em surdina, e temeu-se Rosa de que a toscassem. Cosida às colunas foi-se escapando da loja, onde se sentia uma corrente gélida, e desatou a correr, pela extensão das galerias, a fazer tamborilar a tampa das sepulturas. Esmorecia o dia, ao longo do corpo da igreja, e ia aquecendo o poente, com seus raios

deitados e moribundos, aquela trenga multidão, bicharocos e cavaleiros, monarcas e rainhas e tocadores, que todos pareciam galopar, atrás uns dos outros vertiginosamente, sem parança alguma.

Fita 14, lado A. Na Feira da Senhora da Saúde, em Paranhos, nesse ano de muito acontecer de mil novecentos e cinquenta e oito, está Rosa, com Júlia, na avassaladora paixão de suas conquistas. «Ai, senhores, senhores, que tenho o coração da cor da roupinha que trago vestida», declamará ela, a torto e a direito, a avaliar, de olho oblíquo e meio pisco, o efeito do desabafo nas almas caridosas da audiência. Mas nega-lhe a insolúvel consternação aquela banca repleta de bonecos, resultantes do génio desencadeado, policromados todos, sáurios e touros e monstros infernais. Vão perambulando os que mais reparam nisso tudo, um solitário entusiasmado da grande noite de Verão, um outro que anda a fruir sua folga de revisor de *O Comércio do Porto*. À pergunta que lhe dirigem, sobre a vera autoria das ditas obras, invariavelmente responderá, desviada da mágoa que adoptara, «Fui eu, ora essa», para logo acrescentar, num arremedo de final explicação, «com estas mãos que aqui vê.» Por dezenas, no berro de seus amarelos e vermelhos e azuis, que um negro categórico, a espaços, sublinha ou faz contrastar, atestam-lhe as criações o verbo barrento, altaneiras, na permanência de sua maravilha. Sugeria-lhe outra louceira que poderia vender, sem falta, muito e muito mais, se se decidisse a esturricar alguns pós, sobre um molho de carqueja. Desconfiada da eficácia do defumadouro não quis, mesmo assim, deixar de o ensaiar, observada nos passes por aquela filha do filho, que tudo relataria, muito ano depois. «Acocorou-se a minha avó», prosseguiria a informadora, «bem atrás de uma rima de palha, e lá executou aquilo que lhe haviam aconselhado.» Imaginaremos nós que se ficou a examinar, de seguida, o turbilhão em que ardiam as folhas, e a rezar um pai-nosso, com toda a fumaçada que ascendia, através da qual ia entrevendo os luzeiros do arraial, mais o povinho que nele se atropelava, tudo pertences, de facto, de círculos maiores, onde ninguém, até então, penetrara.

Fita 13, lado A. Nos primeiros passos do novo modo de vida era como se um astro a arrebatasse, na genica de amanhar o barro, até o aviar, tornado isto ou aquilo, para cá e para lá. Por detrás das feições sereníssimas, contudo, ia troçando dos próprios artefactos, que sempre se lhe antolhavam processo de desfrute de quanto fora criado à imagem e semelhança de Deus. De mês para mês, contra ela, se dilatava o número dos que se detinham em frente do negócio, acorriam a São Martinho de Galegos, numa garridice, a apanhá-la no que desejavam fosse ilustração do ardor demiúrgico, quase só era, porém, pausado fluir de repetições, que nisso é que se carimbava a excepção. E adestrava-se Rosa no mimetismo à variedade dos que a procuravam, agora, grupelhos de artistinhas portuenses, de que não se extirpava o folclórico parasitismo dos mundanos das avenidas ocidentais, a exteriorizar, no cachimbo de bétula ou no casaco de bombazina, numa que outra frase absorvida nas mesas ulteriores do Majestic, enfim, seu estatuto diferencial. Não raro a tantos se encadeava o clínico ou o jurista, inevitável acutilados, nos salões da Cooperativa Árvore, do que quer que se defendesse em colóquio, vocábulo este, por essa altura, agigantado no léxico dos inteligentes naturais. Examinava-os a mulher, com afinçada e oculta precaução, replicava a seus

desconchavos, depois, naquele tom prazenteiro que decidia convir-lhes mais, fazia uma rusga, entre os netos, quando já se tinham posto na alheia, a parodiar um que tal ou uma que tal, que etiquetava de «chibo» ou de «chicharrabelha». Mas era um viver fagueiro, o seu e o dos seus, nesses prenúncios de sessenta, em que os mancebos da tribo, todavia, se surpreendiam ameaçados da mobilização colonial. Pelo meio da noite, com a progénie a dormir, debaixo das mantas desconexas, alçava-se da enxerga, entregava-se a afunilar o focinho de um bode, com as argolas de ouro oco a dar e a dar. Choviam-lhe migalhas, no regaço, daquela parda maçaroca, as quais consentia se acumulassem, até que, de um sacão, as despejava no solo. Altas horas, finda a noitada, bocejava muito, enrodilhava-se toda, a ressonar.

Nota 17. Corria que destinara o rei visitar as terras do berço de sua dinastia, com uma partida de fidalgos de fazer inveja à realeza de todas as nações. Apressara-se Rosa a plantar-se, no ponto onde estaria o Senhor Dom Carlos, por alguns minutos, porque lho haviam descrito imenso e bonito, de faces coradas e um riso sob o bigode, que eram coisas famosas de se ver. Lá estava, realmente, entre muita notabilidade, prontinho de se apelar da carruagem, como lho haviam desenhado, sem tirar nem pôr, uma abóbora bem pejada, alcandorada num par de boas estacas, com um punhado de penas a esvoaçar, no alto do capacete encerado. E, a seu lado, a rainha D. Amélia não figurava menos alta do que ele, não senhor, e parecia constipada, ou a modos que chocha, porque esfregava as narinas, a cada passo, com uma cambraia de rendas. E atarefavam-se os guardas, numa intensa sarabanda, a procurar afastar, de espada embainhada, a garotagem curiosa, numa bradação de comandos de uns para os outros, incansáveis e fiéis servidores, com uma pausa, apenas, logo que podiam, para a limpar o suor das sete estopinhas. Meu Deus, como era um mar de fardas e de pintalegretes e de finuras, aquele ajuntamento, tal que nunca, em sua vida, conhecera outro igual. E adiantara-se uma menina, vestida de Fé, ou quase, com um pires de prata e uma tesoura, e cortou el-rei uma fita azul e branca. E deram vivas, e gritaram «Portugal» e «Barcelos», e estouraram três morteiros, e a tia Ludovina, a que tinha o homem entrevado e uma filha que andava pelas estradas, reclamou que a levassem dali, depressinha, porque não se aguentava, de querer tanto mijar. E alcançou distingui-los, a custo, com o monarca na presidência, e um senhor condecorado que lhe dava explicações, a desandar muito os braços, lá nos altos do castelo, com as marquesas a agarrar as toucas, porque era brava a ventania. E eis que, a seguir, houve palmas, e os estandartes se alevantaram, e um cavalo relinchou, e deu de rodar todo aquele carroçame. Encetou ela, afinal, o caminho de Galegos, maneirinha, com uma vontade de chorar que não tinha explicação.

Fita 12, lado B. Infestavam-lhe a oficina e a cozinha, encomendavam o que mais tinham apreciado, entre as bugigangas das prateleiras da biblioteca de um amigo, voltavam à cidade, a repetir um dichote provocado. Inchava nela a soberba das próprias mãos, a atrever-se a vertigens de imaginação que nunca julgara possíveis. Desde que, como se gabava, até mesmo os architectos, agora, tão peculiares na precisão e desalmados na exigência, lhe disputavam os barros, não encontrava um confirm ao fingimento e à lavra, a arredondar, sobre um cachaco lupino, o boqueirão

cravejado de caninos de algum ciclóstomo, a encarniçar, na nuca de um padre-cura, um macaquito, que mostrava, pela oposta banda, a frontaria de um boi. E espicaçavam-lhe as chalaças, que gostosamente ia distribuindo, quando havia, sobretudo, mulherio pelas redondezas, já que retinha a noção vertiginosa de suas pilhérias, o que a não delimitava daquele breve e indeciso pavor, infalível efeito do ardor insofrido de espantar. Às vezes, no prazer de se pressentir, como vamos insinuando, ouvida e incensada, convencia-se de ser uma santinha, quase, a quem se entoasse um lausperene, que se levasse, depois, em peregrinação, sobre o andor tremulante, recamado de panejamentos de cetim de matizes maviosos, que pareciam os dos confeitos, com abas esvoaçantes e tarjadas de galões de ouro, e franjas e pendentes e um ror de bouquets a cheirar. Certo dia fora ela à Escola de Belas-Artes do Porto, por convite, a explicar, àquela mocidade, como se amassava e cozia, o que significavam os tipos extraordinários que ia segregando. Não se coibira de satirizar, então, as guedelhas compridas, como que de Cristo morto, de um certo rapazola que não se ria, ou o excesso de cosméticos da pequena tão bonita, tão bonita, que nem precisava, a sério, de borrar as fuças. No atelier do escultor José Rodrigues, lá para as Fontainhas, onde se aboletava, com a neta, pelo São João, espiolhava tudo, com interesse relativo e de escasso entretenimento, menos ele mesmo, o artista, que era um gajo fornido de carnadura, desempenado do moral, porém, a quem era possível, de certeza, abrir de par em par o coração. E eis que se revelava, ainda para mais, conhecedor de tudo o que era da pedra, ciência que Rosa muito estimava, o grão e os veios e o polimento, criatura amorável e muito larga, na realidade, como a louceira, de resto, quase sempre, de preto.

Fita 15, lado A. «Ora viva, senhor», salvava ela, para aduzir, de imediato, «Há três quinze dias que não o vejo. Aqui tem, senhor, o Poeta de Leça, custou-me muito a engendrar, mas olhe que ficou tal e qual.» E eis que nos surpreendia aquele sujeito, em meco, conhecido de ginjeira, com uma pasta de guardar as produções, um guarda-chuva para a eventualidade, o cachimbo volumoso, por fim, que extraía dos maxilares, com o intuito de vocalizar, pianissimo, pianissimo, o «Va, pensiero». Por essa era, já, de frenéticas reportagens televisivas, encafuava-se o tal vate no halo do clarão dos holofotes, onde se lastimava, ao pavilhão da orelha de quem quer que com ele ombreasse, «Mas é que fico cego, é que fico mesmo cego», o que os rivais acolhiam, para além das câmaras, com um epíteto de «fiteiro», por entre os dentes rangidos.

Fita 15, lado A. Agonizava o segundo António, rebento dilecto, num catre desarrumado, de lençóis picados do pulguedo e recozidos da transpiração. Raspava os pulmões, numa tosse em que punha todo o desvelo, como se de ferramenta de profissão alternativa se tratasse. E tinha, apesar de casado e pai, molezas de menino reclamante de paparicos, face a uma Rosa que lhe conferia e revogava a diversa amenidade, a caracterizá-lo, perante os estranhos, como muito bom e amável. Tempo que lhe crescesse do bonecame, de facto, ao herdeiro é que o consignava, que se abstinha de ingerir fosse o que fosse, excepto uma tal famosa ração, excepcional na quantidade, de arroz com bacalhau. Apartava-lhe ela, assim, as postas melhores que, de fervidas em excesso, se desfaziam, num folheado escorregadio, único manjar,

confirmava o acamado, que as entranhas lhe não aleijava. E progredia agigantadamente a silicose, a aconselhar o internamento, a que se negavam ambos, porém, ela, por professar o amor de mãe como grande panaceia, ele, por se conjecturar vir a ser desprovido do condoimento de seu mal, em alguma enfermaria megalítica, sob o império de vigilantes que da fama se não livraram de agredir, à estalada, os que se queixavam de dores. No quarto, separado da zona do forno e do lar por uma taipa, consumia o enfermo dias a fio, numa baça obscuridade, a recontar as marcas do caruncho, a vagir, menos por seu mal que pela vantagem de se ver entretido. E vivia a mulher dele, esgotados os ovários de mais criação, espavorida desse amor, que premonia entre a sogra e o marido, a desprezá-los, por isso, a não se arrogar a denunciar o despautério, todavia, acobardada da força exterminadora em que os supunha abismados. Só quando entrava o compasso pascal, por uma tarde azedamente primaveril, com grossos pingos a entremear com a solheira, recuperava o paciente um pouco de alento. Conversava com o pároco, então, desde a cama de fresco, a embeber o pão-de-ló num americano oferecido por um pretérito companheiro. E desvanecia-se a barrista, com tais práticas, não por deduzir melhoras no filho, por o atestar dela preso, a regressar a ela, ao fim de tudo, como que a dizer-lhe bem-haja, por tanta e tanta canseira.

Fita 14, lado B. O agrado dos inteligentes, que no louvor da artista inseriam algo de conspiração contra o regime, acarretar-lhe-ia, depois, até por estratégia defensiva, o circumspecto apreço dos administradores. Circundavam Rosa, agora, em certames de amostras do progresso nacional, para que sistematicamente a solicitavam, esses cavalheiros de colete e gravata, que achava ela não deveriam, contudo, ser timbrados de fidalgos. Prodigalizavam-lhe uma simpatia toda paternal, de palmada na espádua frágil, a que se afoitavam, por imperativo do desbloqueio do embaraço da diferença de classes, a anexar um toque de brejeirice. E as respectivas senhoras, mais relapsas a convívio que presumiam eivado de bastante incómodo, arredavam-se para trás, em seus tailleurs, a sorrir descomprometidamente, a discretear sobre o crescimento da prole e o descaminho das serviçais. Nisso absorvia a mulher variegadas regras de enfrentar os factos, a configurar uma resposta para cada qual, a permanecer no silêncio, sempre que se lhe tornava incerto o trajecto a tomar. E folheavam, diante dela, para que bem notasse, catálogos onde aparecia, igualíssima a si própria, à beira do figurado, em fotos que alternavam com reclames de fábricas e de hotéis e de lojas de plásticos. Quando a tanto retrucava, afinal, com um laivo de escárnio, «É um turismo muito bom, que bom turismo, este turismo», entre si catrapiscavam os representantes da oficialidade, defluíam para outras secções.

Nota 18. «Chora, chora, pátria órfã e desamparada», ia alguém lendo, de um folheto comprado a um ceguinho, a que prestava Rosa, no acto de separar as feijocas, um meio ouvido e, ainda assim, de alguma distracção, «que te assassinaram o Rei e o Príncipe, afogando num pélago de sangue a Nação mais soberba do Orbe, de santos, de poetas, de heróis, com sete espadas de mágoa pungentíssima cravadas no coração de duas mães. Chora, que te escutam os mártires e os abandonados, os moribundos e os aflitos, alanceados e consternados, como tu, do desespero que não redime. De tua

bandeira, agora, tecerão a ligadura para as pústulas que tens, de teu hino comporão a marcha fúnebre que te acompanhará ao desterro, dos revérberos solares, que de ti fazem o mais belo reino do Mundo, fabricarão as grilhetas que arrastarás pelos cárceres da História. Chora, mísera. Chora, exilada. Chora, funesta.» Por entre a barulhada das feijocas, pouco a pouco acumuladas, distinguia a rapariga, então, o zunir daquelas balas matadoras, que atingiam as vítimas reais, na carruagem em que se repoltreavam, como já as vira, e onde lhe haviam descrito que se encontravam, com a Senhora Rainha, aquela muito alta e que parecia de porcelana sem mistura, no momento de morrerem. «Chora, país sem alma, mas com remorsos, que olvidaste a honra e a prosperidade, que devias aos teus maiores, sustentando e rolando, na mão direita, a esfera armilar de teu Império Universal. Chora, que sobre ti desceu o Anjo da Morte, e destronou ele, de um sopro, o Anjo de Portugal, o que era o escudo dos fracos e o bordão dos enfermos, o gládio da justiça e a luz da glória terreal. Chora, chora, barca sem leme, que demandaste, outrora, as paragens ignotas, arrebataste ao gigante Adamastor o ceptro do império das trevas, para que, em seu território de medos, se inaugurasse a era da harmonia e da equidade. Chora, chora, que estás sozinha, e se acastelam, sobre tua cabeça, as nuvens do divino castigo. Chora, chora, Portugal.» E estavam separadas as feijocas, as brancas num monte, a meio da mesa, as vermelhas, no fundo do alguidar, para a sopa de substância.

Nota 19. São estes o rei e a rainha, e eis que, por detrás do tarolo dele, se situa o sol, do dela, a lua se imobiliza. Pisam a relva fresca e basta, com suas sapatorras de ferro, e uma passadeira nasce, de bocas-de-lobo e malmequeres, da marcha em que vão. Cobre os dedos dele um granulado de ouro, os dela uma poalha de prata. E envergam ambos a túnica de seda branca, que os pássaros teceram, as mariposas e as abelhas. A seu roqueiro castelo se dirigem, sobre uma falésia escamada, com as ondas do oceano espumante a rebentar-lhe, lá em baixo. De barro são, porém, duram o tempo que lhes foi concedido.

Fita 16, lado A. Despedira-se de António, querido filho, a repousar em sua campa exígua, com uma cerca de ferro de purpurina prateada, um retrato atrás do vidro, uma jarrinha de asas às rabioscas, que o vento, sem respeito, atirava de cangalhas. Para a neta melhor, produto daquele que tanto amara, remetia o enlevo, porém, a encaminhá-la na cruzada em que a investira, de a substituir, sem a superar. Nela fundava esse esteio, a que se lhe apoiava a velhice, a confidenciar-lhe o que considerava secretíssimo, jura de adquirir, para si, um cordão, ou de oferecer, à pequena, um trancelim, projectos de disposição por morte, quase sempre, hoje que se tinha por proprietária, ao menos daquilo que lhe manava do génio. E ocorriam disputas e reconciliações, achaques crónicos e novos desapontamentos, coisas para que se não encontrava, de facto, segurança nem impedimento, melhor era resolvê-las, uma a uma, à medida que saltavam ao caminho. E revia-se Júlia, moça a que não falecia o predado de honrar, os triunfos próprios, na vaidade de se achar eleita, assim, entre os irmãos e os primos, porta-bandeira daquela avó colossal, que ora a repreendia, com nomes desabusados, por se haver estatelado, ora a enaltecia, perante um escritor de Lisboa, pelos olhos negríssimos e muito sedutores, que em sorte lhe haviam tocado,

pelas ancas arredondadas e moventes, a que nenhum homem, que fosse homem, garantia ela, poderia resistir. Iam as duas, pelas festarolas, a marralhar, a enrodilhar-se com as outras, não raro, em quezílias, que eram um expediente, apenas, para saldarem a aliança em que procediam. E convertiam-se em penitentes, numa romagem ao quartinho da bem-aventurada de uma aldeia próxima, que seria santa, se pressentia esculpida pelo cinzel divino, em si mesma operava a Via Crucis, com três fases de agonia, uma ida à casa de Anás e Caifás, seis momentos de flagelação, a coroação dos espinhos, três quedas, a crucifixão. Recostada em almofadões, graciosa e lívida, sem comer nem beber, há muito, confiara-lhes a escolhida verdades de espantar, «Aborreço o Mundo, com tudo o que ele encerra, não porque tudo deva aborrecer, mas porque de tudo quero e devo desprender-me. Sinto como se alguém, dentro em mim, andasse a espanar, a polir, a assear a habitação do meu coração, da minha alma. Tudo é deitado fora, e estou vazia, e é uma casa sem mobília. Este vazio é para se encher, e, quando se recebe uma vida de que não sei falar, uma vida superior a esta vida, a alma vê o coração repleto, a transbordar e, pelo centro dele, fogem grandes labaredas, e eis que sobem aos céus. Toda a mobília de minha casa, isto é, do meu corpo, foi posta fora. Toda a imundície e todo o pó são limpos, mas não por uma só vez. Tem de se voltar atrás, sempre, a limpar novamente. O meu vazio é tão grande que só Jesus, com todo o seu amor, o poderá satisfazer. E tenho duas almas, uma que sofre e outra que não pode sofrer. A que não sofre é puríssima, parece que tudo vê, e que em toda a parte habita, e que nada se lhe pode ocultar. É dela a Terra, é dela o Firmamento. A que sofre está em trevas, não é pura, está manchada. Mas, não sei como, são duas almas e uma alma só.» Saíam ambas, numa profunda paz, desgarradas ovelhinhas, que houvesse alguém meigamente abraçado.

Presentifica-se Álvaro, finalmente, da outra extremidade do cordame telefónico, a concluir a narrativa dos heterogéneos capítulos dessa Casa de Santa Eufrásia de Goivos. Descreve-a atribuída, por sucessão legitimária, ao já dito e desfocado rancho de parentes de Papi, os da Barca, extenuados de empanzinadelas, sempre, num outro solar de videiras que o míldio devastou. Em suas saletas de damasco roto estão eles, junto a cães que esburgam ossos, em carpetes de Bukhara duvidosas, com a faiança das maçanetas fendida em quase todos os batentes. Mas eis que, logo, logo, reverte ele à quinta que fica no centro destes três livros, atravancada de mobiliário entrouxado, num balandrau de pontas em nó cego, sob um lustre amortalhado, também, com os quadros apeados, pelos corredores, embalados em esferovite. E é incomensurável, agora, o recheio, maior do que quanto se previra, bastante para atascar três ou quatro moradias, pelo menos, de quem houvesse optado pelo envelhecimento, em lugar da degradação. Já fervilham, porém, dentro e fora, os que haverão de encomendar o conjunto a novos donos, ou a algum programa fantasista de recuperação patrimonial, de trezentos e sessenta e cinco governos, à espera da moda europeia que tarda a chegar. Vaga Gabriel, nos interiores, peixe volátil a quem houvessem furtado os seixos e as plantas, tudo, tudo, do aquário vazio onde persiste em nadar.

Fita 17, lado B. Deslocava-se a Lisboa, de quando em quando, a participar, com Júlia agregada a ela, numa dessas feiras magníssimas, em que se operava o estendal do

produto português. Era a bonecada expedida antecipadamente, com variadas precauções de segurança, o que jamais obstava, ao ser desembrolhada, a que se revelassem umas tantas mazelas, teta de cabra prenhe ou torre de Santa Bárbara que se escanassem, rei mago que soava a choco ou que se partira em dois. E, ainda no comboio, enfrentavam ambas um desaire, porque o revisor, ao considerá-las, ignorante de que eram portadoras de passagens de privilégio, liminarmente lhes ordenara que transitassem à segunda. E estacavam, desorientadas e absortas, depois, por três horas a fio, no Campo das Cebolas, por via de lhes haver falhado o contacto, um certo senhor que andava constantemente a querer vender rifas, que as pastorearia, porém, até ao recinto dos pavilhões. E aqui, por fim, acampavam elas, a revistar tudo, a disseminar, pelas gavetas da retaguarda do balcão, a roupa e os tarecos. E arranjavam-se para pôr a funcionar uma máquina a petróleo, com a qual confeccionavam o que lhes dava na veneta, à guarda de uns praticáveis, sujeitas àquele fedor de acrílico e cola de carpinteiro, que empestava os ares. Por uma ou duas ocasiões aconteceu irromper o Presidente do Conselho, secundado por uma súcia de senhores muito direitos, apertadinhos no casaco de trespasse. De entre eles salientava-se um, a lhe fornecer, pressurosamente e em murmúrio, uma nota explicativa, com os outros todos fixos da expressão daquela cara de milhafre do estadista, a apurar se se ria, ou se ficava sério, para se rirem, por igual, ou ficarem sérios, como ele. E constava, o que era mentira, sempre, que se lhe dirigira o Salazar, «Estes bonecos, és tu que os fazes, ó filha?», e que lhe tornara Rosa, despudorada, com uma refinada malandrice, pelo que se fora distanciando o homenzinho, insinceramente embatucado, entre surpreso e divertido.

Fita 17, lado A. E que um *Cadillac*, com o general Gomes da Costa dentro, ao anoitecer de vinte e sete de Maio de mil novecentos e vinte e seis, se insinuara na cidade de Braga, onde se celebrava o Congresso Mariano, proeza que os jornalistas ora equiparavam à de Jonas, no ventre da baleia, ora à de Ulisses e de seus companheiros, no cavalo de Tróia. E que a sentinela, talvez, meia morta de ter ficado, por período demasiado, na espera de seu quarto, a caturrar numa sueca e a beber aguardente, os deixara penetrar, ao referido general e a seu ajudante-de-campo, o tenente Armando Pinto Correia, e aos outros, ainda, João Pereira de Carvalho e Luís Charters de Azevedo, que se repimpavam nos assentos coriáceos da viatura. E que progredira esta, até à Arcádia, por debaixo dos arcos decorativos e das tigelinhas flamejantes, e que defronte rolara, impante de seus cromados, a buzinar roufenhamente. E que, talvez, nem deram por ela os que aí se reuniam, no cavaqueio da política autárquica, bancários e caixeiros e funcionários públicos, a abrir e a fechar a bolsinha de malha de prata, a passar à roda, aceso, o isqueiro infalível, presente de aniversário natalício da excelsa esposa extremosa. E que o núncio apostólico, Monsenhor Nicotra, propositadamente chegado de Lisboa, presidia às cerimónias, acolitado pelo arcebispo primaz, Dom Manoel Vieira de Matos, e pelos bispos das várias dioceses portuguesas. E que, talvez, o dito Monsenhor Nicotra, por ser enfatuado e pequenino, ao escancarar-se um guarda-roupa de paramentos, cobiçara os barroquíssimos sapatos do passado Dom Rodrigo Moura Teles, de seda bordada e tacão alto, que lhe permitiriam descerrar bem os braços, sobre a assembleia do culto, a fazer ressoar, pelo côncavo das abóbadas, aquela voz estentórea de tenor consumado. E que arremetera o automóvel, depois disso, em

direitura ao Bom Jesus do Monte, e se detivera à porta da casa de um certo Manuel Couto, onde mais gente se congregara, ligada à intentona. E que, talvez, já alguns dos fiéis reflussem a penates, moídos de muita reinação, com o cabaz esvaziado e o calçado nos dedos, o sono invencível e a regueifa entalada no sovaco. E que Gomes da Costa lançara, ao país atônito, uma proclamação, «Portugueses, para homens de dignidade e de honra, a situação do País é inadmissível. Vergada, sob a acção de uma minoria devassa e tirânica, a Nação, envergonhada, sente-se morrer. Eu, por mim, revolto-me abertamente. E os homens de coragem e de dignidade, que venham ter comigo, com as armas na mão, se quiserem comigo vencer ou morrer. Às armas, Portugal.» E que três ganapos, talvez, nas traseiras do populacho mesmerizado, que recebia estas palavras, se entregavam, esbaforidos, a um grande jogo do pilha, continuado e obsidiante. E porque torna, e porque deixa, e porque sim, e porque não e aquela Rosa eterna assoou-se à manga, na verdade alheia a notícias quejandas.

Fita 17, lado A. Presidia Rosa, pois, a um almoço de casamento, de uma sobrinha sua com um moço mobilizado para Angola, naquele reconfortante lugar de pasto da Bagoeira, de criados que, em muita transpiração, iam tentando acorrer a reclamações desencontradas. E eis que findara o banquete, já, bacalhau à Narcisa e cozido à portuguesa, variegadas espécies de doçaria, e café e digestivos e cigarilhas à discrição. Faltava talhar o bolo nupcial, se bem que se destacasse a noiva, insensível à responsabilidade, a deambular, através dos convivas, com aquele quico de abas larguíssimas, que se recusara a tirar, que o femeão grandemente admirava, e a que chamava «a capelinha». E revolviam-se as solteiras, em suas organzas belíssimas e suas jalecas de camotex, com uma hidrângea na mise, a formar bicha, quase perpetuamente, à entrada dos sanitários. Por debaixo da longa mesa em T, repreendidos pelas mãos, ao safanão irritado, campeavam alguns miúdos, que esboroavam os queques, numa vocação minuciosa, se mordiam nos refegos, sempre que a raiva lhes dava. E dois convidados de meia-idade, que eram tidos na conta de homens de bom conselho, de gravata de nó superfino, implicavam-se num debate, sobre as finanças do clube, com outros tantos rapazelhos, estouvados e simpáticos, de camisola de gola alta e casaco de jacquard. Por toda a toalha se estendiam pratinhos de sobremesa, com os detritos do pudim francês e as pontas esborrachadas dos cigarros. E principiava a ouvir-se o gravador, assente no tampo de uma cadeira, ao lado do adolescente espinhudo, que se arvorara em timoneiro do mistério de seus registos e teclas. Ingurgitavam os mais fortes, ainda, um whisky cru, admitido como um remédio, esvaziado de modo seguro e repentino. Só Rosa é que, desde há muito, se não achava lá, toda concentrada em avaliar a conduta daquela tropa-fandanga, como a do galinhame pedrês, antes de o saber apetrechado para desovar. Requereu a assistência, então, de algumas das suas, manifestou-lhes a vontade, de maneira consumida, «Ai, amores, amores, tirem-me para fora daqui, que estou cheinha, cheinha de ter o cu assapado.»

Fita 17, lado B. E que o Movimento das Forças Armadas, agora, assumira o compromisso de resolver, por medidas a curto prazo, a enorme crise nacional. E que exortava os portugueses à participação sincera, esclarecida e decidida, na vida pública.

E que se procederia ao saneamento da mesma, como à reivindicação do posto, a que Portugal tinha direito, no concerto das nações. E que o programa seguiria, dentro de momentos. E que a população de Lisboa principiara a concentrar-se, desde muito cedo, em frente à DGS e ao Quartel do Carmo. E que Marcello Caetano se encontrava num aposento deste último, com Moreira Baptista e Coutinho Lanhoso. E que se faria, sem demora, uma pausa, talvez, para a publicidade. E que o capitão Salgueiro Maia abordara o primeiro-ministro, e que se pusera em sentido, na presença dele, e que, entre ambos, se travara um diálogo de cavalheiros. E que um Citroën verde-azeitona, com o general Spínola a bordo, aportara ao Carmo, às cinco e quarenta e cinco, e que a multidão o vitorizara, ao vê-lo appear-se, impecável, de monóculo e pingalim. E que Caetano, afinal, lhe entregara o poder, solicitando-lhe que cuidasse bem de o não deixar cair na rua. E que o programa seguiria, dentro de momentos. E a obtusa Rosa resmungou, apenas, «O Salazar, o Salazar é que vos dizia, cagões.»

Fita 17, lado A. Mostrava uma assídua irascibilidade, que não poupava ninguém, porque se lhe afiguravam todos, familiares e estranhos, descoincidentes dos alvos que não identificava. Vestia-se e desvestia-se, com absoluta ofensa dos cânones, e praticara o extremo de adoptar, como provocação, um pano de ramagens, em que fazia birra de se embeber, desde que fora Deus servido chamar a si o filho muito amado. Fugia-lhe a memória, magnetizava-a o prato de alumínio do quarteirão de sardinhas, oscilava-lhe a mão, numa hesitação, ao aplicar o vidrado aos barros. E abdicara do gosto de seu mester, encarreirado numa vesga repetição, a que não conseguia impor a travagem ou a mudança de trilhos. Enfermava de câibras e de tonturas, de uma insaciável, confusa ambição a algo de exterior que não sabia determinar. Compensava-se, por isso, numa fábula delirante, da camioneta do porqueiro, que se tresmalhara, se desestivara de duzentos leitões, matara dez mulheres e um perdigueiro, do que resultara, no alcatrão, um lago sanguinolento, onde os batráquios refocilavam. E ia recitando uma salve-rainha, fora de compasso, de problemática sequência, com os versículos que, mal se engatavam, se esborrachavam, por fim, a atropelar-se, entre si. Suspirava e gemia, choramingava e voltava a dormir, e estrangulou-se-lhe, certa vez, a hérnia. E pôs-se, numa berrata infrene, a exigir, logo ali, um naco de pão de trigo, exoftálmica, numa imponente trepidação.

Fita 18, lado A. Desafogavam-lhe o rosto do lenço negro que, desde que adoecera, lhe cobria a cabeça. A boca era uma reentrância, com as rugas, à volta, como um feixe de sombras. Juncavam o soalho objectos díspares, uma certa malga esbranquiçada, com os restos da canja, um banquinho pernetas, sobre o qual se abandonara o xaile de franjas desfiadas. E a cama era um monte de cobertores de papa, porque fazia muito frio, para ela, sobretudo, que ia entrar no desfiladeiro das intempéries. Um estertor se lhe escapava das narinas afiladas que, em sua pele transparente, latejavam de leve. Do fundo dos dias via-se, aos tropeções, na cola das saias da mãe, por um arrebol de domingo romeiro, com os pés desabitutados das chanquinhas que o padrinho lhe dera. Uma lavandisca adejava, lampeira, nas bordas do atalho por onde iam, marchava diante delas, depois, no passito regular e senhoril. Era tal e qual o assobio que a fascinara, a chilrear lindamente, de dentro do papo nédio, pincelado a cor-de-rosa e a

azulão. Dotara-o de vida o Menino, ao pássaro, e já ia fabricando outros, parecidos com essa lavandisca, a qual, de agradecida, se afirmava ter apagado, com o rabo, as pegadas do burrico em que se pispavam. E conseguia diferenciá-los, lá à frente, à Senhora, com o Filho, assentada na garupa do animal, mais a São José que, ao lado, truque-que-truque, seguia a guiá-los. E um grande vento lhes enfunava os mantos de rico estofa, cantava e ria o pequerrucho, a apertar uma maçãzinha de ouro. Tinha Rosa os cabelos de prata humedecidos, sobre a testa, aderidos às fontes, por efeito da pressão do tal lenço que lhe haviam retirado. Se abrisse os olhos alcançaria, para além da vidraça estalada, as ramas de um pinheiro esguio, com uma nuvem que se diria ter ficado presa em suas agulhas. Mas era atrás da mãe que continuava, perdera o traço da lavandisca, ouviam-se estourar os foguetes das Cruzes.

«Meu caro Álvaro, que poderá fazer um autor insultado, a quem pertinazmente furtam os livros que se propõe escrever? Venho acusar a recepção dessas fitas magnéticas com que, cheio de generosidade, resolveu presentear-me, e que lhe agradeço, acredite, de todo o coração. Aí ficam elas, como verá, alternando com as notas que aos poucos fui coligindo, como que num baralho viciado que qualquer leitor anónimo resolvesse compor. Não acha você que, pelas outras odisseias a que nos ligámos, a do pintor e a da violoncelista, já uma certa suspeita se tornara pendente, da aventura que ninguém, ninguém relataria? Assistimos à partida dos que a elas se associaram, Frederico e Papi, como se as linhas de que eram tecidas se fossem, progressiva e irremediavelmente, esborratando e decompondo. E aqui nos deparamos, diante destas resmas, destas cassettes serpentinadas, sem ter encontrado, afinal, senha que valha ou rumo algum. Sei da origem do interesse que vem alimentando por Rosa Ramalha, vivida através de Priscila, sua mulher e mãe de seu filho, que nas figuras da louceira encontrava expressão e a cura da neurastenia. E sei de que modo semeou nesse interesse uma razão de continuar, fechado o projecto de uma existência que se autobastava, na aldeia que não dista muito da oficina da artista, nem da casa de nossos desaparecidos amigos comuns. Descreveu-me em pormenor, certa vez, os passos de Priscila, desde que, pela mão de uma dessas visionárias ancestrais, todas de branco, que percorrem as feiras pregando uma pagela com um salmo penitencial, foi desembocar no convívio da barrista. E lembro-me de o ouvir caracterizar esse período tão difícil, no percurso de sua mulher, como uma das tais pontas de crise da doença que a acompanha desde há muito. Confidenciou-me mesmo que, tendo chegado, certo dia, de uma jornada estafante de acarretar adubos, dera com Priscila como que siderada, perante a farândola de estatuetas de barro que fabricara. Por indicação médica, dedicava-se ela então, conforme me explicou você, a trabalhos de cerâmica, e as melhoras que ia acusando, na relação consigo mesma e no convívio com os outros, andavam a enchê-lo de muita esperança. A partir de tal espectáculo, segundo me afirmou, perdera por completo o contacto com ela, se bem que inúmeras tentativas tivesse empreendido no sentido de o reatar, entre as quais essa dedicação à obra da ceramista, que admite pudesse intervir como ponte entre o seu desespero e o silêncio em que se defendia aquela a quem muito amava. Tratava-se, ao que me precisou ainda, quando se apercebera da paixão de Priscila, já não de escutar a grande minhota, entretanto morta, mas os que se haviam situado em sua proximidade, parentes e

vizinhos, desconhecidos até, que então, ascendida a camponesa à notabilidade, se vangloriavam todos de sua privança. E foram para si, por isso, dezenas de conversas entretidas em cozinhas lúgubres, a uma mesa coberta de oleado, a cuja volta exibiam as crianças o estardalhaço de suas perrices e de seus brinquedos violentados, episódios saídos da boca de uma cachopa que, enquanto preparava a ceia ao fogão de gás, repisava da velha a faceta pícara. Arrecadados na memória, transferidos ao gravador, em longas tardes sabáticas, com os campos desertos e o fogo na sala, aqui ficam eles para quem calhar. No centro lá está a biografada, imagem de altar riquíssimo, com os bichos e os filhos, as plantas e os netos, os mostrengos e os quintais, muitos homens e mulheres, em torno dela. Nove meses exactos, confidenciou-me você, antes do parto de Priscila, quando ainda, como é claro, se ignorava que existência e de que espécie lhe crescia no interior, eis a louceira, de dedos besuntados de argila humidíssima, que anuncia, “Alcançaste, minha filha, e será um menino, porque estás rosadinha e tens o nariz aguçado.” E logo retirou um desses rebuçados de avenca do bolso do avental, que atribuiu a um dos pimpolhos de sua progénie, ranhoso e colérico e com os pingentes ao léu. Mexia-se a ramaria, muito no alto, deixando desprender, de longe e porque era Setembro, firme pinha que, no estrondo da queda contra o chão de caruma ou o coberto de zinco, se desventrava de frutos que pareciam incisivos infantis. É o registo do trânsito de nossa protagonista, por conseguinte, meu caro, uma espécie de álbum onde se colecionam imagens e frases disparatadas. Quanto a mim, conheci-a numa tarde do pino do Verão. Estava debaixo do telheiro, manipulando uma peça, apertando os lábios, simultaneamente ríspidos e escarnecedores, com a clássica rede de vincos à volta. Vendeu-me um bicho feroz, de goela imensa e eriçada de presas, como a de uma harpia horrenda. Com bastante arreganho, subtraiu-se às injunções dos restantes compradores, que evidentemente pretendiam explorar-lhe a veia do sarcasmo. Nesses meados da realmente incómoda década de sessenta, percebia-se bem que de nenhuma forma a atingiria a instrumentalização do talento, programada da direita e da esquerda, com desiguais recursos de eficácia. Mas vieram muitos, uma vez conhecida essa ressurreição da curiosidade na obra da mulher, que em mim se operara, trazer-me descosidos sucessos e fragmentárias reminiscências, quase infalivelmente temperados pelo tom fescenino. Era o compromisso que assumia com quem lhe pedira uma estátua para o jardim, “Deixe, que lhe hei-de fazer um moço com a pila bem arrebitada”, ou a caracterização daquele grupo a que chamava “A Padeira de Aljubarrota”, que ela descrevia “a foder os franceses, no meio do forno”. Situar o significado de tudo isto no acervo de factos que me punham diante dos olhos, eis ao que nunca me abalancei, cortando aqui, justapondo além, realizando a decantada colagem do escritor proverbial. Algumas passagens, assim, me esqueci eu de registar pormenorizadamente, como a dessa irmã carismática que Rosa tinha, de quem todos se arreceavam por ser dotada de espírito de adivinhação, de prever mortes e voltas da fortuna, ou a hora exacta a que pararia, avariado, um motor de rega. “Que não saia daqui sem esmola essa pobre”, recomendavam as mães previdentes, quando a avistavam, vasculhando os saquitéis de chita que transportava, detendo-se a aliviar o mais chagado de seus pés. E tinha com as estrelas uma longa cumplicidade, prenda de que a outra muito se enciumava, ao fiscalizar com escrúpulo o firmamento, estirada num alogue que seleccionara. Mas não ignora que se tratará, ao fim de contas, no que diz respeito às suas fitas gravadas e às

minhas notas, de salvar uma certa pátria, a que se vem esfumando desde a morte de nossa juventude, que ambas se chamam, na verdade, o mesmo. Condenaram os revolucionários, de resto, essas farras, à luz do petromax, improvisadas por uma seita de amigos que, de repente, aportavam à quintarola familiar, devoravam uma densa omeleta de chouriço e bebiam um verde tinto pesado, servido pela caseira que se ficava, de braços cruzados, a mirá-los da entrada do salão. É que Rosa ali estava, de facto, a dois passos, e eis que não aprendemos ainda a fazer sarar a culpa que tudo isso em nós imprimiu. Foram-se dizimando os campos à volta, para dar lugar às casas dos emigrantes regressados, em seus padrões que irritam muito menos que a estética melindrada dos intelectuais de data fresca, de supetão despertados para a herança cultural. E o que aí se continha, se por um lado nos conquistava, por outro nos enchia de contrição, até descobrirmos agora que é um génio disperso, algemado mas liberto, que se anda esgotando na mesquinha contabilidade geral. Ai de nós, pois, vencidos! Ai de quantos dos nossos, com a passageira maioria, sistemática e sorridentemente, se apostaram em vencer-nos! Não chegou a formar-se, por isso, o romance que concebêramos, nem mesmo sei donde possa sair, no país onde as vidas se esquecem depressa, quem se arrisque a narrar a história da mulher. Sei que só talvez Gabriel, e é urgente que lho afirme, primeiro de uma geração que não emigra, usando enfim a voz que tem, a venha algum dia a contar. Aceite um abraço, entretanto, deste seu, muito seu Mário Cláudio.»

Porto, 3 de Maio de 1988